EXPLORANDO O FENÔMENO MUSEAL NA VIRTUALIDADE:
CIBERMUSEOLOGIA DO LUTO

por

Rafael Teixeira Chaves

Aluno do Curso de Doutorado em Museologia e Patrimônio

Linha 01 – Museu e Museologia

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS (UNIRIO/MAST) – e realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil), Código de Financiamento 001.

Orientadora: Professora Doutora Teresa Cristina Scheiner

PPG-PMUS, UNIRIO/MAST

RJ, 23 de fevereiro de 2026

FOLHA DE APROVAÇÃO

EXPLORANDO O FENÔMENO MUSEAL NA VIRTUALIDADE:

Cibermuseologia do Luto

Tese de Doutorado de Rafael Teixeira Chaves, submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTI, como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Ciências, em Museologia e Patrimônio.

Aprovada por.

Documento assinado digitalmente
gov.br TERESA CRISTINA MOLETTA SCHEINER
Data: 21/04/2026 14:21:01-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. _____
Teresa Cristina Moletta Scheiner
(Orientadora – PPG-PMUS, UNIRIO/MAST)

Documento assinado digitalmente
gov.br DIANA FARJALLA CORREIA LIMA
Data: 20/04/2026 12:03:22-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. _____
Diana Farjalla Correia Lima
(PPG-PMUS UNIRIO/MAST)

Documento assinado digitalmente
gov.br CHARLES NARLOCH
Data: 20/04/2026 08:29:43-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. _____
Charles Narloch
(PPG-PMUS UNIRIO/MAST)

Assinado por: **Paula Cristina Menino Duarte Homem**
Num. de Identificação: 07936437

Profa. Dra. _____
Paula Menino Homem
(FLUP/PORTO)

Documento assinado digitalmente
gov.br RUBENS RAMOS FERREIRA
Data: 19/04/2026 16:31:19-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. _____
Rubens Ramos Ferreira
(FCS/UFG)

Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 2026

FICHA CATALOGRÁFICA

Catalogação informatizada pelo(a) autor(a)

T

Teixeira Chaves, Rafael
Explorando o fenômeno museal na virtualidade: cibermuseologia do luto / Rafael Teixeira Chaves. -- Rio de Janeiro : UNIRIO, 2026.
315

Orientadora: Teresa Cristina Scheiner.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, 2026.

1. museu. 2. museologia virtual. 3. cibermuseologia. I. Cristina Scheiner, Teresa, orient. II. Título.

Na aura digital, onde Memórias se tocam e se reconhecem, a Museologia do Luto encontra um lugar para respirar. No silêncio do ciberespaço, onde a dor procura novas formas de existir, nasce um pequeno Museu de emoções feito de lembranças que ainda pedem colo, de afetos que insistem em permanecer.

Entre *pixels* e *bytes*, as lágrimas mudam de forma, mas não de sentido. A cada clique, uma saudade se acende; a cada imagem reencontrada, algo dentro de nós se reorganiza. No Museu virtual a saudade encontra um santuário possível, um abrigo delicado onde o que nos falta ganha morada, ainda que momentânea.

Nas galerias fluidas da rede, o Luto aprende a falar outra língua. Ele se faz gesto, cor, palavra, fotografia; ele se espalha pelas telas como quem procura um caminho de volta para casa. Cada imagem é uma porta entreaberta para o passado, e cada Memória guardada revela algo nosso algo que ainda vibra, mesmo na ausência.

Nesse espaço suspenso, onde o tempo dói e cura ao mesmo tempo, a Museologia do Luto encontra sentido. No pulsar da internet, lágrimas viram linguagem e a dor se insinua em luz, não para apagar a saudade, mas para acompanhá-la. Assim, na delicadeza da virtualidade, o Luto se reinventa: torna-se gesto de amor, constelação de Memórias, cuidado que persiste mesmo depois de tudo.

E no coração desse grande ciberespaço, descobrimos que a dor também pode ser poesia. Que ela pode repousar, respirar, ser vista, ser dita. A Museologia do Luto tão íntima e tão humana, transforma a saudade em caminho e deixa que a alma encontre, aos poucos, um lugar onde possa descansar.

Rafael Chaves

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo apoio decisivo por meio da bolsa de estudos e pela oportunidade de realizar o doutorado-sanduíche, experiência que ampliou meus horizontes acadêmicos e humanos. Sou profundamente grato pelo investimento, pela confiança e pela possibilidade de viver uma formação que transformou não apenas esta Tese, mas também meu percurso como pesquisador e como pessoa.

Parte desta jornada começou no silêncio do Luto, quando deixei minha casa e segui para o Rio de Janeiro sem ter podido me despedir e com o coração partido, carregando a ausência como quem carrega um mundo. Hoje, mãe, cada página escrita, cada passo vencido e cada aurora de coragem que me sustentou tem o teu nome.

Pai, Há agradecimentos que não cabem em palavras, mas ainda assim precisam ser ditos. Obrigado por caminhar ao meu lado mesmo quando o mundo acadêmico parecia distante da tua realidade, por confiar nas minhas escolhas sem jamais exigir que eu as explicasse por completo. O teu apoio sempre veio em forma de gesto, de presença silenciosa, de incentivo firme e, tantas vezes, materializado nos livros que me deste durante a graduação, quando eu ainda estava começando a entender quem eu seria. Cada livro foi mais do que papel e tinta: foi cuidado, foi aposta, foi amor. Foram esses gestos simples e imensos que me sustentaram nos momentos de dúvida, cansaço e incerteza. Enquanto eu mergulhava em leituras, pesquisas e noites longas, havia a certeza de que eu não estava sozinho. Tu me ensinaste, sem discursos, que acreditar em alguém também é uma forma profunda de ensinar. Mesmo sem compartilhar desse universo acadêmico, foste parte essencial dele porque nenhuma trajetória se constrói sem raízes, e tu sempre foste uma das minhas mais fortes. Hoje, ao concluir esta tese de doutorado, é a ti que a dedico. Que possas sentir orgulho ao dizer que tens um filho doutor, porque cada página carrega também a tua confiança, o teu esforço e o teu amor. Esta conquista não é apenas minha ela é nossa. Obrigado por tudo, pai. Sempre.

A minha amiga e comadre Aldryn, por sempre estar por perto.

Aos meus irmãos e aos meus sobrinhos, deixo também minha gratidão. Vocês foram abrigo nos dias difíceis e alegria nos dias de fôlego curto. Cada sorriso, cada gesto de carinho e cada mensagem simples, mas cheia de presença, ajudaram a sustentar meu caminho. Nesta conquista, há também a luz de vocês - família que me ensina, todos os dias, que o afeto é a nossa maior herança. A Elonina, Luiz e Lígia, meu profundo agradecimento. Vocês foram apoio constante, presença amorosa e mãos estendidas quando a caminhada pedia coragem. Cada palavra, cada gesto de cuidado e cada instante de companhia ajudaram a sustentar este percurso. Nesta conquista, há também a marca de vocês: ternura que acolhe, amizade que fortalece e fé silenciosa que nunca me deixou caminhar sozinho.

Ao meu amor, Leandro Freitas Pereira, que nunca me deixou esquecer quem eu sou e o quanto sou amado. Obrigado por embarcar comigo neste sonho, por dividir cada madrugada difícil, cada conquista pequena e cada silêncio que também era cuidado. Teu amor me sustentou quando o caminho pesou, tua presença me devolveu ao centro quando eu me perdi, e tua fé em mim

reacendeu a chama que tantas vezes ameaçou apagar. Esta vitória também é tua, porque amar e ser amado assim transforma qualquer jornada em lar.

Ao meu filho Francisco, que chegou agora, pequeno e imenso, e já se tornou mais uma razão para eu continuar. Tua existência ilumina caminhos que eu ainda nem conhecia, e tua chegada transformou esta conquista em algo maior do que eu. És a esperança que renasce, o futuro que me chama, o amor que se desdobra. Por você eu sigo mais forte, mais inteiro e mais humilde diante da beleza da vida que começa nos teus olhos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, minha gratidão pela casa intelectual que me acolheu, orientou e fortaleceu. À professora Helena, coordenadora dedicada, agradeço pela escuta atenta, pelo compromisso com o rigor acadêmico e pelo cuidado que atravessa cada gesto. E à Alexandra, cuja presença na secretaria mantém o cotidiano funcionando com gentileza e competência, deixo meu reconhecimento e afeto. Cada passo desta jornada também se apoia no trabalho de vocês - silencioso, firme e essencial. À grande colega que virou amiga para todas as horas, Talita, meu agradecimento mais sincero. Sem a tua companhia, morar no Rio teria sido mais difícil, mais solitário, menos possível. Contigo, encontrei família onde antes havia apenas distância; encontrei riso nos dias pesados e acolhimento nos silêncios que doem. Obrigado por caminhar ao meu lado, por dividir o cotidiano, por me lembrar que a amizade também é lar.

Aos amigos que a vida me deu durante o doutorado-sanduíche na Universidade do Porto, minha gratidão maior. Lucas, amigo de alma leve e companhia constante nas visitas a Museus, obrigado por estar por perto nos dias em que tudo parecia complicado: sempre havia um passeio, uma rua, uma conversa que me ajudava a respirar de novo. E à Izabel, companheira de conselhos generosos, dona de palavras que acolhem e apontam caminhos, agradeço por cada gesto de cuidado e pelas descobertas feitas à mesa, quando me apresentou à riqueza da culinária europeia. Vocês tornaram Porto mais do que uma cidade: transformaram-no em casa. À professora Paula, que me acolheu na Universidade do Porto com generosidade, rigor e sensibilidade. Obrigado por abrir portas, oferecer escuta e me orientar com firmeza e suavidade no mesmo gesto. Sua presença tornou meu tempo em Portugal mais leve, mais possível e profundamente transformador.

À professora Teresa, que me apresentou a minha própria heroína e transformou seus ensinamentos em farol para esta caminhada. Foi uma honra imensa ser orientado por alguém cujo nome se inscreve na história da Museologia com tamanha grandeza, coragem intelectual e sensibilidade humana. Carrego comigo cada aula, cada palavra, cada gesto que me guiou. Ser seu orientando não foi apenas um privilégio acadêmico: foi um encontro que mudou o meu modo de ver o mundo e de existir na Museologia.

À banca examinadora, que leu meu trabalho com competência, rigor e generosidade intelectual, agradeço por cada olhar atento, por cada ensinamento compartilhado e por todas as contribuições que ampliaram meu percurso e fortaleceram esta pesquisa. Ter sido avaliado por vocês foi uma honra e um aprendizado que levo para além desta Tese.

A Deus, por me dar a força que nunca me deixou desistir, mesmo nos dias mais escuros. Por sustentar meus passos quando faltou chão, por acalmar meu coração quando o Luto pesou, e

por iluminar o caminho até este momento em que posso, enfim, dizer: hoje sou doutor. Que esta conquista seja testemunho da fé que me guiou e da graça que nunca me faltou.

RESUMO

CHAVES, Rafael Teixeira. **Explorando o fenômeno museal na virtualidade:** Cibermuseologia do Luto.

Orientadora: Profa. Dra. Teresa Cristina Scheiner. UNIRIO/MAST. 2026. Tese.

A Tese investiga de forma aprofundada como a Memória e o Luto são musealizados no ambiente digital contemporâneo, especialmente no contexto das redes sociais. Partindo da ampla digitalização do patrimônio cultural e do fortalecimento de uma hipercultura compartilhada, discute-se a metamorfose do fenômeno museal diante da virtualidade, evidenciando os impactos sociotécnicos que redefinem as práticas de preservação e mediação cultural. A pesquisa articula o Museu como fenômeno, a Museologia do Luto e as dinâmicas próprias do ambiente virtual/digital, propondo uma compreensão da "Cibermuseologia do Luto" como um desdobramento legítimo da Museologia contemporânea. O estudo analisa como espaços digitais, em especial perfis póstumos e rastros afetivos deixados por usuários nas redes, convertem-se em *loci memoriae*, constituindo lugares simbólicos de recordação, homenagem e permanência. Essas plataformas operam como dispositivos museológicos emergentes, cujas narrativas são coconstruídas por algoritmos, políticas institucionais das redes sociais e interações dos usuários. A Tese evidencia que o Luto digital produz práticas afetivas de curadoria e modos específicos de ativação da Memória, configurando acervos imateriais caracterizados pela fluidez, pela participação coletiva e pela forte carga emocional. Metodologicamente, o trabalho adota uma abordagem qualitativa sensível, centrada na análise de manifestações de Luto e saudade e em processos de continuidade digital. O objetivo central consistiu em compreender os modos de musealização da Memória no ambiente digital, com foco nas dinâmicas que sustentam a permanência simbólica desses perfis e publicações ao longo do tempo. O estudo demonstra que a ciberMemória transforma a relação dos indivíduos com a morte, instituindo formas inéditas de presença e de permanência no ciberespaço. Como contribuição principal, a Tese propõe fundamentos para reconhecer a Cibermuseologia do Luto como campo emergente, sustentado por práticas sociais reais e por uma base teórico-conceitual que aproxima Museologia, Memória digital e estudos da morte. Conclui-se que, ao atuar como mediadores simbólicos da Memória coletiva, os espaços digitais expandem a função social do Museu para além do edifício físico, reafirmando sua relevância como agente cultural em um mundo cada vez mais conectado, participativo e marcado por novas sensibilidades diante da ausência.

Palavras-chave: Museu e Museologia; Cibermuseologia; Luto digital; CiberMemória; Musealização na virtualidade; Patrimônio afetivo digital.

ABSTRACT

CHAVES, Rafael Teixeira. **Exploring the Museum phenomenon in virtuality:** cybermuseology of mourning.

Supervisor: Dr. Teresa Cristina Scheiner. UNIRIO/MAST. 2026. Thesis.

This dissertation investigates in depth how memory and mourning are musealized within contemporary digital environments, particularly in the context of social media. Drawing on the extensive digitalization of cultural heritage and the consolidation of a shared hyperculture, it examines the metamorphosis of the Museum phenomenon in virtuality, highlighting sociotechnical impacts that reshape practices of cultural preservation and mediation. The research articulates the Museum as a phenomenon, the Museology of Mourning, and the dynamics of online environments, proposing an understanding of "cybermuseology of mourning" as a legitimate extension of contemporary Museology. The study analyzes how digital spaces, especially posthumous profiles and affective traces left by users on social networks, become *loci memoriae*, constituting symbolic places of remembrance, homage, and continuity. These platforms function as emerging museological devices, whose narratives are co-constructed by algorithms, institutional policies of social media, and user interactions. The dissertation demonstrates that digital mourning generates affective practices of curation and specific modes of memory activation, producing immaterial archives characterized by fluidity, collective participation, and strong emotional density. Methodologically, the work adopts a sensitive qualitative approach, focused on analyzing manifestations of mourning, longing, and digital continuity processes. Its central objective is to understand the modes through which memory becomes musealized in digital environments, with emphasis on the dynamics sustaining the symbolic permanence of these profiles and posts. The findings indicate that cybermemory transforms individuals' relationship with death, establishing new forms of presence and permanence in cyberspace. As its main contribution, the dissertation proposes foundations for recognizing the cybermuseology of mourning as an emerging field, grounded in real social practices and supported by a theoretical framework that connects museology, digital memory, and death studies. It concludes that, by functioning as symbolic mediators of collective memory, digital spaces expand the social role of the Museum beyond its physical boundaries, reaffirming its relevance as a cultural agent in an increasingly connected, participatory, and emotionally attuned world.

Keywords: Museum and Museology. Cybermuseology. Digital mourning. Cybermemory. Musealization in virtual environments. Digital affective heritage.

RESUMEN

CHAVES, Rafael Teixeira. **Explorando el fenómeno museal en la virtualidad:** cibermuseología del duelo.

Director: Dr. Teresa Cristina Scheiner. UNIRIO/MAST. 2026. Tesis.

Esta tesis investiga en profundidad cómo se musealiza la memoria y el duelo en los entornos digitales contemporáneos, particularmente en el contexto de las redes sociales. A partir de la amplia digitalización del patrimonio cultural y de la consolidación de una hipercultura compartida, se examina la metamorfosis del fenómeno museal en la virtualidad, destacando los impactos socio-técnicos que transforman las prácticas de preservación y mediación cultural. La investigación articula el Museo como fenómeno, la Museología del Duelo y las dinámicas propias de los entornos en línea, proponiendo una comprensión de la "cibermuseología del duelo" como una extensión legítima de la Museología contemporánea. El estudio analiza cómo los espacios digitales - en especial los perfiles póstumos y los rastros afectivos dejados por los usuarios en las redes - se convierten en *loci memoriae*, constituyendo lugares simbólicos de recordación, homenaje y continuidad. Estas plataformas funcionan como dispositivos museológicos emergentes, cuyas narrativas son coconstruidas por algoritmos, políticas institucionales de las redes sociales e interacciones de los usuarios. La tesis demuestra que el duelo digital genera prácticas de curaduría afectiva y modos específicos de activación de la memoria, produciendo archivos inmateriales caracterizados por la fluidez, la participación colectiva y una fuerte densidad emocional. Metodológicamente, el trabajo adopta un enfoque cualitativo sensible, centrado en el análisis de manifestaciones de duelo, añoranza y procesos de continuidad digital. Su objetivo principal es comprender los modos mediante los cuales la memoria se musealiza en los entornos digitales, con énfasis en las dinámicas que sostienen la permanencia simbólica de estos perfiles y publicaciones. Los hallazgos indican que la cibermemoria transforma la relación de los individuos con la muerte, estableciendo nuevas formas de presencia y permanencia en el ciberespacio. Como contribución central, la tesis propone bases para reconocer la cibermuseología del duelo como un campo emergente, sustentado en prácticas sociales reales y apoyado en un marco teórico que vincula museología, memoria digital y estudios sobre la muerte. Se concluye que, al funcionar como mediadores simbólicos de la memoria colectiva, los espacios digitales expanden el papel social del museo más allá de sus límites físicos, reafirmando su relevancia como agente cultural en un mundo cada vez más conectado, participativo y emocionalmente atento a las experiencias de ausencia.

Palabras-clave: Museo y Museología; Cibermuseología; Duelo digital; Cibermemoria; Musealización en entornos virtuales; Patrimonio afectivo digital.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FB – Facebook

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOM – *International Council of Museums* (Conselho Internacional de Museus)

IG – Instagram

MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins

MMIPO – Museu da Misericórdia do Porto

PPGMP – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

PPG-PMUS – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST)

UFPel – Universidade Federal de Pelotas

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*

X – Rede social X (antigo *Twitter*)

DCTP - Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio

CITCEM-Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01. Página inicial do site Memorial Inumeráveis 232
Figura 02. Adalto Sena de Araújo no Memorial Inumeráveis 234
Figura 03. Foto do projeto Leaving and Waving, de Deanne Dikeman (1) 245
Figura 04. Foto do projeto Leaving and Waving, de Deanne Dikeman (2) 246
Figura 05. Foto do projeto Leaving and Waving, de Deanne Dikeman (3) 246
Figura 06. Foto do projeto Resting Reef, de Aura Murillo 252

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Aspectos comparativos entre o Museu Nacional/UFRJ e MMIPO/Porto 127
Tabela 02. Áreas de aplicação do método de análise para Museus na virtualidade 181

SUMÁRIO

Pág.

INTRODUÇÃO

Explorando o fenômeno museal na virtualidade: Cibermuseologia / Netnomuseologia 1
Fundamentação Teórica 28
Estrutura da Tese 49

CAPÍTULO 1 – MUSEOLOGIA NA ERA DIGITAL: CONCEITOS E TENDÊNCIAS ATUAIS

Luto, Museologia e espaços de memória na Sociedade Virtual 52
1.1 Adaptação das práticas museológicas ao contexto da Pandemia COVID-19 65
1.2 Trajetória da integração das tecnologias digitais à Museologia e o impacto das mudanças digitais nas práticas museológicas 67
1.3 Sobre conceitos-chave: tendências atuais na Museologia 75
1.4 Cibercultura, novas tecnologias e contemporaneidade: reflexões sobre a transformação social na Era Digital 93
1.4.1 - Cibercultura: explorando conceitos 93
1.4.2 - Reflexões sobre a transformação social na Era Digital 96
1.5 Cultura da virtualidade: pandemia, luto, vida compartilhada e redes sociais 101
1.6 Humanidades Digitais e a transformação das práticas museológicas 112
1.6.1 - Humanidades Digitais *Cibermuseais* 115
1.6.2 - Curadoria participativa, inclusão digital e Humanidades Digitais: entrevista com Dália Guerreiro 117

CAPÍTULO 2 - REINVENÇÃO DIGITAL DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Pandemia e a adaptação dos museus para o espaço *online* 122
2.1 Análise comparativa das estratégias digitais do Museu Nacional/UFRJ e do Museu e Igreja da Misericórdia do Porto, Portugal 124
2.1.1 - Museu Nacional/UFRJ – Rio de Janeiro, Brasil 124
2.1.2 - Análise da entrevista com a Equipe do MMIPO – Porto, Portugal 126
2.1.3 - Resultados Obtidos 127
2.2 Museologia do Luto em tempo de Pandemia 130
2.3 Museologia do Luto como área de estudo 149
2.4 Museologia do Luto na virtualidade 152
2.5 Netnomuseologia: construção de um método de análise para as práticas museológicas na Era Digital 166
2.5.1 - Netnografia/Netnomuseologia 166
2.5.2 - A digitalização do patrimônio e a virtualidade: interatividade e participação 175
2.6 Inovações na análise de museus na virtualidade 180

CAPÍTULO 3 – MEMÓRIA VIRTUAL: ESPAÇOS *ONLINE* PARA LEMBRAR

3.1 Memorialização Digital 184
3.2 Perfil do I*nstagram* Póstumo *Online* 190
3.3 Luto digital e redes sociais 193

CAPÍTULO 4 – MUSEOLOGIA/CIBERMUSEOLOGIA - INTERFACES E DISTÂNCIAS AFETIVAS

4.1 Museus brasileiros e o uso das redes sociais durante a Pandemia: mediações, afeto e participação 209
4.2 Reconfiguração social e expectativas de futuro 221
4.3 Museu Nacional/UFRJ (2024-2025): digitalidade, memória e reconstrução na Pandemia 223

4.3.1 - Impacto inicial da Pandemia no Museu Nacional – entrevista com Maria Gabriela Evangelista Soares da Silva 223
4.3.2 – Digitalidade, memória e reconstrução 226
4.4 Memorial *Inumeráveis* 231
4.5 A musealização do cotidiano e o silêncio como objeto de memória: o caso de Leaving and Waving, de Deanna Dikeman 235
4.5.1 – O cotidiano e a construção da memória 238
4.5.2 – O vazio e o silêncio como heranças museais 242
4.5.3 – Da intimidade à viralização 243
4.6 Resting Reef como Museu-processo: memória, regeneração e novas formas de ritualização da ausência 251
4.6.1 – Entrevista com Aura Murillo 254
4.6.2 – Análise da entrevista com Aura Murillo 261

CONSIDERAÇÕES FINAIS 266

REFERÊNCIAS 275

APÊNDICES 291

INTRODUÇÃO

Explorando o fenômeno museal na virtualidade: Cibermuseologia/Netnomuseologia

A virtualidade tornou-se, nas últimas décadas, um dos espaços centrais de elaboração, circulação e preservação da Memória social. O avanço das tecnologias digitais, somado à expansão da cultura em rede, redefiniu a forma como indivíduos experienciam o tempo, constroem vínculos e projetam sentidos sobre si e sobre o outro. Nesse contexto, a Museologia se vê diante de um cenário que desafia seus paradigmas tradicionais: o Museu deixa de ser condicionado exclusivamente ao espaço físico e passa a manifestar-se na fluidez das interações digitais, nas práticas de compartilhamento e nos processos afetivos que se desenvolvem em ambientes online. A cibercultura não apenas desloca o espaço museológico, mas amplia suas possibilidades de atuação, inaugurando novas formas de presença e sociabilidade.

Nessa ambiência mutável, o fenômeno do Luto emerge como um dos campos mais expressivos para compreender a transformação das relações entre Memória, afeto e tecnologia. Redes sociais, plataformas de interação e dispositivos digitais passam a mediar continuamente a expressão da saudade e a construção de tributos simbólicos, convertendo o Luto em um processo público, participativo e, muitas vezes, permanente. Em ambientes marcados pela hiperconectividade, a ausência ganha novas formas de presença, e o testemunho do cotidiano passa a integrar um acervo coletivo que se atualiza constantemente.

A Museologia do Luto, enquanto campo em desenvolvimento, encontra nesse cenário uma de suas mais ricas materializações. A partir do momento em que práticas de rememoração e homenagem são transferidas para o digital, observa-se a constituição de espaços que, embora desprovidos de materialidade física, operam como verdadeiros dispositivos museológicos. Esses ambientes configuram-se como territórios simbólicos de acolhimento, expressão emocional e construção compartilhada de sentido, preservando fragmentos de vida convertidos em patrimônio afetivo.

A presente Tese situa-se precisamente na interseção entre Memória digital, afeto e musealidade, buscando compreender como o fenômeno museal se transforma na virtualidade e de que modo as práticas contemporâneas de Luto digital contribuem para a emergência da Cibermuseologia brasileira do Luto. Trata-se de um âmbito ainda pouco explorado, cuja complexidade exige abordagens teóricas e metodológicas sensíveis às dinâmicas sociais que se desenvolvem em rede.

O **problema central** que orienta esta investigação consiste em compreender como o fenômeno museal se realiza no ambiente digital a partir das práticas de Luto, e quais

elementos desse processo permitem reconhecer a constituição de uma musealidade específica da cibercultura. A pergunta que se coloca é: **de que maneira a Memória, quando mediada pelas plataformas digitais, adquire dimensão museológica e produz formas de permanência simbólica relacionadas à ausência?**

A justificativa para este estudo encontra-se na crescente relevância das experiências digitais como espaços de produção de Memória social, sobretudo em contextos marcados pela instabilidade, pelo excesso de informação e pela intensificação das relações afetivas em rede. A Museologia contemporânea, ao voltar-se para esses fenômenos, amplia seu escopo epistemológico, assumindo que a Memória não se restringe a acervos institucionais, mas se manifesta também em práticas cotidianas dinamizadas pela tecnologia.

Além disso, a pesquisa responde a uma lacuna na literatura museológica brasileira, ainda incipiente no que diz respeito à articulação entre Museologia, afetos e ambientes digitais. Ao propor a categoria **Cibermuseologia do Luto**, a Tese oferece um aporte teórico e metodológico que busca contribuir para o avanço dos estudos sobre novas formas de musealização e sobre o papel das tecnologias na construção de narrativas afetivas.

O **objetivo geral** desta Tese consiste em analisar como se configuram os processos de musealização da Memória no ambiente digital a partir das práticas de Luto e saudade, demonstrando como essas experiências produzem um instancia emergente de musealidade na virtualidade. Para alcançar esse propósito, foram estabelecidos objetivos específicos que incluem: mapear as transformações do fenômeno museal diante da cibercultura; compreender como práticas espontâneas de compartilhamento, homenagem e rememoração adquirem valor museal; identificar elementos estruturais que caracterizam a Cibermuseologia do Luto; e analisar criticamente como o Brasil tem produzido experiências singulares nesse campo.

A Tese opera com a **hipótese** de que a virtualidade não apenas amplia as formas de expressão do Luto, mas institui mecanismos próprios de preservação simbólica, nos quais imagens, interações e rastros digitais são ressignificados como acervos afetivos. Parte-se da premissa de que o Museu, enquanto fenômeno e não apenas instituição, manifesta-se em contextos nos quais há seleção, atribuição de valor e construção de sentidos sobre traços do passado incluindo o passado recente, mesmo quando realizados por comunidades informais e fora de estruturas institucionais.

Metodologicamente, este trabalho adota uma abordagem qualitativa de caráter sensível, fundamentada em princípios da etnografia digital, da observação de interações em redes sociais e da análise discursiva e iconográfica de testemunhos de Luto. A escolha dessa metodologia responde à necessidade de captar nuances afetivas e formas de

expressão que não são traduzidas integralmente por métodos quantitativos ou estritamente descritivos. O enfoque prioriza os sentidos produzidos nas práticas, suas dinâmicas internas e seus impactos na conformação da Memória digital.

A coleta e organização dos dados envolveram a observação prolongada de ambientes digitais, análise de narrativas produzidas em redes sociais, acompanhamento de dinâmicas de rememoração e documentação de práticas espontâneas de homenagem. Esses materiais foram tratados como artefatos culturais, articulando forma e conteúdo, contextos de produção e recepção e suas camadas simbólicas e afetivas.

A análise interpretativa, estruturada a partir do diálogo entre autores nacionais e internacionais, permitiu evidenciar as especificidades do cenário brasileiro, no qual a Memória digital, a afetividade e a participação coletiva desempenham papéis centrais na produção de espaços de acolhimento e preservação simbólica. Este estudo confirma que o Brasil apresenta características socioculturais singulares que influenciam diretamente as modalidades de Luto digital e, consequentemente, as formas de museus que se desenvolvem na virtualidade.

A Tese está estruturada em capítulos que acompanham a trajetória teórica e analítica necessária para a compreensão do objeto de estudo. O primeiro capítulo discute os fundamentos conceituais da Museologia e do fenômeno museal, com ênfase em suas mutações diante das transformações tecnológicas. O segundo capítulo apresenta o panorama da cibercultura e explora suas implicações para o campo museológico, destacando como a virtualidade redefine práticas de preservação, mediação e participação.

O terceiro capítulo aprofunda a relação entre Memória, afeto e tecnologia, analisando a emergência da Memória digital como campo de disputas simbólicas e de novas formas de presença. O quarto capítulo introduz o debate sobre Luto digital, examinando práticas sociais de rememoração e expressão emocional em ambientes online e discutindo a constituição de tributos afetivos como manifestações de musealidade.

O quinto capítulo desenvolve a noção de Cibermuseologia do Luto, articulando o fenômeno museal às especificidades da cultura digital e identificando elementos estruturantes desse campo emergente. O sexto capítulo apresenta uma análise crítica das práticas brasileiras, considerando tanto dinâmicas espontâneas do público quanto iniciativas institucionais que dialogam com a Memória afetiva digital.

As contribuições desta Tese situam-se, portanto, em três eixos principais. O primeiro refere-se à elaboração de um referencial teórico para compreender a musealidade na virtualidade a partir das práticas afetivas contemporâneas; o segundo, à Cibermuseologia do Luto, reconhecendo-a como uma área legítima e necessária no

contexto da Museologia contemporânea. O terceiro aborda a expansão do debate sobre Memória digital no Brasil, oferecendo caminhos metodológicos para pesquisas futuras.

Entre as limitações encontradas ao longo da pesquisa, destacam-se a fluidez e instabilidade próprias das plataformas digitais, que podem alterar ou remover conteúdos, dificultando a documentação contínua. Além disso, o caráter sensível do tema exige cuidados éticos rigorosos, especialmente no que diz respeito à exposição de narrativas pessoais e afetivas de indivíduos em Luto. Ainda assim, essas limitações reforçam a relevância da pesquisa, pois evidenciam o quanto os ambientes digitais são dinâmicos e como esses fluxos impactam a preservação da Memória contemporânea. O estudo demonstra que, para compreender plenamente o campo da Museologia hoje, é necessário integrar as dimensões tecnológica e afetiva, que estruturam a experiência humana no século XXI.

Por fim, esta Tese pretende contribuir para o reconhecimento de que o Museu, como fenômeno social, não está restrito a edifícios, coleções ou políticas institucionais. Ele se realiza também nos gestos cotidianos de lembrar, compartilhar e ressignificar a ausência. A virtualidade amplia essa potência, convertendo rastros efêmeros em arquivos simbólicos e produzindo modos inéditos de permanência.

Assim, ao investigar as práticas de Luto digital e sua relação com a musealidade, a tese busca ampliar o escopo da Museologia, fortalecendo sua capacidade de compreender e atuar diante dos desafios e sensibilidades emergentes na contemporaneidade. A Cibermuseologia do Luto, ao final deste percurso, revela-se não apenas como um âmbito descritivo, mas como uma proposta epistemológica que reconhece as novas territorialidades da Memória e a persistência da afetividade na era digital.

Esta pesquisa de Tese baseia-se no conceito de Netnografia, conforme proposto por Robert Kozinets em 2014. Para o autor, a Netnografia é um modelo de pesquisa etnográfica especialmente desenvolvido para estudar culturas e comunidades digitais. Ela oferece uma abordagem para compreender as tendências sociais *online*, especialmente aquelas que surgem durante e após a pandemia da COVID19. A pandemia da Covid-19 acelerou de maneira significativa o uso das redes sociais como meio de comunicação, interação social e difusão de informações. O isolamento social imposto como medida sanitária impulsionou um crescimento expressivo no tempo de uso dessas plataformas, consolidando seu papel na vida cotidiana das pessoas. As redes sociais passaram a desempenhar um papel essencial na manutenção dos laços sociais, na disseminação de informações sobre a crise sanitária e na organização de mobilizações coletivas. Minha motivação para abordar este tema surge da constatação da escassez de atualizações por parte de autores brasileiros, que muitas vezes iniciam discussões relevantes, mas não

lhes dão continuidade nem aprofundam a reflexão teórica e metodológica ao longo do tempo. A emergência da chamada *Museologia do Luto* em contextos digitais, especialmente durante a pandemia de COVID-19, trouxe transformações significativas para o campo museológico. Mais do que uma resposta emergencial ao fechamento físico das instituições, esse movimento evidenciou o potencial dos museus como espaços simbólicos de acolhimento, escuta e elaboração coletiva do sofrimento. Em tempos marcados pela perda, pela incerteza e pelo distanciamento social, os museus assumiram uma nova função social – a de mediadores de experiências emocionais e de Memórias dolorosas compartilhadas.

“Habito museus que não têm paredes, e recolho Memórias que flutuam na bruma digital. Sou cibermuseólogo: teço narrativas de tempo e de ausência em espaços onde a Memória respira em outro ritmo, em outro espaço, em outro agora.” Chaves, 2025

Historicamente, a Museologia lidou com temas da Memória, da identidade e da representação do trauma, mas a pandemia impulsionou uma ampliação desse escopo. O Luto, enquanto experiência social e cultural, passou a ser tematizado de forma mais direta e sensível, tanto em exposições virtuais quanto em ações educativas e comunicacionais online. A virtualização da Memória não representou, portanto, uma simples transferência de conteúdo para o meio digital, mas a criação de novas linguagens museológicas capazes de dialogar com os afetos e os sentidos do tempo presente. O recorte metodológico que privilegia o uso do Instagram como campo empírico de análise justifica-se, entre outros fatores, pela familiaridade do autor com essa plataforma digital, o que potencializou uma observação mais sensível, contínua e aprofundada das dinâmicas ali estabelecidas. Tal proximidade não se configura como limitação, mas como elemento metodológico estratégico, especialmente no âmbito de abordagens qualitativas, como a netnografia, nas quais a imersão do pesquisador no ambiente investigado é fundamental para a compreensão das práticas culturais, simbólicas e afetivas em circulação. Nesse sentido, o domínio prévio das linguagens, das funcionalidades e das formas de interação próprias do Instagram possibilita uma leitura mais refinada dos processos de memorialização, das manifestações de luto digital e das práticas de curadoria afetiva que emergem na plataforma, contribuindo para a densidade analítica e para a interpretação contextualizada dos fenômenos observados.

Os impactos dessa abordagem são múltiplos. Em primeiro lugar, reposiciona os museus como espaços de cuidado simbólico, capazes de atuar frente a crises não apenas políticas ou históricas, mas também humanas e emocionais. Ao criarem ambientes *online* dedicados à Memória das perdas - seja de vidas humanas, seja de modos de vida - os museus contribuíram para a construção de um Luto coletivo, muitas vezes negado ou silenciado em outras esferas sociais. Essa função reparadora e empática desafia

concepções tradicionais de neutralidade institucional e convoca os museus a assumirem um papel mais ativo e responsivo diante das dores sociais.

Em segundo lugar, a Museologia do Luto também reconfigura práticas museológicas ao introduzir dinâmicas participativas e colaborativas na produção da Memória. Histórias pessoais, testemunhos, objetos simbólicos e narrativas íntimas passaram a compor acervos digitais construídos de forma coletiva, diluindo as fronteiras entre curadores e público, entre instituições e comunidades. Essa abertura ética e metodológica aponta para uma Museologia mais horizontal, centrada na escuta e na coautoria dos sentidos atribuídos à perda e à superação.

Os desdobramentos da Museologia do Luto em tempos de pandemia reforçam a necessidade de investir em políticas digitais de preservação da Memória, acessibilidade emocional e inclusão afetiva nos museus. O desafio que se coloca para o campo é o de incorporar, de maneira sistemática e crítica, essas práticas emergentes em suas bases teóricas, currículos formativos e estratégias institucionais.

Em síntese, a Museologia do Luto representa uma inflexão ética e epistemológica importante no fazer museológico contemporâneo. Ela reitera que os museus não são apenas espaços de celebração do patrimônio, mas também territórios sensíveis à dor, à ausência e à reconstrução coletiva dos sentidos. O digital, longe de ser uma barreira, mostrou-se um território possível para esse diálogo entre Memória, afeto e transformação social - ampliando, assim, os horizontes da Museologia no século XXI.

Desde a graduação até o doutorado, minha trajetória acadêmica tem seguido essa mesma linha de investigação, buscando justamente suprir essa lacuna. Minha produção intelectual acompanha esse percurso, contribuindo de forma contínua para o desenvolvimento e atualização do debate. A ascensão dos museus virtuais tem transformado a forma como o patrimônio cultural é preservado e disseminado, refletindo um fenômeno global impulsionado pelas tecnologias digitais. Segundo Pierre Lévy (1999), a virtualização não deve ser entendida como a simples digitalização de acervos físicos, mas sim como um processo que reconfigura o próprio conceito de Museu, possibilitando novas formas de interação e significação cultural. Nesse contexto, os museus virtuais emergem como espaços dinâmicos que promovem a democratização do acesso à Memória e ao conhecimento: “O Museu virtual não é a duplicação eletrônica do Museu real; inaugura um outro modo de transação museal, baseado em representações, imagens e percursos intelectuais que se emancipam da materialidade dos objetos” (Deloche, 2001, p. 35, tradução nossa)[1].

[1] *Le musée virtuel n’est pas la duplication électronique du musée réel; il inaugure un autre mode de transaction muséale, fondée sur des représentations, des images et des parcours intellectuels qui s’émancipent de la matérialité des objets*» (Deloche, 2001, p. 35).

A reflexão proposta por Bernard Deloche (2001) foi fundamental para deslocar o debate sobre o museu digital do campo puramente tecnológico para uma discussão ética, epistemológica e fenomenológica. Ao compreender o “Museu virtual” como uma nova forma de transação simbólica, Deloche antecipou os dilemas enfrentados pela Museologia contemporânea diante da virtualidade: a desmaterialização do objeto, a centralidade da imagem e a emergência de novas mediações cognitivas. Suas formulações influenciaram diretamente pesquisadores em diferentes países, como Fiona Cameron (2003), Ross Parry (2007), Suzanne Keene (2005) e André Gob e Noémie Drouguet (2010), que aprofundaram a discussão sobre as transformações do Museu na era digital e sobre os desafios éticos e comunicacionais implicados na virtualização do patrimônio.

Entre os estudiosos brasileiros que se debruçam sobre essa transformação no campo museológico, Rubens Ramos Ferreira e Luisa Maria G. M. Rocha (2016) assinalam que a pesquisa nacional sobre museus virtuais tem se concentrado, sobretudo, na incorporação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) como estratégia para ampliar o acesso ao patrimônio cultural, à informação museológica e às narrativas institucionais. Tal perspectiva, contudo, não surge de forma isolada ou recente no debate acadêmico brasileiro, uma vez que Scheiner (2004) já apontava, de maneira pioneira, para a reconfiguração do fenômeno museal diante da emergência das tecnologias digitais, destacando que a virtualidade introduz novas formas de relação entre objeto, discurso, público e instituição. Desse modo, as análises mais recentes dialogam diretamente com um campo teórico previamente constituído, no qual a transformação do Museu não se limita à adoção de ferramentas tecnológicas, mas envolve uma redefinição conceitual do próprio fazer museológico, antecipada por Scheiner no início dos anos 2000 e aprofundada posteriormente por diferentes autores no contexto da Cibermuseologia.

Eles ressaltam a importância da comunicação museológica como meio fundamental para a mediação entre o público e os objetos museológicos. Complementarmente, Rute Muchacho (2015) investiga a usabilidade nos museus virtuais, analisando como a interação do público com os objetos museológicos é mediada por interfaces digitais. Sua pesquisa evidencia a necessidade de projetos que considerem a experiência do usuário para promover uma mediação eficaz e acessível.

A transição dos museus físicos para os ambientes digitais também é abordada por José Cláudio Oliveira (2007), que discute as implicações dessa mudança para a comunicação e a sociedade. Para o autor, os museus virtuais não são meros repositórios de informação digitalizada, mas metáforas que refletem as transformações culturais da era digital. Essa perspectiva é compartilhada por Diana Farjalla Correia Lima (2014), que argumenta que os museus virtuais representam novas formas de preservação e comunicação do patrimônio cultural no ciberespaço. Lima enfatiza a necessidade de

narrativas interativas e estratégias de mediação digital para garantir que a experiência museológica em meio virtual seja enriquecedora e acessível a diferentes públicos.

> Enquanto tipologia, o “Museu virtual” seria uma forma de manifestação da instituição Museu, podendo ser compreendido como “uma gama de soluções possíveis para a questão do Museu”, e que incluiria alguns tipos de museus, como o ciberMuseu. Contudo, é importante ressaltar que Museu virtual “não se reduz a ele [ciberMuseu]”. Como categoria de análise, o Museu virtual não seria uma tipologia, mas um conceito importante para compreender a própria ideia de Museu, entendido como sendo virtual, por se encontrar em constante processo de transformação (Magaldi, 2010, p. 180).

Em um contexto internacional, André Gob e Noémie Drouguet (2010) ressaltam que os museus virtuais ampliam as possibilidades de interpretação do patrimônio cultural, permitindo a criação de novas conexões entre os visitantes e as coleções. Do mesmo modo, Suzanne Keene (2005) discute como os museus digitais reconfiguram a relação entre objetos, museólogos e público, desafiando os paradigmas tradicionais de curadoria e educação patrimonial. Ross Parry (2007) acrescenta que a inserção das TICs nos museus não apenas amplia o alcance das exposições, mas também altera a forma como os visitantes interagem com o conhecimento histórico e artístico. Além desses, Teresa Scheiner (1998, 2008, 2011) problematiza a mediação cultural em museus digitais, analisando as experiências interativas e as mudanças nos processos de curadoria.

O impacto recente da pandemia de COVID-19 evidenciou ainda mais a relevância dos museus virtuais. Lucas Ferreira de Lara (2020) analisa como as instituições culturais tiveram que se adaptar rapidamente para continuar promovendo o acesso à cultura e à Memória em tempos de isolamento social. Essa adaptação acelerada reforçou a importância dos ambientes digitais como espaços de resistência e inovação na preservação do patrimônio.

Dessa forma, os museus virtuais representam uma evolução significativa na Museologia contemporânea, oferecendo novas formas de acesso, interação e preservação do patrimônio cultural. O estudo de diferentes abordagens teóricas e metodológicas evidencia que esses espaços digitais não apenas complementam os museus físicos, mas também estabelecem novas dinâmicas de participação e envolvimento do público na construção da Memória coletiva.

A pesquisadora Fiona Cameron (2003) argumenta que os museus virtuais representam uma nova forma de construção de conhecimento, desafiando a autoridade tradicional dos museus na interpretação dos acervos. Knut Lundblad (2015) estuda a interação do público com exposições virtuais, destacando o papel das interfaces digitais na experiência museológica. Beryl Graham e Sarah Cook (2010) abordam a curadoria digital e sua relação com os museus virtuais, explorando como a arte e a cultura digital transformam a prática curatorial.

No âmbito dos memoriais digitais, José Van Dijck (2007) analisa como as plataformas digitais influenciam a construção da Memória coletiva e individual. Andrew Hoskins (2011) investiga o conceito de *Memória conectiva*, argumentando que a internet reconfigura as formas de lembrança e esquecimento. Lev Manovich (2001) introduz a ideia de *banco de dados como narrativa*, essencial para compreender a construção da Memória digital nos museus virtuais e memoriais *online*. Essas abordagens demonstram a diversidade de perspectivas sobre os museus virtuais e memoriais digitais, evidenciando seu potencial para transformar a maneira como a cultura e a Memória são preservadas e compartilhadas. A partir dessas reflexões, é possível compreender a importância da digitalização para ampliar o acesso ao patrimônio cultural e possibilitar novas formas de engajamento do público.

Segundo Recuero (2020), o aumento da conectividade durante a pandemia intensificou as dinâmicas de circulação da informação e reconfigurou as relações interpessoais. Plataformas como *Facebook, Twitter, Instagram e TikTok* tornaram-se canais essenciais para o compartilhamento de experiências, emoções e estratégias de enfrentamento da crise. Além disso, a midiatização do cotidiano foi impulsionada pela necessidade de digitalização de atividades antes presenciais, como o trabalho remoto, a educação à distância e eventos culturais.

A pandemia também acentuou o papel das redes sociais como espaços de construção da Memória coletiva. Para Lemos e Bitencourt (2021), as plataformas digitais se tornaram repositórios de experiências individuais e coletivas sobre a pandemia, permitindo que os usuários registrassem suas vivências em tempo real. Esse fenômeno evidencia a intersecção entre comunicação digital, Memória social e registro histórico no ambiente virtual.

Por outro lado, o uso massivo das redes sociais trouxe desafios, como a disseminação de desinformação. Benkler, Faris e Roberts (2020) argumentam que as plataformas digitais amplificaram a propagação de *fake news* sobre a Covid-19, gerando impactos negativos na adesão a medidas de prevenção e na confiança em instituições de saúde. No Brasil, Ortellado (2021) destaca que a polarização política se refletiu na circulação de informações sobre a pandemia, criando bolhas informacionais que dificultaram o acesso a conteúdo baseados em evidências científicas.

O uso das redes sociais também se destacou no campo da saúde mental. Santos e Alves (2021) apontam que plataformas como *Instagram e TikTok* foram utilizadas como espaços de acolhimento emocional, nos quais os usuários compartilharam seus sentimentos sobre ansiedade, Luto e isolamento social. Esse fenômeno reforça a importância das redes sociais como ferramentas de apoio psicossocial, possibilitando a criação de redes de suporte entre indivíduos que enfrentavam desafios semelhantes.

Internacionalmente, a pandemia consolidou novas práticas digitais. Zuboff (2020) observa que o aumento do uso das redes sociais durante a crise sanitária fortaleceu a economia da vigilância, já que as interações *online* geraram um volume sem precedentes de dados pessoais. Esse crescimento impulsionou discussões sobre privacidade e o impacto da digitalização acelerada na vida das pessoas.

Além disso, as redes sociais foram essenciais na mobilização social e em campanhas de solidariedade. Segundo Castells (2021), plataformas como Twitter e Facebook foram utilizadas para coordenar ações comunitárias, campanhas de arrecadação de fundos e iniciativas de suporte a grupos vulneráveis. No Brasil, movimentos como o *Tem Gente com Fome* demonstraram o potencial das redes sociais para a articulação de redes de apoio e solidariedade em um momento de crise humanitária.

Dessa forma, o período pandêmico evidenciou tanto o potencial quanto os desafios das redes sociais. Se, por um lado, essas plataformas permitiram a manutenção dos laços sociais, a circulação de informações e a organização de mobilizações coletivas, por outro, também ampliaram fenômenos como desinformação, vigilância digital e bolhas informacionais. O impacto desse crescimento acelerado do uso das redes sociais durante a pandemia ainda será objeto de diversas pesquisas nos próximos anos, visto que suas consequências continuam a se desenrolar na sociedade contemporânea. A Netnografia, enquanto metodologia qualitativa aplicada aos ambientes digitais, constitui uma ferramenta de investigação útil à Museologia para compreender práticas museais no ambiente digital. Contudo, não se trata de um campo teórico em si, mas de um instrumento metodológico que pode ser incorporado ao âmbito museológico. Já a Cibermuseologia do Luto deve ser entendida não como um novo campo, mas como uma corrente ou dobra da Museologia, um modo de ser do fenômeno museal na virtualidade, em que o Luto e a Memória digital se tornam categorias centrais de análise e mediação.

No Brasil, pesquisadores vêm se dedicando a explorar as intersecções entre Museologia, patrimônio, Memória Social, Ciência da Informação e tecnologias digitais, construindo um arcabouço teórico-metodológico robusto que contribui para a consolidação dessa abordagem emergente. No campo da Museologia, Scheiner (2000; 2003) destaca a importância da documentação e da mediação museológica em contextos digitais, ressaltando que os museus contemporâneos devem lidar com a virtualidade não apenas como ferramenta, mas como um espaço de novas experiências e interações. Essa perspectiva é essencial para a Cibermuseologia do Luto, pois os espaços virtuais tornam-se lugares de Memória, onde narrativas sobre perda e saudade são construídas e compartilhadas.

Lima (1998; 2016) aprofunda a discussão sobre teoria museológica e a relação entre patrimônio e Memória, enfatizando que os museus desempenham um papel

fundamental na mediação das emoções e na ressignificação das experiências humanas. Sua abordagem contribui para a compreensão de como o patrimônio digital e os espaços de Memória *online* podem atuar como lugares de Luto coletivo e preservação memorialística. Já Magaldi (2017; 2021) explora as interfaces entre Museologia e Cultura Digital, analisando como os processos de musealização ocorrem em redes sociais e plataformas *online*. Sua pesquisa é fundamental para compreender o papel dos perfis póstumos, memoriais virtuais e demais manifestações de Luto digital como fenômenos museológicos, uma vez que esses espaços passam a ser organizados, interpretados e ressignificados pelo público.

A denominada “Museologia Digital”, estudada por Tula Moraes (2014) e Marisa Coutinho (2017), explora o papel das tecnologias na construção de novas formas de musealização, incluindo exposições *online* e práticas interativas que ampliam a experiência do visitante no ambiente digital. Nesse contexto, a Cibermuseologia do Luto se relaciona diretamente com o conceito de musealização de experiências intangíveis, abordado por Coutinho, que enfatiza a necessidade de preservar não apenas objetos, mas também emoções e Memórias coletivas.

No campo da Ciência da Informação, pesquisadores como Edson Nery da Fonseca (1992) e Armando Malheiro da Silva (2007) discutem a preservação da Memória informacional e os desafios do arquivamento digital. Malheiro da Silva, em especial, aborda como os processos de organização da informação impactam a construção das Memórias coletivas no meio digital, um aspecto fundamental para a compreensão da permanência dos dados memorialísticos relacionados ao Luto online.

A relação entre Memória digital e redes sociais é amplamente debatida por Ana Maria de Almeida Camargo (2001) e Marcos Palacios (2009), que analisam como as plataformas digitais reconfiguram as práticas de registro e arquivamento do passado. Palacios, ao estudar a midiatização da Memória, argumenta que as redes sociais criam formas de interação com o passado, permitindo que comunidades inteiras participem ativamente da construção e ressignificação da Memória dos falecidos.

Giselle Beiguelman (2019) contribui significativamente para o debate sobre Memória digital, esquecimento e patrimônio no ambiente virtual. Seu trabalho investiga como os espaços digitais podem tanto preservar quanto apagar narrativas, uma questão central para a Cibermuseologia do Luto. Beiguelman analisa, por exemplo, como políticas algorítmicas das redes sociais influenciam a visibilidade de Memórias digitais e a permanência de perfis póstumos na internet.

No contexto da Memória e do Luto digital, estudos como os de Fabio Josgrilberg (2018) e Simone Natale (2021) analisam a crescente presença de rituais fúnebres no ambiente online, incluindo perfis póstumos, páginas comemorativas e o uso de inteligência

artificial para recriar vozes e imagens de pessoas falecidas. Essas práticas, cada vez mais comuns, desafiam as noções tradicionais de patrimônio e conservação da Memória, levantando questões éticas e filosóficas sobre a permanência digital dos mortos. Dessa maneira, a Cibermuseologia do Luto deve ser compreendida como uma forma de Museologia, e não como um campo autônomo. Ela representa um modo de ser do pensamento museológico na contemporaneidade, em que as práticas de Memória e Luto se articulam às dinâmicas da cultura digital. Assim como outras vertentes da Museologia, ela incorpora contribuições interdisciplinares – da Ciência da Informação, da Memória Social, da Comunicação e da Cultura Digital – sem deixar de se enraizar no campo museal, que permanece como sua base epistemológica. Trata-se, portanto, de uma dobra da Museologia, que expande seus limites para abarcar os fenômenos afetivos e tecnológicos do tempo presente.

O trabalho de pesquisadores brasileiros tem sido essencial para compreender como o ambiente virtual transforma as práticas memorialísticas e o papel dos museus na preservação da Memória dos que partiram. Segundo Chaves (2023), "a pandemia acelerou a necessidade de os museus se reinventarem no espaço virtual, utilizando tecnologias digitais para manter a interação com o público". Essa adaptação envolveu o uso de plataformas *online* e mídias sociais para garantir que as funções educativas e culturais dos museus continuassem, mesmo com as restrições impostas pelo distanciamento social. Chaves (2020) explora o conceito de cibermusealização, investigando o caso do *Museu Virtual das Coisas Banais* da Universidade Federal de Pelotas. Ele argumenta que "a cibermusealização permite novas formas de interação e engajamento, rompendo barreiras físicas e temporais", demonstrando como a virtualidade pode ampliar o acesso às práticas museológicas e permitir uma maior participação do público. Essa abordagem reforça a ideia de que os museus digitais não são apenas complementos das instituições físicas, mas espaços legítimos de preservação, interpretação e comunicação do patrimônio.

Outro ponto abordado por Chaves (2021) é a influência da pandemia no campo museológico, evidenciando como a inovação digital se tornou um elemento essencial para a continuidade das atividades museais. Ele afirma que "as plataformas online e as mídias sociais tornaram-se ferramentas essenciais para os museus durante a pandemia, permitindo a continuidade de suas funções educativas e culturais". Dessa forma, observa-se que a pandemia não apenas impulsionou a digitalização dos museus, mas também transformou a relação dos públicos com essas instituições, tornando o ambiente virtual um espaço legítimo para o encontro com a Memória e o patrimônio. As pesquisas de Chaves contribuem significativamente para o entendimento das transformações da Museologia na era digital, demonstrando como a cibermusealização e o uso de tecnologias digitais

reconfiguram as práticas tradicionais dos museus. Ao investigar a adaptação das instituições ao ambiente virtual, ele evidencia o papel das plataformas digitais na ampliação do acesso ao patrimônio cultural e na ressignificação das experiências museológicas no século XXI.

O principal objetivo desta pesquisa de Tese foi adaptar esse conceito aos estudos desenvolvidos no âmbito da Museologia Virtual. Exploramos as dinâmicas nos contextos atuais da prática museológica, considerando a interação digital online, as práticas curatoriais e as manifestações culturais presentes no ambiente *online,* visando contribuir para a formação de uma Netnomuseologia possível; e fornecendo ferramentas metodológicas adaptadas à complexidade do cenário Cibermuseal.

Neste sentido, utilizamos como base epistêmica o conceito de “Fato Cibermuseal” (Chaves, 2023) - que representaria “uma mudança paradigmática na forma como compreendemos a experiência museal, na virtualidade” (Chaves, 2023, p. 27):

> a adaptação das práticas museológicas às plataformas digitais é o aprendizado sobre o qual o Fato Cibermuseal se sustenta. A tecnologia não é apenas um acessório, mas uma parte intrínseca da experiência museal. (...). O Fato Cibermuseal não é meramente uma extensão do Fato Museal, mas sim, um eixo para se pensar Museu e virtualidade” (Ibid., ibidem).

Ao invés de considerar a tecnologia como um acessório, percebemos que ela se torna uma parte intrínseca e necessária da experiência do Museu e do campo da Museologia na atualidade *online*: não apenas se insere no contexto do campo da Museologia, mas também dialoga com a própria ideia de Museu como um fenômeno complexo e em constante atualização, conforme ressaltado por Scheiner (1998, 2000, 2004, 2008).

A partir da concepção do Museu como fenômeno, a pesquisa abrangeu os debates sobre o avanço das concepções de Museu e Patrimônio no pensamento contemporâneo, no eixo do Luto e da saudade - onde a percepção da realidade inclui, de modo preponderante, uma dimensão virtual. Uma análise abrangente desses conceitos fornece uma compreensão mais profunda das raízes das discussões atuais sobre a Museologia e seu impacto em meio virtual. A interligação entre o Museu como característica, a Museologia do Luto e a virtualidade representa uma abordagem de pesquisa nova em reflexões e desafios no contexto contemporâneo. Ao considerar o Museu e memoriais como fenômenos, estamos adquirindo uma compreensão ampla destes âmbitos não apenas como espaços físicos, mas como entidades dinâmicas que refletem e influenciam as sociedades nas quais estão inseridos.

Ao longo da história, tanto o Luto quanto a Museologia desenvolveram formas próprias de mediação simbólica da perda. Antes mesmo da consolidação dos museus

modernos, sociedades diversas já produziam artefatos, rituais e espaços destinados a honrar os mortos e preservar sua Memória - das máscaras mortuárias à iconografia funerária, dos relicários medievais às práticas domésticas de guardar objetos afetivos (Thomas, 1991). O Luto sempre foi, nesse sentido, uma prática social de organização da ausência, e sua preservação material e imaterial integra um dos núcleos mais antigos da experiência humana. A Museologia, por sua vez, ao institucionalizar o gesto de conservar e atribuir valor a vestígios do passado, inevitavelmente dialoga com as dimensões da finitude e da Memória (Pearce, 1995). Assim, o vínculo entre Luto e musealidade não é recente: ele antecede a própria formação dos museus, ainda que só no século XXI tenha ganhado nome e reconhecimento teórico sistematizado.

A Museologia do Luto, enquanto extensão emergente, insere-se em uma tradição mais ampla de estudos que relacionam Memória, trauma e práticas culturais. Pesquisadores como Young (1993) e Winter (2015) já demonstravam que monumentos, memoriais e espaços de exposição participam da elaboração coletiva da dor, funcionando como dispositivos de reconstrução simbólica após eventos traumáticos. Entretanto, a característica distintiva da Museologia do Luto contemporânea não reside apenas em tematizar a morte, mas em compreender como novas formas de mediação, especialmente digitais, alteram radicalmente a forma como sociedades vivem, narram e preservam a experiência do Luto (Davies, 2017). Com a progressiva digitalização da vida cotidiana, o Luto também se desloca para ambientes de circulação imaterial, onde plataformas digitais se tornam espaços privilegiados de recordação, homenagem e permanência simbólica.

O contexto pandêmico provocado pela COVID-19 marcou uma transformação profunda nesse fenômeno. O isolamento social suspendeu rituais funerários, interrompeu velórios, distanciou familiares e redesenhou a forma como indivíduos experienciavam a perda. Em vez do encontro físico, prevaleceram telas, mensagens, transmissões ao vivo e homenagens mediadas por redes sociais. Como observa Walter (2020), durante a pandemia “a morte tornou-se digital por necessidade, e o Luto tornou-se compartilhado através de plataformas que substituíram a presença física” (Walter, 2020, p. 12). Nesse cenário, práticas museológicas formais ou informais passaram a operar majoritariamente no ambiente virtual, gerando um deslocamento sem precedentes na história da Museologia.

Diferentemente de períodos anteriores, quando o Luto se inscrevia em suportes materiais, comunitários ou ritualísticos fisicamente situados, o século XXI testemunhou a consolidação de registros cotidianos da perda em formato digital. Fotos, postagens, comentários, vídeos, homenagens públicas e arquivos pessoais passaram a compor um acervo afetivo *online* que, em muitos casos, substitui a materialidade outrora central aos processos de Luto. Para Gibbs et al. (2015), redes sociais tornaram-se “criptas digitais”

nas quais a Memória é continuamente atualizada pela interação dos vivos. Esses espaços configuram não apenas um repositório, mas também um ambiente ativo de musealização, em que comunidades interpretam, contextualizam e reativam significados.

É justamente nesse deslocamento do físico para o digital que a Museologia do Luto encontra sua especificidade histórica recente. Diferentemente das práticas memoriais tradicionais, os memoriais virtuais e as interações em redes sociais não dependem de instituições formais para existir. Eles emergem de maneira espontânea, coletiva e frequentemente descentralizada, articulando curadorias afetivas distribuídas entre usuários, algoritmos e plataformas. Como enfatiza Arnold (2018, p. 44), “o Luto digital é simultaneamente íntimo e público, individual e coletivo, e inaugura novas ontologias da presença”.

Durante a pandemia, essa dinâmica se intensificou. Museus, impedidos de realizar exposições presenciais, adotaram estratégias virtuais para acolher narrativas de perda e registrar experiências sociais do momento. Por meio de campanhas online, arquivos colaborativos, narrativas multimídia e exposições digitais, instituições buscaram construir espaços de Memória compartilhada capazes de operar mesmo em tempos de distanciamento. A mediação tornou-se, portanto, profundamente tecnológica, e o Museu transformou-se em um lugar simbólico acessível a partir de qualquer lugar do mundo. Conforme Frosh argumenta, a pandemia “não apenas acelerou a digitalização, mas reposicionou o Luto como uma prática mediada, transnacional e hiperconectada” (Frosh, 2021, p. 5).

Assim, quando falamos de Museologia do Luto no contexto contemporâneo, não nos referimos a uma mera adaptação de antigas práticas museais ao ambiente digital, mas a uma mudança estrutural que redefine a própria natureza da preservação, da narrativa e da Memória. Os registros da pandemia ocorreram, majoritariamente, de forma *online:* um fenômeno sem precedentes históricos. A ausência de rituais presenciais amplificou a importância das redes sociais como espaços de elaboração emocional e documentação do cotidiano da perda. Em vez de acervos materiais, assistimos à formação de acervos digitais dinâmicos, alimentados por interações contínuas e marcados pela efemeridade das plataformas.

Nesse sentido, a Museologia do Luto constitui hoje não apenas uma área de estudo, mas uma necessidade epistemológica diante de uma sociedade que produz sua Memória em ritmo acelerado, em formatos híbridos e plataformas múltiplas. O que antes ocorria nos limites institucionais agora se distribui de forma rizomática, em ambientes digitais que negociam constantemente o que lembrar, como lembrar e para quem lembrar. Assim, compreender esse fenômeno exige atenção às especificidades da virtualidade, da

temporalidade não linear dos dados digitais e das novas sensibilidades produzidas pela cultura conectada.

A pesquisa considerou questões estratégicas fundamentais para a Museologia, conforme proposto por Scheiner (2006). Destacamos a importância do estudo minucioso dos termos e conceitos, reconhecendo essa prática como fundamental para a consolidação do campo museológico e das suas operações em meio virtual; e ainda o olhar das tendências contemporâneas de trabalho *online* para as abordagens. Scheiner defende uma aproximação holística à Museologia e ao Patrimônio, visando a compreensão integral das dimensões culturais e sociais envolvidas. Ao investigar a importância da Museologia do Luto, a pesquisa assume uma posição pioneira nessas discussões, visando contribuir para o avanço da prática museológica e sua adaptação ao ambiente digital, no contexto da formação da Netnomuseologia.

Brulon (2020) destaca a importância desses museus digitais não apenas como preservadores do patrimônio, mas também como plataformas dinâmicas que respondem de maneira inovadora aos desafios atuais, oferecendo novas formas de acesso, interação e preservação cultural:

> A extensiva digitalização do patrimônio, cujas implicações éticas ainda carecem de uma discussão mais aprofundada, e a concepção de uma hipercultura amplamente compartilhada e presumivelmente acessível a todos, tornam a ideia de Museu virtual ou CiberMuseu uma estratégia fundamental para a resiliência dos Museus na contemporaneidade. Mais recentemente, esse conceito emergiu como um antídoto à crise de identidade e funcionalidade que se intensificou com a pandemia.[2]

A ampla digitalização e virtualização *online* do patrimônio, com implicações éticas que ainda carecem de uma discussão mais aprofundada e a concepção de uma hipercultura amplamente compartilhada e presumivelmente acessível a todos, tornam-se estratégias cruciais para a resiliência dos museus na contemporaneidade. Mais recentemente, esse conceito, emergente como uma resposta à crise de identidade e de funcionalidade intensificada durante a pandemia, passou a oferecer uma abordagem inovadora que transcende as fronteiras físicas, amplia o alcance das experiências museais e reafirma o Museu como agente ativo de preservação, mediação e transformação cultural.

Como observa Macdonald (2006), os museus funcionam como arenas privilegiadas onde a sociedade negocia sentidos, identidades e afetos. Tal perspectiva encontra ressonância na tradição museológica brasileira, especialmente em Waldisa Rússio, cuja concepção de **fato museal** pressupõe a interação entre sujeito, objeto e cenário como núcleo constitutivo da experiência museológica. Ao deslocar essa tríade para a esfera

[2] BRULON, Bruno. Museus pandêmicos: apontamentos a partir de uma museologia do luto. **Museu** [online], 2020. Disponível em: https://revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020/8487-museus-pandemicos-apontamentos-a-partir-de-uma-museologia-do-luto.html. Acesso em: 09 dez. 2023.

digital, evidencia-se que a virtualidade não rompe o paradigma russiano, mas o expande, instaurando novos modos de presença e de relação simbólica em torno da Memória e do Luto.

Nesse movimento de expansão conceitual, a contribuição de Scheiner revela-se fundamental. Ao discutir os **Museus como Espaços de Fronteira**, Scheiner (2021) argumenta que eles operam em zonas de atravessamento, articulação e tensão entre regimes de visibilidade, narrativas e sensibilidades. A virtualidade intensifica essa condição fronteiriça ao instaurar territórios museológicos híbridos, nos quais o Luto se expressa por meio de rastros digitais, interações efêmeras e performances memorialísticas compartilhadas em rede. A Museologia do Luto, quando integrada a esses espaços liminares, não apenas amplia a capacidade institucional de acolher experiências traumáticas, mas também reinscreve o Museu como agente ativo na ecologia emocional e social da contemporaneidade.

Ao considerar a perspectiva de Mário Chagas, para quem o Museu é também “poesia, política e gesto” (Chagas, 2002), a incorporação do Luto como tema museológico adquire camadas adicionais de significado. O Luto, enquanto experiência profundamente humana, torna-se gesto político e poético no ambiente digital, no qual indivíduos e coletividades produzem narrativas de afeto, resistência e Memória. O museu físico ou digital converte-se, assim, em palco de insurgências afetivas e práticas de rememoração que desafiam silenciamentos históricos e convocam novas formas de participação.

Por sua vez, Marília Cury, ao discutir a função social dos museus na contemporaneidade, enfatiza que as instituições museológicas devem operar como espaços de diálogo, acolhimento e construção compartilhada de sentidos (Cury, 2013). A Museologia do Luto, articulada à virtualidade, materializa de modo singular essa vocação social, ao permitir que comunidades dispersas geograficamente se encontrem, expressem dor, reelaborem perdas e constituam redes de apoio simbólico. A mediação digital amplia, portanto, o escopo da função social dos museus, reposicionando-os como facilitadores de experiências emocionais e como atores significativos na tessitura da Memória coletiva.

Diante desse panorama, a metamorfose digital do Museu não se configura como ruptura com sua tradição epistemológica, mas como continuidade dinâmica de suas funções culturais. O Museu do presente, atravessado por tecnologias, por sensibilidades conectadas e pela emergência de novas formas de Luto, reafirma sua condição de espaço de significação e agência.

Nesse cenário, a Museologia do Luto adquire relevância como abordagem que reconhece a potência dos museus em lidar com narrativas de perda e com a necessidade humana de construir relicários simbólicos. A emergência dessa perspectiva está associada à crescente visibilidade de práticas memoriais em ambientes virtuais, que funcionam como

extensões não institucionalizadas do fenômeno Museu. Sobre isso, Sturken (2007) observa que práticas de memorialização não se limitam aos monumentos tradicionais, mas se expandem por objetos, mídias e plataformas que operam como veículos de afeto e Memória. No ambiente digital, esses mecanismos tornam-se ainda mais fluidos e participativos, permitindo que a experiência do Luto seja compartilhada instantaneamente e em escala global.

A virtualidade, nesse sentido, não é apenas um suporte, mas um âmbito epistemológico que reorganiza a própria lógica da musealização da Memória. Miller e Horst (2012) enfatizam que as tecnologias digitais transformam profundamente os modos como as pessoas constroem e acessam narrativas sobre si mesmas e sobre os outros, criando ecologias afetivas distribuídas. Os memoriais virtuais, ao reunirem comentários, imagens, homenagens e interações de múltiplos usuários, constituem uma forma de musealidade em rede, na qual o passado não é estabilizado, mas continuamente atualizado pela participação coletiva. Assim, a “metamorfose digital museal” resulta de uma dinâmica colaborativa que desafia o paradigma curatorial tradicional.

Ao integrar práticas de Luto ao ambiente *online*, os museus ampliam sua capacidade de atuação, instituindo espaços de Memória que dialogam com as necessidades emocionais de um público hiperconectado. Esta expansão ressoa a afirmação de Knell (2007) de que os museus são, antes de tudo, “ferramentas conceptuais flexíveis” capazes de se adaptar às transformações culturais e tecnológicas de cada época. Assim, a virtualidade não substitui o Museu físico, mas o complementa, oferecendo novas camadas de interpretação, participação e cuidado simbólico. A Museologia do Luto, nesse contexto, emerge como resposta ética e cultural diante de sociedades que buscam compreender suas perdas através de suportes híbridos.

O resultado dessa intersecção é a consolidação de ambientes digitais que funcionam como museus expandidos, nos quais o Luto pode ser expresso, compartilhado e ressignificado. Esses espaços não apenas acolhem experiências traumáticas, mas constroem repertórios coletivos capazes de conferir sentido à dor em tempos de instabilidade. Como defende Doss (2010), práticas memoriais contemporâneas tendem a deslocar-se para formatos participativos e emocionalmente engajados, revelando uma “cultura memorial ativa” na qual os indivíduos desempenham papel central na produção simbólica. O fenômeno Museu, ao incorporar essa lógica, reafirma sua função social de mediador da Memória, agora também na paisagem digital.

A compreensão dos espaços digitais como lugares legítimos de Memória encontra respaldo consistente na Museologia contemporânea, que, desde o final do século XX, passou a reconhecer o Museu não apenas como uma instituição material, mas como um fenômeno relacional, simbólico e cultural, cuja existência ultrapassa os limites físicos do

edifício e a centralidade do objeto. Georges Henri Rivière, ao conceber a Museologia como a ciência das relações entre o homem e o seu patrimônio, já afirmava o Museu como um fato cultural em permanente transformação, sensível às dinâmicas sociais e históricas que o atravessam (Rivière, 1989). Essa concepção foi aprofundada por Peter van Mensch, ao definir o Museu como um sistema dinâmico de mediação, cujo sentido se constrói na relação entre acervos, discursos e públicos, afastando-se da ideia de uma instituição meramente depositária (Mensch, 1992).

No contexto brasileiro, essa ampliação conceitual foi antecipada de modo pioneiro por Teresa Scheiner, ainda no final dos anos 1980 e início da década de 1990, ao formular o Museu como fenômeno social livre, dinâmico e plural, independente de um tempo ou de um espaço específicos. Para a autora, nada impede que o Museu exista “nas praças, nos campos, nas casas”, assim como nos espaços da Memória, da imaginação ou das realidades virtuais, uma vez que sua função central reside na ampliação da consciência humana sobre si e sobre o mundo (Scheiner, 1992a). Ao afirmar que, sendo um fenômeno social dinâmico, o Museu pode estar simultaneamente “em muitos lugares, em todos os lugares”, Scheiner rompe precocemente com a associação exclusiva entre Museu e edifício, deslocando o foco para os processos simbólicos, relacionais e comunicacionais que o constituem (Scheiner, 1992b).

Essa perspectiva dialoga diretamente com a formulação de Waldisa Rússio, para quem a musealização ocorre sempre que há atribuição de valor cultural a elementos materiais ou imateriais, independentemente de seu suporte físico, reforçando a compreensão do Museu como uma instituição simbólica antes de ser um espaço arquitetônico (Rússio, 1981). Ao longo de sua produção teórica, Scheiner aprofunda essa abordagem ao conceber o Museu como um território de narrativas, capaz de se manifestar em múltiplas dimensões - como o Museu interior, o Museu global e o Museu virtual - e de operar em diferentes linguagens e plataformas, inclusive nas redes digitais, desde que mantenha sua função de articulação e compartilhamento da Memória coletiva (Scheiner, 1992a; 1992b; 2004). Desse modo, a legitimação dos espaços digitais como territórios museais não constitui uma ruptura recente, mas a continuidade de um campo teórico que, no Brasil, foi formulado precocemente e em diálogo com a produção internacional, reafirmando o Museu como fenômeno livre, expansivo e em constante reinvenção.

No campo internacional, autores como Eilean Hooper-Greenhill ampliam essa discussão ao propor a ideia de um “Museu pós-museológico”, no qual as práticas curatoriais são descentralizadas e influenciadas pelos fluxos informacionais e comunicacionais da sociedade contemporânea (Hooper-Greenhill, 2000). Essa abordagem sublinha que os museus, ao operarem na digitalidade, não perdem legitimidade, mas transformam os modos pelos quais constroem conhecimento e dialogam

com os públicos. Do mesmo modo, André Gob e Noémie Drouguet defendem que a Museologia contemporânea deve reconhecer as mutações culturais introduzidas pelas tecnologias digitais, compreendendo que novos ambientes, como plataformas *online*, podem assumir plenamente a função museológica ao estruturarem práticas de preservação, comunicação e interpretação (Gob; Drouguet, 2010). Ao considerar tais perspectivas, torna-se evidente que a virtualidade não representa um desvio da prática museológica tradicional, mas uma etapa natural de sua evolução epistemológica.

Nesse contexto, a Museologia do Luto emerge como uma perspectiva necessária para interpretar como museus e espaços de Memória respondem às demandas socioculturais ligadas à morte, à perda e à elaboração simbólica do trauma. A relação entre Museu e Luto não é nova: instituições memoriais dedicadas a guerras, desastres e violências históricas já demonstravam que o Museu pode atuar como lugar de cura coletiva e reflexão cultural. Como argumenta Paul Williams, ao analisar Museus de Trauma, essas instituições são “arquiteturas da dor”, construídas para permitir que sociedades elaborem eventos traumáticos e mantenham viva a Memória daqueles que se foram (Williams, 2007). No Brasil, Mário Chagas ressalta que o Museu funciona como espaço para acolher experiências de sofrimento e resistência, operando como uma “arena de afetos e disputas simbólicas” (Chagas, 2016). Tal perspectiva encontra ressonância na cultura digital contemporânea, em que novas formas de memorialização emergem fora das instituições tradicionais.

A integração entre Museologia do Luto e virtualidade se intensificou especialmente durante a pandemia de COVID-19, quando o isolamento social impôs barreiras físicas à vivência dos rituais tradicionais de despedida. O Luto, privado de sua expressão pública, encontrou nas redes sociais e nas plataformas digitais um espaço alternativo para se manifestar. Museus, por sua vez, passaram a oferecer exposições virtuais, arquivos colaborativos e projetos de Memória digital, reconhecendo que a virtualidade se tornara o principal ambiente de circulação emocional e documental. Nessa direção, Ross Parry argumenta que o digital não é apenas um recurso, mas um “estado museológico”, no qual a prática institucional se reconfigura estruturalmente (Parry, 2013). A legitimação dos ambientes digitais como espaços museais, portanto, encontra respaldo teórico não apenas na ampliação tecnológica, mas na necessidade social de registrar, compartilhar e interpretar experiências de perda em um cenário global de instabilidade.

Assim, é possível afirmar que a Museologia, enquanto campo de conhecimento, oferece as bases conceituais necessárias para compreender que os espaços digitais podem exercer plenamente a função de lugares de Memória. O museu físico ou virtual permanece comprometido com sua vocação social: mediar, preservar, comunicar e interpretar experiências culturais significativas. A virtualidade, longe de precarizar essas

funções, amplia sua potência ao permitir que narrativas sensíveis, como as relacionadas ao Luto, encontrem novos territórios de expressão e participação pública. A “metamorfose digital museal”, portanto, revela não uma ruptura, mas a continuidade de uma tradição museológica que reconhece a Memória como fenômeno vivo, mutável e profundamente enraizado na experiência humana.

A presente Tese estabeleceu como **objetivo geral** desenvolver uma investigação aprofundada a respeito dos processos contemporâneos de musealização da Memória no ambiente digital, concentrando-se particularmente nas dinâmicas de continuidade digital associadas a perfis póstumos no Instagram. Tal enfoque permitiu compreender como esses espaços, originados em plataformas comerciais e regidos por arquiteturas sociotécnicas complexas, convertem-se em *loci memoria* (*loci memoria = lugares de Memória*) capazes de operar como extensões simbólicas do Museu na virtualidade. Nessa perspectiva, buscou-se analisar criticamente as formas pelas quais interações dos usuários, engajamentos afetivos, algoritmos de visibilidade e políticas institucionais das redes sociais produzem e modulam regimes específicos de Memória. Assim, a Tese propôs articular estes fenômenos às bases teóricas da Museologia do Luto, compreendendo-a como um campo emergente e indispensável para o exame das práticas memoriais na cultura digital.

O objetivo geral desdobrou-se, inicialmente, em dois eixos estruturantes. O primeiro consistiu em **investigar os mecanismos de continuidade digital** que asseguram a permanência e a circulação de perfis póstumos no Instagram, examinando como conteúdos publicados em vida, atualizações póstumas, comentários, homenagens e interações coletivas compõem camadas narrativas que transformam a conta em um repositório simbólico de Memória. O segundo eixo buscou **compreender a articulação entre Luto, Memória e preservação digital**, interrogando como esses processos se inscrevem no campo conceitual da Museologia do Luto e, simultaneamente, contribuem para novas formas de constituição da Memória social em ecossistemas virtuais.

A partir desses eixos, delinearam-se os seguintes objetivos específicos, estruturados segundo as necessidades teórico-metodológicas da pesquisa:

a) **Analisar os perfis póstumos como espaços de preservação e circulação de Memórias**, enfatizando o papel das interações dos seguidores, das homenagens recorrentes e das estratégias - tácitas ou explícitas - de manutenção das contas por familiares, amigos ou comunidades afetivas;
b) **Investigar a influência das arquiteturas algorítmicas e das diretrizes institucionais das plataformas** na permanência, visibilidade e circulação dos conteúdos memoriais, considerando como os sistemas de recomendação,

impulsionamento e categorização interferem na construção e atualização desses espaços de Memória;

c) **Examinar práticas curatoriais emergentes associadas à musealização de Memórias *online***, identificando critérios de seleção, organização, ordenamento narrativo e valoração afetiva que moldam a constituição de acervos digitais vinculados ao Luto;
d) **Compreender as manifestações do Luto digital e suas consequências para a formação de acervos afetivo-digitais**, observando padrões socioculturais, repertórios simbólicos, dinâmicas emocionais e formas de comunicação que estruturam tais práticas.

Ao perseguir esses objetivos, esta Tese pretendeu oferecer uma contribuição substancial ao campo da Museologia, especialmente no que se refere à ampliação do escopo teórico-metodológico necessário para compreender os impactos da cultura digital sobre os processos de produzir, preservar e significar Memórias. Argumenta-se que, ao deslocar parte significativa das práticas memoriais para ambientes regidos por infraestrutura técnico-algorítmica, surgem novas formas de presença póstuma, rememoração e elaboração do Luto que demandam atenção especializada da Museologia contemporânea. Nesse sentido, espera-se que os resultados aqui apresentados iluminem as transformações em curso e estimulem novas investigações sobre a constituição de espaços museológicos virtuais, bem como sobre as sensibilidades emergentes que atravessam a experiência humana da perda na era digital.

A Tese buscou atender à necessidade premente de compreender as transformações profundas que redefiniram as práticas memoriais e museológicas na contemporaneidade, especialmente diante do impacto global da pandemia de COVID-19, que deslocou expressões culturais, afetivas e simbólicas para ambientes digitais em escala inédita. Nesse contexto o Luto, como experiência histórica, social e culturalmente estruturante passou a manifestar-se de modo intensificado no espaço virtual, convertendo plataformas como o Instagram em arenas de expressão pública da dor, da saudade e da elaboração simbólica da ausência. Tal fenômeno exigiu da Museologia um reposicionamento epistemológico e metodológico, revelando um escopo de estudos emergente: a Museologia do Luto na cultura digital.

A pandemia não criou o Luto digital, mas o catalisou. O isolamento social, a impossibilidade de rituais presenciais e a intensificação da vida online transformaram práticas tradicionais de Memória, fazendo com que os ambientes digitais deixassem de ser simples mediadores comunicacionais para tornarem-se lugares de Memória, nos termos ampliados do campo museológico. Os perfis póstumos no Instagram, analisados

nesta pesquisa, configuram-se como espaços híbridos simultaneamente íntimos e públicos, pessoais e coletivos, onde narrativas afetivas se acumulam, constituindo acervos imateriais que se aproximam de concepções contemporâneas de preservação simbólica, ligadas à Museologia. Esses processos instauram uma nova ecologia da Memória, na qual algoritmos, interações sociais e práticas espontâneas de curadoria afetiva se tornam parte da própria experiência memorial.

A escolha deste objeto responde a uma lacuna evidente na literatura museológica nacional e internacional: embora existam pesquisas sobre Museus virtuais, Memória digital e práticas curatoriais *online*, a continuidade digital de perfis póstumos - e sua análise como potenciais espaços museológicos - permanece pouco investigada, especialmente sob o prisma da Museologia do Luto. Esse vazio teórico demanda um esforço de sistematização conceitual e de aprofundamento analítico que permita compreender como se constituem tais acervos afetivo-digitais, quais dinâmicas sociotécnicas os sustentam e de que maneira esses espaços participam da construção da Memória social contemporânea. Ao trazer para o campo da Museologia a reflexão sobre perfis póstumos, esta Tese propõe uma ampliação do repertório analítico que historicamente privilegiou objetos materiais e acervos institucionalizados.

A relevância acadêmica da pesquisa assenta-se, assim, na elaboração de um arcabouço teórico que articula Museologia do Luto, Memória digital e processos de musealização na virtualidade. Ao examinar perfis póstumos como *loci memoria,* o trabalho contribui para ampliar o escopo da Museologia frente às questões emergentes da cibercultura, oferecendo bases para compreender fenômenos contemporâneos que desafiam categorias tradicionais de objeto, acervo, mediação e público. Trata-se de uma contribuição inédita, que propõe novas formas de pensar a produção, circulação e preservação de Memórias em ambientes mediados por algoritmos.

No âmbito profissional, a pesquisa fornece subsídios fundamentais para curadores, gestores de acervos, educadores de museus e profissionais da cultura que atuam com coleções digitais e ambientes participativos. Ao iluminar as especificidades éticas, emocionais e técnicas da gestão de Memórias digitais relacionadas ao Luto, a Tese oferece diretrizes que podem orientar práticas mais sensíveis, inclusivas e contextualizadas, reforçando a responsabilidade social dos museus físicos e virtuais frente às narrativas da morte, da perda e da saudade. Essa dimensão torna-se ainda mais relevante em um cenário no qual instituições culturais se veem desafiadas a dialogar com novos públicos, novas linguagens e novos regimes de sensibilidade.

A relevância prática e social da pesquisa emerge da identificação de novos modos de construir, preservar e compartilhar Memórias coletivas em tempos de transformação sociotécnica acelerada. Ao examinar como comunidades digitais participam ativamente da

elaboração do Luto e da ressignificação da ausência, o trabalho aponta para a necessidade de compreender esses espaços como recursos culturais que influenciam a forma como sociedades contemporâneas negociam sofrimento, homenagem e continuidade simbólica. Assim, a pesquisa contribui para ampliar o debate sobre responsabilidade digital, ética memorial e formas de cuidado coletivo mediadas por tecnologias.

Do ponto de vista pessoal e profissional, a pesquisa consolida uma trajetória investigativa dedicada à interseção entre Museologia, Memória digital e práticas emergentes de curadoria *online.* A Tese representa não apenas um avanço acadêmico, mas a maturação de um percurso intelectual que se propõe a compreender criticamente os impactos das tecnologias digitais sobre as formas de lembrar, narrar e significar a experiência humana especialmente em contextos de vulnerabilidade emocional, como o Luto. Tal percurso demonstra o compromisso do pesquisador com o desenvolvimento de ferramentas analíticas que contribuam para a evolução do campo museológico e para seu fortalecimento como área capaz de dialogar com fenômenos complexos da contemporaneidade.

Por fim, a originalidade desta investigação reside na articulação inédita entre musealização digital, perfis póstumos e práticas afetivas de Memória, propondo um enquadramento teórico-metodológico que permite compreender esses espaços como potenciais museus simbólicos da era digital. O impacto esperado da pesquisa inclui: a configuração das bases conceituais da Museologia do Luto; a proposição de metodologias aplicáveis à análise de acervos digitais; a ampliação do entendimento sobre a Memória em redes sociais; e o fortalecimento da função social dos museus em contextos híbridos de existência e de recordação.

Assim, esta Tese ousa posicionar-se como contribuição significativa para o avanço da Museologia contemporânea, oferecendo fundamentos teóricos e práticos para compreender como, na era digital, memorializamos não apenas objetos ou histórias institucionalizadas, mas também vidas, presenças e afetos que permanecem inscritos na tessitura sociotécnica das redes. Ao tratar com rigor, sensibilidade e profundidade um fenômeno complexo e ainda pouco explorado, o trabalho busca reafirmar a relevância dos museus em todas as suas materialidades como espaços de escuta, acolhimento e construção coletiva de sentido em tempos de perda, mudança e reinvenção cultural.

Tese desenvolveu-se intrinsecamente associada ao tema "Museologia como geração do novo: interpretação de realidades", analisado de forma continuada no âmbito do **projeto de pesquisa docente** “PATRIMÔNIO, MUSEOLOGIA E SOCIEDADES EM TRANSFORMAÇÃO: a experiência latino-americana”, liderado por sua orientadora, Profa. Dra. Teresa Scheiner e vinculado à **Linha de Pesquisa 01 do PPG-PMUS** – **Museu e**

Museologia. Nesse contexto, estabelecem-se conexões significativas com temáticas adjacentes, como "Museu e Cultura", "Museu e Sociedade", "Museologia e novas tecnologias da informação e da comunicação" - incluindo os estudos sobre "Virtualidade", as "Redes Sociais", a "Museologia do Luto" e a "Netnomuseologia".

A pesquisa visou aprofundar a compreensão das estratégias adotadas pelos museus no âmbito virtual, incorporando os conceitos e práticas que aqui denominamos "Netnomuseologia". Essa dimensão essencial destaca a importância da "Virtualidade" como elemento fundamental para a atuação dos museus durante a pandemia de COVID-19. Por meio de uma análise aprofundada buscou-se compreender como a utilização da internet, das redes sociais e das novas tecnologias de informação e comunicação não apenas possibilitaram a continuidade das atividades museológicas, mas também estimularam o engajamento do público e a preservação das Memórias históricas em um período desafiador.

A análise das perspectivas teóricas e práticas da Museologia na era digital permitiu compreender como as diretrizes regulamentares, os discursos institucionais e emergentes abordagens conceituais entre elas a **Museologia do Luto**, moldaram as ações dos museus diante da crise sanitária global. Esse período expôs tanto fragilidades quanto potencialidades das instituições museais, revelando a urgência de repensar suas estratégias de comunicação, mediação e preservação diante de um cenário que deslocou, de forma abrupta, grande parte da vida social para o ambiente digital. Nesse contexto, a Museologia firmou-se como campo fundamental para interpretar as adaptações institucionais e as novas formas de engajamento construídas durante a pandemia.

As Redes Sociais emergiram como plataformas centrais para o diálogo entre museus e públicos, transformando-se em espaços privilegiados de experimentação comunicacional, expressão afetiva e construção de comunidades virtuais. Paralelamente, a Netnomuseologia consolidou-se como abordagem capaz de compreender e analisar práticas museais em ambientes de circulação digital, permitindo identificar novas dinâmicas curatoriais, colaborativas e comunicacionais que ultrapassam as formas tradicionais de mediação cultural. Tais ferramentas foram essenciais para ampliar o alcance das instituições e garantir a continuidade de suas funções sociais em um momento de restrições físicas e emocionais.

A Tese também examinou a emergência de acervos contemporâneos relacionados à pandemia, constituídos majoritariamente em formato digital e disseminados por meio das redes sociais. Esses acervos, marcados pela fluidez dos registros e pela multiplicidade de vozes, configuram novas modalidades de preservação cultural que não dependem exclusivamente da materialidade tradicional. A Virtualidade, nesse sentido, tornou-se elemento estruturante para compreender como Memórias individuais e coletivas foram

registradas em tempo real, produzindo arquivos dinâmicos que refletem experiências cotidianas de dor, resistência e solidariedade.

Esse fenômeno revelou uma inovação significativa no campo museológico: acervos digitais, construídos de forma espontânea ou institucional, tornaram-se fontes documentais valiosas para compreender a experiência social da pandemia. A possibilidade de registro imediato proporcionada pela interconexão entre sujeitos, tecnologias e plataformas contribuiu para ampliar a diversidade das narrativas preservadas, possibilitando a construção de histórias mais inclusivas e sensíveis às múltiplas realidades vividas. Assim, o Museu deixa de ser apenas o agente central do processo e passa a dividir com os públicos a responsabilidade pela documentação coletiva.

Ao integrar conceitos como Redes Sociais, Virtualidade e Netnomuseologia, a pesquisa demonstrou que os museus não apenas se adaptaram às exigências impostas pela crise sanitária, mas também reinventaram sua própria lógica de atuação. A inovação no modo de coletar, preservar e comunicar Memórias evidenciou que o digital não representa uma ruptura com a tradição museal, mas uma extensão natural de suas funções culturais e sociais. Dessa forma, a Tese evidencia que a Museologia contemporânea se fortalece ao dialogar com práticas emergentes, reconhecendo o potencial dos ambientes digitais para construir, compartilhar e resignificar Memórias coletivas em tempos de transformação.

A viabilidade da pesquisa foi assegurada por um conjunto de fatores estruturais, acadêmicos e institucionais que favoreceram seu desenvolvimento sistemático e aprofundado. Em primeiro plano, destaque-se o apoio financeiro concedido por meio das bolsas DS-CAPES (Demanda Social) e PDSE-CAPES (Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - Edital No 06/2024), que permitiram a dedicação exclusiva do pesquisador às atividades de investigação. Tal condição revelou-se essencial para o rigor metodológico e a continuidade da produção científica ao longo do período de vigência da pesquisa.

A bolsa PDSE viabilizou, especificamente, a realização de um estágio de doutoramento sanduíche na Universidade do Porto, em Portugal, instituição reconhecida internacionalmente pela excelência em estudos sobre patrimônio, Memória e cultura digital. A oportunidade de imersão em um ambiente acadêmico internacional contribuiu significativamente para o amadurecimento teórico da pesquisa, ao proporcionar contato com novas abordagens, metodologias e referenciais que ampliaram a compreensão do objeto investigado.

Para além do suporte institucional, o acesso a uma ampla gama de recursos informacionais, incluindo bases de dados acadêmicas, bibliotecas virtuais e centros de

documentação especializados, configurou-se como um fator determinante para o desenvolvimento e a consistência metodológica da pesquisa. A infraestrutura da Universidade do Porto, aliada às parcerias estabelecidas com grupos de pesquisa no Brasil e em Portugal, garantiu o acesso contínuo a fontes de elevada relevância científica, bem como a interlocuções qualificadas com pesquisadores da área, favorecendo o intercâmbio teórico e a consolidação de perspectivas transdisciplinares. Destaca-se, ainda, a excelência da supervisão conduzida pela Prof.ª Dr.ª Paula Cristina Menino Duarte Homem, do Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio (DCTP) e integrante do Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” (CITCEM), no âmbito do Grupo Educação e Desafios Societais, cuja orientação contribuiu significativamente para o amadurecimento epistemológico e metodológico desta investigação.

A experiência prévia do pesquisador no campo da Museologia digital, construída ao longo de sua trajetória acadêmica, ofereceu uma base sólida de conhecimento que contribuiu diretamente para a profundidade analítica do estudo. Essa bagagem foi potencializada pela orientação de uma pesquisadora de referência, cuja produção científica se destaca pela abordagem crítica das transformações museológicas impulsionadas pela digitalização e pelo uso de tecnologias emergentes nos museus.

A orientadora Teresa Scheiner reúne plenas condições acadêmicas e científicas para a realização da orientação, sustentadas por uma trajetória intelectual consolidada e por uma experiência acumulada no campo dos estudos digitais aplicados à Museologia, incluindo investigações pioneiras desenvolvidas em momentos nos quais tais abordagens ainda eram incipientes no Brasil. Professora Titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com formação em Museologia pelo Museu Histórico Nacional e titulação de mestrado (1998) e doutorado (2004) em Comunicação pela ECO/UFRJ, sua produção articula Museologia, comunicação, patrimônio e sociedade, antecipando debates contemporâneos sobre virtualidade, mediação simbólica e circulação de narrativas museais em ambientes digitais, conforme amplamente documentado em seu currículo Lattes. No plano teórico, destaca-se por conceber o Museu como fenômeno social livre, dinâmico e plural, independente de um suporte físico fixo, perspectiva formulada desde o final dos anos 1980 e início da década de 1990, quando já problematizava a existência do Museu em territórios não convencionais, incluindo os espaços da Memória, da imaginação e das realidades virtuais, antecipando reflexões centrais para os atuais debates sobre museus digitais, virtuais e em rede.[3]

[3] Ao longo de sua carreira, coordenou o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS/UNIRIO–MAST) e o Doutorado em Museologia e Patrimônio, além de exercer funções de destaque em organismos internacionais, como a presidência do ICOFOM/ICOM, a criação do ICOFOM LAM (atual ICOFOM LAC), a vice-presidência do ICOM e a editoria-chefe da *Museum International*, o que evidencia sua inserção em redes globais de reflexão museológica.

A orientação especializada garantiu suporte metodológico e teórico de excelência, especialmente no tocante à articulação entre Memória, Luto e espaços museológicos digitais.

Adicionalmente, a participação ativa do pesquisador em eventos científicos, redes acadêmicas e grupos de estudo assegura a inserção da pesquisa em circuitos de discussão atualizados, ampliando seu alcance e fortalecendo seu referencial teórico. O tema central da investigação - a musealização da Memória digital em contextos de Luto - alinha-se a debates emergentes da Museologia contemporânea, particularmente diante dos desafios postos pela pandemia da COVID-19, que impulsionou a virtualização de práticas curatoriais e a consolidação de abordagens como a Museologia do Luto e a Netnomuseologia.

Portanto, a proposta revelou-se plenamente viável tanto do ponto de vista logístico quanto acadêmico, contando com as condições institucionais, formativas e temáticas necessárias para sua execução. Mais do que viável, tratou-se de uma pesquisa oportuna e pertinente, que se propôs a contribuir criticamente para o avanço da Museologia, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos para a compreensão das novas configurações da Memória, do Luto e da experiência museal no ambiente digital.

Fundamentação teórica

A fundamentação teórica desta Tese apoia-se de modo deliberado e restrito em um conjunto reduzido de autores, cujos pensamentos estruturam efetivamente o percurso conceitual e analítico desenvolvido ao longo do trabalho. Essa opção metodológica visa evitar a dispersão teórica e explicitar com clareza quais referenciais sustentam o núcleo epistemológico da pesquisa, distinguindo-os daqueles autores que, embora relevantes, contribuíram de forma complementar, pontual ou contextual.

No campo da Museologia, o pensamento que verdadeiramente fundamenta a Tese é o de Teresa Scheiner, cuja concepção do Museu como fenômeno social livre, dinâmico e plural, formulada desde o final dos anos 1980 e início da década de 1990, constitui a base central para a compreensão do Museu para além de sua materialidade institucional. É a partir dessa noção de Museu enquanto fenômeno, independente de tempo, espaço e suporte físico, que se torna possível analisar práticas museais em ambientes digitais, bem como compreender a musealização do Luto e da Memória no ciberespaço como desdobramentos legítimos da Museologia contemporânea.

Em diálogo direto com essa base museológica, a Tese se ancora também no pensamento de Bernard Deloche, especialmente no que concerne à noção de Museu virtual como um outro modo de transação museal, baseado em representações, imagens

e percursos intelectuais emancipados da materialidade dos objetos. Sua reflexão fornece o suporte conceitual necessário para compreender a virtualidade não como simples duplicação tecnológica do Museu físico, mas como uma transformação profunda das formas de mediação, experiência e produção de sentido no âmbito museal.

Por fim, no campo dos estudos da Memória em ambientes digitais, a pesquisa dialoga de forma estruturante com Andrew Hoskins, cuja formulação sobre Memória conectiva permite compreender a circulação, a permanência e a reativação das lembranças em redes digitais marcadas pela conectividade, pela participação coletiva e pela atualização constante. Os demais autores mobilizados ao longo da Tese, provenientes da Museologia, da Comunicação, da Ciência da Informação e dos estudos da cultura digital, oferecem aportes importantes para o aprofundamento analítico, a contextualização empírica e o refinamento metodológico, mas não constituem o eixo fundante do pensamento que sustenta a investigação.

A cibercultura, entendida como o conjunto de práticas culturais mediadas por tecnologias digitais (Lévy, 1999), foi tema essencial nesse processo. Ela abriu novas possibilidades de engajamento por meio de experiências imersivas, interativas e acessíveis. Dessa transformação surgiu o construto da Cibermuseologia, âmbito emergente que analisa como os museus operam no ambiente digital, adotando tecnologias para dialogar com públicos diversos e superar os limites do espaço físico (Henriques; Ferreira de Lara, 2021). Nesse contexto, a Museologia do Luto ganhou relevância, especialmente durante a pandemia, ao oferecer espaços virtuais de homenagem, Memória e suporte emocional. Exposições e programas digitais criados por museus em resposta à perda coletiva reafirmaram o papel dessas instituições como agentes de cura social e guardiãs da Memória. A reflexão sobre Memória, Luto e virtualidade requer um retorno às bases epistemológicas que estruturam a compreensão contemporânea dos fenômenos memoriais. Maurice Halbwachs foi um dos primeiros autores a formular que a Memória não é individual, mas socialmente construída. Para ele, “é na sociedade que o homem adquire suas Memórias, que as evoca, as reconhece e as localiza” (Halbwachs, 1992, p. 38). Essa noção torna-se crucial para entender por que ambientes digitais se consolidam como espaços de recordação coletiva, especialmente no contexto de perfis póstumos.

Ao reconhecer que a Memória depende de suportes materiais e simbólicos, interpretamos o ambiente digital como um novo suporte coletivo, capaz de atualizar o passado continuamente. A tecnologia, nesse sentido, não apenas armazena, mas participa ativamente da construção da Memória. Andrew Hoskins, ao examinar os regimes atuais de recordação, afirma que “*digital media have transformed memory, making it*

increasingly immediate, connective, and contingent"[4] (Hoskins, 2011, p. 28). Isso significa que perfis póstumos só permanecem significativos porque participam dessa circulação contínua de afetos e dados.

A noção de lugares de Memória, proposta por Pierre Nora, também ilumina essa discussão. Nora afirma que "os lugares de Memória existem porque não há mais meios de Memória" (Nora, 1989, p. 7). Assim, diante do enfraquecimento dos suportes tradicionais, espaços como perfis digitais tornam-se instâncias de preservação simbólica, condensando práticas sociais, narrativas afetivas e representações culturais que conferem permanência aos ausentes.

O campo da Museologia, especialmente em sua vertente teórico-crítica, oferece elementos fundamentais para compreender como essas práticas digitais podem constituir processos de musealização. Waldisa Rússio formulou que o Museu existe enquanto relação, enfatizando que a musealidade se estabelece quando "um objeto é investido de valor cultural pelo sujeito e pelas instituições que o cercam" (Rússio, 1977, p. 12). Perfis memoriais, ao agregarem valor afetivo e cultural a vestígios digitais, podem ser compreendidos como espaços museológicos emergentes.

Em complemento, Scheiner (1998) concebe o Museu como um sistema comunicacional de alta complexidade, no qual objetos e narrativas adquirem sentido por meio de processos interpretativos, afirmando que "o Museu comunica por meio de objetos, discursos e sensibilidades, constituindo uma experiência cultural singular" (Scheiner, 1998, p. 44). Essa ideia fundamenta a compreensão de que perfis digitais, ao mobilizarem imagens, textos e interações, constituem sistemas comunicacionais de Memória.

A virtualidade amplia essas estruturas de significação ao instaurar novos regimes de presença e interação. Pierre Lévy sustenta que "o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: é uma dimensão do ser" (Lévy, 1996, p. 15). No contexto memorial, isso significa que presenças póstumas no digital não são ilusões, mas modos legítimos de existência simbólica. A cibercultura, enquanto sistema de práticas e sentidos, possibilita novas formas de conexão e afeto. Santaella (2003, p. 24) observa que vivemos "acoplados às tecnologias", expressão que sintetiza a inseparabilidade entre humanos e dispositivos. Assim, perfis póstumos tornam-se interfaces afetivas nas quais relações continuadas se estabelecem.

As transformações digitais também reposicionam a mediação museológica. Mesmo para os autores que consideram apenas a face institucional do Museu, como Ross Parry, "o Museu digital não é uma réplica do Museu físico, mas um novo tipo de instituição"

[4] As mídias digitais transformaram a memória, tornando-a cada vez mais imediata, conectiva e contingente (tradução nossa).

(Parry, 2007, p. 18). A partir dessa premissa, perfis memoriais não são cópias de memorializações tradicionais, mas novas configurações museológicas emergentes.

No campo dos estudos da morte, autores como Tony Walter observam que "*grief in modern societies has become increasingly mediated and increasingly public*" [5](Walter, 1994, p. 7). Isso significa que o Luto se desloca do âmbito doméstico para plataformas digitais, onde se torna coletivo, interativo e compartilhado. Sherry Turkle reforça essa perspectiva ao afirmar que "estamos cada vez mais conectados às tecnologias e, paradoxalmente, cada vez mais sozinhos" (Turkle, 2011, p. 1). Esse paradoxo é essencial para compreender como perfis póstumos funcionam simultaneamente como espaços de conexão e de recolhimento emocional.

A continuidade digital é discutida por Kasket, que afirma: "*online profiles can remain as ongoing social presences long after the biological death of their owners*" [6](Kasket, 2012, p. 15) Isso evidencia que plataformas digitais realizam uma extensão ontológica da pessoa, permitindo sua permanência simbólica.

Nos estudos da mídia digital, Van Dijck sustenta que "as mídias sociais moldam não apenas o que as pessoas lembram, mas como lembram" (Van Dijck, 2013, p. 12). Essa afirmação revela que perfis memoriais não apenas armazenam Memórias, mas modelam formas de recordação. Lev Manovich também contribui ao afirmar que "*the database becomes the cultural form of our era*"[7] (Manovich, 2001, p. 219). Perfis póstumos podem, portanto, ser lidos como bases de dados afetivas, nas quais informações de vida são reorganizadas continuamente. Optou-se por não inserir os links diretos dos perfis e museus analisados ao longo da pesquisa, em razão da natureza instável e efêmera dos ambientes digitais. Plataformas como o Instagram estão sujeitas a constantes atualizações, alterações de políticas, remoções de conteúdo e até mesmo exclusão de contas, o que pode comprometer a permanência e a integridade dos links ao longo do tempo. Dessa forma, a inclusão desses endereços poderia resultar em referências inacessíveis ou corrompidas, prejudicando a rastreabilidade e a consistência do trabalho acadêmico. Assim, priorizou-se a descrição analítica dos casos, preservando os elementos essenciais para sua compreensão, ao mesmo tempo em que se garante maior durabilidade e confiabilidade das informações apresentadas, em consonância com os desafios próprios da preservação da memória no ambiente digital.

Ferramentas museológicas tradicionais dialogam com esses fenômenos. Maroevic lembra que "o objeto museológico não é definido por sua materialidade, mas pela

[5] "O luto nas sociedades modernas tornou-se cada vez mais mediado e cada vez mais público." (tradução nossa).
[6] "Perfis *online* podem permanecer como presenças sociais contínuas muito tempo após a morte biológica de seus titulares."(tradução nossa).
[7] "O banco de dados torna-se a forma cultural de nossa era." (tradução nossa).

informação que porta" (Maroevic, 1986, p. 5). Assim, o digital não diminui a musealidade; ao contrário, amplia-a. Deloche expressa que "o Museu virtual é um Museu pleno, dotado de novas formas de autenticidade" (Deloche, 2005, p. 21). Portanto, perfis póstumos - enquanto espaços de Memória curados espontaneamente - participam da plenitude museológica.

O caráter afetivo da Memória digital também pode ser interpretado à luz de Barthes, para quem "a fotografia repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente" (Barthes, 1984, p. 12). Essa irrepetibilidade torna cada imagem postada em um perfil memorial um testemunho pungente da ausência.

Bauman observa que vivemos em uma sociedade líquida, na qual "a liquidez dissolve vínculos antes considerados duradouros" (Bauman, 2007, p. 3). Em contraste, perfis memoriais digitais criam vínculos persistentes, resistindo à fluidez contemporânea.

No âmbito dos estudos tecnossociais, Donna Haraway reconhece que "vivemos permanentemente acoplados a máquinas" (Haraway, 2008, p. 35). Essa afirmação ilumina o entendimento de que a continuidade digital é resultado direto dessa condição híbrida.

As relações entre vivos e mortos no digital podem ser analisadas por meio do conceito de *continuing bonds ("Vínculos contínuos")*. Klass, Silverman e Nickman argumentam que vínculos continuados são essenciais ao processo de Luto, sustentando que "os mortos permanecem presentes nas vidas dos vivos de maneiras complexas e contínuas" (Klass; Silverman; Nickman, 1996, p. 12).

No âmbito museológico brasileiro, Mário Chagas evidencia que museus devem ser espaços capazes de dialogar com experiências vividas, afirmando que "o Museu é lugar de vida, de lutas e de afetos" (Chagas, 2016, p. 29). Essa visão fundamenta a compreensão da musealidade do Luto digital como campo legítimo de atuação museológica. Cury reforça a importância do acolhimento ao afirmar que "o Museu é, antes de tudo, um espaço de escuta" (Cury, 2013, p. 88). Perfis memoriais constituem justamente espaços de escuta ampliada, nos quais manifestações de saudade e apoio são reiteradas.

A Memória cultural também é construída afetivamente. Assmann sustenta que "a Memória cultural se constitui por meio de emoções, rituais e pertencimentos" (Assmann, 2011, p. 37). Perfis póstumos operam exatamente nesse entrelaçamento. Os debates éticos são aprofundados por Simone Natale, que reconhece que "a vida digital continua após a morte, e isso traz desafios éticos profundos" (Natale, 2021, p. 4). Desafios que a Museologia do Luto precisa enfrentar.

A circulação de homenagens em ambientes digitais ecoa os memoriais espontâneos analisados por Haney et al., que afirmam que "memoriais espontâneos surgem como respostas coletivas ao trauma e à perda" (Haney et al., 1997, p. 45). O digital

amplia essa espontaneidade. Castells acrescenta que “a sociedade em rede é estruturada por fluxos de informação que moldam a vida social” (Castells, 1999, p. 18). Perfis memoriais participam dessa lógica de fluxos, tornando-se elementos permanentes da rede.

O patrimônio digital, segundo Dodebei, se caracteriza por regimes de fluxo e atualização contínua. Para a autora, “o digital instaura novas formas de patrimonialização baseadas na interação” (Dodebei, 2015, p. 142), o que descreve precisamente a dinâmica dos perfis póstumos.

Por fim, a compreensão museológica do Luto digital exige reconhecer que a tecnologia não é mero suporte, mas agente ativo. Latour defende que “não somos nós que fazemos a sociedade, mas associações de humanos e não-humanos” (Latour, 2020, p. 55). Perfis memoriais, portanto, são produtos de coletividades híbridas.

A incorporação de tecnologias como realidade virtual, aumentada e visitas *online* possibilitou experiências mais envolventes (Bowen, 1999), exigindo novas abordagens curatoriais e comunicacionais. Essa reconfiguração dos museus fortaleceu o diálogo com o público, dentro e fora do espaço físico, promovendo uma Museologia mais aberta, participativa e inovadora.

A proposta teórico-metodológica desta pesquisa ancora-se na Netnomuseologia, abordagem inspirada na Netnografia (Kozinets, 2000) e adaptada ao estudo de práticas museológicas digitais. Busca-se analisar o comportamento dos usuários em Museus virtuais, investigando como interagem, constroem Memórias e significados no ambiente online.

Autores como Scheiner (1998), ao definir o Museu como potência desvinculada de espaço e tempo, e Henriques (2004), ao propor o Museu virtual como espaço de mediação, reforçam a importância de compreender os museus como espaços em constante reconstrução. Monteiro (2007) destaca a fluidez do ciberespaço, enquanto Beiguelman (2004) cunha o termo “cíbrido” para descrever a coexistência entre os mundos online e offline. Magaldi (2010) alerta para o uso indiscriminado de termos como "Museu virtual", "webMuseu" e "ciberMuseu", propondo uma análise crítica dessas designações. Lima (2007, 2009) reforça essa discussão ao destacar que a digitalização de acervos não elimina a importância da mediação e da curadoria no processo museológico.

A mídia social, segundo Recuero (2019), atua como reflexo multifacetado da sociedade, tornando-se ferramenta essencial na construção de narrativas e discursos culturais. Deloche (2005) alerta que a cultura digital pode desafiar a autoridade da cultura museal tradicional, exigindo das instituições novas formas de legitimar o conhecimento.

A curadoria digital, conforme discutida por Ellis Gray e Coulton (2013), Giannini e Bowen (2019), e Cameron (2021), destaca-se como uma prática em expansão, que une

criação, Memória e Luto no ambiente virtual. André Lemos (2020) reforça que a internet, por permitir comunicação "de muitos para muitos", transforma-se em um ambiente propício para novas formas de engajamento museal.

As reflexões de Scheiner (2004) e Dodebei (2015) sobre a concepção contemporânea do tempo, marcado pela simultaneidade e pela presença contínua do virtual, são fundamentais para entender como a Memória se articula nas práticas museológicas digitais. A perspectiva de Maroevič (1986) sobre a musealidade também contribui ao destacar que o objeto museal continua sendo um documento cultural mesmo no ambiente virtual.

Durante o confinamento, os museus romperam com a imagem de espaços silenciosos e passaram a utilizar as mídias sociais como pontes ativas com o público (Chaves, 2020; Ramos, 2022), promovendo uma intensa “algazarra museal” em meio digital, como propõe Chaves. A curadoria digital passou a incorporar estratégias de preservação do patrimônio digital, desde interfaces amigáveis até bases de dados que armazenam acervos, conforme apontado por Rosenfeld e Morville (2015), Rocha (2014) e Santaella (2003). A Netnomuseologia, nesse cenário, surge como uma lente conceitual que permite investigar de forma integrada a dinâmica entre museus e o ciberespaço. Ao incorporar metodologias como a Netnografia e adotar referenciais que incluem autores como Bowen (1999), Kozinets (2000) e Scheiner (2021), esta pesquisa busca compreender como os museus reagiram à pandemia e à digitalização, transformando suas práticas, discursos e modos de relacionamento com a sociedade.

Em síntese, o referencial teórico aqui apresentado traça um panorama interdisciplinar robusto, unindo cibercultura, Museologia e Netnomuseologia. Destaca-se a importância da virtualidade, da mediação digital e da curadoria expandida como elementos centrais para a compreensão do Museu contemporâneo. Ao aliar teoria e prática, esta investigação buscou contribuir para a renovação crítica das práticas museológicas, ampliando a capacidade dos museus de dialogar com um público cada vez mais conectado, híbrido e ativo.

A formulação das **hipóteses** e das **questões** de pesquisa permitiu delimitar com clareza o fenômeno a ser analisado e orientar o percurso metodológico adotado. Diante do contexto de intensificação da vida social no ambiente digital durante a pandemia de COVID-19, emergiram novos modos de produção e circulação das Memórias coletivas, especialmente aquelas relacionadas às experiências de perda, sofrimento e homenagem pública. Esses processos configuram dinâmicas específicas do que aqui se denomina Luto digital, instaurando formas inéditas de continuidade simbólica pós-morte que se articulam diretamente com a Museologia do Luto e com a musealização das Memórias na virtualidade.

Nesse cenário, a hipótese central desta Tese afirma que os espaços musealizados na virtualidade - em suas múltiplas expressões institucionais, comunitárias e espontâneas - passaram a reconhecer no Instagram uma infraestrutura fundamental para a mediação e preservação de narrativas de Luto durante a pandemia. Essa hipótese considera que os perfis póstumos, sobretudo aqueles de figuras públicas, funcionam como verdadeiros lugares de Memória digitais, onde se articulam práticas curatoriais afetivas, interações sócio-emocionais, dinâmicas algorítmicas e mecanismos de visibilidade. Esses espaços, ao acolher expressões sensíveis de saudade e homenagem, ampliam o escopo da Museologia do Luto, projetando novas formas de construção narrativa e preservação simbólica que tensionam e, ao mesmo tempo, expandem o campo museal para além dos limites físicos tradicionais.

A construção dessa hipótese orientou a formulação das questões de pesquisa que estruturam metodologicamente o estudo. A primeira delas interroga como os espaços musealizados na virtualidade têm respondido à demanda social por locais de Memória e expressão do Luto em um contexto de restrição presencial e crise sanitária global. Tal questionamento permite investigar de que modo práticas emergentes, discursos institucionais e iniciativas espontâneas se articularam para atender às necessidades de elaboração simbólica da ausência durante a pandemia.

A segunda questão buscou compreender de que maneira o Instagram, enquanto plataforma moldada por algoritmos e dinâmicas de *performance* visual, vem sendo apropriado como lugar de Memória por meio dos perfis in memoriam. Essa perspectiva permitiu observar como usuários, comunidades e familiares constroem narrativas públicas de perda e resiliência emocional, transformando a experiência do Luto em um fenômeno também coletivo e mediado digitalmente.

A terceira questão de pesquisa dirigiu-se à análise da construção social do significado do Luto na contemporaneidade, examinando as interações, mensagens, homenagens e discursos que emergem nos espaços digitais. Indagou-se aqui como emoções, valores e representações são negociados na esfera pública digital e de que maneira tais práticas contribuem para redefinir a compreensão cultural da morte e da saudade em uma sociedade hiperconectada.

Por fim, a quarta questão interrogou em que medida as práticas de memorialização de figuras públicas falecidas no Instagram refletem, ampliam ou tensionam modalidades tradicionais de Memória no âmbito museológico e patrimonial. Essa problematização permitiu identificar paralelos e rupturas entre as formas consagradas de preservação cultural - como monumentos, memoriais e exposições - bem como os novos arranjos digitais que emergem no ciberespaço, pautados pela fluidez, pela participação coletiva e pela curadoria distribuída.

A definição conjunta dessas hipóteses e questões de pesquisa assegurou coerência ao percurso metodológico, permitindo que a investigação qualitativa aprofundada sobre perfis póstumos no Instagram se articulasse de maneira consistente com o referencial teórico e com os objetivos gerais e específicos da Tese. Ao delimitar o problema de pesquisa com rigor, foi possível dimensionar bases analíticas para compreender como a Museologia, ao dialogar com o ambiente digital, pode iluminar novos sentidos para a preservação da Memória, a mediação afetiva e a elaboração coletiva do Luto em tempos de crise e transformação social.

A **metodologia** adotada para o desenvolvimento da Tese fundamentou-se em uma abordagem qualitativa, orientada pelo interesse em compreender significados, práticas, sensibilidades e dinâmicas culturais emergentes no ambiente digital, especialmente no contexto da pandemia de COVID-19. Optou-se por um desenho metodológico que privilegiasse a profundidade interpretativa, a imersão no campo e a análise transversal de fenômenos sociais complexos, tal como propõe Minayo (1994) ao defender a natureza simbólica, subjetiva e intersubjetiva dos estudos qualitativos. Essa escolha se mostrou adequada diante do objetivo central da Tese: investigar processos de musealização da Memória e do Luto em plataformas digitais, especialmente por meio dos perfis in memoriam no Instagram.

O tipo de estudo pode ser caracterizado como exploratório e descritivo, uma vez que busca não apenas mapear práticas emergentes, mas também interpretar fenômenos sociais ainda pouco investigados pela Museologia contemporânea. O caráter exploratório justifica-se pela relativa novidade do objeto: a continuidade digital de perfis póstumos e sua compreensão como espaços museológicos simbólicos; já o caráter descritivo permite registrar, analisar e interpretar os modos pelos quais narrativas de Luto e Memória são construídas nas redes.

O objeto de estudo delimitou-se, portanto, na análise dos perfis *in memoriam* de figuras públicas falecidas, selecionados mediante critérios de relevância, visibilidade pública e engajamento nas redes sociais. Esses perfis constituem espaços digitais nos quais se materializam práticas de homenagem, afeto e recordação que, em sua totalidade, configuram formas de Cibermusealização. O fenômeno é compreendido como uma extensão do processo museológico para a virtualidade, no qual sujeitos, algoritmos e plataformas tornam-se coprodutores de narrativas memoriais.

A pergunta de pesquisa, voltada à compreensão de como o Instagram funciona como *locus* de Memória em tempos de crise sanitária e emocional, orientou o desenho metodológico, ao exigir estratégias capazes de captar as nuances afetivas, simbólicas e comunicacionais que circulam no ambiente digital. Do mesmo modo, a hipótese central - afirmando que os espaços musealizados *online* incorporam as redes sociais como

ferramentas essenciais de construção e preservação do Luto - exigiu a análise minuciosa de interações, conteúdos, práticas curatoriais espontâneas e dinâmicas de continuidade digital.

Em consonância com esse problema teórico-metodológico, foi adotada a netnografia como procedimento investigativo principal. Originada dos estudos etnográficos adaptados para a Internet, a netnografia, conforme sistematizada por Kozinets (2014), permite analisar comunidades digitais, práticas discursivas, formas de engajamento e modos de interação mediada. Essa abordagem oferece instrumentos analíticos adequados para explorar a forma como os usuários constroem significados coletivos em torno da ausência e da saudade no ambiente virtual. A netnografia foi aplicada de maneira não-participante, observando-se comportamentos, interações e conteúdos de forma sistemática, sem interferência nos fluxos comunicacionais do campo pesquisado. A observação se concentrou em publicações, comentários, imagens, textos de homenagem e padrões recorrentes de engajamento incluindo curtidas, compartilhamentos e reações afetivas que constituem material de análise indispensável para compreender processos memoriais digitalizados.

A escolha do Instagram como campo empírico baseou-se na natureza visual e afetiva da plataforma, que privilegia a construção de narrativas por meio de imagens, vídeos, textos curtos e símbolos gráficos como *emojis*. Essa centralidade da visualidade a torna um território privilegiado para investigar manifestações de Luto digital, uma vez que a dimensão imagética intensifica a relação emocional entre os sujeitos e o conteúdo compartilhado.

Quanto à população da pesquisa, optou-se por perfis póstumos de figuras públicas brasileiras e estrangeiras falecidas entre 2020 e 2022, cujas contas permaneceram ativas após sua morte. O critério temporal foi definido para garantir que os perfis analisados apresentassem narrativas relacionadas ao contexto pandêmico, período caracterizado pelo aumento expressivo de práticas de memorialização digital. A amostragem foi intencional e teórica, selecionando-se perfis que apresentassem grande volume de interações, estabilidade na manutenção da conta após a morte e presença significativa de comentários de usuários. Essa seleção permitiu analisar não apenas os conteúdos postados, mas os modos pelos quais as comunidades digitais resignificam a perda e constroem formas de continuidade simbólica.

Os instrumentos de coleta incluíram registros de tela, anotações de campo, transcrição de comentários, análise de *hashtags*, levantamento de datas de publicações e mapeamento de interações. Esses procedimentos foram guiados pelo rigor ético e pelo respeito à privacidade dos usuários, com supressão de informações pessoais sensíveis e análise apenas de conteúdos públicos.

O procedimento analítico seguiu uma lógica de codificação temática, inspirada em técnicas qualitativas de análise de conteúdo. As categorias foram emergentes, estruturadas a partir da recorrência de temas como saudade, homenagem, continuidade da presença, Memória coletiva, espiritualidade, solidariedade e narrativas afetivas de perda. Esse processo permitiu identificar padrões interpretativos e regularidades culturais no modo como o Luto circula e se materializa nas redes.

Além disso, incorporou-se ao método uma análise documental de políticas institucionais das plataformas, especialmente as diretrizes do Instagram para perfis comemorativos. Essa dimensão permitiu compreender como práticas memoriais são moldadas, reguladas ou estimuladas pelos sistemas algorítmicos e pelos dispositivos normativos das empresas de tecnologia.

A revisão bibliográfica constituiu outro eixo metodológico relevante, abrangendo estudos sobre Museologia do Luto, ciberMemória, redes sociais, cultura digital, processos de musealização e teorias da Memória. Esse *corpus* teórico serviu como base para interpretar os fenômenos observados e para propor uma articulação entre a Museologia e o campo dos estudos digitais contemporâneos.

A partir da triangulação entre netnografia, análise documental e revisão teórica, emergiu a proposta de Netnomuseologia, aqui entendida como um desdobramento metodológico que integra princípios da Museologia à investigação das práticas de Memória e curadoria afetiva em ambientes digitais. Essa abordagem nasce da percepção de que a experiência museológica na cibercultura assume novos contornos, exigindo ferramentas de análise sensíveis à fragmentação, à fluidez e à dinamicidade da vida online.

A Netnomuseologia funciona, portanto, como uma lente teórico-metodológica que permite examinar como perfis póstumos se configuram como micro-acervos digitais, nos quais conteúdos cotidianos, narrativas biográficas, homenagens e interações convergem na constituição de espaços museológicos distribuídos e coletivamente construídos.

O caráter inovador dessa metodologia reside justamente em sua capacidade de reconhecer que a musealização não se limita a instituições tradicionais, mas pode emergir de práticas sociais espontâneas. A virtualidade torna-se, assim, território fértil para processos de patrimonialização afetiva, nos quais o Luto é compartilhado, comentado e expandido comunitariamente.

Os procedimentos de análise buscaram identificar as camadas simbólicas presentes nesses espaços digitais, observando a forma como a ausência se converte em presença mediada, como Memórias individuais se transformam em coletivas e como comunidades digitais se constituem em torno de figuras públicas falecidas.

A metodologia também contemplou uma reflexão ética rigorosa, considerando que a pesquisa envolve conteúdos sensíveis relacionados à morte. Todas as análises foram conduzidas respeitando a privacidade dos usuários e os limites éticos da observação não intrusiva em ambientes públicos digitais.

A triangulação metodológica garantiu robustez analítica ao estudo, permitindo integrar diferentes dimensões do fenômeno: o comportamento dos usuários, a materialidade digital das postagens, a estrutura algorítmica das plataformas e o contexto cultural mais amplo da pandemia. Essa combinação oferece uma compreensão mais abrangente da musealização do Luto no ambiente virtual.

Ao articular fundamentos museológicos, práticas digitais e teorias da Memória, a metodologia desenvolvida nesta Tese reafirma sua intenção de contribuir para a consolidação de um âmbito emergente, sensível e necessário: o estudo das dinâmicas memoriais na virtualidade contemporânea. A Netnomuseologia surge, assim, não apenas como ferramenta metodológica, mas como proposta conceitual para ampliar os horizontes da Museologia frente aos desafios e possibilidades do mundo digital.

Essa abordagem sustenta a análise de que perfis *in memoriam* no Instagram operam como espaços museais simbólicos, oferecendo à sociedade dispositivos de acolhimento, reflexão e continuidade afetiva, em tempos de perda. A metodologia aqui descrita permitiu capturar nuances desse fenômeno, preservando seu caráter sensível e sua complexidade social, cultural e tecnológica.

A investigação dialoga com uma perspectiva ampliada dos estudos do Luto e da Memória digital, considerando que o Museu se transforma continuamente à medida que novas tecnologias reconfiguram as práticas sociais. Como observa Sturken (1997, p. 15), “a Memória cultural é moldada por sistemas de significado que ultrapassam a materialidade dos artefatos”, indicando a pertinência de investigar as expressões digitais do Luto. Essa compreensão permite situar os perfis memoriais do Instagram como artefatos simbólicos que condensam narrativas afetivas em circulação contínua. Ao reconhecer que “a Memória é sempre um campo contestado” (Sturken, 1997, p. 9), problematiza-se a tensão entre esquecimento e preservação no ambiente digital. A Museologia do Luto, nessa chave, aproxima-se de uma análise cultural das emoções e das visualidades digitais - numa abordagem que oferece subsídios teóricos fundamentais para compreender como comunidades constroem significados em ambientes de redes.

O caráter fluido da Memória digital é reforçado pela noção de midiatização cotidiana, conforme argumenta Sonia Livingstone (2009). A autora afirma que “a vida social deslocou-se para plataformas mediadas, onde relações e afetos passam a ser performados digitalmente” (Livingstone, 2009, p. 12). Essa transformação altera profundamente as práticas memoriais e os modos de engajamento dos usuários nas redes

sociais. Os perfis *in memoriam* se inserem nesse cenário como espaços nos quais a saudade é atualizada por interações contínuas. Eles funcionam como extensões afetivas dos vínculos sociais, operando como lugares simbólicos de reconexão emocional. A dinâmica dessas plataformas torna o Luto um fenômeno simultaneamente pessoal e público.

No campo da comunicação digital, José van Dijck (2013) acrescenta que “as plataformas moldam o comportamento e a Memória por meio de arquiteturas de participação” (p. 28). Essa arquitetura influencia diretamente a forma como perfis memoriais são vistos, compartilhados e reativados. O Instagram, com sua ênfase na visualidade, torna-se um dispositivo privilegiado para a ritualização do Luto digital. As imagens tornam-se operadores de afeto e Memória, ativados por comentários, curtidas e partilhas. Ao mesmo tempo, os algoritmos da plataforma determinam a visibilidade desses conteúdos. Assim, o Luto digital é parcialmente condicionado por mecanismos técnico-sociais que escapam ao controle humano.

A memorialização espontânea, que caracteriza a primeira tipologia observada na pesquisa, pode ser compreendida à luz das reflexões de Sturken (2007) sobre Memórias compartilhadas. Segundo a autora, “as Memórias coletivas emergem de práticas afetivas que se sedimentam na cultura” (Sturken, 2007, p. 22). No ambiente digital, essa sedimentação ocorre de forma veloz, colaborativa e desmaterializada. Perfis de figuras públicas falecidas tornam-se centros de peregrinação emocional, revelando redes de afeto que se articulam através das plataformas. Esses gestos coletivos configuram um tipo de acervo imaterial plural e polifônico. A espontaneidade da participação revela a potência da Memória como prática social viva.

A segunda categoria, referente à memorialização institucionalizada, aproxima-se dos estudos de Paul Connerton (1989), para quem “as práticas de Memória são sustentadas por rituais socialmente organizados” (p. 41). Ao transportar essa lógica para o ambiente digital, observa-se que instituições culturais também produzem formas de ritualização que atualizam a Memória coletiva. Museus e arquivos, ao criarem campanhas *online* ou exposições virtuais sobre personas falecidas, participam da construção simbólica do Luto. Essas iniciativas reforçam a legitimidade dos perfis memoriais enquanto documentos culturais. A gestão institucional do Luto digital acrescenta camadas interpretativas à narrativa afetiva coletiva. Assim, os museus ocupam papel mediador na experiência de lembrança digital.

A natureza híbrida, terceira categoria da Museologia do Luto digital, encontra eco nas reflexões de Joanne Garde-Hansen (2011, p. 67), para quem “a Memória digital depende de redes sociotécnicas que articulam humanos, plataformas e dispositivos”. Essa articulação gera formas mistas de comemoração e homenagem, nas quais instituições e

usuários coconstroem narrativas de Luto. A hibridez evidencia a interdependência entre práticas curatoriais e apropriações populares. Os perfis se transformam conforme novos comentários, repostagens e homenagens são adicionados. Assim, criam-se monumentos digitais continuamente reatualizados pela participação pública. A Memória torna-se um processo de coautoria expandida.

A netnografia foi empregada como método central para compreender essas dinâmicas, apoiando-se na formulação de Kozinets, que define: “netnografia é uma adaptação da etnografia ao estudo de culturas e comunidades online” (Kozinets, 2010, p. 2). A investigação dos perfis memoriais exigiu observação prolongada, registro sistemático e análise interpretativa das práticas digitais, permitindo explorar não apenas conteúdos, mas principalmente relações afetivas e narrativas emergentes. A netnografia favorece a compreensão das emoções compartilhadas e das práticas de solidariedade digital, adaptando-se plenamente aos objetivos da Museologia do Luto na esfera virtual.

O ambiente analisado evidencia aquilo que Sherry Turkle chama de “presença ausente”, quando afirma que “a tecnologia permite estar conectado de maneiras tais que transformam a experiência da ausência” (Turkle, 2011, p. 16). Essa noção ilumina o modo como perfis *in memoriam* continuam a ser visitados, comentados e atualizados após a morte. A presença simbólica do indivíduo se mantém através das interações de seus seguidores. Os perfis tornam-se espaços onde a ausência é continuamente elaborada. A Memória digital é, portanto, uma presença sustentada por vínculos afetivos. Essa dinâmica é essencial para compreender o fenômeno do Luto *online*.

Os símbolos presentes nos perfis memoriais podem ser compreendidos à luz de Roland Barthes (1980), que afirma: “a fotografia é um testemunho que certifica aquilo que já não é” (p. 87). A visualidade do Instagram intensifica essa percepção, pois a imagem se converte em relicário digital. Fotografias, vídeos e *stories* fixados tornam-se artefatos emocionais que sustentam a presença simbólica do falecido. Esses elementos são constantemente reinterpretados pelos seguidores. O perfil *in memoriam* assume a função de um álbum coletivo. A fotografia torna-se, assim, um operador fundamental do Luto digital.

A permanência desses perfis também se relaciona às configurações sócio-emocionais descritas por Zygmunt Bauman (2007), para quem “a modernidade líquida produz vínculos frágeis, mas intensos” (p. 44). O Luto digital expressa justamente essa ambivalência: relações que nem sempre existiram no plano presencial, mas que se tornam significativas no espaço simbólico das redes. Seguidores de figuras públicas manifestam emoções profundas, mesmo sem contato direto com o falecido. Essa afetividade mediada é característica das relações contemporâneas. O Instagram catalisa emoções em formato visual e performático. Assim, estabelece novas formas de pertencimento comunitário.

A análise das interações nos perfis memoriais permitiu observar dinâmicas que dialogam com as reflexões de Margaret Gibson (2007). A autora afirma que “a morte, na cultura digital, torna-se um evento público e continuamente acessível” (p. 93). Essa publicização modifica o modo como o Luto é compartilhado e experimentado. Comentários de apoio, *emojis,* manifestações coletivas e homenagens repetidas tornam-se práticas de cuidado emocional. A morte deixa de ser exclusivamente um assunto íntimo. Ela passa a ser elaborada por meio de performances públicas de afeto. Esse fenômeno amplia o alcance social do Luto.

A circulação dessas práticas memoriais remete às reflexões de Daniel Miller (2011), que argumenta: “as redes sociais são espaços onde as pessoas constroem e projetam versões de si mesmas” (p. 54). Nos perfis memoriais, essa construção é contínua e retroativa. O falecido permanece simbolicamente ativo através das publicações revisitadas. Seguidores atualizam as narrativas ao comentar fotos antigas, compartilhar lembranças ou marcar aniversários póstumos. O perfil torna-se uma biografia coletiva em constante reinvenção. Assim, reafirma-se a continuidade identitária na esfera digital.

A lógica algorítmica do Instagram, por sua vez, conecta-se às reflexões de Safiya Noble (2018). Segundo a autora, “os algoritmos não são neutros; eles moldam aquilo que vemos e sentimos” (Noble, 2018, p. 10). Perfis memoriais podem ganhar visibilidade ou desaparecer conforme regras algorítmicas opacas. A permanência da Memória, portanto, é parcialmente condicionada por decisões técnicas da plataforma. Isso afeta diretamente o modo como narrativas de Luto são preservadas ou silenciadas. A análise desses mecanismos permite compreender o caráter híbrido do Luto digital. Assim, evidencia-se também a tensão entre Memória social e interesses corporativos.

A abordagem aqui adotada também dialoga com as reflexões de José Bragança de Miranda (2010), que afirma: “a tecnologia redefine os regimes de visibilidade e as formas de experiência humana” (p. 72). A memorialização digital emerge como uma forma de experiência estética e emocional que reorganiza os sentidos do Luto. A visibilidade do falecido é reconfigurada pela circulação constante de imagens e comentários. O dispositivo tecnológico opera como mediador da presença simbólica. A experiência do Luto passa a ser vivida de modo expandido. Essa expansão caracteriza a musealidade intrínseca dos perfis memoriais.

A interpretação desses fenômenos também foi orientada pela contribuição de Jenny Edkins (2003). A autora argumenta que “a Memória pública é sempre um campo de disputa política e afetiva” (p. 45). Os perfis memoriais no Instagram também se tornam arenas de negociação simbólica. Seguidores, familiares e instituições disputam os sentidos atribuídos ao falecido. Comentários contraditórios, defesas emocionais e

reconstruções identitárias ocorrem nesses espaços. O Luto digital, portanto, não é homogêneo. Ele reflete as múltiplas tensões da Memória social contemporânea.

No âmbito da teoria da cultura visual, Nicholas Mirzoeff (2011) afirma que “a visualidade é um sistema que organiza como vemos e como somos vistos” (p. 32). Perfis memoriais operam dentro desse sistema, produzindo novas formas de visibilidade póstuma. A imagem se torna o principal veículo de permanência simbólica. Ela articula afetos e convoca interações públicas. A visualidade digital intensifica a relação entre Memória e imagem. Assim, o Instagram constitui um cenário privilegiado para compreender o Luto visual contemporâneo.

As práticas observadas também dialogam com a noção de “arquivo vivo”, proposta por Sarah Pink (2016), quando afirma: “os dados digitais são continuamente transformados pelas relações sociais que os circundam” (p. 19). Os perfis analisados constituem arquivos em constante mutação. Comentários acrescentados diariamente modificam o sentido das postagens antigas. O arquivo, portanto, não é estático. Ele é afetado por ritmos emocionais, eventos externos e aniversários póstumos. Essa dinamicidade é central para a compreensão da Cibermuseologia.

À luz dos estudos de Arjun Appadurai (1996), pode-se afirmar que “o social é composto por fluxos que conectam pessoas e objetos para além das fronteiras físicas” (p. 33). Os perfis memoriais são parte desses fluxos globais. Seguidores de diferentes países acessam, comentam e compartilham homenagens. O Luto torna-se transnacional e descentralizado. Essa globalização afetiva redefine a experiência do pertencimento emocional. Assim, surgem comunidades de Luto conectadas por afinidades simbólicas.

O entendimento das práticas de homenagem também se aproxima das ideias de Deborah Lupton (2015), que afirma: “a cultura digital é inseparável das emoções que circulam nas plataformas” (p. 84). Os *emojis* de flores, velas e corações funcionam como marcadores emocionais padronizados: constituem parte da gramática afetiva do Luto digital. Os usuários interagem por meio de gestos mínimos, mas de forte impacto simbólico, que sustentam a continuidade da presença póstuma. Assim, a afetividade digital torna-se um eixo central para compreender o fenômeno.

A observação sistemática dos perfis memoriais também se apoiou nas reflexões de Anthony Giddens (1991), para quem “a modernidade tardia reorganiza profundamente as experiências de intimidade” (p. 39). O Luto, nesse sentido, passou a ser vivido de formas públicas e mediadas. A intimidade da perda é reconfigurada pela participação coletiva. Seguidores expõem suas emoções diante de desconhecidos. Essa abertura emocional redefine os modos de expressar dor e solidariedade. O Instagram torna-se um espaço de intimidade pública. O fenômeno da permanência digital remete ainda às análises de Erika Pearson (2009). A autora observa que “os rastros digitais continuam a

existir para além da vida física" (p. 2). Perfis memoriais confirmam essa continuidade. Eles se tornam arquivos emocionais acessíveis indefinidamente. A presença póstuma é sustentada pela interação dos vivos. A temporalidade linear do Luto é substituída por uma temporalidade expandida. Dessa forma, Memória e tecnologia se entrelaçam.

No campo dos estudos do trauma, Cathy Caruth (1996) observa que "o testemunho é sempre uma tentativa de reinscrever o que foi perdido" (p. 7). Os comentários nos perfis memoriais podem ser compreendidos como testemunhos fragmentados. Cada usuário reinscreve sua própria experiência de perda. Mesmo quando não conheciam pessoalmente o falecido, utilizam o perfil para expressar seus afetos. O memorial digital torna-se um espaço terapêutico coletivo. Assim, o trauma é compartilhado e ressignificado.

A produção de narrativas individuais e coletivas nesses ambientes encontra respaldo nas reflexões de Svetlana Boym (2001), que afirma: "a nostalgia é uma forma de reconstrução afetiva do passado" (p. 49). Nos perfis memoriais, a nostalgia é continuamente atualizada por lembranças, visuais e escritas. Fotografias antigas são recontextualizadas pelos seguidores. O passado é reconstruído a partir das performances emocionais do presente. Essa reconstrução reforça a presença simbólica do falecido. Assim, nostalgia e Luto digital se entrelaçam.

Além disso, a proposta da Netnomuseologia busca ampliar o escopo da Museologia aplicada ao meio virtual, abordando questões como a curadoria de acervos digitais, a produção de narrativas sensíveis no ambiente online, o uso das redes sociais como interfaces museológicas e a promoção de experiências interativas e afetivas com os públicos virtuais. A pesquisa buscou, assim, construir parâmetros teóricos e práticos que orientem ações museológicas eficazes e éticas no ciberespaço, especialmente em contextos de crise, como a pandemia, nos quais a função social do Museu ganha contornos ainda mais urgentes.

Autores como Scheiner (2021) e André Lemos (2021) reforçam a importância de repensar os museus como espaços fronteiriços, híbridos, atravessados por mitos, tecnologias e afetos. Lemos, ao discutir os agenciamentos sociotécnicos provocados pela pandemia, evidencia que a tecnologia não é apenas uma ferramenta externa, mas sim uma extensão da própria experiência humana. Nesse cenário, a Netnomuseologia surge como uma resposta epistemológica e metodológica às transformações profundas da experiência museológica na era digital.

Por fim, a revisão bibliográfica inclui autores que discutem a relação entre museus, trauma, Memória e Luto (Candau, Lowenthal, Nora), bem como os que investigam o impacto da COVID-19 nas instituições culturais. Essa base permitiu contextualizar as análises empíricas, oferecendo suporte teórico para o desenvolvimento da Netnomuseologia como campo emergente, com potencial para orientar futuras pesquisas

e práticas museológicas em tempos de virtualização crescente e reconfiguração das formas de recordar, homenagear e resistir ao esquecimento.

A análise qualitativa dos dados buscou identificar padrões narrativos, estratégias de curadoria digital e formas de participação pública na construção simbólica do Luto coletivo. Particular atenção foi dada à maneira como esses perfis funcionam como “espaços museológicos” informais e emergentes, onde imagens, vídeos, depoimentos e homenagens são organizados, compartilhados e reinterpretados pelos públicos em rede. A noção de cibermusealização será fundamental para compreender como a materialidade simbólica desses perfis é convertida em dispositivos de Memória coletiva, com potencial curatorial, educativo e emocional.

Com base nesse percurso metodológico, a pesquisa propõe e fundamenta o conceito de Netnomuseologia, entendido como um novo âmbito teórico-prático que articula os princípios da netnografia com os fundamentos da Museologia, especialmente no que tange à Memória, à mediação e ao Luto no ambiente digital. A Netnomuseologia visa, assim, oferecer instrumentos conceituais e operacionais para analisar e orientar práticas de memorialização online, reconhecendo os perfis póstumos como formas contemporâneas de museus digitais afetivos e colaborativos.

Entre os objetivos centrais da Netnomuseologia está a formulação de diretrizes para a curadoria e comunicação digital em perfis póstumos, considerando os desafios éticos, emocionais e culturais envolvidos na exposição da Memória de pessoas falecidas. Outro foco é a promoção de experiências digitais imersivas e emocionalmente significativas, capazes de articular narrativas de Luto, identidade e Memória de maneira sensível e participativa. A construção de narrativas digitais que abordem temas complexos tais como morte, dor, saudade e coletividade foi também analisada, como prática de Museologia expandida no ciberespaço.

O estudo de caso que orientou a aplicação empírica da Netnomuseologia envolve os perfis anteriormente mencionados, os quais foram examinados sob quatro eixos principais: curadoria e exposição digital, interação e engajamento, inovação e adaptação, e Memória coletiva digitalizada.

O primeiro eixo analisa como a curadoria digital transforma materiais cotidianos - fotos, vídeos, depoimentos - em objetos museológicos simbólicos, orientados pela lógica da cibermusealização. A curadoria é aqui compreendida como um ato de mediação do Luto, em que os conteúdos são organizados de forma a evocar, preservar e transmitir a Memória do falecido. O segundo eixo, voltado para a interação e engajamento, investiga as formas de participação do público nesses espaços, entendendo o papel das redes sociais na construção de comunidades de afeto e no compartilhamento coletivo da dor. A Museologia do Luto, neste sentido, fornece o arcabouço conceitual para compreender

como o sofrimento é representado, ressignificado e coletivamente vivido no ambiente digital. O terceiro eixo aborda práticas de inovação e adaptação, como o uso de *lives* comemorativas, postagens colaborativas e narrativas transmidiais, que mantêm os perfis ativos e ressonantes mesmo após a morte do titular, atualizando constantemente a experiência do Luto. Por fim, o quarto eixo trata da Memória coletiva como processo emergente nos perfis póstumos digitalizados. A cibermusealização desses espaços é analisada como prática que transcende a biografia individual, promovendo uma Memória afetiva compartilhada, na qual o Luto se torna público, interativo e perenizado pelas redes. A pesquisa demonstracomo os perfis póstumos não apenas preservam Memórias, mas também instauram novos rituais sociais de recordação, promovendo reflexões profundas sobre a morte, o tempo, a identidade e a presença digital pós-vida.

Neste contexto, a netnografia aplicada à Netnomuseologia revela-se como uma metodologia sensível e potente para compreender os modos contemporâneos de elaborar e ritualizar a morte no ciberespaço, oferecendo contribuições relevantes para os estudos da Memória, da cultura digital e da Museologia em suas formas emergentes.

Ao término desta investigação, espera-se não apenas sistematizar e documentar as transformações ocorridas nos perfis digitais póstumos a partir do marco temporal da pandemia de COVID-19, mas, sobretudo, oferecer contribuições teóricas e práticas significativas para o campo da Museologia contemporânea, com especial ênfase na formulação de uma abordagem inédita de cibermusealização do Luto. Esta perspectiva propõe um deslocamento paradigmático, no qual os espaços digitais ocupam o lugar de museus emergentes, moldando novas práticas de Memória, mediação e elaboração coletiva da perda.

A cibermusealização do Luto, conforme delineada nesta pesquisa, não se limita à adaptação das práticas museológicas ao ambiente digital, mas propõe a constituição de uma nova ferramenta epistemológica - a Netnomuseologia - que integra os fundamentos da Netnografia, da Museologia crítica e da cultura digital. Tal abordagem possibilita a compreensão de como as experiências de Luto são socialmente construídas, representadas e compartilhadas nas redes, desafiando as categorias tradicionais de acervo, exposição e curadoria. Trata-se, portanto, de um esforço em ampliar os horizontes da prática museológica para além das paredes institucionais dos museus, incorporando manifestações afetivas, narrativas espontâneas e práticas sociais de memorialização que emergem organicamente nos perfis póstumos e demais espaços digitais de homenagem. É importante ressaltar que a Netnomuseologia não constitui um campo autônomo de investigação dentro das ciências museológicas. Trata-se, antes, de um âmbito teórico e metodológico - uma ferramenta de análise e interpretação voltada à compreensão de como os museus e práticas museológicas se configuram na virtualidade. Sua natureza é,

portanto, instrumental e epistemológica, pois opera como um dispositivo conceitual que articula a netnografia aos fundamentos teóricos da Museologia, possibilitando a leitura crítica das dinâmicas digitais de musealização, mediação e Memória. Nessa perspectiva, a Netnomuseologia deve ser entendida como um modo de abordagem dentro do próprio campo museal, e não como uma disciplina ou subcampo independente, pois é a Museologia - enquanto campo científico - que lhe oferece os fundamentos ontológicos e conceituais que legitimam suas aplicações no contexto da cibercultura.

Nesse sentido, a reflexão proposta por Scheiner (2020) em seu prólogo *"Museologia, patrimônio e narrativas do real. O que dizem, hoje, os Museus?"* oferece uma base teórica valiosa para a compreensão do Museu como um fenômeno sociocultural em constante transformação. Ao interrogar o papel atual dos museus e sua capacidade de dialogar com narrativas contemporâneas, a autora convida a uma análise crítica dos museus como dispositivos dinâmicos de significação, capazes de incorporar novas linguagens, afetos e demandas sociais. Scheiner destaca que o Museu, mais do que um espaço físico de preservação e exposição de objetos, constitui um fenômeno expandido, que articula dimensões simbólicas, patrimoniais, comunicacionais e tecnológicas. Sua leitura atenta à interface entre Museologia e Patrimoniologia amplia o escopo da análise museológica e legitima a emergência de práticas não institucionais e descentralizadas de produção de Memória - como aquelas observadas nos perfis póstumos analisados nesta pesquisa. A noção de Museu como fenômeno permite compreender como tais espaços digitais operam como verdadeiras instâncias museais, nas quais o Luto é elaborado, partilhado e ritualizado coletivamente.

No contexto específico da pandemia de COVID-19, esse fenômeno adquire contornos ainda mais complexos e relevantes. A crise sanitária global não apenas intensificou os processos de morte e Luto em escala coletiva, como também forçou uma aceleração na virtualização das práticas memorialísticas. Nesse novo cenário, os museus, compreendidos em sua dimensão ampliada, passaram a incorporar experiências contemporâneas de sofrimento, Memória e esperança, configurando o que pode ser chamado de Museologia do Luto Digital. A perspectiva fenomenológica proposta por Scheiner mostra-se, assim, especialmente potente para interpretar essa reconfiguração do Museu como espaço de acolhimento simbólico, de mediação do trauma e de construção compartilhada do sentido da perda.

A virtualização dos museus, entendida como um processo de expansão e ressignificação dos seus dispositivos tradicionais, proporcionou novas possibilidades para a Museologia do Luto, permitindo a construção de narrativas públicas sobre a morte, o sofrimento e a saudade em uma escala antes inimaginável. Perfis digitais de figuras públicas falecidas transformaram-se em verdadeiros lugares de Memória (Nora, 1984),

nos quais o engajamento emocional dos usuários atua como elemento constitutivo da experiência museológica. A cibermusealização do Luto, nesse contexto, não apenas preserva a Memória dos indivíduos, mas articula uma Memória coletiva e emocionalmente engajada, refletindo as transformações sociais e tecnológicas do nosso tempo.

Portanto, ao propor uma leitura dos perfis póstumos enquanto fenômenos museológicos digitais, esta pesquisa não apenas inova metodologicamente por meio da aplicação da netnografia ao campo da Museologia, mas também contribui teoricamente para reformular os contornos da prática museológica contemporânea. A Netnomuseologia aqui apresentada emerge como uma ferramenta analítica e interpretativa que permite compreender os novos modos de existir do Museu na contemporaneidade - modos esses que não ignoram a dor, mas a acolhem, traduzem e transformam em Memória viva, compartilhada e em permanente construção no espaço digital.

O diálogo entre a Museologia e o Luto possibilita refletir sobre a construção de narrativas inclusivas e a participação ativa do público no processo de cura e preservação da Memória. Essas referências abordam desde os desafios práticos enfrentados pelos museus durante a pandemia até conceitos fundamentais de Museologia e a função das tecnologias digitais. Essa diversidade de fontes viabiliza uma base sólida para a compreensão da relação entre museus, pandemia e virtualidade. A triangulação de métodos fortalece a validade e confiabilidade dos resultados. Busca-se investigar “um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes” (Yin, 2010, p. 39). Ao longo da revisão bibliográfica, a pesquisa concentrou-se inicialmente nas distinções e nas interseções entre as noções de Cibermuseologia, Netnografia e a emergente abordagem da Netnomuseologia. Este processo visou compreender as bases teóricas que sustentam esses conceitos, destacando suas contribuições para a análise das práticas museais no contexto digital. Ao explorar as nuances da cibercultura, as transformações enfrentadas pela Museologia diante das novas tecnologias e as implicações da netnografia na análise de comportamentos e interações online, a pesquisa aprofundou-se na forma como essas abordagens se entrelaçam e se aplicam ao estudo dos museus digitais. Na tessitura invisível do digital, a memória deixa de ser vestígio e passa a ser fluxo, insistindo em existir mesmo quando tudo ao redor aponta para o esquecimento.

Por outro lado, a dinâmica do processo de investigação é "horizontal", envolvendo fases como a definição do objeto de pesquisa, observação, descrição e interpretação. Esta interação cria uma rede de articulações, sendo "vertical" quando estruturada como um discurso científico (em sua forma mais organizacional) e "horizontal" quando aplicada como prática científica (no processo investigativo dinâmico). Essa dualidade, de um lado

estruturada e do outro, mais fluida, reflete a complexidade do ambiente digital e suas constantes transformações, exigindo metodologias flexíveis e adaptáveis.

A Netnografia, uma técnica metodológica essencial no campo da pesquisa social *online*, destaca-se nesse contexto ao permitir uma análise aprofundada das interações em comunidades virtuais. Ao investigar as raízes dessa abordagem e suas aplicações na compreensão das dinâmicas sociais no ciberespaço, é possível entender como a Netnografia esclarece comportamentos e interações dos usuários em ambientes museais virtuais. Nesse contexto, a Netnomuseologia surge como uma extensão inovadora, integrando as bases da Cibermuseologia com a metodologia da Netnografia, com o objetivo de analisar as práticas museais online e as especificidades do ciberespaço.

Ao combinar essas metodologias, buscou-se oferecer uma análise abrangente e aprofundada da Netnomuseologia, promovendo um avanço na compreensão da interseção entre cibercultura, Museologia digital e as dinâmicas sociais no ambiente virtual. Essa integração possibilita uma reflexão crítica e uma compreensão holística das novas formas de musealização que emergem nesse contexto digital.

Importante ressaltar a necessidade de atualização constante das referências teóricas, dada a rapidez com que as tecnologias digitais evoluem. Esse dinamismo exige um acompanhamento contínuo para garantir que as análises permaneçam relevantes, atualizadas e conectadas às transformações que ocorrem no ambiente digital.

A análise das redes sociais no ciberespaço representa uma abordagem fundamental para compreender as complexas dinâmicas e interações dos atores sociais na era digital. Esta prática não se limita à investigação técnica das interações, mas também explora uma "metáfora estrutural", revelando padrões de conexões que permeiam os grupos sociais online. A abordagem de rede permite uma análise mais profunda sobre a criação, a dinâmica e as funções das estruturas sociais virtuais, identificando tendências, influências e interdependências dentro dessas redes. Assim, a pesquisa se propõe a não apenas estudar os museus digitais e suas interações, mas também a entender como as redes sociais digitais se configuram como espaços de Memória, expressão e construção de identidade no ciberespaço.

Estrutura da Tese

A presente Tese estrutura-se a partir da necessidade de compreender como os museus, enquanto agentes de Memória e instrumentos simbólicos da cultura, enfrentam e respondem a transformações sociais profundas, especialmente em contextos marcados por eventos traumáticos de grande escala. Nesse cenário, propôs-se uma abordagem articulando a Museologia do Luto à ascensão das plataformas digitais como espaços de

significação e Memória coletiva, com ênfase na influência das redes sociais na constituição de novos territórios museológicos.

A **Introdução** delineia esse pano de fundo contemporâneo, destacando a relevância de se pensar o Luto, a Memória e a patrimonialização de afetos como fenômenos que extrapolam os limites físicos dos museus tradicionais e se inscrevem em uma nova ecologia comunicacional e memorial.

No **Capítulo I**, é realizada uma análise da trajetória da Museologia no contexto da Era Digital, com foco na integração progressiva das tecnologias da informação e comunicação às práticas museológicas. Discute-se como a inserção histórica da tecnologia nos museus reconfigura conceitos fundamentais do campo, tais como curadoria, mediação, acervo e público. Ao explorar os fundamentos teóricos da Museologia - especialmente aqueles vinculados à sua dimensão crítica e participativa -, busca-se compreender as inovações e os desafios impostos pelas mudanças digitais, mapeando as principais tendências que atravessam o fazer museológico na contemporaneidade. O primeiro capítulo destaca de que modo as inovações tecnológicas remodelaram as práticas museológicas nas últimas décadas. Analisa-se a integração histórica entre Museologia e tecnologia, com atenção às transformações advindas da virtualização de acervos, da digitalização de conteúdos e da incorporação de interações mediadas pelas plataformas digitais. São discutidos os principais conceitos derivados da Museologia Digital, bem como as tendências e os desafios enfrentados por instituições museais que se veem compelidas a adaptar suas linguagens, narrativas e estratégias de mediação às exigências da cultura digital.

O **segundo capítulo** desenvolve a concepção da virtualidade como um novo espaço museológico, analisando a emergência dos museus virtuais enquanto representações autônomas ou extensões digitais de museus físicos. A reflexão abarca casos concretos de experiências museológicas integralmente digitais, explorando suas características distintivas, linguagens expositivas, estratégias interativas e as tensões entre materialidade e imaterialidade na construção de narrativas. Discute-se, assim, a consolidação da virtualidade como um território legítimo de produção de Memória, identidade e pertencimento.

O **terceiro capítulo** é dedicado à Museologia do Luto em tempos de pandemia, centrando-se no papel das redes sociais, em especial o Instagram, como dispositivos museológicos contemporâneos. Analisa-se a transformação dos perfis póstumos de figuras públicas falecidas durante a pandemia, compreendendo-os como práticas espontâneas e participativas de cibermusealização do Luto. Tais perfis funcionam como memoriais digitais, configurando-se como espaços híbridos em que se entrecruzam narrativas pessoais, coletivas, midiáticas e afetivas. O capítulo aborda os desafios da

curadoria digital do Luto, a construção de narrativas afetivas nas plataformas e o papel das interações (curtidas, comentários, partilhas) como formas de participação ativa na elaboração da Memória pública e emocional.

O **quarto capítulo** introduz o conceito de Netnomuseologia, formulado nesta pesquisa como uma perspectiva teórico-prática inovadora. que integra os métodos da Netnografia às práticas museológicas em ambientes digitais.

Por fim, as **Considerações Finais** apontam para a necessidade urgente de os museus – entendidos em sua acepção expandida e fenomenológica – se adaptarem aos desafios da cultura digital, assumindo novos papéis como agentes ativos na produção de significados, no acolhimento do sofrimento social e na construção de espaços de Memória no ambiente virtual. A pesquisa revela que o Luto, enquanto experiência coletiva e compartilhada, está sendo cada vez mais cibermusealizado por meio de práticas não institucionais, exigindo da Museologia contemporânea uma escuta sensível e uma reformulação epistemológica que reconheça o potencial dos espaços digitais como arenas legítimas de mediação, afeto e construção da Memória social.

Ao longo da Tese, delineia-se também o esboço de uma possível Cibermuseologia do Luto, conceito que emerge da interseção entre Museologia digital, Netnomuseologia e práticas sociais de Luto em rede. Essa Cibermuseologia se propõe a reconhecer a legitimidade dos espaços não institucionais de Memória, como redes sociais, perfis póstumos e memoriais colaborativos, como formas emergentes de musealização e construção de patrimônio imaterial.

CAPÍTULO 1

MUSEOLOGIA NA ERA DIGITAL: CONCEITOS E TENDÊNCIAS ATUAIS

Luto, Museologia e Espaços de Memória na Sociedade Virtual

O Luto, entendido como um processo psicológico, social e cultural diante da perda, tem sido amplamente ressignificado no contexto contemporâneo, especialmente diante das novas formas de memorialização oferecidas pelos meios digitais. A Museologia, enquanto campo responsável pela mediação da Memória e da cultura, assume um papel crucial na elaboração simbólica do Luto, atuando não apenas na preservação de objetos e narrativas, mas também na construção de sentidos coletivos diante da morte.

Segundo Assmann (2011), a Memória cultural é o mecanismo pelo qual as sociedades mantêm viva a lembrança de eventos significativos, sendo constantemente atualizada por meio de instituições como os museus. Nesse sentido, os espaços museológicos assumem uma função ritualística, oferecendo suporte à elaboração do Luto coletivo e contribuindo para a construção de identidades sociais a partir da dor da perda.

Com o advento da pandemia de COVID-19, o Luto coletivo assumiu proporções inéditas e escancarou a fragilidade dos rituais presenciais tradicionais. Diante da impossibilidade dos funerais, velórios e despedidas físicas, a sociedade buscou novas formas de simbolizar a morte e preservar a Memória dos mortos. Foi nesse cenário que os espaços de Memória digital ganharam centralidade, revelando um novo campo de atuação para a Museologia no ambiente virtual. O luto, quando atravessa a virtualidade, não se dissolve: ele se reorganiza em linguagem, em gesto e em presença simbólica que persiste na ausência.

De acordo com Hall (2005), a Memória não é apenas uma herança do passado, mas um processo ativo de construção identitária. Assim, os memoriais virtuais se apresentam como ferramentas capazes de transformar o Luto privado em Memória pública, acolhendo múltiplas vozes e narrativas que, tradicionalmente, não teriam lugar nos espaços museológicos físicos. O projeto brasileiro "Inumeráveis", por exemplo, surgiu como uma resposta à crise de Luto coletivo provocada pela pandemia, oferecendo uma plataforma online para contar as histórias das vítimas da COVID-19 e humanizar os números estatísticos (Marques, 2021). Nessa perspectiva, o memorial virtual opera como uma extensão simbólica do Museu físico, não apenas substituindo sua função, mas reconfigurando-a. Como aponta Nora (1993), os "lugares de Memória" são construções sociais destinadas a manter vivo o que a história tende a apagar. O espaço digital, por sua vez, amplia esse conceito, oferecendo uma Memória que é, ao mesmo tempo, difusa e acessível, permanente e em constante transformação.

Além disso, a virtualidade permite a criação de experiências afetivas, interativas e participativas, elementos que são fundamentais no processo de elaboração do Luto. Segundo Cavalcanti (2019), a Cibermuseologia se constitui como uma prática crítica e

inovadora, que valoriza a Memória sensível e os afetos como componentes legítimos da narrativa museológica. Assim, o Luto, antes restrito ao âmbito íntimo ou ritualístico, passa a ser partilhado publicamente, dando lugar a novas formas de comunhão simbólica. Entre algoritmos e afetos, constitui-se uma nova cartografia da saudade, onde cada interação é também um ato de preservação do sensível.

Por outro lado, é necessário reconhecer os limites e os desafios dessa virtualização da Memória. A efemeridade das plataformas digitais, a exclusão tecnológica e a possibilidade de banalização do sofrimento exigem uma reflexão ética sobre as estratégias museológicas adotadas na internet (Cameron, 2007). Preservar o Luto com dignidade e respeito, mesmo no ambiente digital, exige curadoria sensível, metodologias adequadas e compromisso social com as comunidades envolvidas. A memória digital não apenas registra o passado, mas o reativa continuamente, transformando o tempo em experiência compartilhada e sempre inacabada.

Em síntese, o Luto e a Museologia se entrelaçam profundamente no esforço humano de dar sentido à perda. No cenário contemporâneo, os espaços memorialísticos físicos e virtuais tornaram-se instrumentos fundamentais de resistência, acolhimento e expressão coletiva. O desafio atual consiste em integrar esses ambientes de forma ética, sensível e acessível, garantindo que o Luto seja reconhecido como experiência cultural legítima e que a Memória dos ausentes siga viva e presente nas múltiplas camadas da sociedade. No espaço expandido da cibercultura, lembrar torna-se um ato coletivo de resistência contra o apagamento, onde cada fragmento preservado é também um gesto de permanência.

A presente Tese insere-se em um contexto marcado por complexas transformações sociotécnicas, nas quais a Museologia contemporânea é convocada a repensar seus fundamentos diante de novas formas de construção de Memória e de relação com o patrimônio, especialmente em um cenário fortemente impactado pela pandemia de COVID-19.

A Museologia, enquanto campo interdisciplinar, vem se reconfigurando diante das transformações tecnológicas e sociais desde o final do século XX. O surgimento da Museologia virtual está diretamente relacionado à expansão da cultura digital e ao advento da chamada sociedade da informação (Lévy, 1999). Inicialmente, os museus utilizaram o meio digital apenas como ferramenta de divulgação, porém, progressivamente, o espaço virtual passou a ser considerado como um ambiente legítimo para ações museológicas. O conceito de Museu Virtual ultrapassa a simples digitalização de acervos, sendo compreendido como um espaço simbólico de mediação cultural, capaz de oferecer experiências imersivas e interativas. Segundo Schweibenz (2004), o Museu virtual é uma instituição sem localização física, que fornece acesso a coleções e exposições por meio

de tecnologias digitais, promovendo interatividade e educação museal em ambientes digitais.

Na década de 2000, autores ligados ao ICOM (2004) já apontavam para a necessidade de adaptação dos museus às novas mídias, considerando o virtual como extensão das atividades tradicionais. Ainda assim, muitos museus mantiveram o foco em práticas presenciais, e as ações digitais foram tratadas como complementares ou secundárias.

Entretanto, o cenário foi abruptamente modificado com a pandemia de COVID-19. O fechamento físico das instituições culturais obrigou os museus a migrarem rapidamente para o ambiente digital, acelerando um processo que vinha sendo ensaiado há décadas. Como aponta Parry (2021), a pandemia representou uma inflexão histórica, promovendo uma revalorização das estratégias digitais e exigindo uma ressignificação da própria identidade museológica.

A virtualidade, nesse contexto, deixou de ser um suporte e passou a configurar-se como espaço central de atuação museal. Museus ao redor do mundo passaram a investir em tours virtuais, exposições digitais, *podcasts*, *lives* e atividades educativas em plataformas *como Instagram, YouTube e TikTok*. Tais ações promoveram uma aproximação com públicos mais diversos e ampliaram o alcance geográfico das instituições (Richardson, 2020). Além disso, a virtualidade transformou os rituais sociais de Memória e Luto, especialmente em tempos de perdas coletivas. Projetos como o "Inumeráveis", no Brasil, assumiram o papel de espaços virtuais de Memória, mostrando que o ambiente digital pode acolher e resignificar experiências humanas profundas (Castells, 2009).

Contudo, essa virtualização também trouxe desafios éticos e estruturais, como a exclusão digital, a dificuldade de preservação de acervos digitais e a efemeridade das redes sociais. Autores como Cameron (2007) alertam para a necessidade de desenvolver políticas de curadoria digital, capazes de garantir a longevidade e a integridade das Memórias musealizadas virtualmente.

Diante disso, a Museologia contemporânea vem sendo construída, desde a virada do século XX para o XXI, a partir de uma epistemologia que já reconhecia o ciberespaço como lugar legítimo de produção de conhecimento, de interação simbólica e de construção de identidades coletivas. Desde as produções dos anos 1990 e início dos anos 2000, autores da Museologia e áreas afins passaram a compreender o Museu para além do espaço físico delimitado, enfatizando sua dimensão comunicacional, relacional e simbólica, bem como sua capacidade de se manifestar em ambientes digitais e imateriais. Nesse sentido, a Cibermuseologia não deve ser entendida como uma proposta recente ou disruptiva, mas como um desdobramento teórico de reflexões já consolidadas naquele

período, nas quais o Museu é concebido como fluxo, processo e fenômeno cultural em constante transformação, articulando Memória, tecnologia e sociedade.

Em síntese, a Museologia virtual deixou de ser uma promessa futura ou um recurso marginal, e passou a ocupar o centro das discussões sobre o papel social do Museu. A pandemia da COVID-19 atuou como catalisadora dessa transformação, revelando tanto o potencial quanto as fragilidades do meio digital. O desafio atual consiste em consolidar uma Museologia híbrida, inclusiva e crítica, capaz de dialogar com os novos paradigmas culturais da era digital.

Essa conjuntura global não apenas instaurou uma crise sanitária de proporções inéditas, mas também catalisou mudanças profundas nas dinâmicas de comunicação, interação e expressão emocional, potencializando a centralidade das redes sociais digitais como espaços de sociabilidade, ritualização e elaboração simbólica do Luto. Diante desse cenário, a presente investigação volta-se à análise crítica da Museologia do Luto no ambiente virtual, tendo como eixo teórico-metodológico a proposta da Netnomuseologia - uma abordagem que emerge da convergência entre os princípios da Cibermuseologia e a metodologia da netnografia.

A Netnomuseologia é compreendida nesta pesquisa como uma vertente inovadora da Museologia que reconhece o ciberespaço como campo legítimo de produção e circulação de práticas museológicas, ao mesmo tempo em que incorpora os instrumentos analíticos da netnografia para observar, interpretar e compreender as interações simbólicas e afetivas que se estabelecem em ambientes digitais. Esta perspectiva teórico-metodológica permite captar com acuidade os fenômenos emergentes nas redes sociais, especialmente o Instagram, onde se verifica a consolidação de novas formas de curadoria espontânea, memorialização colaborativa e expressão pública do Luto. A plataforma, inicialmente concebida como um espaço de compartilhamento imagético e estético adquiriu, sobretudo durante o período pandêmico, uma dimensão memorial significativa, tornando-se lugar de testemunho, de construção de narrativas sobre a perda e de celebração simbólica da vida daqueles que partiram.

A pesquisa propõe, assim, uma interrogação sobre o papel dos museus diante dessas práticas de memorialização que se desenvolvem fora dos limites físicos e institucionais tradicionais. Parte-se da hipótese de que o Museu, enquanto fenômeno cultural e social em constante transformação, não se restringe ao edifício material nem à institucionalidade formal, podendo se manifestar em formas líquidas, voláteis e descentralizadas, como aquelas encontradas em ambientes virtuais. Ao analisar perfis póstumos e iniciativas digitais de Luto, como o Memorial Inumeráveis, esta Tese argumenta que a Museologia do Luto, quando articulada à Netnomuseologia, permite

compreender os modos pelos quais a sociedade contemporânea produz, compartilha e conserva Memórias em rede, atribuindo-lhes valor simbólico, afetivo e político.

Nesse sentido, a Museologia do Luto revela-se como um campo emergente que responde à necessidade de lidar com eventos traumáticos e experiências coletivas de dor, resignificando o papel do Museu como espaço de escuta, acolhimento e elaboração. A pandemia de COVID-19, ao impor o isolamento físico e o impedimento de rituais funerários convencionais, gerou uma lacuna na vivência do Luto, que passou a ser parcialmente suprida por meio de práticas digitais de homenagem, testemunho e construção de Memória. Essas manifestações, ainda que muitas vezes não institucionalizadas, podem ser compreendidas como formas legítimas de musealização no ciberespaço, na medida em que envolvem processos de seleção, preservação e comunicação de significados sobre a morte e a perda.

No plano conceitual, esta Tese insere-se nos debates sobre a Museologia na Era Digital, compreendida como um novo paradigma que desafia os modelos clássicos de musealização ao incorporar elementos da cultura digital, como a interatividade, a imersão, a hiperconectividade e a horizontalidade na produção de conteúdo. As tecnologias digitais expandiram significativamente as possibilidades de acesso, participação e engajamento dos públicos, ao mesmo tempo em que permitiram novas formas de representação e salvaguarda do patrimônio. Nesse novo ecossistema, os museus passaram a atuar não apenas como guardiões da Memória, mas como facilitadores de experiências, mediadores de significados e promotores de diálogos sensíveis, incluindo aqueles relacionados à morte e ao Luto.

A Tese propõe, portanto, uma leitura ampliada do conceito de Museu, que considera sua expressão como fenômeno conforme defendido por autores como Scheiner; e reconhece sua existência nas múltiplas formas de produção simbólica e interação social que ocorrem no ambiente digital. Essa abordagem permite compreender a Museologia não apenas como um campo voltado à conservação de objetos materiais, mas como uma prática cultural complexa, que articula Memória, emoção, política e tecnologia. No contexto do Luto coletivo impulsionado pela pandemia, os museus digitais, institucionais ou espontâneos, desempenham um papel central na mediação das experiências de perda, oferecendo espaços para a partilha de narrativas, a construção de significados e a reinscrição da dor sob formas comunicáveis e partilháveis.

A Netnomuseologia, como conceito central desta pesquisa, oferece uma chave interpretativa poderosa para compreender essas práticas de memorialização em rede. Ao unir o olhar museológico com a escuta atenta da netnografia, permite captar as complexas camadas de significação que atravessam os perfis digitais póstumos, os memoriais colaborativos e as homenagens virtuais, contribuindo para a consolidação de uma

Museologia expandida, sensível às transformações do presente e capaz de dialogar com os afetos, as urgências e os modos de existência que se manifestam no ciberespaço.

Dessa forma, esta investigação buscou não apenas documentar as transformações ocorridas nas práticas de Luto digital durante a pandemia, mas também oferecer contribuições teóricas e metodológicas relevantes para o campo museológico, apontando caminhos para uma Cibermuseologia do Luto - uma abordagem que reconhece a potência do ambiente virtual como território legítimo de preservação da Memória, mediação simbólica e elaboração coletiva da dor.

Os museus instituídos, enquanto dispositivos culturais, precisam rever seus lugares de fala, escuta e atuação no mundo contemporâneo, reconhecendo que o Luto, a morte e a Memória não se restringem aos monumentos físicos ou às narrativas oficiais. Pelo contrário, é no cotidiano das redes sociais, nos perfis que permanecem ativos após a morte, nas homenagens digitais e nas práticas colaborativas de recordação que se desenha um novo território museológico. Nesse território, a Memória se faz em tempo real, atravessada por afetos e interações, exigindo do campo museológico uma postura crítica, aberta e interdisciplinar

O trabalho de Bruno e Motta, "Museus em tempos de Covid-19: o Luto e a luta" (2020), destaca-se como uma análise perspicaz sobre o impacto da pandemia nos museus. Os autores abordam não apenas os desafios enfrentados pelos museus durante esse período, mas também exploram como o Luto e a luta se tornaram elementos intrínsecos à experiência museológica em meio às adversidades apresentadas pela crise global de saúde. Essa abordagem revela a importância de compreender não apenas as questões práticas e operacionais que os museus enfrentam, mas também as dimensões emocionais e simbólicas que influenciam profundamente a maneira como as instituições culturais se relacionam com o público e se adaptam a contextos desafiadores. A Museologia, enquanto campo disciplinar dedicado à preservação, interpretação e comunicação do patrimônio cultural, oferece uma abordagem singular ao lidar com o Luto, o impacto de eventos traumáticos na sociedade e a Memória associada a experiências dolorosas. Nesse contexto, ela se posiciona como uma área do conhecimento capaz de compreender e intervir nas dinâmicas de Memória coletiva, especialmente em situações críticas, como a pandemia de COVID-19. Museus estabelecidos e memoriais, tradicionais espaços de preservação da história e da cultura, desempenham um papel central nesse processo, adaptando-se para acolher e comunicar as experiências de perda e sofrimento coletivos.

É imperativo, portanto, analisar como as práticas museológicas têm se apropriado das novas tecnologias digitais para preservar, expor e interpretar elementos relacionados ao Luto e à perda, especialmente no cenário de virtualização e cibercultura que caracteriza

a contemporaneidade. A adaptação dos museus instituídos e memoriais a esse novo contexto social, em resposta a eventos marcantes, reflete a necessidade de um reposicionamento da Museologia, que agora se vê desafiada a comunicar e conservar as experiências dolorosas de uma sociedade globalizada, imersa nas complexidades do digital. Nesse cenário, eles se configuram como agentes ativos na preservação da Memória coletiva, ao mesmo tempo em que oferecem um espaço para a reflexão e a construção de sentidos acerca de perdas coletivas e individuais.

O diálogo entre a Museologia e o Luto no meio digital propõe uma reflexão crítica sobre as novas formas de construção de narrativas inclusivas, capazes de envolver o público não apenas na preservação da Memória, mas também no processo de cura emocional. Museus instituídos e memoriais, ao criarem interfaces de interação com o público, possibilitam a participação ativa deste na elaboração de narrativas que não apenas documentam, mas também fomentam a reflexão e o ressignificado de experiências traumáticas. Este processo, que se configura em uma dimensão colaborativa, implica uma redefinição da função museológica, agora associada a uma dimensão terapêutica e de construção de Memória compartilhada.

A capacidade dessas instituições de construir essas narrativas inclusivas, que possibilitam a participação do público e a preservação das Memórias de forma coletiva e transformadora, emerge como um aspecto central no entrelaçamento da Museologia, do Luto e da virtualidade. Este espaço de intersecção permite compreender melhor a função dos museus na sociedade contemporânea, destacando sua relevância como agentes de ressignificação e de mediação simbólica da dor e da perda. A análise das dinâmicas e práticas museológicas no contexto do Luto digital nos leva a refletir sobre o potencial transformador dos museus e memoriais enquanto dispositivos de Memória e cura social.

A interseção entre Museologia, redes sociais e cibercultura representa vasto e dinâmico âmbito de atuação, onde as transformações ocorrem diretamente sobre as práticas museológicas. Autores renomados oferecem um olhar para compreender essa relação complexa. Manuel Castells destaca as mudanças sociais decorrentes da revolução digital e enfatiza o papel central das redes na configuração da sociedade contemporânea. Seu trabalho fornece uma base sólida para compreender como as redes sociais influenciam a comunicação e a interação social. Pierre Lévy contribui para a discussão ao explorar as influências da cibercultura na sociedade e na cultura. Seu enfoque nas transformações culturais e comunicacionais proporciona uma visão abrangente das dinâmicas em jogo. Danah Boyd concentra-se na interação entre jovens e tecnologia sob valiosa perspectiva, a respeito do uso de redes sociais e suas implicações sociais. Seu trabalho contribui para entender como as gerações mais jovens moldam e são moldadas pela cibercultura. Howard Rheingold, autor de "Smart Mobs", explora as

comunidades virtuais e o modo como a tecnologia digital mobiliza grupos sociais, aportando esclarecimentos referente a como as redes sociais podem catalisar ação coletiva e participação pública. Sherry Turkle, psicóloga e socióloga, investiga as complexidades das relações entre humanos e tecnologia; a autora destaca as questões identitárias e de comunicação que surgem nas interações online, que auxilia na compreensão aprofundada das experiências digitais. Clay Shirky - escritor e professor, examina as implicações sociais da internet e das redes sociais, aborda temas como colaboração online e participação pública. Seu trabalho amplia o entendimento sobre como as plataformas digitais moldam a sociedade e afetam a dinâmica museológica.

A Netnomuseologia, ao revelar essas camadas ocultas do fazer memorial digital, contribui para uma nova compreensão do Museu como fenômeno vivo, mutável e afetivamente conectado com seu tempo. Esta pesquisa de Tese indica que o futuro da Museologia passa, inevitavelmente, por reconhecer e integrar essas novas práticas, que surgem não como ameaças, mas como potências transformadoras do campo.

A pandemia de COVID-19 impôs desafios imediatos e profundos à saúde pública global, cujos desdobramentos repercutiram em múltiplas esferas da vida social, incluindo o campo museológico. Como aponta Andrea Jones (2020), a pandemia representou um marco histórico de transformação abrupta e monumental no panorama dos museus. A tradicional postura institucional de “recuo estratégico” ou “espera passiva” mostrou-se insuficiente para garantir que essas instituições emergissem do contexto pandêmico com identidades renovadas, resilientes e em sintonia com as demandas de um mundo em constante reconfiguração. A crise sanitária global desestabilizou a compreensão tradicional de tempo e espaço, exigindo dos museus uma resposta dinâmica, criativa e inovadora. A passividade institucional diante das restrições impostas poderia resultar não apenas na perda de relevância social, mas também no distanciamento afetivo e simbólico de seus públicos.

Diante desse cenário, tornou-se imperativo que os museus adotassem estratégias proativas e multifacetadas, incorporando recursos tecnológicos e dispositivos digitais que possibilitassem a continuidade de suas práticas, mesmo frente às severas restrições físicas impostas pelo distanciamento social. As transformações desencadeadas pela pandemia reconfiguraram de maneira radical a rotina das populações e impuseram um desaceleramento abrupto à lógica de funcionamento da sociedade contemporânea. Conforme destacado por Latour (2020), o surto pandêmico explicitou a vulnerabilidade humana, evidenciando que nossa condição é mais frágil e interdependente do que anteriormente concebido.

Durante o período de isolamento social, observou-se uma intensificação do processo de virtualização da vida cotidiana, cuja materialização se deu em diversas

frentes: no ambiente laboral, com a popularização do trabalho remoto; no setor comercial, com a ampliação do comércio eletrônico; e na esfera da saúde pública, com o crescimento da oferta e da demanda por produtos e práticas de higiene, mesmo diante de movimentos negacionistas. A classe artística, por sua vez, apropriou-se das plataformas digitais como alternativa para a continuidade de suas produções e apresentações, valendo-se da agilidade das redes sociais para divulgar e promover suas criações por meio de transmissões ao vivo. O “streaming” consolidou-se como um novo paradigma de fruição artística, ao disponibilizar, de forma remota e segura, conteúdos culturais que respeitavam os protocolos sanitários. Alguns artistas exploraram, inclusive, os recursos da realidade virtual, proporcionando experiências imersivas inovadoras.

As *lives* - termo popularizado para designar essas transmissões ao vivo - tornaram-se um fenômeno cultural de ampla repercussão. Em muitos casos, essas apresentações foram veiculadas em televisão aberta e caracterizaram-se por produções sofisticadas, com equipamentos de audiovisual profissional, cenografias elaboradas e até mesmo recursos de telões em locais públicos. De acordo com Aguiar e Aguiar (2021, p. 5), as *lives* constituíram formas alternativas de sociabilidade, distintas daquelas tradicionalmente vivenciadas no espaço físico. O público interagia em tempo real por meio de aplicativos de mensagens, e os comentários instantâneos dos internautas criavam uma ambiência interativa e sensível às emoções coletivas. Tal fenômeno ilustra, conforme argumenta Recuero (2009), como as redes sociais operam como espaços de representação identitária e construção de laços que extrapolam as limitações físicas.

Esse contexto de reconfiguração do cotidiano e das práticas culturais afetou diretamente o campo museológico. Conforme assinala Silva (2021, p. 11), a pandemia desencadeou transformações significativas no modo de funcionamento dos museus e nas formas de mediação cultural com seus públicos. A virtualização dos museus revelou-se como estratégia fundamental para garantir o acesso à cultura e à arte durante o período de confinamento, não apenas como alternativa operacional, mas como um gesto criativo de ressignificação da experiência museal. A disponibilização remota de acervos e exposições, além de mitigar os efeitos do isolamento, ampliou o alcance das ações culturais, promovendo a inclusão, a democratização do acesso e a visibilidade do trabalho artístico em um contexto adverso.

Essa transição forçada para o ambiente virtual, como observa Morozov (2020), implicou a aceitação de novas configurações sociais e tecnológicas como condição necessária para evitar a obsolescência institucional. Ao aderirem às plataformas digitais como meio de subsistência, os museus não apenas responderam às contingências do presente, como também encontraram oportunidades para reavaliar seus propósitos, metodologias e papéis sociais.

Lemos (2021) sustenta que museus e tecnologias, apesar de sua natureza distinta, compartilham uma característica fundamental: a capacidade de mobilizar redes e afetar coletivos. Ao aproximar o funcionamento dos vírus e das tecnologias digitais, propõe uma metáfora provocativa sobre a potência transformadora dos fluxos que atravessam corpos, sistemas e instituições.

Neste panorama, a virtualização não deve ser compreendida unicamente como uma solução técnica, mas como uma transformação cultural que impacta profundamente os modos de aprender, pensar, comunicar e interagir. Para Pierre Lévy, o virtual não representa uma realidade menor ou secundária, mas um estado de potência: é um “nó de tendências”, uma força dinâmica capaz de se atualizar em diferentes configurações e contextos. A virtualização, nesse sentido, amplia os horizontes do possível, expandindo os limites do tempo e do espaço e oferecendo novas formas de existência, Memória e participação.

A compreensão do virtual como uma potência que transcende o aqui e agora permite repensar o papel dos museus em uma sociedade marcada pela digitalização da vida. A adaptação tecnológica torna-se, então, uma condição de permanência e relevância, e os museus são desafiados a oferecer experiências culturais significativas, inclusivas e inovadoras. No caso dos memoriais, tradicionalmente ancorados em espaços físicos de contemplação e Luto, observa-se uma transição gradual para o ambiente digital. A presente pesquisa volta-se, precisamente, para esse movimento de reinvenção memorialística, buscando compreender como os memoriais brasileiros têm incorporado ferramentas tecnológicas para preservar e compartilhar Memórias em rede.

A Netnomuseologia emerge, nesse contexto, como uma categoria analítica central. Ao articular os pressupostos da Cibermuseologia com os métodos da netnografia, essa abordagem permite compreender os modos pelos quais os memoriais nacionais transformaram suas práticas museológicas e comunicacionais, respondendo de forma criativa às limitações impostas pela crise sanitária. O estudo propôs, inicialmente, a contextualização dos memoriais à luz da pandemia, examinando os desafios impostos pelo distanciamento social, as estratégias de digitalização adotadas e as formas de engajamento remoto promovidas.

Dessa forma, buscou-se investigar as medidas específicas implementadas por memoriais brasileiros, considerando não apenas os recursos tecnológicos utilizados, mas também os impactos simbólicos, afetivos e sociais dessas iniciativas. A análise abordou as novas formas de mediação digital, as possibilidades de interação com os públicos e a ressignificação dos rituais de Memória no ambiente virtual. Particular atenção foi dedicada à natureza efêmera e fragmentada da Memória nas redes sociais, marcada por uma lógica de atualização constante que, frequentemente, compromete a sedimentação de

lembranças mais profundas. Esse excesso de Memória, paradoxalmente, pode gerar um esvaziamento da experiência emocional, dificultando a construção de uma narrativa coletiva consistente.

O Brasil, sendo o terceiro país com maior consumo de redes sociais no mundo conforme estudo da Comscore[8], apresenta um cenário particularmente relevante para a investigação das dinâmicas memoriais em ambiente digital. A massiva adesão da população a essas plataformas coloca em evidência o potencial das redes sociais como espaços de musealização expandida, mas também exige uma análise crítica dos limites e desafios dessa nova configuração.

Nesse contexto, os memoriais virtuais representam uma oportunidade ímpar de reconceituação do fazer museológico, ampliando a atuação das instituições para além do espaço físico e reafirmando seu compromisso com a preservação das histórias coletivas, mesmo em tempos de crise. A pesquisa desenvolvida para a Tese buscou, assim, contribuir para o avanço do debate museológico contemporâneo, propondo uma leitura sensível e interdisciplinar sobre os modos como o Luto, a Memória e a cultura se entrelaçam no ambiente digital.

Com um total de 131,5 milhões de usuários conectados levantamento da Comscore publicado em março de 2023, com dados relativos ao ano de 2022, observa-se um aumento significativo do tempo que os brasileiros têm dedicado à internet, especialmente às redes sociais. Em dezembro de 2022, essas plataformas totalizaram impressionantes 356 bilhões de minutos de uso, o que corresponde a uma média de 46 horas de conexão por usuário ao longo do mês. Tal volume representa um crescimento de 31% em relação a janeiro de 2020, evidenciando a intensificação progressiva do consumo de redes sociais no país.

O referido estudo também aponta que as redes sociais superaram, em termos de tempo de uso, outras categorias de conteúdo digital, como serviços, entretenimento, trabalho e comércio eletrônico. Dentre as plataformas mais utilizadas no Brasil, destacam-se *YouTube, Facebook* e I*nstagram*, que atingem, respectivamente, 96,4%, 85,1% e 81,4% da audiência nacional. Embora *TikTok, Kwai* e *Twitter* também apresentem relevância, seus índices de alcance ainda são inferiores. No que se refere ao tempo médio de permanência dos usuários, *Instagram* e *YouTube* figuram como os ambientes digitais que mais capturam a atenção do público.

Esse panorama aponta para a crescente centralidade das redes sociais na vida cotidiana dos brasileiros, que não as utilizam apenas para fins de socialização, mas

[8] **Comscore** é uma empresa global de mensuração e análise de audiência digital, especializada em medir como as pessoas consomem conteúdo na internet e em plataformas digitais. COMSCORE. *Global digital overview report*. São Paulo: Comscore, 2021. Disponível em: <https://www.comscore.com\>. Acesso em: 15 jan. 2026.

também como fontes primárias de informação, entretenimento e consumo de conteúdo. A evolução do uso dessas plataformas evidencia mudanças significativas nos hábitos e nas dinâmicas sociais, consolidando as redes sociais como espaços privilegiados para a construção de Memórias coletivas e formas contemporâneas de interação digital.

De acordo com o “Relatório Digital 2024*: 5 Billion Social Media Users”*, elaborado em parceria entre a *We Are Social* e a Meltwater, o Brasil ocupa a segunda posição mundial em tempo médio diário de navegação, com 9 horas e 13 minutos, ficando atrás apenas da África do Sul, com 9 horas e 24 minutos. Esse dado reforça a centralidade da internet no cotidiano nacional, além de indicar o papel estruturante das plataformas digitais no consumo de informação, no entretenimento e na manutenção das relações sociais.

Ainda no ano de 2023, o acesso à internet no Brasil atingiu um marco significativo, alcançando 84% da população com 10 anos ou mais - o que representa cerca de 156 milhões de indivíduos -, conforme dados da pesquisa TIC Domicílios 2023, conduzida pelo Cetic.br. Tal crescimento reflete a importância crescente da conectividade no cotidiano das pessoas, particularmente no que tange ao uso de plataformas digitais para o consumo de conteúdo, obtenção de informações e práticas interacionais. A pesquisa ainda introduziu o conceito de "indicador ampliado", que considera os indivíduos que, embora não tenham utilizado diretamente a internet nos três meses anteriores à coleta de dados, afirmaram ter acessado aplicativos que requerem conexão à rede. Sob esse critério, o número de usuários salta para 164 milhões, ou 88% da população. Tal ampliação conceitual evidencia o papel central dos dispositivos móveis e dos aplicativos na promoção da inclusão digital.

Outros dados da pesquisa revelaram aspectos relevantes sobre o acesso e o uso da internet no Brasil:

- Cerca de 29 milhões de pessoas declararam não ter utilizado a internet; contudo, 7,4 milhões dessas utilizaram aplicativos conectados, reduzindo o número efetivo de desconectados para menos de 22 milhões.
- 16% dos domicílios compartilham o acesso à internet com vizinhos, destacando-se as classes D e E, onde esse índice chega a 25%, apontando para entraves técnicos e econômicos.
- Em relação à velocidade da conexão, 26% dos domicílios possuem planos de até 50 Mbps, enquanto 29% contam com velocidades superiores. Ainda assim, 27% das residências não possuem banda larga fixa.
- 58% dos usuários acessam a internet exclusivamente por meio de dispositivos móveis, um percentual que apresenta queda em comparação a 2022 (62%).
- 71% dos usuários verificam a veracidade das informações acessadas online, seja por meio de computadores ou celulares.

- No que se refere ao consumo de mídias, 65% escutam música, 64% assistem a vídeos e 29% consomem *podcasts*.

Esses dados indicam uma crescente imbricação da internet no cotidiano dos brasileiros, consolidando seu papel não apenas como meio de acesso a conteúdo culturais, como músicas e vídeos, mas também como ferramenta essencial para o convívio social e para a busca de informações confiáveis. Simultaneamente, os dados expõem desigualdades persistentes no acesso à internet de qualidade, o que representa um desafio crucial para a inclusão digital.

Apesar do avanço observado, permanece expressivo o número de cidadãos ainda excluídos digitalmente: cerca de 22 milhões, o que sinaliza a necessidade urgente de políticas públicas voltadas à democratização do acesso. A existência de barreiras econômicas e estruturais é evidenciada, por exemplo, no compartilhamento de conexões entre domicílios, sobretudo em contextos de vulnerabilidade social. Ademais, o fato de 58% dos usuários acessarem a internet exclusivamente via smartphones revela limitações quanto à infraestrutura de conexão fixa em determinadas regiões do país. Tal cenário compromete, por vezes, a qualidade da experiência digital, dada a menor estabilidade e velocidade das conexões móveis em comparação às de banda larga fixa.

Também merece destaque a disparidade no acesso a conexões de alta velocidade: enquanto uma parcela da população dispõe de planos superiores a 50 Mbps, 26% dos domicílios operam com velocidades inferiores, o que pode ser insuficiente frente às demandas contemporâneas, como o ensino remoto, o teletrabalho e o consumo intensivo de multimídia. Além disso, 27% dos lares ainda não contam com banda larga fixa, aprofundando as desigualdades no acesso à infraestrutura digital.

Dessa forma, embora o Brasil tenha apresentado avanços substanciais em termos de conectividade, os dados indicam que ainda há obstáculos significativos a serem superados. A persistência de desigualdades regionais e socioeconômicas no acesso a dispositivos e a conexões de qualidade revela uma realidade em que a inclusão digital plena permanece como um desafio. A superação dessas barreiras é fundamental para garantir que todos os brasileiros possam usufruir das oportunidades proporcionadas pela era digital, assegurando uma participação equitativa na sociedade da informação.

Em síntese, o cenário analisado evidencia uma profunda reconfiguração das práticas comunicacionais, culturais e sociais no Brasil, mediadas pela intensificação do uso da internet e das redes sociais digitais. A crescente virtualização da vida cotidiana, impulsionada sobretudo pelo contexto pandêmico, revelou tanto o potencial transformador das tecnologias digitais na promoção do acesso à informação, cultura e Memória coletiva, quanto as persistentes desigualdades estruturais que limitam esse acesso de maneira

equitativa. Nesse contexto, os espaços museológicos e memoriais, ao aderirem às plataformas digitais, não apenas garantiram sua sobrevivência simbólica e funcional, mas também passaram a desempenhar um papel estratégico na mediação do Luto coletivo e na reconstrução de sentidos sociais diante de crises. Portanto, compreende-se que a cibercultura e a Netnomuseologia emergem como dispositivos epistemológicos e operacionais indispensáveis para pensar a Museologia contemporânea, sobretudo em tempos de incerteza, reforçando a necessidade de um compromisso contínuo com a democratização do acesso, a inclusão digital e a preservação das múltiplas vozes que compõem o tecido social.

É importante frisar, no entanto, que o presente estudo não se propõe a mensurar a quantidade de usuários ou o nível de acesso à internet no Brasil, mas sim a analisar o fenômeno sociocultural e simbólico que emerge dessas práticas digitais. Parte-se do entendimento de que, embora uma parcela significativa da população ainda esteja à margem da conectividade plena, o impacto das redes digitais transcende a mera estatística, influenciando profundamente as dinâmicas de Memória, Luto e representação no espaço público.

1.1 Adaptação das práticas museológicas ao contexto da Pandemia COVID-19

Este capítulo propõe uma análise da emergência dos museus virtuais como uma estratégia de resiliência institucional diante da crise provocada pela pandemia, compreendendo sua adoção não apenas como resposta circunstancial, mas como reflexo de transformações mais amplas no campo da cultura digital. A investigação destacou cinco características centrais desses espaços, evidenciando como o ambiente virtual se constituiu em um terreno fértil para a reinvenção das práticas museológicas, adaptando-as às limitações impostas pelo mundo físico e abrindo caminhos para novas experiências de visitação mediadas pelas tecnologias digitais. A incorporação das linguagens digitais no universo museal, como aponta Loureiro (2004), ultrapassa a noção da materialidade dos objetos e espaços de exposição, conferindo centralidade à informação como núcleo da experiência museológica. Nesse contexto, emerge o conceito de Patrimônio Digital, tal como formulado pela UNESCO (2003), entendido como um bem cultural representado por registros digitais que dependem de tecnologias específicas - *softwares, hardwares* e formatos digitais - para sua conservação e acesso. Essa transição, no entanto, não ocorre de maneira homogênea ou linear: como observa Scheiner (2004, 2021), os museus atravessam processos complexos de ressignificação para se alinhar aos modos de vida do sujeito contemporâneo, mas nem tudo que circula nas redes digitais deve, ou pode, ser

incorporado ao campo museológico. Quando ocorre, essa incorporação frequentemente se dá de forma efêmera e descontínua, revelando contradições e instabilidades que atravessam a prática museológica. A virtualização intensificada pela pandemia impôs, assim, um novo desafio à Museologia: a urgência de elaborar abordagens metodológicas adequadas ao ambiente digital, capazes de dar conta das especificidades do patrimônio imaterial e da mediação tecnológica, reafirmando a necessidade de se repensar os fundamentos teóricos e práticos da preservação, comunicação e pesquisa museológica no ciberespaço.

A reformulação das estratégias museológicas frente às adversidades do contexto pandêmico pode ser compreendida como uma resposta adaptativa às transformações sociais contemporâneas. Conforme analisa Morozov (2020), a necessidade de reinvenção institucional deve ser entendida como um imperativo diante da aceleração das mudanças sociotécnicas, sendo a aceitação dessas transformações uma forma de evitar a obsolescência e garantir a permanência simbólica e operacional dos museus. Lemos (2021) aprofunda essa perspectiva ao argumentar que a inserção dos museus no ambiente virtual, durante a crise sanitária, possibilitou a formulação de soluções situadas, voltadas à continuidade de suas funções comunicacionais e culturais. O autor ainda sugere uma analogia conceitual entre o vírus e a tecnologia, ambos enquanto catalisadores de redes interconectadas, capazes de mobilizar coletividades e provocar deslocamentos nas estruturas sociais. Nesse sentido, a virtualização não se restringe a um mero avanço técnico-informacional, mas constitui-se como um fenômeno cultural de larga escala, promovendo uma inflexão paradigmática nas formas de aprendizagem, cognição e sociabilidade. Conforme proposto por Lévy (1999), o conceito de virtualização refere-se à potencialização de práticas culturais emergentes, que se desenvolvem em um ciberespaço de experimentação constante, no qual os limites entre real e possível se reconfiguram continuamente. Trata-se, assim, de um processo que não apenas viabiliza conexões e compartilhamento de saberes, mas que também transforma as formas de produção de sentido, propondo novas epistemes para o conhecimento e a experiência no contemporâneo.

A análise desenvolvida nesta Tese propõe uma leitura panorâmica do cenário museológico brasileiro durante a pandemia de COVID-19, destacando as implicações desse contexto para o campo emergente da Museologia Digital. Este capítulo assume o papel de sustentação teórica do estudo, ao buscar compreender as transformações substanciais vivenciadas por museus e instituições afins frente às novas dinâmicas sociais e tecnológicas, introduzindo o leitor ao percurso histórico recente e aos desafios enfrentados pelos museus na transição para o ambiente cibermuseal – conforme abordado

em dissertação de nossa autoria[9]. Diante do contexto pandêmico, os museus brasileiros foram instados a repensar sua atuação educativa, comunicacional e cultural, em um momento em que o isolamento social impôs restrições severas às práticas presenciais. Mais do que uma simples adaptação operacional, o processo de digitalização museal revelou-se como uma reconfiguração das formas de mediação cultural, intensificada pela aceleração do uso das redes sociais e outras plataformas digitais como espaços de encontro simbólico e partilha de conhecimento. Nesse sentido, o capítulo investiga não apenas o deslocamento dos museus ao meio virtual, mas também os impactos dessa virtualização nas práticas museológicas, indicando como o momento de crise funcionou como catalisador de transformações profundas na relação entre Museus, tecnologia e sociedade.

1.2 Trajetória da integração das tecnologias digitais à Museologia e o impacto das mudanças digitais nas práticas museológicas

A incorporação das tecnologias digitais ao campo museológico não representou apenas uma inovação técnica, mas uma verdadeira reconfiguração epistemológica das práticas museais. Frente às transformações socioculturais intensificadas pela pandemia da COVID-19, os museus se viram impelidos a desenvolver posturas mais proativas e inovadoras para garantir sua relevância social, cultural e educativa. Nesse contexto, a digitalização tornou-se não apenas um recurso de mediação, mas uma estratégia essencial de sobrevivência institucional e de reinvenção de seus vínculos com os públicos (Lemos, 2021; Scheiner, 2021).

O processo de virtualização dos museus, acelerado pelas medidas de distanciamento social como o *lockdown*, teve impactos profundos sobre a dinâmica museal, impondo a adoção de novas metodologias de gestão, curadoria e comunicação. Lembremos Lévy (1999), para quem a virtualização pode ser entendida não apenas como uma conversão técnica, mas como uma mudança de paradigma que transforma modos de pensar, agir e interagir. Aplicado ao universo dos museus, esse conceito implica na criação de espaços simbólicos no ciberespaço que transcendem os limites físicos das instituições, permitindo a ampliação das possibilidades de acesso, participação e fruição cultural.

As redes sociais e outras mídias digitais passaram a assumir um papel central na articulação das ações museológicas, servindo como plataformas de difusão, educação e interação com o público. Tal mudança ressignificou as práticas tradicionais, expandindo

[9] CHAVES, Rafael Teixeira. O Fato Museal na Virtualidade: Reinvenção a partir da Pandemia de COVID-19. 2023. 176. Dissertação. (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023. Orientador Daniel Viana de Souza.

sua atuação para além dos espaços de exposição e propondo novos formatos de engajamento cultural.

Em 2004, Loureiro já comentava que o advento das tecnologias digitais desloca a centralidade da materialidade para a da informação, transformando o próprio conceito de patrimônio e exigindo novas abordagens no processo de musealização. É importante reconhecer, contudo, que esse movimento não ocorreu de forma uniforme ou universal. Muitos museus enfrentaram barreiras estruturais e técnicas para viabilizar a transição digital, refletindo desigualdades pré-existentes no campo cultural. Ainda assim, a virtualização mostrou-se como uma via potente para a reinvenção das práticas museológicas, abrindo possibilidades para experiências interativas e multissensoriais em ambientes digitais, ao mesmo tempo em que impôs novos desafios éticos, epistemológicos e operacionais à Museologia contemporânea.

No entanto, é importante reconhecer que nem todos puderam adotar o isolamento e as diversas medidas, como o *lockdown*, implementadas globalmente, impactando diretamente os museus. A adoção de plataformas digitais, impulsionada por essas circunstâncias, expandiu-se de maneiras sem precedentes. As ações museológicas implementadas através das mídias sociais assumiram um papel vital, ultrapassando as práticas convencionais e adquirindo novos significados. As restrições impostas pela pandemia apresentaram desafios significativos para os museus, exigindo uma rápida adequação metodológica e de procedimentos para manter a conexão com o público diante das limitações físicas. A virtualização, agora em destaque, teve papel central, permitindo que ampliassem suas ações por meio das mídias sociais. A utilização de plataformas digitais e redes sociais como veículos para divulgação de conteúdo e oferta de experiências culturais possibilitou aos museus alcançar uma audiência mais ampla e diversificada.

A transformação digital dos museus, impulsionada de forma decisiva pelo contexto pandêmico, configurou-se como uma oportunidade singular para a reavaliação de suas práticas institucionais, fomentando a construção de narrativas culturais mais inclusivas e promovendo a democratização do acesso ao patrimônio e à cultura. A aceleração dos processos de virtualização, como resposta às restrições impostas pelo isolamento social, reconfigurou profundamente a relação entre museus e seus públicos, exigindo a adoção de novas estratégias de comunicação, mediação, preservação e interação no ambiente digital.

Nesse cenário, tornou-se imprescindível compreender as origens e os desdobramentos da emergência dos museus virtuais, situando-os no processo histórico de convergência progressiva entre os campos da Museologia e das tecnologias digitais. Embora a pandemia da COVID-19 tenha atuado como catalisador deste processo, foi

necessário considerar também os elementos estruturais preexistentes que contribuíram para a configuração dessas instituições no ciberespaço, bem como suas implicações epistemológicas, operacionais e sociais. A necessidade de reinvenção torna-se, portanto, um eixo estruturante da atuação museológica na contemporaneidade, desafiando os museus a reconfigurarem suas estratégias diante das múltiplas demandas impostas pela virtualidade.

A partir dessa perspectiva, emerge um conjunto de questões fundamentais: de que forma a Museologia digital tem evoluído desde seus primeiros experimentos até práticas mais sofisticadas de interatividade e imersão? De que maneira o avanço das tecnologias digitais tem contribuído para superar as limitações espaciais, ampliar o acesso e criar formas de fruição estética e cognitiva? Como a pandemia intensificou essa transição, levando as instituições museológicas a repensarem paradigmas tradicionais? E quais os principais desafios enfrentados por essa vertente da Museologia, sobretudo no que se refere à preservação digital, ao acesso equitativo e à garantia de experiências significativas de interatividade?

Nesse contexto, destaca-se a Cibermuseologia como um âmbito emergente e fundamental, voltado à exploração das potencialidades do ciberespaço como suporte para a produção e mediação cultural. Com ela, as práticas museológicas em ambientes digitais passaram a desempenhar um papel estratégico na ampliação do acesso à cultura, promovendo experiências mais inclusivas e acessíveis em escala global. Diante da dinamicidade tecnológica e da constante transformação das expectativas do público, a análise crítica das tendências emergentes e dos desafios da Museologia virtual tornou-se imperativa para a consolidação de práticas museológicas coerentes com as demandas da sociedade em rede.

Refletindo sobre Lévy e seus conceitos, destacamos o significado do termo "virtual" e suas implicações, especialmente quando aplicado ao contexto dos museus. A reflexão aborda as diversas facetas desse conceito, evidenciando como o "virtual" pode ser compreendido em diferentes contextos e sua relação com o "real" e o "atual". Vale ressaltar - como já foi dito anteriormente - que o "virtual" é contrastado não com o "real", mas com o "atual", representando um estado de potencialidade, algo em potência, ainda não manifestado como efetivo.

O conceito de Memória virtual, oriundo da ciência da computação, ilustra como determinados dados são acessados de maneira não contínua, permanecendo em estado latente até que sua utilização se torne necessária. Essa noção de latência ou potencialidade pode ser ampliada por meio da analogia do movimento, na qual diferentes soluções - como o deslocamento a pé ou o uso da roda - representam alternativas viáveis dentro de um mesmo campo de possibilidades. Assim, compreende-se que o “virtual” não

se limita ao domínio do digital ou do irreal, mas refere-se a um estado de potência, conforme proposto por Lévy (1996), no qual algo pode vir a ser, sem necessariamente estar presente de forma atual. Nesse contexto, representações e expressões do fenômeno Museu como o ciberMuseu e o museu virtual, entre outras variações, constituem processos de virtualização de um mesmo núcleo problemático da Museologia: a transmissão do sensível. Essa transmissão, entendida como a capacidade de comunicar experiências, afetos e significados, é operacionalizada por diferentes meios, cada um oferecendo soluções específicas para os desafios inerentes à mediação cultural. Como destaca Parry (2007), a digitalização não representa uma ruptura, mas sim uma continuidade transformadora nas formas de construir e compartilhar conhecimento museológico.

A emergência das redes sociais como ferramentas estratégicas para museus instituídos e emergentes evidencia o potencial de tais plataformas para a difusão dinâmica e interativa de conteúdos culturais. Ainda que seu uso anteceda o advento da pandemia da COVID-19, a intensificação desse recurso digital revelou-se fundamental para a manutenção da visibilidade dessas instituições e o fortalecimento dos vínculos com os públicos. Por meio de postagens, transmissões audiovisuais, narrativas visuais e conteúdos participativos, os museus ampliaram sua capacidade de oferecer experiências virtuais enriquecedoras, promovendo o acesso ampliado às suas ações e reafirmando sua relevância no ecossistema digital contemporâneo.

Durante a pandemia, a necessidade de adaptação acelerou o uso das redes sociais não apenas como canais de divulgação, mas também como espaços de criação de conteúdo cibermuseal. Esse contexto evidenciou a importância dessas plataformas para a manutenção da conexão entre museus e públicos, garantindo o acesso contínuo ao patrimônio cultural mesmo em um período de isolamento social. A interação direta proporcionada pelas redes sociais contribuiu para a ressignificação da experiência museológica, tornando-a mais acessível e participativa.

A utilização estratégica das tecnologias digitais consolidou-se como elemento fundamental para que os museus contemporâneos cumpram suas funções sociais, ampliando o engajamento dos públicos e contribuindo significativamente para a democratização do acesso à cultura. Em um cenário marcado por profundas transformações sócio-tecnológicas, a presença digital dos museus instituídos transcende a função meramente complementar às ações presenciais, assumindo um papel central na expansão das fronteiras institucionais. Essa atuação permite alcançar públicos geograficamente distantes, bem como experimentar novas formas de mediação cultural e interatividade no ambiente virtual (Cameron; Kenderdine, 2007).

Nesse contexto, a Museologia reafirma seu papel como campo disciplinar comprometido com a preservação, interpretação e comunicação do patrimônio, atuando enquanto mediadora entre o objeto musealizado e os sujeitos sociais. Como destaca Lima (2009), os museus constituem-se como espaços de representação da Memória coletiva, oferecendo narrativas sobre o passado, o presente e o futuro de grupos sociais específicos, exigindo, portanto, uma reflexão contínua sobre os modos de representação e compreensão dessas temporalidades. A autora também problematiza o uso do termo “virtual”, que pode designar tanto os elementos exclusivamente criados por meio de dispositivos computacionais quanto os que derivam de processos de digitalização de artefatos do mundo físico.

Com o avanço das tecnologias da informação e da comunicação, os museus têm ampliado significativamente suas possibilidades de atuação. A incorporação de recursos digitais - como plataformas interativas, exibições cinematográficas, conferências em tempo real e aplicativos móveis - permite experiências imersivas, disruptivas e, sobretudo, inclusivas. Essa tendência evidencia a reconfiguração dos modos de experimentação cultural e reforça o potencial dos museus como agentes ativos na construção e circulação do conhecimento na sociedade contemporânea (Parry, 2007).

A Museologia, como campo de estudo que se dedica, entre outras coisas, à preservação, conservação, interpretação e comunicação do patrimônio em todas as suas manifestações e expressões, deve acompanhar as demandas tecnológicas da sociedade contemporânea. A relação entre percepção, emoção, razão, envolvimento, sensação, imagem, ideia e Memória, como destacado por Guarnieri, desempenha função importante na formação do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades cognitivas fundamentais. A "relação em si mesma", segundo Guarnieri (2010 [1974]), abrange a percepção, o envolvimento e a Memória - elementos essenciais para a criação do indivíduo e o desenvolvimento de habilidades cognitivas fundamentais; a percepção, que inclui emoção e razão, permite ao indivíduo compreender o mundo ao seu redor. O envolvimento, incluindo sensação, imagem e ideia, possibilita a conexão emocional e intelectual com as situações vivenciadas.

No contexto da sociedade contemporânea, marcada por transformações tecnológicas aceleradas e pela reconfiguração dos modos de sociabilidade, os museus encontram-se diante do imperativo de reinventar suas práticas para garantir sua relevância cultural e institucional. A crise sanitária provocada pela pandemia da COVID-19 atuou como um catalisador desse processo, evidenciando a urgência da integração de recursos tecnológicos e ambientes digitais na constituição de novas formas de mediação museológica. A impossibilidade de presença física nos espaços de exposição levou à intensificação do uso de tecnologias digitais, particularmente a realidade virtual e as redes

sociais, como instrumentos de aproximação simbólica com os públicos. Nesse cenário, a virtualidade deixou de ser um recurso auxiliar para tornar-se uma via legítima de vivência museal, capaz de transcender as limitações temporais e espaciais, e de ampliar as possibilidades de envolvimento sensível com a Memória e o patrimônio.

A presença digital dos museus, sobretudo nas redes sociais como *Instagram, Facebook* e *Twitter*, passou a desempenhar não apenas uma função comunicacional, mas tornou-se um *locus* de experimentação museológica. Essas plataformas transformaram-se em arenas discursivas, onde conteúdos curatoriais, exposições virtuais e ações educativas passaram a circular e a ser resignificados pela interação com os usuários. Como aponta Santaella (2003), vivemos na era da “hipercomunicação”, na qual o conhecimento e a cultura se reconfiguram em ambientes mediados pelas tecnologias digitais, exigindo dos museus uma postura responsiva e inovadora diante das novas lógicas de recepção e participação.

A pandemia, portanto, não apenas interrompeu a lógica tradicional das exposições físicas, mas instaurou uma nova sensibilidade no campo museológico, impulsionando reflexões críticas sobre o papel do Museu no ciberespaço. Nesse sentido, o uso das redes sociais ultrapassou o caráter meramente informativo, inaugurando possibilidades epistemológicas que reconhecem o espaço virtual como ambiente museal legítimo, como já defendido por Lévy (1999), ao compreender o virtual como o que possui potência de realização e não o que é ilusório ou ausente. Assim, os museus foram convocados a atuar em múltiplas frentes - presenciais e digitais -, reafirmando seu compromisso com a preservação da Memória e a construção de significados em uma sociedade interconectada, fragmentada e, ao mesmo tempo, profundamente colaborativa.

As restrições impostas pela pandemia da COVID-19 produziram impactos significativos no campo museológico, forçando as instituições a reconfigurar suas práticas curatoriais de maneira criativa e estratégica. A impossibilidade de acesso físico aos acervos e espaços expositivos impulsionou a adoção de soluções digitais que não apenas viabilizaram a continuidade das atividades museais, mas também ampliaram suas possibilidades de ação e engajamento. Nesse contexto, os museus passaram a experimentar novas formas de mediação cultural, reformulando a apresentação de suas coleções, reinventando os formatos das exposições e promovendo modos inéditos de apreciação e interpretação de conteúdos.

Essa reconfiguração da prática museológica, catalisada pela necessidade, foi também potencializada pelo alcance global das tecnologias digitais. Como destacou Castells em 2003, vivemos em uma “sociedade em rede”, na qual os fluxos de informação e cultura se expandem para além das fronteiras físicas, criando territorialidades simbólicas. Os museus, ao incorporarem recursos como *podcasts*, vídeos interativos,

transmissões ao vivo e canais de comunicação síncrona - como chats, não apenas diversificaram suas estratégias de comunicação, mas também promoveram experiências culturais mais dinâmicas, acessíveis e dialógicas. Esses recursos passaram a integrar um ecossistema comunicacional no qual a mediação se dá por múltiplas linguagens e plataformas, aproximando públicos diversos e promovendo uma nova gramática da experiência museológica.

A pandemia, portanto, não apenas exigiu respostas imediatas às limitações impostas pelo isolamento social, mas também revelou o potencial transformador da mediação digital. A criação de experiências interativas, formativas e sensíveis no ambiente virtual evidencia uma virada paradigmática na forma como os museus constroem vínculos com seus públicos e promovem a circulação do conhecimento e da Memória. Nesse sentido, as práticas museológicas digitais não devem ser vistas como soluções temporárias, mas como parte integrante de uma Museologia expandida, capaz de integrar os princípios da cibercultura à preservação e à mediação do patrimônio.

Para Desvallées e Mairesse, o processo de musealização envolve uma série de procedimentos teórico-metodológicos que abrangem a "extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem" (2013, p. 56) – processo este que inclui movimentos de identificação, documentação, conservação, pesquisa e comunicação. Para os autores citados a musealização é a etapa que viabiliza a permanência de um objeto em contexto museológico, conferindo-lhe um *status* de documento e, consequentemente, transformando-o em um Objeto de Museu.

Durante a pandemia, os museus foram compelidos a reconsiderar seus processos em um contexto virtual. A necessidade urgente de manter a conexão com o público resultou na criação de "objetos" museais digitais, como exposições online, visitas virtuais e outras iniciativas que buscaram transcender o ambiente físico tradicional. Esses "objetos" digitais, embora não possuam existência física tangível, foram fundamentais para a continuidade da missão museológica, promovendo a preservação, pesquisa e comunicação de conteúdo cultural em meio ao caos da pandemia. Isso, no entanto, não é um fenômeno novo; objetos virtuais/digitais existem pelo menos desde os anos 1990. A adoção de ferramentas digitais, sob uma perspectiva museológica, levou os museus a perceberem a viabilidade de modificar suas atividades educativas para atender às necessidades de públicos diversos, como círculos de discussão entre profissionais da área, publicação de conteúdos específicos, criação de jogos educativos interativos, *webinars* e conferências, ampliando as possibilidades de envolvimento virtual. A reconfiguração do uso das redes sociais pelos museus se tornou essencial para transformar a relação com o público, destacando linguagem acessível, abordagem acolhedora, representativa e identitária. Além disso, a tecnologia desempenha um papel

crucial na preservação do patrimônio, permitindo que os museus monitorem e controlem virtualmente seus bens por meio de softwares de gerenciamento de acervos, garantindo sua preservação de maneira segura.

A presente Tese buscou investigar como o isolamento social atuou como um catalisador para uma mudança de paradigma na relação entre museus e seus visitantes. Mais do que mera substituição da visita presencial, sua presença no meio digital possibilitou novas formas de participação, diálogo e colaboração, ampliando o alcance e a interação com o público. Nesse contexto, a pesquisa analisou casos específicos de museus que se destacaram por suas estratégias inovadoras, oferecendo referências valiosas para o campo museal brasileiro.

A pandemia, ao mesmo tempo em que impulsionou a virtualização de muitas instituições, também levou ao fechamento de inúmeros museus ao redor do mundo. Diante desse cenário, tornou-se imprescindível repensar as práticas museológicas, especialmente no que se refere à extroversão de conteúdo, à relação com o público e à adaptação dos processos museais às novas exigências do ambiente digital. A pesquisa de Tese buscou não apenas compreender o impacto desse período de transformações, mas também identificar caminhos para a consolidação de uma atuação híbrida e integrada dos museus na era digital.

O súbito fechamento dos museus impôs desafios inéditos a todas as instituições. Se o visitante não podia ir ao museu, tornava-se imperativo que este chegasse de algum modo até o visitante. Nessa busca, expandir o conceito de públicos, não os restringindo a seus visitantes, resultou ser uma possibilidade real e mais factível do que nunca. Mas com essa possibilidade veio o grande desafio, que deve perdurar, de pensar em novas formas de se comunicar e se relacionar com a sociedade. Tudo isso em um panorama de redução de verbas e ausência de visitantes presenciais e, consequentemente, de (re)invenção de modos de extroversão, contato e conquista de novos públicos (ICOM, 2020, p. 14).

Nesse contexto, a migração das práticas museológicas para o ambiente virtual também implica uma mudança significativa na própria noção de público. No meio digital, o público deixa de ocupar a posição tradicional de visitante para assumir a condição de **usuário**, isto é, de sujeito ativo que acessa, interage, comenta, compartilha e, muitas vezes, coproduz conteúdos e narrativas museológicas. Essa transformação desloca a relação entre Museu e sociedade para uma lógica mais participativa e relacional, na qual o engajamento se dá por meio de interfaces digitais, fluxos comunicacionais e interações em rede, redefinindo os modos de mediação, de apropriação simbólica e de construção de sentido no campo museológico.

1.3 Sobre conceitos-chave: tendências atuais na Museologia

A pesquisa de Tese investigou como os museus brasileiros e portugueses utilizaram as redes sociais para se reinventar e adaptar suas práticas durante o período de isolamento social. Em ambos os países, a presença digital dessas instituições foi além da simples divulgação de acervos, expandindo-se para a criação de experiências interativas, como itinerários virtuais, debates *online* e outras formas de engajamento. Essas iniciativas não apenas garantiram a continuidade das atividades museológicas, mas também transformaram os museus em agentes ativos no ambiente digital, fortalecendo sua conexão com o público e ampliando seu alcance em um contexto de profunda transformação cultural. A análise dessas estratégias permitiu compreender como a virtualização dos museus influenciou as práticas de Memória e Luto no ambiente digital, contribuindo para a investigação do fenômeno do CiberLuto e suas implicações na preservação e na resignificação das lembranças no ciberespaço.

A utilização de uma abordagem acolhedora e representativa nas redes sociais é fundamental para atrair e engajar diferentes públicos. Ao empregar linguagem acessível, os Museus quebram barreiras de comunicação, criando um ambiente convidativo para explorar e interagir com o conteúdo cultural. A representatividade e identidade desempenham papéis essenciais, refletindo a diversidade do público e tornando os Museus mais relevantes para uma ampla gama de pessoas.

Em 9 de julho de 2020, a organização IberMuseus divulgou o Relatório 1 sobre o impacto da pandemia e o repositório COVID-19 para os Museus (IberMuseus, 2020). A COVID-19 causou estragos em diversos setores e as instituições brasileiras, profundamente envolvidas com a socialização e o desenvolvimento cultural, foram diretamente afetadas por esse contexto desafiador. Diante dessa nova realidade, em que museus em todo o mundo precisaram se adaptar, buscando iniciativas e soluções criativas para manter e fortalecer sua relação com o público, os museus brasileiros não podiam estar excluídos.

A Cibermusealização permite ao usuário entrar e explorar um Museu virtual, interagindo com itens que não estão disponíveis para visitação física. Não existirá futuro para os museus sem a participação de seus públicos. E a boa notícia é que os públicos querem criar esse horizonte junto com os museus - durante e depois da pandemia. A última seção da pesquisa foi dedicada às ideias e sugestões compartilhadas por milhares de pessoas no Brasil. Para ingressar em um novo futuro, museus precisam fazer um exercício de escuta e estar abertos à possibilidade de mudança, pois somente dessa forma estarão mais próximos daquilo que seus públicos desejam (ICOM, 2020, p.30).

A Cibermusealização se apresenta como uma jornada fascinante e revolucionária para os museus, abrindo portas para um universo de possibilidades e conexões com seus públicos. Através dessa transformação digital, eles têm a oportunidade de ir além das barreiras físicas, alcançando públicos em diferentes partes do mundo e proporcionando experiências únicas e imersivas. Assim, surgiram conteúdos virtuais adaptados à atualidade e às ferramentas de acesso existentes, oferecendo uma experiência única que cada museu proporciona ao seu público. Além disso, muitos museus desenvolveram projetos educacionais a distância, direcionados a ambientes escolares e acadêmicos, com materiais que incentivam a busca de conhecimento e aprendizado, que vão além da simples divulgação de conteúdos já existentes em suas coleções.

O relatório IberMuseus 2020 destaca o impacto expressivo que a pandemia teve nos museus brasileiros e em todo o mundo, ressaltando o desafio enfrentado por essas instituições voltadas para a socialização e o desenvolvimento cultural. Em enfrentamento ao cenário desafiador os museus implementaram uma série de iniciativas e soluções criativas, e a virtualização tornou-se uma ferramenta necessária nesse processo. Através de plataformas virtuais, conseguiram oferecer aos visitantes a oportunidade de explorar exposições e acervos de forma remota, possibilitando o acesso a conteúdos culturais de maneira segura, mesmo durante os períodos de isolamento social. Essa adaptação para o ambiente virtual não apenas atendeu às demandas do momento, mas também abriu novas possibilidades para a expansão do alcance cultural dessas instituições.

A pandemia impôs desafios significativos aos museus brasileiros, que, por sua natureza centrada na interação presencial, viram-se forçados a repensar radicalmente suas abordagens. Nesse contexto, o Relatório 1 do IberMuseus[10] destacou a magnitude do impacto e a necessidade de respostas inovadoras para manter a vitalidade cultural e educativa dessas instituições. O movimento adaptativo evidenciou as vulnerabilidades estruturais que, por longo tempo, impactaram os museus, especialmente no que diz respeito aos recursos e equipes alocadas para atividades digitais e de comunicação, assim como o nível de atualização dos conteúdos produzidos (ICOM, 2020, p. 9).

A disponibilidade e a capacidade de atingir audiências por meio remoto variaram conforme a região, apresentando menor influência em relação às mídias sociais, mas uma mudança mais substancial para outros tipos de conteúdo (ICOM, 2020. Apud Scheiner, 2023, p. 40). O relatório do ICOM, intitulado "Dados para navegar em meio às incertezas" e publicado em 2020, destacou que a capacidade dos museus de alcançar audiências por meio remoto variou significativamente de acordo com a região e suas infraestruturas

[10] IBERMUSEUS. Relatório de impacto da pandemia e repositório COVID-19 para os museus. Disponível em: http://www.ibermuseos.org/pt/recursos/noticias/relatorio-de-impacto-da-pandemia-e-repositorio-covid-19-para-os-museus/. Acesso em: 5 jan. 2025.

digitais respectivas. A pandemia evidenciou que a adaptação ao meio digital não é apenas uma opção, mas uma necessidade imperativa para manter o engajamento do público e o reconhecimento das instituições culturais.

O relatório do IberMuseus[11] sobre o impacto da pandemia oferece uma visão abrangente das repercussões da COVID-19 no setor museológico, destacando a necessidade de uma abordagem estratégica diante desses desafios sem precedentes. O mapeamento da situação, realizado por meio de uma pesquisa abrangente e anônima, revela dados importantes sobre como os museus estão respondendo às medidas restritivas e às demandas emergentes. O relatório aponta que a maioria das instituições precisou ajustar suas atividades para lidar com as restrições, enquanto muitos enfrentaram desafios financeiros, incluindo a necessidade de recursos para sustentabilidade e gestão. A colaboração com a comunidade e a preocupação com a gestão interna e a relação com o público são temas recorrentes no relatório, destacando a importância de estratégias proativas e de adaptação ao cenário virtual.

Além disso, o repositório COVID-19 oferece um conjunto de documentos de referência, relatórios de impactos elaborados por diferentes países e organizações internacionais, recomendações para a reabertura de espaços museológicos e medidas de apoio governamental. Esses recursos não apenas fornecem uma visão da situação dos museus ao longo da pandemia, mas também servem como guia para museus em todo o mundo, que enfrentam desafios semelhantes.

A abordagem adotada pelo Programa Ibermuseos e seu Observatório Ibero-americano de Museus demonstra um compromisso claro em entender e enfrentar os impactos da pandemia no setor museológico, oferecendo suporte, informações e orientações para uma recuperação eficaz e sustentável. Essa iniciativa reflete não apenas a resiliência do setor, mas também a importância contínua dos museus na sociedade e seu papel crucial na preservação cultural e na conexão com as comunidades. Essa constatação ressalta a importância crítica de investir em tecnologias digitais e infraestrutura *online* para garantir a resiliência das instituições culturais diante de desafios sem precedentes, como os apresentados pela pandemia. O reconhecimento da necessidade de presença de uma robustez digital sinaliza uma mudança paradigmática na forma como os museus enfrentam sua missão de proporcionar acesso à cultura e promover a participação do público. A resposta à adaptação digital não é mais uma escolha, mas uma condição essencial para a continuidade e relevância das instituições culturais na era contemporânea.

[11] IBERMUSEUS. O que os museus necessitam em tempos de distanciamento físico. 2020. Disponível em: https://www.ibermuseos.org/wp-content/uploads/2020/07/informecovid-vf.pdf. Acesso em: 6 mar. 2024. O Ibermuseus é o principal programa de cooperação para os museus da Ibero-América.

Como já dito anteriormente, a pandemia desvelou uma série de desafios e fragilidades há muito sentidos pelas instituições culturais, incluindo os museus. Uma das principais questões que surgiram nesse período foi a carência de recursos e equipes especializadas em atividades digitais e de comunicação. Muitos museus estavam despreparados para lidar com a rápida transição para o meio digital. Essa lacuna revelou não apenas a urgência de investir em infraestrutura digital, mas também a necessidade de fortalecer as competências e estruturas internas para enfrentar os desafios do ambiente virtual. Diante desse desafio, responderam com resiliência e criatividade, aproveitando as oportunidades oferecidas pela virtualização. A adoção de conteúdos virtuais adaptados à realidade contemporânea e a implementação de projetos educacionais à distância demonstraram não apenas uma adaptação necessária, mas também uma evolução na forma como se conectam com seus públicos.

A transição para o meio virtual não é apenas uma solução temporária, mas uma transformação duradoura, abrindo novos horizontes para a disseminação do conhecimento e da cultura. Os museus, ao explorar plataformas digitais, conseguiram não apenas superar as barreiras físicas impostas pela pandemia, mas também ampliar seu alcance global, proporcionando experiências culturais valiosas de forma segura e inclusiva.

A pandemia desafiou a tradicional concepção de museus como espaços físicos, revelando que sua essência vai além das paredes físicas. A virtualização não substitui, mas complementa a experiência presencial fortalecendo os museus como espaços dinâmicos, acessíveis e adaptáveis. Dessa forma, o futuro dos museus se configura como uma interseção harmoniosa entre o real e o virtual, uma síntese que fortalece a missão dessas instituições de preservar, educar e inspirar, independentemente dos desafios do cenário global.

Além disso, a tecnologia é crucial na preservação e interação com os registros de patrimônio. O uso de *softwares* de gerenciamento de acervos permite que os museus monitorem e controlem eficientemente seus bens, garantindo a preservação virtual e a segurança digital. A tecnologia tem sido também uma aliada valiosa na restauração e conservação dos bens culturais. Ferramentas digitais e técnicas avançadas permitem pesquisas, análises e simulações para compreender e preservar objetos valiosos. Tais ferramentas não apenas auxiliam na conservação física, mas também facilitam a colaboração entre museus, instituições e especialistas, contribuindo para a proteção do patrimônio cultural em escala global.

Em resumo, repensar o uso das redes sociais pelos museus e integrar estrategicamente a tecnologia na preservação e conservação do patrimônio cultural são passos fundamentais para garantir um futuro conectado e inclusivo para a cultura. Ao

abraçar a inovação, podem se tornar centros dinâmicos de aprendizado, interação e preservação, enriquecendo vidas e promovendo a valorização da riqueza da herança cultural compartilhada.

A discussão sobre o real e o virtual permeia a Museologia, reconhecendo que são experiências distintas e complementares. O ciberespaço, entendido como uma extensão virtual da realidade física, oferece novas possibilidades para apresentação e exploração do patrimônio cultural. Museus virtuais, que nascem virtuais com acervos exclusivamente virtuais, coexistem com museus que operam na virtualidade, que usam plataformas como suporte para expandir sua presença e interação com o público, transcendo as limitações geográficas e sociais. A Cibercultura, associada ao ciberespaço, destaca a importância da interconexão global de computadores, proporcionando comunicação, troca de informações e acesso a vasto conhecimento e cultura.

Assim, torna-se imperativo que a Museologia reconheça a complementaridade entre o mundo real e o virtual, buscando uma integração harmônica e estratégica dessas duas dimensões. Essa abordagem é essencial para oferecer ao público experiências enriquecedoras, inclusivas e relevantes. O uso inteligente e criativo do ciberespaço tem o potencial de aprimorar significativamente o campo da Museologia, tornando-o mais acessível, dinâmico e alinhado com as demandas da sociedade contemporânea.

André Lemos (2021), ao investigar e refletir sobre os agenciamentos sociotécnicos decorrentes da pandemia do COVID-19, destacou que a tecnologia é um elemento onipresente em todos os meios e ambientes. Ele argumenta que a tecnologia atua como um "vírus", permeando diversos aspectos da sociedade, impulsionando o desenvolvimento e compelindo os indivíduos a se reconhecerem "como seres tecnológicos", uma vez que a presença da tecnologia está intrinsecamente ligada à essência humana (Lemos, 2020, p.19). A reflexão de Lemos sobre a presença da tecnologia como um "vírus" em todos os aspectos da sociedade sugere que a influência tecnológica é tão ubíqua e penetrante que se torna uma parte inalienável da experiência humana. Ao afirmar que a tecnologia está presente na essência do ser humano, o autor destaca a interconexão intrínseca entre a evolução da tecnologia e o desenvolvimento da própria humanidade.

Essa perspectiva nos leva a considerar como as tecnologias emergentes moldam nossas interações, percepções e até mesmo a maneira como enfrentamos desafios, como a pandemia do COVID-19. A metáfora do "vírus" sugere uma disseminação global e uma influência transformadora que molda os agenciamentos sociotécnicos em nossa sociedade contemporânea. O impacto da pandemia na Museologia evidencia a necessidade premente de repensar a abordagem dos museus diante das redes sociais e da tecnologia. Durante o período desafiador do isolamento social, os museus - principalmente os tradicionais - foram compelidos a reimaginar suas práticas e a adotar

soluções inovadoras para manter uma conexão significativa com seus usuários. A transformação digital emergiu como uma ferramenta essencial nesse contexto, proporcionando-lhes a capacidade de virtualizar suas exposições, acervos e iniciativas educativas. A criação de museus virtuais e a utilização de plataformas digitais como suporte destacam-se como estratégias relevantes para garantir a acessibilidade cultural, transcendendo barreiras geográficas e sociais.

Diante desse cenário, é imperativo que os museus compreendam a complementaridade entre real e virtual, integrando harmoniosamente essas duas dimensões para proporcionar experiências enriquecedoras e inclusivas aos seus públicos. A virtualização não substitui, mas amplia as possibilidades de transmissão do sensível, promovendo uma coexistência dinâmica entre o mundo físico e o ciberespaço.

Em última análise, ao abraçar a inovação, repensar o uso das redes sociais e incorporar estrategicamente a tecnologia na preservação do patrimônio, os museus não apenas se adaptam às demandas contemporâneas, mas se afirmam como agentes fundamentais na construção de um futuro cultural mais conectado e inclusivo. Essa jornada de transformação não apenas enriquece a vida das pessoas, mas também reforça a valorização da riqueza da herança cultural que todos compartilhamos. Nesse contexto de reconfiguração museológica durante a pandemia, é crucial destacar a potência da virtualidade e a emergência da Cibermuseologia como pilares fundamentais para o futuro das instituições culturais. A convergência entre Museologia, tecnologia e redes sociais, impulsionada por desafios inéditos, vem abrindo um horizonte de possibilidades até então não exploradas.

O conceito de Cibermuseologia se refere à parte da Museologia que trata da relação entre os museus, suas exposições e seus públicos, com o uso e incorporação de tecnologias digitais. É um ambito de pesquisa que explora como as tecnologias digitais podem ser aplicadas ao contexto museológico para enriquecer a experiência do público, promover a acessibilidade, criar interatividade e fornecer novas formas de apresentação e interpretação do acervo[12]. A virtualidade, entendida como um estado latente pronto a se transformar no real, torna-se aqui o epicentro da inovação museológica. Os museus virtuais, nascidos no ciberespaço, irão além das barreiras físicas, proporcionando experiências imersivas e acessíveis a um público global. A multiplicidade de soluções oferecidas por essa virtualização representa uma evolução na capacidade dos museus de transmitir o sensível, explorando diversas formas de aprendizado, pensamento e interação.

[12] Tradução francesa de Maëlle Gouret, Sylvie Lucas e Marion Roché. Traduções adicionais: In Fine Traduction. Armand Colin, Paris, 2022 ISBN: 978-2-200-63561-9.

A Cibermuseologia, como vertente fundamental desse processo, destaca que os museus têm a capacidade de se adaptar e prosperar no ambiente digital. Essa tendência que acreditamos ser uma disciplina emergente poderá vir a ser o motor que impulsiona a reinvenção museológica, explorando como as tecnologias contemporâneas podem potencializar a preservação, pesquisa e comunicação do patrimônio cultural. Em um mundo onde as fronteiras entre real e virtual se dissolvem, a Cibermuseologia poderá tornar-se um campo de estudo crucial para compreender e aproveitar o potencial integral da virtualidade.

O período desafiador representado pelo marco da pandemia serviu como catalisador para acelerar a integração desses conceitos à prática museológica. Os museus foram impulsionados a transcender as limitações do espaço físico, explorando ativamente o ciberespaço como uma extensão inovadora de sua existência.

A pesquisa de doutorado, nesse contexto, tornou-se não apenas uma oportunidade de analisar as transformações atuais, mas também de contribuir para a construção de novos paradigmas que moldarão o futuro da Museologia. Ao mergulharmos no estudo da Cibermuseologia durante a pandemia, vislumbramos uma jornada fascinante rumo à compreensão de como as instituições culturais podem prosperar, preservar e se conectar em uma era cada vez mais digital. Esta Tese não apenas visa documentar as mudanças em curso, mas também orientar os museus em direção a uma era de inovação, acessibilidade e resiliência cultural. A contextualização histórica nos conduzirá por um caminho que revela as raízes da Museologia virtual, desde seus primeiros experimentos até as formas mais avançadas e interativas de interação digital. Analisar essa trajetória permitirá compreender não apenas o presente estado, mas também antecipar transformações futuras que moldarão a relação entre museus, tecnologia e público.

A Tese propõe uma investigação aprofundada sobre a dinâmica transformadora dos paradigmas museológicos na Era Digital, que inclui uma abordagem detalhada da ascensão dos museus virtuais como resposta aos desafios contemporâneos, destacando não apenas o impacto imediato da pandemia e seus desdobramentos no período pós-pandêmico, mas também as raízes e fatores preexistentes que impulsionaram esse fenômeno. André Lemos (2021, p. 21) afirma que nossa vida está sendo transformada em dados. Metaforicamente falando: “tudo que você faz com seu *smartphone* é transformado em dados digitais que são captados, analisados e transformados em *Inputs*”. A citação ressalta a transformação gradual de nossas vidas em dados, evidenciando a onipresença da tecnologia e sua capacidade de registrar virtualmente todas as nossas atividades por meio de dispositivos como *smartphones*. Nossas interações cotidianas, antes analógicas, agora são captadas, processadas e transformadas em *inputs* digitais.

A reflexão de Diana Lima (2009, *Apud* Scheiner, 1998) sobre os Museus Virtuais como uma nova categoria de Museu aponta para uma transformação significativa na forma como concebemos e experienciamos instituições culturais. A noção de Museus Virtuais transcende as perspectivas tradicionais, introduzindo novas dinâmicas que exigem adaptações no campo da Museologia, especialmente em termos de informação e comunicação. A ideia de um "novo modelo conceitual" destaca que os Museus Virtuais não são meras extensões dos Museus Tradicionais para o ambiente digital, mas sim entidades distintas que operam com lógicas próprias.

Vale dizer que desde os anos 1990 Scheiner já trabalhava com a definição e caracterização de Museu Virtual. Essa visão pioneira destacava a importância de explorar as novas dinâmicas que os Museus Virtuais trariam para o campo museológico, introduzindo conceitos e práticas inovadoras no âmbito da informação e comunicação. A abordagem de Scheiner, ao identificar os Museus Virtuais como uma nova categoria de Museu, impulsionou reflexões profundas sobre a evolução dos museus no ambiente digital. Essa visão precursora ofereceu uma base conceitual sólida para entender como os museus se adaptariam e se transformariam em resposta às mudanças tecnológicas e sociais, especialmente no contexto da emergência das novas ágoras digitais.

Ao reconhecer o mérito das contribuições de Scheiner e outros estudiosos ao longo do tempo, podemos compreender melhor a trajetória da Museologia brasileira e sua inserção no cenário internacional. A reflexão acadêmica sobre esse tema baseia-se em um diálogo contínuo entre teorias e práticas, marcado pela busca por uma compreensão mais ampla e contextualizada do papel dos museus na contemporaneidade.

Segundo Scheiner (2020, p. 22):

> Sabemos que as estratégias discursivas vinculando museus e patrimônios aos temas sociais se configuraram e pluralizaram ao longo dos anos 1960, fundamentadas nas políticas e diretrizes do campo econômico e no tema do desenvolvimento; e atravessaram as três últimas décadas do século 20 articulando-se em duas tendências específicas: a resistência à globalização econômica; e o desejo de ocupar espaços significantes nas novas ágoras digitais. Nesse contexto os museus foram cooptados, por um lado, como espaços de resistência identitária de grupos específicos; e por outro, como instâncias incorporadoras das narrativas da contemporaneidade, via processos de inovação. Esta relativa bipartição serviu de argumento a uma ideologização das teorias e práticas museológicas, com a reificação de “discursos da diferença” que indicavam a existência de uma “Museologia do objeto”, associada ao *quantum* capitalista, oposta a uma “Museologia comunitária, ou da ação”, ligada aos ideais socializantes.

Em 1997, Jamieson McKenzie já considerava um Museu Virtual como uma coleção eletronicamente organizada de artefatos, incluindo pinturas, fotografias e outros elementos culturais. Essa definição ressalta a transformação do conceito de Museu Tradicional para o ambiente digital, onde as obras de arte e os artefatos são disponibilizados e acessados

de forma virtual, permitindo uma experiência museológica por meio de tecnologias digitais. Oliveira (2007) salienta que o Museu Digital está, aqui, ligado diretamente à web, de um lado significando uma interface com os museus presenciais, de outro lado, criando o próprio ciberMuseu - aquele que não possui uma interface presencial, num sentido metafórico; ou seja, designando os seus acervos para uma ordem digital e criando uma qualidade que tem o objetivo de manter a relação de semelhança com as origens daquilo que se conhece como Museu.

Manuelina Cândido (2020, *Apud* Chaves, 2020, p. 33.34) define Museu Virtual como uma entidade que não possui uma existência física, mas é totalmente baseada no meio digital[13]. Ela enfatiza que o termo "virtual" sugere algo em potencial, algo que está em processo de se tornar um museu, desde que execute todas as funções operacionais museológicas, como preservação, comunicação, exposição e educação cultural, usando referências patrimoniais preservadas. Rosali Henriques (2020), por sua vez, destaca que um museu virtual realiza suas atividades museológicas no ambiente virtual, utilizando a internet como meio para alcançar seus objetivos patrimoniais. Ela ressalta que, apesar de não ter limitações físicas, um museu virtual possui características distintas das instituições museológicas físicas. Letícia Julião (2020) aborda a palavra "virtual" como algo que não existe materialmente, mas pode ser criado; e questiona se um museu virtual seria composto apenas por objetos digitais ou incluiria imagens digitais de objetos/materialidades reais. Julião argumenta que um museu virtual pode existir exclusivamente na web e seu acervo pode ser digital ou composto por imagens digitais de objetos materiais, desde que musealize aspectos significativos da realidade e permita interpretações desse patrimônio.

Vera Dodebei (2020) destaca que um museu virtual, embora possa existir apenas no ciberespaço, é um museu legítimo que pode ser uma representação de seu equivalente físico. Ela enfatiza a importância das teorias museológicas na orientação das funções museais, tanto em ambientes analógicos quanto digitais. Juliane Serres (2020) argumenta que um museu virtual não é apenas um espaço sem caráter físico, mas sim um ambiente configurado no espaço virtual das redes de informação na internet. A autora destaca que um museu virtual realiza práticas museológicas como salvaguarda e comunicação, mas de maneira diferente dos museus físicos tradicionais.

Cristina Bruno (2020) observa que um museu virtual pode ser estritamente virtual ou incorporar linguagens digitais, destacando que as ferramentas digitais têm potencialidades únicas para alcançar o público, proporcionando um grande avanço na Museologia. Maria Célia Santos (2020, *Apud* Chaves, Rafael, 2020, p: 33.34) enfatiza a

[13] Neste sentido, Candido recupera as primeiras conceituações de Scheiner (1992, 1998, 1999) sobre o Museu Virtual.

importância da reflexão sobre a evolução da sociedade e da Museologia para compreender o Museu Virtual. Defende que os museus virtuais devem operar com o processo de musealização virtual, contribuindo para o desenvolvimento humano e para a construção de sociedades mais justas e igualitárias.

Os diversos autores analisam o conceito de Museu virtual sob diferentes perspectivas, enriquecendo a compreensão desse fenômeno no contexto da Museologia contemporânea. Cândido destaca a natureza potencial do Museu Virtual, enfatizando sua operação completa no ambiente digital, desde que execute todas as funções museológicas essenciais. Henriques ressalta a sua capacidade de realizar atividades museológicas no espaço virtual, transcendendo suas limitações físicas. Julião levanta questões sobre a composição do Museu Virtual e sua relação com objetos materiais, reconhecendo a importância da musealização de aspectos da realidade. Dodebei destaca a sua dualidade como uma entidade exclusivamente *online* ou uma representação de seu equivalente físico. Serres enfatiza a atuação prática e a desmaterialização do espaço físico no Museu Virtual. Bruno ressalta a diversidade de abordagens e linguagens que ele pode adotar, aproveitando as potencialidades das ferramentas digitais. Santos encerra a reflexão enfatizando a importância da contextualização histórica e social na compreensão do Museu Virtual, defendendo sua relevância como um espaço de musealização virtual que contribui para o desenvolvimento humano e social. Juntas, essas perspectivas destacam a complexidade e a diversidade do Museu Virtual como uma expressão significativa da evolução da Museologia no mundo digital. As "perspectivas diferentes" mencionadas indicam uma mudança na abordagem museológica. Em vez de depender exclusivamente da materialidade dos objetos físicos e do espaço físico, os Museus Virtuais exploram as potencialidades do ambiente digital para oferecer novas formas de interação, exploração e aprendizado. A realidade virtual, a interatividade digital e a acessibilidade global são aspectos distintivos que caracterizam essas perspectivas inovadoras.

O pensamento dos especialistas reflete uma recontextualização significativa da Museologia contemporânea, onde as noções tradicionais de tempo e espaço são transformadas pela virtualidade. Os Museus Virtuais são vistos como instituições colaborativas e representativas, que se desenvolvem na rede e oferecem abordagens museológicas mais flexíveis. Um exemplo é a curadoria colaborativa, onde cada visitante pode participar do acervo e até mesmo criar suas próprias coleções.

No contexto brasileiro, ainda falta um termo bem estabelecido para os Museus Virtuais. Inicialmente, foi adotada a nomenclatura "Museu Virtual" conforme proposto por Scheiner (1997) e Henriques (2004) e utilizada pelo IBRAM, buscando padronizar a terminologia e evitar fragmentações do termo. Isso se deve ao fato de muitos autores

adotarem diferentes nomenclaturas, o que pode dificultar a compreensão e a comunicação dentro da área.

É importante destacar que alguns autores abordam os Museus Virtuais de fora da perspectiva museológica, o que pode limitar a compreensão dessas experiências como entidades museológicas completas. A necessidade de uma visão integrada e abrangente dos Museus Virtuais como parte essencial da Museologia é ressaltada para uma compreensão mais profunda e consistente desse fenômeno na contemporaneidade.

A esse respeito, Chaves (2020, p. 33-34) propõe pensar o Museu Virtual destacando sua natureza adaptável e sua capacidade de cumprir os propósitos museológicos mesmo com variações em relação aos Museus Tradicionais. Segundo o autor, um Museu Virtual é um "Museu na virtualidade", caracterizado por uma "curadoria colaborativa" que envolve o público na seleção e construção do acervo. Além disso, ele ressalta a importância da "mediação entre Memória, patrimônio e sociedade" realizada pelo Museu na esfera digital, socializando o patrimônio cultural nesse contexto. Essa definição enfatiza a relevância dos Museus Virtuais como espaços de interação, inclusão e preservação da cultura no ambiente online, refletindo a evolução da Museologia frente aos desafios e oportunidades da era digital.

As "adequações para exercer a informação e comunicação na Museologia" ressaltam a necessidade de repensar as práticas museológicas diante das novas possibilidades tecnológicas. A dinâmica dos Museus Virtuais exige uma abordagem adaptativa para a transmissão de conhecimento, envolvimento dos usuários e preservação digital. O Museu virtual não tem publico: tem usuários - e a comunicação é individual.

A comunicação eficaz no contexto virtual vai além do simples fornecimento de informações, incorporando elementos de participação, imersão e narrativas interativas. Isto reforça a reflexão de Lima, quando destaca que os Museus Virtuais não são apenas extensões digitais dos Museus Tradicionais, mas sim uma categoria museológica distinta, moldada por perspectivas inovadoras que desafiam as práticas convencionais da Museologia - como disse Scheiner em 1998. A compreensão deste fato e a adaptação a essas mudanças são cruciais para que se possa aproveitar plenamente o potencial dos Museus Virtuais na era digital.

A pandemia de COVID-19 acelerou esse processo de digitalização e virtualização, tornando ainda mais evidente a maneira como os dados se tornaram uma extensão integral de nossas vidas. Durante esse período desafiador, a dependência de dispositivos digitais e plataformas *online* se intensificou, uma vez que as interações presenciais foram limitadas. A transformação de nossas ações em dados digitais, como apontado por Lemos, tornou-se particularmente visível na forma como as pessoas se adaptaram às medidas de distanciamento social. Atividades cotidianas, como compras, comunicação, trabalho e

entretenimento, foram transferidas para o ambiente digital, onde cada interação deixava uma trilha de dados. O uso massivo de *smartphones* e a interconectividade proporcionada pela tecnologia demonstraram que, mesmo em tempos de isolamento, as interações digitais continuaram a moldar nossa experiência de vida. Nesse contexto, a pandemia agiu como um catalisador, destacando a importância dos dados digitais na compreensão de padrões comportamentais, necessidades sociais e transformações culturais.

A reflexão sobre essa realidade ressalta a necessidade de compreendermos como a coleta e análise de dados influenciam não apenas a maneira como vivemos, mas também como as instituições, incluindo museus, podem adaptar-se a esse novo cenário e dele tirar proveito. A digitalização intensificada durante a pandemia destacou a importância de explorar o potencial desses dados para moldar estratégias inovadoras e eficazes, especialmente quando se trata da relação entre museus e seus públicos em um contexto cada vez mais virtual.

De um ponto de vista conceitual, podemos compreender o termo "mídias" como qualquer meio intermediário de disseminação de informações. Neste contexto, conforme mencionado anteriormente, essas estão relacionadas aos conteúdos publicados na internet pelos atores sociais, abrangendo elementos como vídeos, fotos, notícias, mensagens, entre outros. Portanto, o termo "mídias digitais" refere-se a qualquer meio de comunicação que faça uso da tecnologia digital.

A sociedade em constante evolução, aliada aos avanços tecnológicos, delineou um novo panorama para as práticas museológicas. Os museus virtuais emergem como expressão não apenas da necessidade de adaptação a circunstâncias extraordinárias, como a pandemia, mas também como um reflexo de uma demanda crescente por acessibilidade, interatividade e inovação no universo cultural.

A pandemia de COVID-19 significou um ponto de virada, forçando os museus tradicionais a repensar suas abordagens e a adotar estratégias de Museologia virtual para manterem uma conexão significativa com o público, mesmo diante das restrições físicas. Nesse cenário, os museus mistos, combinando elementos físicos e virtuais, ganharam destaque como uma abordagem híbrida para oferecer experiências culturais diversificadas.

A Cibermuseologia desempenha um papel vital nesse contexto, explorando as potencialidades do Ciberespaço e destacando a importância de repensar a preservação digital, a acessibilidade e a interatividade em ambos os ambientes. Ela não busca apenas replicar experiências físicas no meio virtual, mas visa inovar, tirando proveito das características únicas do meio digital para enriquecer a experiência cultural.

Entretanto, a evolução para museus virtuais e mistos não ocorre sem desafios. Questões relacionadas à preservação digital, acessibilidade e garantia de experiências

inclusivas são desafios críticos a serem enfrentados por todas essas categorias de museus. São desafios que impulsionam a busca por soluções inovadoras e práticas sustentáveis.

A reinvenção das práticas museológicas em ambientes virtuais traz consigo uma série de desafios e oportunidades que moldam a trajetória do setor cultural. Diante das transformações tecnológicas e das mudanças no comportamento dos seus usuários, os museus enfrentam a necessidade de se adaptar, reimaginando seus papéis e repensando suas estratégias para garantir relevância e acessibilidade em ambientes virtuais. Neste processo, é importante que adotem uma abordagem sensível e responsável em relação à cultura digital. É necessário considerar questões tais como acessibilidade, inclusão e privacidade, para garantir que todos tenham a oportunidade de participar e usufruir das experiências digitais oferecidas pelos museus. Em resumo, o direcionamento das ações museológicas para a cultura digital representa uma oportunidade de renovação e expansão do papel dos Museus na sociedade contemporânea: ao aproveitar as novas ferramentas da tecnologia, os museus podem se conectar de forma mais profunda e significativa com seus públicos, promovendo a cultura, o conhecimento e a criatividade de maneira acessível e inclusiva.

Retomando a noção de Cibercultura, citamos Lemos (2009, 136):

> Às vezes, quando se fala de cultura digital, cibercultura, tem sempre uma ideia futurista, uma ideia de ficção científica. E, na realidade, não é isso, trata-se da cultura hoje marcada por essas ferramentas eletrônicas. O que a meu ver alterou substancialmente a nossa relação com os objetos técnicos na atualidade é que pela primeira vez, talvez, a gente tenha a dimensão técnica, o digital, colado à dimensão da comunicação. São tecnologias não apenas da transformação material e energética do mundo, mas que permitem a transformação comunicativa, política, social e cultural efetivamente. Porque nós conseguimos transitar informação, bens simbólicos, não materiais, de uma maneira inédita na história da humanidade.

Um dos principais desafios reside na preservação digital do patrimônio. A transição para ambientes virtuais demanda não apenas a tradução visual e interativa das obras, mas também a garantia de sua integridade ao longo do tempo. A preservação digital eficaz requer abordagens inovadoras e contínuas, considerando a rápida evolução das tecnologias.

Paralelamente aos desafios, surgem oportunidades significativas na “reinvenção museológica”. Ambientes virtuais oferecem a chance de ampliar a comunicação no alcance global, ultrapassando fronteiras geográficas e culturais. A interatividade proporcionada por tecnologias emergentes permite que os museus criem experiências mais envolventes e personalizadas, cativando diferentes públicos de maneiras inovadoras. A integração das redes sociais na estratégia museológica representa uma oportunidade

valiosa de ampliar o engajamento e promover uma participação ativa dos públicos. A colaboração entre instituições culturais, especialistas e o públicos em ambientes virtuais pode enriquecer as narrativas e perspectivas apresentadas, transformando os em espaços mais dinâmicos e participativos.

Em síntese, os desafios e oportunidades de reinvenção em ambientes virtuais refletem a complexidade desse processo. A busca por soluções inovadoras, aliada a uma compreensão cuidadosa das necessidades e expectativas da sociedade, torna-se imperativa para o sucesso na transição para o cenário virtual, permitindo que os museus continuem a desempenhar um papel fundamental na preservação e difusão do patrimônio.

A reinvenção das práticas museológicas em ambientes virtuais durante a pandemia trouxe consigo uma série de desafios significativos. Um dos principais obstáculos foi a necessidade de preservar adequadamente o patrimônio digital, assegurando a sua integridade, autenticidade e acessibilidade a longo prazo. A adaptação para ambientes virtuais também demandou esforços para garantir a acessibilidade digital, tornando as experiências culturais *online* inclusivas para diferentes públicos.

Manter o engajamento do público foi outra questão crítica, exigindo dos museus a busca por maneiras inovadoras de cativar e interagir remotamente. Além disso, estratégias de monetização eficazes tornaram-se essenciais para garantir a sustentabilidade financeira das instituições culturais virtuais, envolvendo a exploração de modelos como assinaturas, doações *online* e parcerias estratégicas. A segurança digital também emergiu como um ponto de preocupação, dado o aumento da presença *online* dos museus, exigindo a implementação de medidas robustas para proteger tanto o patrimônio cultural quanto os dados sensíveis dos visitantes.

Por outro lado, a pandemia acelerou o processo de Cibermusealização, um fenômeno caracterizado pela adaptação e criação de museus virtuais em resposta às restrições físicas impostas pelo distanciamento social. Durante esse período, observou-se uma série de inovações na prática museológica, incluindo a produção acelerada de conteúdo virtual - como visitas *online* a exposições, palestras virtuais e eventos ao vivo. A inovação - sob a forma de experiências interativas, utilizando tecnologias como realidade virtual e realidade aumentada - permitiu uma abordagem mais envolvente e imersiva às coleções. Além disso, museus exploraram formas de colaboração *online*, envolvendo os públicos na criação de conteúdos, como exposições virtuais colaborativas. A expansão do alcance global foi uma consequência positiva, na medida em que a digitalização permitiu que os museus atingissem públicos além das fronteiras geográficas, atraindo visitantes de diferentes partes do mundo.

O aumento da visibilidade nas redes sociais também desempenhou um papel crucial, com museus utilizando estrategicamente essas plataformas para compartilhar

conteúdo, promover eventos e manter uma conexão mais próxima com o público. Assim, a Cibermusealização, impulsionada pela necessidade de adaptação durante a pandemia, não apenas permitiu a continuidade das atividades culturais, mas também abriu novas perspectivas para a Museologia no contexto digital, redefinindo a forma como as instituições e os públicos interagem com as diferentes expressões e representações do patrimônio.

O processo de Cibermusealização durante a pandemia, apesar de trazer avanços significativos, também evidenciou um desafio substancial relacionado ao despreparo de muitos profissionais de museus para lidar com o ambiente virtual. A transição acelerada para as plataformas digitais exigiu uma adaptação rápida e eficaz, destacando lacunas na formação e capacitação dos envolvidos na gestão e curadoria museológica.

O despreparo dos profissionais de museus se manifestou em várias áreas, incluindo a digitalização eficiente de acervos, a curadoria de exposições virtuais e a implementação de estratégias de engajamento *online*. A falta de conhecimento técnico em relação às ferramentas digitais disponíveis, bem como a ausência de práticas consolidadas para a preservação digital, representou desafios significativos. A curadoria de conteúdo para ambientes virtuais exigiu não apenas habilidades curatoriais tradicionais, mas também uma compreensão aprofundada das dinâmicas *online* e das expectativas do público digital. Muitos profissionais de museus se viram diante de uma curva de aprendizado íngreme, precisando assimilar rapidamente as metodologias e práticas de interação virtual, acessibilidade digital e estratégias de comunicação online.

Além disso, a preocupação com a segurança digital e a proteção do patrimônio no ambiente digital *online* destacou a necessidade de uma atualização urgente nas competências desses profissionais. O desconhecimento de práticas robustas de segurança digital colocou em risco não apenas os dados sensíveis dos visitantes, mas também a própria integridade das coleções digitais. A falta de preparo também impactou a capacidade dos profissionais de museus de aproveitar ao máximo as tecnologias emergentes - como realidade virtual, realidade aumentada e inteligência artificial, que poderiam enriquecer significativamente a experiência do público.

Para superar esses desafios, tornou-se essencial investir em programas de formação contínua, workshops e capacitações específicas para capacitar os profissionais de museus a enfrentar os novos paradigmas da Cibermusealização. A colaboração entre instituições acadêmicas, organizações culturais e especialistas em tecnologia tornou-se crucial para desenvolver iniciativas que promovam a atualização constante e a aquisição de habilidades necessárias para o cenário museológico digital, em constante evolução.

Em conclusão, a Cibermuseologia, especialmente durante o período desafiador da pandemia, revelou-se um âmbito dinâmico, repleto de oportunidades e desafios para os

profissionais de museus. A transição acelerada para ambientes virtuais destacou a necessidade premente de capacitação e atualização relativa a habilidades específicas para lidar com as demandas do mundo digital. Os museus instituídos, tradicionais bastiões culturais, foram impulsionados a se reinventar em ambientes virtuais, enfrentando desafios como o despreparo técnico, a segurança digital e a curadoria online. A falta de familiaridade com ferramentas digitais, práticas de segurança e estratégias de engajamento online evidenciou a importância de investir em programas educacionais de qualificação que capacitem os profissionais de museus para esse novo cenário.

No entanto, os desafios não obscurecem as inúmeras oportunidades que a Cibermuseologia oferece. A virtualização permitiu que os museus ultrapassassem barreiras físicas e alcançassem públicos globais, proporcionando experiências culturais inovadoras e acessíveis. A interseção entre as tecnologias emergentes, como realidade virtual e inteligência artificial, abriu novas possibilidades para a narrativa museológica e o envolvimento do público.

Portanto, é imperativo reconhecer a importância da capacitação contínua e da colaboração entre instituições, profissionais de museus especialistas em tecnologia e educadores para construir um futuro *Cibermuseológico* sólido e inclusivo. Ao enfrentar os desafios com determinação e abraçar as oportunidades oferecidas pela virtualidade, os museus podem prosperar como centros dinâmicos de preservação, aprendizado e interação cultural em meio digital, enriquecendo a vida das pessoas em escala global.

No curso deste primeiro capítulo, exploramos a intricada jornada dos museus durante a pandemia, marcada pelo avanço significativo na Cibermusealização. Testemunhamos a rápida adaptação dos Museus Tradicionais aos ambientes virtuais, uma resposta necessária às restrições impostas pelo distanciamento social. Nesse cenário, a emergência dos Museus Virtuais se destacou como uma manifestação palpável da necessidade de adaptar a prática museológica diante de desafios sem precedentes.

A contextualização histórica da Museologia em meio virtual lançou luz sobre o caminho percorrido até este momento crucial, delineando as transformações que moldaram a interseção entre cultura e tecnologia. A ascensão dos museus virtuais, impulsionada pela demanda crescente por experiências culturais acessíveis globalmente, foi reveladora. Isso nos levou a refletir sobre a necessidade urgente de redefinir abordagens e repensar estratégias para garantir que a preservação do patrimônio cultural fosse eficaz e inovadora na era digital.

Explorando os desafios e oportunidades na inovação de práticas museológicas em ambientes virtuais, deparamo-nos com a falta de preparo dos profissionais de museus para enfrentar as demandas da Cibermuseologia. O despreparo técnico, a segurança digital e a adaptação às novas formas de curadoria *online* surgiram como obstáculos a

serem superados. Esses desafios, contudo, não eclipsam as oportunidades que a Cibermuseologia oferece para ultrapassar barreiras físicas e criar narrativas culturais inovadoras.

Com base nessas reflexões, abordaremos, no segundo capítulo desta Tese, a fundamentação teórica que nos conduzirá por conceitos e tendências atuais da Museologia na era digital. A virtualidade, consolidada como um novo espaço museológico, será examinada em sua essência transformadora. Investigaremos como a inovação museológica se desdobra na construção de narrativas virtuais, explorando as interseções entre o real e o virtual na preservação e comunicação do patrimônio cultural. Assim, delineamos uma trilha que, imaginamos, nos conduzirá através das teorias que norteiam a evolução da Museologia na era digital, prenunciando um mergulho mais profundo na interconexão entre cultura e virtualidade.

Ao finalizar este conjunto de reflexões sobre a Cibermuseologia, o avanço dos museus na virtualidade durante a pandemia e a contextualização histórica da Museologia em meio virtual, é possível vislumbrar um cenário complexo e fascinante. A convergência entre museus tradicionais e virtuais se revela uma tendência inevitável, impulsionada pela necessidade de adaptação a um mundo cada vez mais digitalizado. A emergência dos museus virtuais durante a pandemia não apenas revelou a resiliência das instituições culturais, mas também apontou para uma nova fronteira de possibilidades na preservação e comunicação do patrimônio cultural. A virtualidade se apresenta não como um substituto do espaço físico, mas como um complemento dinâmico que amplia o alcance e a acessibilidade das experiências museológicas.

A Cibermuseologia, como expressão dessa aparência, demonstra o potencial transformador da tecnologia na construção de experiências mais imersivas e participativas. Alguns museus tradicionais podem ter se adaptado produzindo conteúdos para o meio digital, mas isso não representa uma reinvenção completa; é mais uma adaptação estratégica ao ambiente virtual. Portanto, o uso de dispositivos e ferramentas digitais como estratégia de inovação é um especto importante, mas não tão abrangente quanto pode parecer à primeira vista.

À medida que exploramos as interseções entre a Museologia, a virtualidade e a inovação, torna-se imperativo considerar não apenas os avanços tecnológicos, mas também os impactos sociais, culturais e éticos dessa transformação. A construção de um futuro conectado e inclusivo para a cultura requer a colaboração entre profissionais, pesquisadores, instituições e a sociedade em geral.

Destaca-se aqui a necessidade contínua de diálogo, pesquisa e adaptação na esfera museológica. O desafio é equilibrar a preservação do legado cultural com a abertura para a inovação, garantindo que os museus continuem a desempenhar seu papel vital na

promoção do conhecimento, na construção de identidades e na criação de pontes entre passado, presente e futuro.

A pesquisa de Tese, focada na observação das redes sociais, em particular o Instagram do Memorial Inumeráveis, indicou uma abordagem promissora para a aplicação da Netnomuseologia. Esse âmbito emergente busca compreender e explorar as interações entre museus e comunidades *online*, reconhecendo a importância das redes sociais na construção de significado e na participação ativa dos públicos. Ao escolher o *Instagram* como plataforma de estudo, buscamos direcionar a atenção para uma permitiu explorar como o Memorial Inumeráveis utiliza recursos visuais, como fotos e vídeos, para contar histórias, preservar Memórias e envolver seu público de maneira mais ampla. Nesse contexto, a Netnomuseologia busca entender como a comunidade que opera *online* contribui para a construção de significados em torno do memorial: como os usuários interagem e compartilham experiências, e como essas interações influenciam a percepção e o propósito do próprio memorial.

É crucial manter um enfoque reflexivo, considerando não apenas os aspectos técnicos e visuais das postagens, mas também as respostas e contribuições da comunidade *online*. O *Instagram*, com suas características de interação instantânea e visualização de conteúdo, proporciona uma oportunidade única para explorar as dinâmicas de engajamento em um ambiente virtual.

É necessário repensar os currículos dos cursos de Museologia para incluir disciplinas que abordem não apenas as ferramentas tecnológicas, mas também as estratégias de engajamento online, a preservação digital, a comunicação em ambientes virtuais e a Cibercultura. Isso proporcionaria aos futuros profissionais de museus as habilidades necessárias para enfrentar os desafios contemporâneos e aproveitar as oportunidades oferecidas pelo ambiente digital. A pandemia atuou como um catalisador, destacando a importância da preparação dos profissionais de museus para um cenário digital em constante evolução. Ao refletir sobre as atuais necessidades de formação e qualificação, abre-se a oportunidade para uma transformação no ensino da Museologia, visando uma formação mais alinhada com as demandas da sociedade atual.

Conforme a pesquisa avança, é recomendável documentar observações, padrões de interação e quaisquer mudanças ao longo do tempo. A análise de métricas - como curtidas, comentários e compartilhamentos - pode oferecer *insights* valiosos sobre a eficácia das estratégias de engajamento. Este é um campo dinâmico, e a aplicação da Netnomuseologia certamente contribuirá para uma compreensão mais profunda de como os museus podem prosperar e inovar em ambientes virtuais, especialmente quando se trata de narrativas sensíveis e significativas, como as abordadas pelo Memorial Inumeráveis.

1.4 Cibercultura, novas tecnologias e contemporaneidade: reflexões sobre a transformação social na Era Digital

1.4.1 Cibercultura: explorando conceitos

A construção de uma Cultura Digital abrange a criação e o compartilhamento de Memórias, bem como interações que contribuam para essa edificação, esse fenômeno ocorre simultaneamente, impulsionado pelo desenvolvimento tecnológico, pela velocidade das transformações e pela comunicação intermediada por dispositivos, resultando em uma reconfiguração constante no cenário cotidiano. As Tecnologias da Informação e Comunicação influenciam a percepção de mundo nas interações sociais contemporâneas. Nesse contexto, marcado pela transmissão sequencial de dados e bits, observa-se a transição de uma lógica analógica para uma realidade virtual. Essas mudanças representam experiências distintas e refletem um avanço tecnológico extraordinariamente rápido.

Com o advento do computador a lógica de processamento e o funcionamento das informações passaram por transformações, bem como os dispositivos físicos e materiais associados. Antes dos processos de digitalização, os suportes de informação eram diferentes, estáticos e incompatíveis entre si. No entanto, com o surgimento das tecnologias digitais, a materialidade dos dados e a sua representação deixaram de coincidir, possibilitando que a informação assuma diversas formas e aparências (Hanns, 2012). Vale ressaltar que, posteriormente, a ascensão dos dispositivos móveis impulsionou ainda mais a conectividade e a acessibilidade à informação.

Com a consolidação da cultura digital, os processos de produção, circulação e armazenamento de dados foram acessíveis ao usuário em seu ambiente cotidiano, contanto que disponha de um computador ou outros dispositivos/interfaces computacionais integrados à sua vida. “A digitalização viabilizou a conversão de texto, imagem (estáticas ou em movimento) e som para uma linguagem universal - os bits, formando uma espécie de “esperanto das máquinas” (Rosnay, 1997 apud Santaella, 2003, p. 83). Independentemente do tipo de sinal, a natureza informacional dos objetos culturais está disponível para compartilhamento e socialização: dados traduzidos em forma de bits, intangíveis, abstratos, interpretados por uma meta-máquina (o computador, o Ciberespaço). Com o Ciberespaço, realiza-se o grande sonho enciclopédico de armazenar todo o conhecimento da humanidade em um único meio, acessível a todos (Lemos, 2007, p. 71).

Dessa forma, se a anterior “cultura das mídias” representava a cultura do disponível, na “cultura digital” se fala em cultura do acesso. Mesmo reconhecendo a atual coexistência entre “cultura de massa”, “cultura das mídias” e “cultura digital”, conforme apresentado por Santaella (2003), a era digital ascende rapidamente à hegemonia, originando sistemas híbridos em coevolução acelerada. O computador é para além de um dispositivo técnico, é uma máquina que representa o mundo por meio de uma interface, que conecta não somente o humano à máquina, mas um humano a outros humanos, formando uma inteligência coletiva (Lévy, 2010).

A Cibercultura, conforme conceituada por Lévy (1999) e Lemos (2007), refere-se ao conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que surgem em conjunto com o crescimento do Ciberespaço. Esse termo descreve o processo sociocultural que integra a vida social à tecnologia, especialmente à cultura digital, introduzindo novas formas de interação e socialização. Lévy (1996) destaca a conexão do computador à *World Wide Web* (www) como um elemento fundamental nesse desenvolvimento, enquanto Lemos (2002) sublinha que a Cibercultura está associada às tecnologias digitais, resultando em uma nova relação entre a técnica e a vida social. O conceito de comunidade virtual foi introduzido e difundido por Howard Rheingold em sua obra *The Virtual Communities*. Segundo ele:

> [...] comunidades virtuais são agregações sociais e culturais que emergem da rede quando um número suficiente de pessoas começa a colidir com outras frequentemente no ciberespaço; em discussões suficientemente longas, com suficientes emoções humanas, para formar teias de relações pessoais em ambientes virtuais, alterando de algum modo o eu dos que nele participam (Rheingold, 2000, Apud Rodrigues, 1999; Souza, 2000).

Pierre Lévy destaca a importância do entendimento de rede para compreender o impacto das redes digitais na cultura contemporânea. Descreve uma rede como um conjunto de agentes, suas conexões e trocas que formam os nós e as características das redes. Essa estrutura é marcada pelo paralelismo e simultaneidade das diversas operações que nela ocorreram. O autor comenta como as redes digitais afetam nossa cultura hoje em dia, comparando essas redes a um grupo de pessoas interconectadas, em que as conexões e interações entre elas formam postos-chave. Essa estrutura de rede é marcada pela ocorrência simultânea e paralela de várias atividades – ou seja, muitas coisas acontecem ao mesmo tempo na rede, que reflete a complexidade das relações e ações que ocorrem nesse ambiente. Nesse sentido, a noção de rede é imprescindível na compreensão do impacto das redes digitais na cultura contemporânea:

> Uma rede acontece quando os agentes, suas ligações e trocas constituem os nós e elos de redes caracterizadas pelo paralelismo e simultaneidade das múltiplas operações que aí se desenrolam. Em informática, uma rede dessa natureza é análoga a um multiprocessador

> paralelo de informações, tal como ocorre nas redes de moléculas, células, insetos, sistema imunitário, sistema nervoso [...] (Lévy, 1993, p. 89).

Os exemplos são numerosos, planetários e em crescimento geométrico: *blogs*, *podcasts*, *softwares* livres, *softwares* sociais, arte eletrônica. Trata-se de crescente troca e processos de compartilhamento de diversos elementos da cultura a partir das possibilidades abertas pelas tecnologias eletrônico-digitais e pelas redes telemáticas contemporâneas (Lemos, 2009, p. 39). Refletir sobre a afirmação de Lemos (2009) é um convite para considerar as transformações que a Cibercultura trouxe para a dinâmica de produção e disseminação de conhecimento e cultura. A ideia de uma “estrutura midiática ímpar” destaca a ruptura com modelos tradicionais de comunicação e mídia, onde a produção de conteúdo era centralizada em grandes corporações e instituições. Com a ascensão da Cibercultura, assistiu-se há democratização da criação de conteúdo. Qualquer pessoa com acesso à internet pode se tornar um produtor de informações, eliminando as barreiras de acesso que antes limitavam essa capacidade a um grupo restrito de profissionais.

Os consumidores de conteúdo tornam-se também criadores, participando ativamente na modulação e disseminação de informações. Essas mudanças têm implicações significativas para a indústria cultural, que precisa se adaptar a um novo paradigma onde a exclusividade da produção de conteúdo é desafiada. A cultura torna-se mais fluida, aberta e colaborativa, refletindo as características das tecnologias que a suportam. A Cibercultura não apenas amplia o acesso à produção de conteúdo, mas também transforma as estruturas sociais e culturais através das quais esse conteúdo é compartilhado e valorizado. De maneira abrangente, Lévy (1999), propõe a reflexão sobre as transformações culturais que se desenvolvem a partir da incorporação e utilização de novas formas de comunicação e da informática, bem como os efeitos que essas mudanças têm nas sociedades contemporâneas.

Essa transformação em potencial traz desafios e oportunidades, a virtualização oferece uma nova maneira de nos conectar, criar e compartilhar, entretanto, traz questões sobre privacidade, proteção e natureza da experiência humana. Em última análise, a virtualização não é apenas sobre tecnologia, mas sobre como essa tecnologia redefine nossa compreensão da realidade e nossa relação com ela. Para Lévy, o ambiente virtual é o espaço no qual possíveis futuros são explorados e em que as regras do jogo estão em constante mudança. É um ambiente que favorece a noção de Ciberespaço, onde as pessoas podem se conectarem e compartilharem conhecimentos, bem como explorarem novas formas de aprender, pensar e viver.

> O virtual está constituído em estado latente, pronto a se transformar no real, tem-se como exemplo a semente de uma árvore. A árvore está na semente, mas no atual momento não está aparecendo, mas nem por isso

> deixa de ser real. O virtual não é algo pronto e estático, é considerado como um nó de tendências, de força e potência [...] é como a passagem do possível para o real, ampliando espaços e tempos. (Lévy, 1996, p. 17).

Durante o período pandêmico, a virtualização no âmbito cultural emergiu como uma resposta importante para a sociedade de modo geral. A adaptação para o cenário virtual permitiu a continuidade da produção cultural, e abriu novas possibilidades para monetização e alcance de audiência.

Na contemporaneidade se está imerso em um mundo interconectado, constantemente ligado às redes por meio de dispositivos móveis ou equipamentos diversos. Tornou-se praticamente inconcebível imaginar a manutenção de uma vida *offline*. A crescente interdependência da tecnologia levanta questionamentos relevantes quanto ao significado e as implicações dessa condição. O que representa viver em um estado constante de conexão virtual? Busca-se explorar e compreender os impactos e significados associados à vida em um estado contínuo de interconexão virtual. Como a interconectividade molda as experiências, relações e percepções do mundo ao redor? São reflexões essenciais para compreender as complexidades da era digital. Viver em um estado constante de conexão virtual, conforme abordado por Lévy, implica uma profunda transformação na maneira como se percebe e interage com o mundo.

O autor destaca que o mundo virtual não é apenas um espaço tecnológico, mas um ambiente que reconfigura as experiências e relações. Na obra *O que é virtual*, Lévy (2011) explora a virtualidade como um fenômeno complexo, que vai além da mera existência na Internet. Segundo Lévy, o mundo virtual não é uma realidade separada da física, mas uma extensão dela. Descreve a virtualidade como um espaço de coexistência, onde as interações online não são dissociadas da vida cotidiana, mas sim integradas a ela. Nesse contexto, estar constantemente *online* não significa uma desconexão do mundo real, mas sim uma ampliação das possibilidades de experiência (Lévy, 2010).

1.4.2 Reflexões sobre a transformação social na Era Digital

A interconectividade defendida por Lévy não é limitada à comunicação digital: influencia diretamente a forma de construir Memórias, compartilhar conhecimento e de participar da cultura contemporânea. Assim, a vida *online* naturalmente se torna uma extensão da vida *offline*, que molda a maneira de perceber e compreender o próprio entorno.

Portanto, à luz das ideias de Pierre Lévy, viver em um estado constante de conexão virtual significa integrar essas duas esferas, reconhecendo que o mundo virtual não é um substituto, mas uma expansão do mundo físico, que redefine as experiências e interações de maneira profunda e inovadora. Conforme apresenta Santaella (2003), os meios de

comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuaisnão constituem meros canais para a transmissão de informação: os signos que por eles circulam, os tipos de mensagens que engendram e as formas de comunicação que possibilitam são capazes de não só moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais.

Santaella (Ibid.) reforça que ao longo da história os meios de comunicação evoluíram de simples canais de transmissão para verdadeiros moldadores do pensamento humano. Desde o aparelho fonador até as atuais redes digitais, esses meios não se limitam apenas a transmitir informações, mas são capazes de influenciar a maneira de pensar e sentir. Diante disso, fica evidente que essa mudança tem impacto substancial na forma de viver, e até mesmo de morrer. Pode-se inferir que se está diante de uma transformação de grandes proporções, moldada pela constante interação com os meios de comunicação e pelas novas formas de interconexão virtual que caracterizam a era contemporânea.

O mundo conectado e virtual, influenciado por esses meios, transcende as barreiras físicas, molda a realidade e favorece dinâmicas na interação social e cultural. Por isso a compreensão desse fenômeno é essencial para reflexão sobre as transformações em curso na contemporaneidade. Desde o início do século XXI já se vivencia uma significativa transformação social, na qual a expansão digital permeia todos os contextos, tornando a sociedade cada vez mais interconectada. A reflexão sobre esses fenômenos no âmbito da Memória social, especialmente quando inseridos em um espaço construído digitalmente, propicia a análise detalhada desse lugar singular. Lévy (1993) amplia seu pensamento para abordar as tecnologias intelectuais computacionais e suas interfaces interligadas à *World Wide Web*. Cada novo recurso e instrumento intelectual possibilita uma forma de pensar e memorizar que não é somente diferente, mas incomparavelmente mais robusta que a anterior.

A capacidade de armazenamento e compartilhamento agora disponível é comparável apenas ao risco de um esquecimento generalizado a ela associado. Este avanço ocorre diariamente - e a interconexão digital transpõe praticamente todos os aspectos da vida contemporânea. Vive-se um momento em que a tecnologia, especialmente a Internet e os dispositivos digitais, tornaram-se parte essencial e onipresente no cotidiano.

As Tecnologias da Informação e Comunicação são consideradas uma revolução tecnológica, informacional e comunicacional que originou a sociedade em rede; avanço que tornou possível o surgimento das mídias sociais e diversos dispositivos de comunicação virtual, como blogs, Instagram, sites de compartilhamento, fóruns, entre outros. Berardi (2017) comenta que o Ciberespaço cruza o corpo orgânico e o corpo

inorgânico de dispositivos eletrônicos. O filósofo problematiza ainda a questão da relação entre expansão ilimitada do Ciberespaço e os limites do Cibertempo: “O Ciberespaço, ponto de intersecção virtual das projeções geradas por inúmeros emitentes, é ilimitado e se expande continuamente” (Berardi, 2019, p. 17), diferentemente do Cibertempo, o qual diz respeito à “capacidade de elaboração mental no tempo, que não é de forma alguma limitado. Os seus limites são os da capacidade da mente humana que são limites orgânicos, emocionais e culturais”. Essa ideia de Cibertempo é desenvolvida por Berardi (2019) ao analisar o papel das tecnologias midiáticas e das informações digitais no capitalismo moderno.

Segundo o autor, vive-se um período em que as experiências são orientadas pela lógica da conectividade estabelecida por plataformas digitais, celulares, redes sociais, uma ordem na qual o tempo se move através de notificações, *timeline, stories*. A partir dessa lógica se movem os fluxos de acontecimentos curtos que levam a uma dispersão temporal e ao rompimento com várias experiências de longa duração. Um tempo que não termina nunca, sem início meio ou fim. É o tempo do deslize dos dedos. Entretanto, há uma tensão entre a expansão do Ciberespaço e os limites do Cibertempo, pois eles colocam em jogo a sensibilidade, a empatia e a própria ética: “A sensibilidade é a capacidade de interpretar signos não verbais, graças à capacidade de interpretação que provém do fluxo empático” (Berardi, 2019, p. 17).

Lévy (1993) conduz sua análise ao traçar uma trajetória que abrange os três tempos do espírito: a oralidade primária ou mítica, a escrita e a informática ou imagética. Ao longo desse percurso, o autor destaca as transformações significativas que ocorreram nos modos de comunicação e pensamento, oferecendo uma perspectiva abrangente sobre a evolução dessas tecnologias ao longo do tempo.

O termo “sociedade em rede” foi introduzido pelo sociólogo Manuel Castells (2000) como uma expressão de sua teoria que aborda os impactos essenciais da tecnologia informacional em vários aspectos da sociedade moderna. Na sociedade em rede, as redes não apenas estabelecem uma nova forma de estrutura social, mas também moldam a dinâmica em diversos setores. Santaella e Lemos (2010), ao abordarem esse contexto, evidenciam a importante influência da tecnologia na dinâmica econômica, em que a circulação eficiente de informações desempenha um papel central no cenário produtivo. Para o sociólogo Pierre Lévy, em sua obra *Tecnologias da Inteligência, o futuro do pensamento na era da informática* (1993), há mais de duas décadas, o autor reconheceu a condição que estava prestes a ser estabelecida, ao indicar que a humanidade estava possivelmente convergindo para a formação de um novo meio de comunicação. O conceito de rede transcende as plataformas online e permeia a sociedade de maneira abrangente, que exige análise minuciosa. Manuel Castells, ao cunhar o termo “sociedade

em rede", destaca os efeitos fundamentais da tecnologia informacional em diferentes níveis da sociedade contemporânea. Uma sociedade em rede é marcada por interconexões enraizadas que moldam além das interações sociais, também os fundamentos econômicos e as experiências cotidianas.

O Ciberespaço designa o universo das redes digitais como lugar de encontro e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Pierre Lévy ressalta o Ciberespaço como um domínio multifacetado que abrange variedade de experiências e atividades. Sugere que as redes digitais não são apenas um meio de comunicação, mas um ambiente dinâmico onde ocorrem encontros, aventuras e, às vezes, conflitos globais. "O termo 'virtual' é empregado para descrever tanto o que é criado por meio do computador sem ter um referente no mundo físico quanto para aquilo existente no mundo real (mundo físico) que passa por um processo de digitalização" (Farjala, 2007, p. 6). A dualidade mencionada por Diana Farjala (2007) enfatiza que existe ambiguidade no uso do termo "virtual", passível de diferentes interpretações, por referir-se aos elementos de origem digital ou aqueles objetos de material físico submetidos ao processo de digitalização.

Na Cibercultura, os territórios urbanos bem como seu cotidiano se reconfiguram a partir da emergência adaptativa aos novos formatos comunicacionais, como a adesão às tecnologias sem fio; espaços conectados virtualmente e às redes de relações cada vez mais digitalizadas, "as cidades se desenvolvem como sociedades em rede" (Lévy; Lemos, 2010, p. 12).

Conforme Monteiro, não se pode sequer afirmar que o Ciberespaço está presente nos computadores, tampouco nas redes; afinal, onde fica o Ciberespaço? Para onde vai todo esse "mundo" quando desligamos os nossos computadores? "É esse caráter fluido do Ciberespaço que o torna virtual" (Monteiro, 2007, p. 1-2). O autor faz a provocação quanto a natureza intrigante e intangível do Ciberespaço. Ao questionar a presença do Ciberespaço nos computadores ou nas redes, levanta uma questão fundamental sobre sua característica principal. O Ciberespaço não está contido em dispositivos ou infraestruturas específicas; ao contrário, é uma entidade fluida e virtual. A incerteza da localização física é parte integrante da definição que o constitui virtual. O questionamento para onde "todo esse mundo" vai quando os computadores são desligados reitera a efemeridade do Ciberespaço. Ao serem desligados os dispositivos, o Ciberespaço não deixa de existir, apenas é interrompida a manifestação direta nas telas e as interações digitais. Essa noção reforça que o Ciberespaço é dinâmico, moldado pelas interações e redes digitais, e não limitado a estruturas físicas específicas.

Na esteira das transformações, a cultura também sofre processos dinâmicos de redefinição. Entendida como o conjunto de valores, práticas e expressões que

caracterizam uma sociedade, a cultura experimenta uma metamorfose na era digital. A criação de um espaço com maneiras próprias de expressão, ou seja, a Virtualidade, passa a exercer influência direta aos diferentes tipos de manifestações culturais, entre elas, os rituais de vida e de morte. Tais mudanças representam a interconexão entre a tecnologia e as práticas culturais tradicionais, que são moldadas conforme a inovação das experiências.

Um cenário que desafia constantemente as formas tradicionais de compreensão exige repensar e contextualizar a relação com o mundo em constante transformação. A essência do Ciberespaço é aqui explorada como repositório dinâmico de Memórias, reconhecido pela incrível capacidade de armazenamento e pela convergência de suportes eletrônicos. Esse fenômeno evidencia a capacidade dos meios de comunicação em manipular a percepção da realidade, criando uma representação que, muitas vezes, se distancia da autenticidade, mas que exerce um apelo magnético sobre os receptores, contribuindo para a construção de narrativas e imagens que moldam a cultura contemporânea. Para o sociólogo Daniel Bell (1976), a sociedade industrial moderna produzia bens materiais enquanto a pós-industrial (a sociedade de hoje) produz serviços, isto é, mensagens entre as pessoas. Lévy (1999) complementa essas reflexões com análises sobre a emergência da computação pessoal e a introdução dos microcomputadores na década de 1980, quando as mídias existentes começam a convergir, marcando o início da cultura digital. As telecomunicações e a informática se amalgamam em uma vasta rede para acesso, transmissão e troca de informações, comprimindo dados digitalizados em um fluxo global constante.

Esses dados fluem não apenas de um centro para uma periferia, mas transversalmente a partir de qualquer ponto interconectado nesse ambiente representacional, o Ciberespaço, acessível por meio da interface humano-máquina (Lévy, 1993). Nesse contexto, observa-se transformação relevante na maneira como as pessoas interagem, processam informações e constroem significados. A convergência das tecnologias, destacada por Lévy, molda a comunicação e a própria cultura, gerando novas formas de compartilhamento, produção colaborativa de conhecimento e reconfiguração das relações sociais.

A análise de Lévy sobre os três tempos do espírito (oralidade, escrita e informática) ilustra a profundidade dessas mudanças, enfatizando que a tecnologia não apenas altera os meios de comunicação, mas transforma a própria forma de pensar e de viver. Castells, por sua vez, oferece um arcabouço teórico para entender a sociedade em rede, na qual as interações sociais e econômicas são moldadas pelas redes digitais e pela constante circulação de informações.

1.5 Cultura da virtualidade: pandemia, Luto, vida compartilhada e redes sociais

À medida em que se avança neste cenário digital, é crucial refletir sobre as profundas implicações das mudanças na percepção do mundo e na construção da realidade virtual, especialmente no que tange ao Luto. A interatividade proporcionada pelo *Instagram*, por exemplo, não apenas redefine as práticas de memorialização, mas também oferece uma nova plataforma para expressar o Luto. Neste ambiente, o ato de lembrar e honrar os falecidos se torna uma experiência coletiva, onde o compartilhamento de Memórias e sentimentos cria uma rede de apoio emocional.

A sociedade em rede, como proposta por Manuel Castells, revela como as interconexões moldam não apenas as interações sociais, mas também as dinâmicas de Luto. As tecnologias da informação e comunicação alteraram a maneira como vivemos e morremos, transformando os rituais de despedida e ampliando o alcance da Memória. Por meio do *Instagram*, usuários podem perpetuar a lembrança de entes queridos ao estabelecerem a presença digital que transcende a morte física. Essa nova forma de Luto se distancia dos rituais tradicionais, permitindo que as Memórias sejam compartilhadas de maneira interativa e colaborativa, refletindo a cultura digital delineada por Pierre Lévy.

Os conceitos trabalhados nesta Tese são imprescindíveis para compreendermos nosso objeto de estudo. A reflexão sobre o Luto na virtualidade, no contexto do Instagram, revela como as redes sociais se tornaram espaços significativos para o processo de Luto contemporâneo. Com o advento das tecnologias digitais, a experiência da perda se transforma, permite que as Memórias dos falecidos sejam compartilhadas, celebradas e perpetuadas em uma esfera pública que transcende as limitações físicas do Luto tradicional.

No *Instagram*, os perfis póstumos funcionam como memoriais virtuais, onde amigos, familiares e admiradores podem interagir, oferecendo apoio emocional e relembrando momentos vividos. Essa interatividade favorecida pela plataforma permite que os indivíduos encontrem conexões significantes na constituição de redes de apoio, que de outra forma, poderiam ser mais difíceis serem constituídas em um contexto de distanciamento social. As postagens, comentários e interações criam uma continuidade da presença do falecido, promovendo uma forma de diálogo que desafia a linearidade do tempo e da Memória. Além disso, a visualidade do *Instagram,* caracterizada pela predominância de imagens e vídeos, contribui para a representação vívida das lembranças, que favorece evocar Memórias de experiências afetivas. Neste ambiente digital o Luto não é apenas um processo privado, mas um fenômeno coletivo, cujo

compartilhamento de dor e saudade é transformado numa forma de celebração da vida, permitindo que os usuários se unam em torno de uma narrativa comum.

Portanto, a virtualidade e a interconexão promovidas pelo Instagram não apenas facilitam a construção de comunidades de apoio em tempos de Luto, mas também oferecem novas formas de interação com a Memória que permite que o processo de Luto se desenvolva em um espaço coletivo, onde as experiências são compartilhadas e validadas. Esse fenômeno ressalta a importância de considerar as implicações sociais e emocionais dessas transformações no contexto da cultura digital contemporânea.

Entretanto, a virtualização do Luto levanta, também, questões éticas quanto a memorialização e a exploração da imagem póstuma. É fundamental considerar como a atividade contínua de personalidades públicas, por exemplo, pode ser utilizada para fins comerciais, em contraste com a lembrança mais intimista e respeitosa observada em perfis de pessoas anônimas. A linha divisória entre homenagem e comercialização pode se tornar tênue, gerando debates sobre o legado e a Memória coletiva em ambientes digitais. Portanto, a reflexão sobre o Luto na virtualidade, especialmente no Instagram, destaca a complexidade desse fenômeno. As interconexões promovidas pela rede social online não apenas transformam a forma como as pessoas vivenciam e expressam seu Luto, mas também levantam questões críticas sobre a natureza da Memória e da memorialização em um mundo cada vez mais digitalizado. As redes sociais, portanto, emergem como espaços de resiliência e de construção de significado, onde o Luto se reconfigura, se torna visível e, ao mesmo tempo, é compartilhado de maneiras que, antes, não eram possíveis.

A cultura digital emerge como novo substrato cultural moldado pelas interações *online*, pelas redes sociais, pela produção e o compartilhamento constante de conteúdo digital. São permeados pela cultura digital desde os padrões estéticos, as formas de entretenimento, os modos de comunicação e até mesmo as dinâmicas de criação artística; que marca a significativa transição nos modos de consumo, produção e disseminação cultural. A relação entre virtualidade e cultura é, portanto, intrínseca e bidirecional. A virtualidade reflete e potencializa as expressões culturais e contribui na construção de uma cultura digital única, característica da sociedade contemporânea. Essa dinâmica instiga uma revisão dos conceitos tradicionais de cultura, demandando uma compreensão mais fluida e adaptativa diante das velozes transformações tecnológicas e sociais. A imposição pela interação entre cultura e avanços tecnológicos conduz a uma desafiadora redefinição constante do modo de vida e interações sociais.

Após explorar brevemente as características marcantes dessa Era impregnada de tecnologias, conectividades e novos espaços de mudanças culturais, especialmente relacionadas à Cibercultura, é fundamental apresentar e analisar outro fenômeno importante: as redes sociais. Examiná-las possibilita melhor compreensão quanto ao

compartilhamento de informações e principalmente sobre a conexão entre as pessoas e a participação ativa na construção coletiva de significados e valores. Dois elementos fundamentais compõem uma rede social: Atores, representados por pessoas, instituições ou grupos; e Conexões, representadas pelos diversos níveis de interação e construção de laços sociais, que variam entre relações fortes e fracas (Recuero, 2009). Para Rheingold (1996, p. 20 apud Recuero, 2005, p. 12),

> "comunidade virtual" é definida como agregações sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço].

Recuero (2005) reconhece que os elementos necessários para formar comunidades no ambiente dito "virtual" são: discussões públicas; grupos de pessoas que mantêm contato entre si através da internet, interagindo e, consequentemente, construindo laços sociais; o tempo; e o sentimento. Percebe-se que uma comunidade virtual não constitui apenas um grupo de indivíduos conectados, mas entidades.

A partir das características, inclusive das dinâmicas do Instagram, busca-se compreender sua função com a interação social online e como tal fato impacta a forma como as pessoas estabelecem redes de contato e experiências visuais na Era digital. Conforme ressalta Rosali Henriques (2014), os jovens pertencentes à geração digital têm o hábito de documentar e compartilhar sua Memória cotidiana por meio de fotos e textos durante a ocorrência de eventos.

Por permitir o registro e o compartilhamento de momentos cotidianos, o Instagram consolidou-se como uma ferramenta dinâmica, inclusiva, que ultrapassa barreiras geracionais. Se antes era percebido como um enclave virtual para a juventude, atualmente é uma extensão virtual do cotidiano de diversos estratos sociais. A popularização do compartilhamento visual democratiza a expressividade e enriquece o tecido social através do esclarecimento em diversas perspectivas

A relação intrínseca entre virtualidade e cultura destaca que a digitalização transforma não apenas os meios de comunicação, mas também as formas culturais tradicionais. As redes sociais, especialmente o Instagram, são vistas como uma plataforma central para a expressão e a construção de significados culturais na era digital

O enfoque no *Instagram* como ferramenta de registro visual democratiza a criação e o compartilhamento de experiências, amplia o alcance dessas práticas e confere visibilidade a diversos aspectos do cotidiano. Isso também sinaliza uma transformação no modo como a sociedade contemporânea documenta e compartilha suas Memórias e vivências. O fenômeno refere-se aos espaços digitais criados especificamente com o propósito de lidar com o Luto de forma mais ampla, oferecendo suporte emocional,

informações úteis e recursos para as pessoas enlutadas. Os espaços digitais dedicados ao Luto, tais como grupos em redes sociais ou “websites” especializados, são locais onde os usuários compartilham experiências, trocam conselhos, podem encontrar recursos como terapia online ou grupos de apoio, e participarem de atividades em Memória dos entes queridos.

À medida em que navegam nesse cenário em constante avanço, faz-se necessário refletir sobre como tais elementos moldam as experiências no meio digital e, consequentemente o comportamento no dia a dia.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a Pandemia de Covid-19. A doença causada pelo novo Coronavírus (Sars-Cov-2) resultou na alteração da rotina das pessoas em nível global, devido às medidas preventivas de proteção ao vírus, até então desconhecido. Com base na ciência, o isolamento social foi uma das principais medidas sanitárias recomendadas pelos órgãos de saúde, com o intuito de proteger a população na tentativa de conter a disseminação do vírus. Impulsionada pela pandemia, a aceleração dos processos de virtualização promoveu transformações na forma como ocorre a interação entre pessoas no meio digital; e isso resultou em maior conectividade e adaptabilidade às demandas do mundo contemporâneo.

Cabe ressaltar que esta Tese não aborda especificamente a questão do acesso digital, mas concentra-se em analisar os impactos da Cibercultura através do prisma do Instagram, contextualizado e delimitado especificamente pelo Luto, sobre os fenômenos causados na virtualidade. A pandemia, um marco na virtualidade, a partir desse episódio revelou-se um espaço multifuncional que abrange entretenimento, consumo, e que também foi transformado em um local de rituais de despedida daqueles que faleceram durante o período pandêmico.

O distanciamento social e as restrições físicas ocasionaram mudanças abruptas nos padrões de comportamento forçando as pessoas a buscar soluções virtuais para diversas áreas da vida. No âmbito do lazer, multiplicaram-se os eventos, festivais e atividades recreativas realizados virtualmente; as plataformas *online* se tornaram palco para experiências de entretenimento - uma alternativa na substituição dos encontros presenciais, que favoreceram a ampliação de participação global.

No âmbito educacional, a adoção do ensino remoto transformou o ambiente de aprendizado, exigindo uma rápida adaptação tanto de instituições quanto de alunos. As plataformas digitais também se consolidaram como espaços de trabalho, com reuniões, apresentações e até mesmo celebrações corporativas migrando para o formato virtual.

Na esfera privada, essas mudanças impactaram profundamente os rituais de despedida e as práticas de Luto. Sem a possibilidade de encontros físicos para velórios e homenagens, as pessoas recorreram às redes sociais para compartilhar Memórias e

prestar homenagens aos falecidos. Entre outras plataformas utilizadas para manter essas interações, destacou-se o Instagram, que se tornou uma ferramenta significativa para a construção de narrativas digitais sobre perda e lembrança, servindo como um espaço de conexão emocional em tempos de isolamento social. Essas transformações não apenas redefiniram as práticas sociais durante o período pandêmico, mas também abriram caminho para novas formas de interação e conexão mediadas pela tecnologia, muitas das quais continuam a moldar o comportamento social no período pós-pandemia.

A escolha pelo *Instagram* como fonte de análise e observação nesta pesquisa é fundamentada fundamentou-se em diversos motivos estratégicos e contextuais. Uma das plataformas de redes sociais mais amplamente utilizadas em todo o mundo por diferentes faixas etárias, incluindo jovens, adultos e idosos - com ampla adesão -, o *Instagram* reflete as práticas digitais contemporâneas, entre elas, a prática dos rituais de despedida. Conforme destacado por Rodrigues (2013), “quando se trata de um falecido famoso, esses novos usos podem atingir dimensões verdadeiramente portentosas”.

Além disso, essas novas formas de vivenciar a morte e o Luto utilizam a espetacularização, com recursos retóricos poderosos como a dramatização dos crimes pela exposição de detalhes picantes, exagero dos fatos e a liquefação das barreiras entre realidade e ficção. Tais movimentos resultam em um estilo particular de narrar: formas de exaltar a morte como espetáculo, formas de fazer chegar ao espectador a maneira mais espetacular e trágica de apresentar os fatos. O espetáculo ao qual Debord (1997) faz referência, não reside apenas nas imagens, mas também nos rituais políticos, nos atos religiosos, nos hábitos de consumo e assim por diante. A mídia expõe seus critérios de noticiabilidade - ponto de partida para algumas ou muitas pessoas passarem a produzir acontecimentos que se encaixem nesses critérios. Desse modo a espetacularização de funerais de celebridades atinge também os funerais de pessoas anônimas e, consequentemente, a sociedade em geral.

A espetacularização das festividades e dos rituais em geral parece estar acontecendo com o mesmo processo que se refere aos funerais. Seja com pessoas anônimas ou celebridades, esta espetacularização ocorre para que os participantes do funeral saiam da cerimônia com a lembrança de um vivo, invés de um morto. Os participantes devem deixar o velório e, ideal e paradoxalmente, ignorar o fato de que alguém morreu - como proposto pelos *drive-through funerals*[14], estabelecimentos nos quais é possível passar de carro e assinar o livro de condolências, sem a necessidade de sair do veículo, como acontece nos postos de venda de *fast food*. O processo é

[14] Sobre o assunto, veja-se, por exemplo, a reportagem em: G1. Empresa funerária lança *drive-through* para velórios nos EUA. **Globo**, São Paulo, 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2014/10/empresa-funeraria-lanca-drive-thru-para-velorios-nos-eua.html. Acesso em: 5 jan. 2024.

semelhante ao que ocorre nas transmissões *online*, que possibilitam marcar presença no velório sem sequer sair de casa ou do escritório: “o que antes era um serviço disponível apenas para astros e estrelas de Hollywood hoje está acessível a qualquer pessoa”, como pretende o sítio de uma das empresas que oferece a opção de velório virtual (Rodrigues, 2013, p. 21-22).

O *Instagram* foi escolhido como objeto de observação e análise nesta pesquisa doutoral. Criado em 2010, tornou-se uma plataforma significativa no compartilhamento de fotos e vídeos *online*, passando a influenciar a forma como os usuários se registram e compartilham suas experiências cotidianas. A partir do delineamento desses elementos, foram estabelecidas as bases teóricas que fundamentam a investigação sobre a influência da virtualidade e das redes sociais na construção da Memória social. Para embasar a pesquisa sobre perfis póstumos e práticas de Luto no Instagram, a fundamentação teórica da Tese abrange três áreas centrais: cibercultura; estudos sobre o Luto e memorialização; e mídias digitais como espaços de sociabilidade e Memória. Assim, a pesquisa se fundamenta na intersecção entre cibercultura e as práticas de Luto, destacando a relevância dos perfis póstumos como espaços de Memória e celebração na contemporaneidade.

No âmbito da cibercultura, a obra de Pierre Lévy revelou-se essencial, especialmente seu conceito de virtualidade, que explora como as novas tecnologias transformam as práticas culturais e sociais. André Lemos também contribui significativamente, abordando o impacto da cultura digital nas interações e nas dinâmicas de produção de sentidos. Lev Manovich oferece uma visão contemporânea sobre a interação social nas redes digitais, com foco em como essas plataformas possibilitam novas estéticas e formas de expressão, o que se aplica diretamente aos perfis póstumos e ao comportamento memorialístico. Henry Jenkins, com seus estudos sobre cultura participativa, também foi uma fonte relevante, que ajudou a entender o engajamento dos seguidores nesses perfis como uma forma de produção coletiva de Memória.

Quanto aos estudos sobre a morte e o Luto, os estudos históricos de Philippe Ariès proporcionaram uma base sobre as transformações das práticas de Luto ao longo do tempo, desde a ritualização do Luto no contexto tradicional até as novas formas contemporâneas. Tony Walter e sua pesquisa sobre o “Luto em redes” foram fundamentais para analisar como a internet influencia a maneira como as pessoas expressam e compartilham o Luto em espaços públicos e privados. Zygmunt Bauman e o conceito de "vida líquida" também se alinham ao entendimento das mudanças nas práticas de memorialização em um mundo cada vez mais volátil e digitalizado.

Em relação às mídias digitais como espaços de sociabilidade e Memória, Sherry Turkle oferece *insights* sobre como o digital se tornou um espaço essencial para as

relações interpessoais e de identidade, possibilitando uma sociabilidade onde a experiência da perda pode ser compartilhada e ressignificada. Nancy Baym, em sua análise das interações sociais online, complementa a pesquisa ao explorar como os usuários utilizam redes sociais para construir e manter laços afetivos. José Van Dijck contribui para a compreensão das redes sociais como arquivos digitais, onde a Memória individual e coletiva é armazenada, performada e acessada, permitindo um estudo aprofundado dos perfis póstumos.

Esses teóricos forneceram o suporte necessário para compreender o fenômeno do CiberLuto e a complexa interação entre o memorialismo e a cultura digital no contexto dos perfis póstumos no Instagram, permitindo uma análise que abordasse tanto os aspectos teóricos quanto práticos do Luto digital.

Philippe Ariès (1981, p. 12) afirma que "a morte na sociedade contemporânea é um assunto que foi ocultado, tornando-se um tabu que se reflete nas práticas de Luto", o que evidencia a necessidade de explorar como as novas plataformas digitais transformam essas práticas. Em uma sociedade líquida, Zygmunt Bauman (2000, p. 45) observa que "as relações se tornam mais frágeis e a maneira como lidamos com a morte e o Luto também se transforma", ressaltando a importância do ambiente digital como espaço de interações significativas. Nancy Baym (2010, p. 102) destaca que "as redes sociais se tornaram um espaço fundamental para a construção e manutenção de relacionamentos significativos", permitindo que as Memórias dos falecidos sejam compartilhadas e celebradas de forma coletiva. Nesse contexto, José Van Dijck (2013, p. 69) argumenta que "as redes sociais funcionam como arquivos digitais que moldam a Memória coletiva e individual", sugerindo que essas plataformas não apenas preservam Memórias, mas também as recontextualizam para novas audiências.

Lev Manovich (2001, p. 50) afirma que "as novas mídias não são apenas uma nova forma de mídia; são também um novo meio de expressão, uma nova linguagem", enfatizando a importância de compreender como as interações em perfis póstumos podem articular novas narrativas de Luto. Sherry Turkle (2011, p. 88) observa que "as tecnologias digitais oferecem um novo espaço para a formação da identidade e a expressão emocional, transformando a experiência de Luto", sugerindo que a presença digital dos falecidos desempenha um papel crucial na forma como os indivíduos e as comunidades processam a perda. Por fim, Tony Walter (1996, p. 25) salienta que "o Luto é uma prática social que evolui com as mudanças nas relações sociais e nos contextos culturais", o que justifica a necessidade de investigar como as interações no Instagram estão redefinindo as práticas de Luto na era digital.

Voltando à plataforma escolhida para essa análise, o *Instagram* disponibiliza variedade de funções para oferecer a melhor experiência ao usuário e promover a

interatividade e criatividade no uso da plataforma. As cenas permitem adicionar efeitos criativos aos *Stories*, como vídeos em câmera lenta e música de fundo.

O Modo “Criar” é uma ferramenta para gerar conteúdo visual diretamente na plataforma, sem a necessidade de uma foto ou vídeo pré-existente. Também é possível aos usuários criar e utilizarefeitos personalizados para fotos ou vídeos, além de poderem organizar várias fotos em um único *story* com a função *Layout*. Estas são algumas das funcionalidades que tornam o *Instagram* uma rede social dinâmica[15]. A plataforma também é conhecida por ser visualmente orientada, que a destaca por enfatizar fotos e vídeos e áudio. Tal característica é particularmente relevante ao considerar as expressões de Luto e memorialização, porque as imagens têm grande potencial de evocar emoções e de fazer contar histórias. O *Instagram* disponibiliza um espaço para seus usuários compartilharem visualmente suas Memórias, homenagens e reflexões, que os leva a criarem uma narrativa digital em torno de experiências de perda. Essa rede social *online* oferece recursos interativos nas postagens, que possibilita aos usuários fazer comentários, reagir com curtidas e multiplicar a informação através do compartilhamento; tais ferramentas de interação podem auxiliar o entendimento da dinâmica social e emocional envolvida nos rituais de despedida no meio digital.

A facilidade de interação no *Instagram* favorece a criação de uma comunidade virtual em torno de experiências de Luto, proporcionando um campo fértil para análises sociais e culturais. A escolha pelo Instagram considera a relevância da plataforma no contexto pandêmico, quando o isolamento social limitou as interações presenciais, ao tornar-se um espaço crucial para manter conexões virtuais, expressar sentimentos e emoções e materializar Memórias, adaptação das práticas culturais à virtualidade durante período desafiador.

Para analisar o Luto nas redes sociais a pesquisa levou em conta as muitas razões que destacam a relevância e a eficácia do Instagram como espaço para expressar e memorializar a perda. Primeiramente, por estar entre as mídias sociais globalmente mais populares, ter base de usuários diversificada e ampla que abrange diferentes faixas etárias, culturas e contextos socioeconômicos. As imagens, no contexto do Luto, podem ser transformadas em evocadores poderosos de Memória, porque permitem aos enlutados terem um suporte em Memória visual dos falecidos, a partir de homenagens fotográficas e momentos especiais. A opção de adicionar legendas, comentários e *hashtags* nas postagens também melhora e enriquece a narrativa pessoal e coletiva do Luto, a partir de um espaço que serve para reflexões e apoio emocional. As funcionalidades interativas do *Instagram,* tais como: *stories, reels* e transmissões ao vivo, permitem comunicação

[15] INSTAGRAM. Sobre o *Instagram*. Disponível em: https://about.instagram.com/pt-br. Acesso em: 5 jan. 2024.

imediata e mais engajada. São ferramentas que podem ser utilizadas na realização de homenagens virtuais, cerimônias de lembrança e discussões sobre a perda, construindo sentido de comunidade e apoio entre os seguidores.

Em segundo lugar, a interatividade do Instagram favorece a criação de redes de apoio, especialmente em contextos de Luto - quando os usuários em Luto podem encontrar conforto e solidariedade de amigos, familiares, ou até mesmo de desconhecidos que partilham experiências e sentimentos semelhantes. Pesquisas na área de comunicação e sociologia indicam que as plataformas de mídia social criam espaços propícios para interações sociais significativas, promovendo conexões entre indivíduos em momentos difíceis. Autores como Baym (2010) afirmam que a comunicação mediada por tecnologia pode fortalecer as relações sociais, possibilitando que pessoas compartilhem experiências e ofereçam suporte emocional umas às outras.

O uso de *hashtags* no *Instagram* desempenha função importante na pesquisa do Luto. *Hashtags* como: #Luto, #saudade, #memorial e outras específicas a eventos ou pessoas permitem a categorização e a busca por postagens relacionadas ao Luto. Isso facilita a análise de tendências e padrões de comportamento e, também ajuda a identificar comunidades online dedicadas ao apoio mútuo e a memorialização. O *Instagram* é uma plataforma continuamente atualizada que se adapta aos usuários e suas demandas, incorporando atualizações diárias.

Quanto ao Luto, fenômeno central desta pesquisa, pode ser entendido como uma reação emocional universal à perda, especialmente à morte de um ente querido. Historicamente, a forma como o Luto é percebido e vivenciado, bem como as práticas e rituais a ele associados, variam significativamente de acordo com os contextos culturais, sociais e históricos.

Ao longo dos séculos, o Luto passou por transformações que refletem as mudanças nas estruturas sociais, nos avanços tecnológicos e nas práticas religiosas e culturais. Nos períodos anteriores à modernidade, o Luto era frequentemente marcado por rituais comunitários e símbolos visíveis, como vestimentas específicas e cerimônias públicas. No entanto, com o tempo, essas manifestações tornaram-se mais privadas, especialmente em contextos urbanos e individualistas.

Na contemporaneidade, com o advento da cibercultura, o Luto assumiu novas formas, deslocando-se para os espaços digitais. Redes sociais como o Instagram têm permitido que as práticas de Memória e homenagem transcendam as limitações físicas, possibilitando uma interação global e contínua. Essa transição ilustra como a tecnologia tem influenciado o modo como os indivíduos processam a perda, criando possibilidades para expressar, compartilhar e elaborar o Luto.

Essa pesquisa propôs-se a observar e analisar como essas mudanças se manifestam nas práticas memorialísticas digitais, especialmente em perfis póstumos no Instagram, explorando como esses espaços se tornam ferramentas para perpetuar laços emocionais e redefinir os rituais de despedida e lembrança na era digital.

Na Idade Média, conforme descrito por Philippe Ariès (2003), o Luto era uma parte intrínseca e visível da vida cotidiana. Era comum ver representações artísticas do Juízo Final, quartos de moribundos e cadáveres decompostos, que refletiam a familiaridade com a morte. As regras sociais do Luto eram bem definidas, e o Luto público era uma prática aceita e esperada. As comunidades participavam de rituais que marcavam a morte de um indivíduo, reconhecendo e respeitando a perda como uma experiência coletiva. Com o advento do Renascimento, a percepção da morte e, consequentemente, do Luto começou a mudar. A morte passou a ser vista de maneira mais individualizada, o que também passou a se refletir nas práticas artísticas e culturais da época.

Durante a Era Moderna, houve um movimento crescente de negação da morte, em que as pessoas evitavam falar sobre o assunto e a escondiam do convívio social. Esse período também marcou o afastamento da morte do cotidiano devido aos avanços na medicina, que prolongavam a vida e reduziam a presença constante da mortalidade. No século XX, a morte e o Luto foram ainda mais medicalizados e afastados da vida diária. Os hospitais tornaram-se locais predominantes da ocorrência da morte, quando os funerais passaram a ser organizados por profissionais, que distanciava ainda mais as famílias do processo de morrer. A morte tornou-se tabu na sociedade ocidental, um tema evitado e raramente discutido abertamente. No entanto, na contemporaneidade, surgem os movimentos como o “bem morrer”, que buscam reintegrar a morte e o Luto como fases dignas e naturais da experiência humana (Ariès, 2003).

Os hebreus consideravam o corpo do morto como algo impuro que não podia ser tocado. Os antigos indígenas americanos falavam dos espíritos malignos e lançavam várias flechas ao ar na intenção de afugentá-los. Muitas culturas possuem rituais cuidativos da pessoa que morre, os quais se originam desse sentimento de raiva latente em cada pessoa, apesar de negá-lo. A tradição do túmulo pode advir do desejo de sepultar bem fundo os maus espíritos, e as pedrinhas que muitos enlutados jogam como homenagem traduz simbolicamente o mesmo desejo. Apesar de ser chamada de última despedida, a salva de tiros num funeral militar corresponde ao mesmo significado simbólico do ritual indígena de lançar flechas aos céus. Esses exemplos ressaltam que o homem basicamente não mudou, pois “A morte constitui ainda um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, mesmo sabendo que podemos dominá-lo em vários níveis” (Ross, 2020, p. 89).

De acordo com Kübler-Ross (2008) e Kübler-Ross e Kessler (2005), nem todas as pessoas vivenciarão o Luto de maneira semelhante, na ordem apresentada. “Nosso Luto é tão individual como nossas vidas” (Kübler-Ross; Kessler, 2005, p. 7). O “Método Kübler-Ross” descreve cinco fases do Luto. A primeira é a negação, em que a pessoa reage à notícia da morte de um ente querido com descrença, dizendo “não” ou “isso não pode ser verdade” (Kübler-Ross, 2008; Kübler-Ross; Kessler, 2005). A segunda fase é a raiva, que pode ser dirigida a qualquer coisa ou pessoa, como a equipe médica, a si mesmo, à vida ou a Deus (Kübler-Ross; Kessler, 2005). A terceira fase é a barganha, na qual a pessoa faz promessas a Deus, esperando reverter a situação, e frequentemente sente culpa por não ter feito algo diferente (Kübler-Ross, 2008; Kübler-Ross; Kessler, 2005). A quarta fase é a depressão, que é uma reação natural à perda e não deve ser confundida com um estado patológico, embora possa necessitar de intervenção em casos extremos (Kübler-Ross; Kessler, 2005). A última fase é a aceitação, em que a pessoa reconhece a realidade da perda e começa a reconstruir sua vida sem o ente querido, atribuindo novo significado à sua existência (Kübler-Ross, 2008; Kübler-Ross; Kessler, 2005).

A análise histórica e contemporânea do Luto revela como as práticas e percepções da morte são profundamente influenciadas por contextos culturais e sociais. Embora as fases do Luto descritas por Kübler-Ross ofereçam um modelo útil para entender a experiência individual da perda, é essencial reconhecer a diversidade de reações emocionais e rituais ao redor do mundo. Dessa forma, o estudo do Luto amplia o entendimento sobre a condição humana, além de destacar a importância da abordagem da morte com sensibilidade e respeito às variações culturais. A pesquisa doutoral debruçou-se sobre os rituais de Luto no ambiente virtual, um novo espaço de memorialização da perda e de expressão da saudade. Com o advento das tecnologias digitais e a crescente popularização das redes sociais, o Luto se estendeu a uma nova dimensão na qual pode ser vivenciado e compartilhado. A pesquisa sobre rituais de Luto no ambiente virtual destaca como as redes sociais, especialmente o Instagram, têm se tornado um espaço fundamental de memorialização na contemporaneidade. O processo de Luto, tradicionalmente abordado dentro de rituais presenciais e físicos, agora se adapta ao contexto digital, promovendo novas formas de expressão e de interação emocional. Acessibilidade, permanência do conteúdo e a interatividade nas redes sociais criam um cenário de continuidade no Luto, transformando-o em um processo dinâmico e em constante evolução. Esse fenômeno reflete uma mudança nas práticas culturais de Luto, permitindo que os enlutados encontrem, de forma adaptativa, formas de expressar a dor da perda ao longo do tempo.

De acordo com Ariés (1977), o Luto sempre esteve intrinsecamente ligado aos contextos sociais e culturais, sendo um processo que responde às transformações nas

normas e valores de cada sociedade. Nesse sentido, a digitalização dos rituais de Luto pode ser vista como uma adaptação aos novos tempos, onde as interações não ocorrem mais apenas no espaço físico, mas também no virtual. As redes sociais oferecem um novo tipo de memorial, mais acessível e duradouro, possibilitando que a Memória do falecido permaneça viva na esfera pública, por meio de postagens, comentários e interações contínuas com outros usuários. Assim, o Luto se torna, para muitos, um processo prolongado, mediado pela tecnologia, permitindo a construção de uma Memória coletiva que ultrapassa as fronteiras físicas do espaço tradicional de Luto.

Em relação ao CiberLuto, o conceito de "memoriais *online* efêmeros" é relevante para entender como a internet transforma a maneira como nos relacionamos com a morte e com a Memória dos mortos. Haney, Leimer e Lowery (1997) destacam a efemeridade desses memoriais, que se mantêm ativos e visíveis no ambiente digital, mas que estão sujeitos a mudanças nas plataformas, ao esquecimento digital ou mesmo à exclusão de perfis após a morte de uma pessoa. Essa transitoriedade *online*, embora aparente, contrasta com a permanência dos laços emocionais, que, ao contrário, se reafirmam por meio das interações digitais.

Além disso, os trabalhos de Doughty e Pires (2016) sobre o Luto online ressaltam como as redes sociais se tornaram um local de reconstrução de identidades e narrativas pós-morte, em que os sobreviventes interagem com os perfis de pessoas falecidas. Essas interações oferecem formas alternativas de expressar a dor da perda e de se conectar com outros que vivenciam o mesmo Luto. No entanto, ao mesmo tempo, essa adaptação cultural implica na transformação do que era tradicionalmente considerado um ritual de Luto, como os velórios e enterros, para uma experiência mais fluida e mediada pela tecnologia.

Por fim, a teoria de Kübler-Ross (1969) sobre as fases do Luto oferece uma base para compreender como os indivíduos experimentam diferentes estágios após uma perda. No contexto digital, essas fases podem ser expandidas ou adaptadas à realidade online, onde interações como curtidas, comentários e compartilhamentos servem como formas de manifestação de apoio, muitas vezes suprindo a ausência física dos rituais presenciais. O Luto digital, portanto, se apresenta como uma experiência emocional multifacetada, que evolui com o tempo, integrando elementos do passado e do presente para atender às necessidades emocionais dos enlutados na era digital.

1.6 Humanidades Digitais e a transformação das práticas museológicas

As Humanidades Digitais constituem um âmbito interdisciplinar que une as Ciências Humanas, a Documentação e a Computação para investigar, representar e

difundir o conhecimento cultural através de tecnologias digitais, articulando tecnologias digitais e abordagens críticas das ciências humanas. Para a Museologia contemporânea, essa perspectiva oferece uma nova dimensão epistemológica: a de que o digital não é mero instrumento, mas um espaço de produção simbólica, de mediação e de participação social na construção da Memória (Lévy, 2001; Cameron, 2021).

Para Burdick et al. (2012), esse âmbito não se restringe ao uso de ferramentas digitais, mas implica “uma mudança epistemológica que redefine como produzimos, compartilhamos e interpretamos conhecimento” (Burdick et al., 2012, p. 11). No âmbito museológico, essa redefinição desloca o Museu de uma instituição centrada na custódia para um espaço de experimentação narrativa, conectividade social e mediação ampliada.

As Humanidades Digitais possibilitam novas formas de compreender e ativar os acervos. Segundo Parry (2013), as tecnologias digitais transformam o Museu em “um organismo informacional capaz de produzir, traduzir e circular sentidos em múltiplas plataformas” (Parry, 2013, p. 28). Essa perspectiva amplia o papel dos acervos, que passam a ser recontextualizados em ambientes virtuais, bases de dados abertas, exposições digitais e experiências imersivas. O digital torna-se, assim, instrumento de interpretação e não apenas de reprodução.

A incorporação das Humanidades Digitais também impacta de maneira decisiva as práticas de mediação nos museus. Como observa Cameron (2021, p. 93), “a mediação digital redistribui a agência interpretativa, permitindo que diferentes públicos cocriem narrativas”. Essa redistribuição tensiona o modelo tradicional de autoridade museológica, privilegiando processos colaborativos, escutas ativas e práticas participativas. Museus passam a operar como plataformas abertas, onde visitantes assumem papéis de coautores, editores e intérpretes da Memória. A compreensão contemporânea sobre circulação informacional, mediação digital e filtros de acesso no campo museológico precisa reconhecer que reflexões importantes antecedem a formulação de Cameron sobre a figura do *curator as filter*. No Brasil, a dissertação de Karina Viana (2016), intitulada *O fenômeno gatekeeper: Museologia, compartilhamento e conectividade híbrida na sociedade global*, oferece uma análise pioneira sobre como agentes, instituições e tecnologias operam como mediadores ativos na seleção, visibilidade e circulação de conteúdos museológicos. Seu trabalho, amplamente reconhecido - vencedor do Prêmio ANCIB de Dissertação em 2017 e publicado pelo PPG-PMUS em 2021 - constitui uma das primeiras investigações no campo a discutir a figura do *gatekeeper* como operador híbrido entre o humano e o técnico.

As reflexões de Viana são fundamentais porque deslocam a discussão da mediação museológica para o terreno das redes sociotécnicas, evidenciando como plataformas digitais, algoritmos e práticas de compartilhamento interferem diretamente na

construção de narrativas e na circulação dos acervos. A autora demonstra que a mediação não é apenas um processo humano, mas um fenômeno distribuído, constituído por atores híbridos que modulam o acesso, a visibilidade e o engajamento dos públicos. Essa abordagem, desenvolvida em 2016, antecede e complementa os debates internacionais que seriam sistematizados posteriormente por Fiona Cameron, sobretudo no que diz respeito às infraestruturas digitais, regimes de informação e disputas por autoridade epistêmica no campo dos museus.

Dessa forma, ao mobilizar conceitos como *gatekeeping* e conectividade híbrida, Karina Viana antecipa questões que posteriormente ganhariam projeção global nos estudos de Cameron sobre fluxos informacionais, governança digital e disputas pela construção do conhecimento museológico. Reconhecer essa anterioridade é fundamental não apenas por rigor acadêmico, mas porque situa a Museologia brasileira como produtora de aportes teóricos relevantes à discussão internacional. Integrar Viana (2016) ao debate, portanto, enriquece a análise e reafirma que a Museologia brasileira já elaborava, antes mesmo da consolidação da literatura anglófona, reflexões sofisticadas sobre mediação, tecnologia e circulação museológica.

Outro aspecto fundamental é o fortalecimento da dimensão social do campo museal. As Humanidades Digitais ampliam a capacidade dos Museus de acolher e visibilizar vozes historicamente marginalizadas, promovendo a inclusão de perspectivas comunitárias, afetivas e locais. Para Giannini e Bowen (2019, p. 44), as tecnologias digitais “reconfiguram o Museu em direção a ecossistemas participativos e centrados nas pessoas”. Trata-se de uma mudança estrutural que desloca o foco da objetualidade para a experiência, do discurso institucional para a multiplicidade de narrativas sociais.

Por fim, as Humanidades Digitais transformam a própria lógica de funcionamento dos museus, ao introduzir modelos de dados, análises computacionais, preservação digital e sistemas integrados de documentação. Essas ferramentas ampliam a sustentabilidade do patrimônio cultural e permitem práticas inovadoras, como visualizações complexas, mapeamentos interativos e redes de Memória conectiva. Em síntese, o encontro entre Humanidades Digitais e Museologia inaugura uma fase em que o campo museal se torna mais relacional, dinâmico e responsivo, capaz de dialogar com os desafios contemporâneos sem perder de vista sua função social de cuidado, preservação e produção de conhecimento.

A digitalização dos acervos e a criação de museus virtuais ampliaram as fronteiras do trabalho com o patrimônio, permitindo novas formas de acesso, interação e cocriação. Essa transição, contudo, também exige repensar as práticas curatoriais e os princípios da preservação digital, em diálogo constante com o público. Nesse contexto, as Humanidades

Digitais tornam-se mediadoras de uma nova cultura museológica – colaborativa, descentralizada e inclusiva (Chaves; Henriques, 2020; Hoskins, 2017).

1.6.1 Humanidades Digitais *Cibermuseais*

A pandemia de COVID-19 trouxe à tona uma série de desafios para as instituições culturais e museológicas, ao mesmo tempo em que acelerou processos de digitalização e transformações nas formas de interação com os públicos. Nesse contexto, o campo das humanidades digitais emergiu como uma abordagem teórica e prática fundamental para repensar a atuação dos museus e sua conexão com a sociedade. A Cibermuseologia, entendida como a aplicação de conceitos e ferramentas digitais no âmbito museológico, surge como resposta às limitações impostas pela crise sanitária e como forma de expandir os horizontes do acesso cultural.

De acordo com Lévy (1999), o ciberespaço se apresenta como um espaço de interações coletivas que transcendem os limites físicos, permitindo a ampliação das práticas culturais. No âmbito da Museologia, isso significa que os museus, ao adotarem recursos digitais, podem transformar suas exposições em experiências interativas que vão além da presença física, conectando públicos diversos em um ambiente virtual. Nessa linha, Parry (2007) explora como a aplicação de tecnologias digitais redefine as práticas tradicionais de preservação, comunicação e curadoria, deslocando os museus para um espaço híbrido que mescla o físico e o virtual.

Outro aspecto relevante abordado por Cameron e Kenderdine (2007) é a noção de “experiência aumentada” que os museus podem oferecer por meio de recursos digitais. Para esses autores, a interatividade proporcionada pelas humanidades digitais não apenas amplia o alcance das instituições, mas também transforma a relação entre o visitante e o acervo, incentivando formas mais participativas e colaborativas de engajamento. Essa transformação é especialmente importante em tempos de crise, como durante a pandemia, quando o acesso físico aos museus foi severamente limitado.

A pandemia também evidenciou a necessidade de resiliência institucional, e as humanidades digitais ofereceram soluções práticas e conceituais para a continuidade das atividades culturais. Segundo Kirschenbaum (2012), as humanidades digitais são um campo interdisciplinar que articula práticas computacionais e metodologias humanísticas, permitindo que instituições como os museus adaptem suas práticas a um ambiente cada vez mais digitalizado. Esse processo não implica apenas digitalizar acervos, mas também repensar as funções museológicas à luz de novos paradigmas tecnológicos e sociais.

A Cibermuseologia, portanto, não é apenas uma resposta à crise, mas uma evolução do campo museológico, alinhada às demandas de uma sociedade conectada e

mediada por tecnologias digitais. Nesse sentido, é fundamental que as instituições culturais invistam em infraestrutura digital, capacitação profissional e inovação, garantindo a preservação e a comunicação do patrimônio cultural em formatos acessíveis e inclusivos.

As *Humanidades Digitais Cibermuseais* constituem um âmbito interdisciplinar que integra conceitos e práticas das humanidades digitais ao âmbito da Museologia, com foco na aplicação de tecnologias digitais para potencializar a preservação, comunicação e interação com o patrimônio cultural em ambientes virtuais. Essa abordagem surge como resposta às mudanças tecnológicas e culturais de uma sociedade cada vez mais conectada, oferecendo novas formas de vivenciar, acessar e refletir sobre o acervo museológico, tanto no espaço físico quanto no ciberespaço.

O que caracteriza as Humanidades Digitais Cibermuseais?

1. Conexão entre o físico e o digital: Enquanto a Museologia tradicional se preocupa com a preservação e exibição de objetos em espaços físicos, as humanidades digitais cibermuseais expandem essa atuação para o espaço virtual, onde acervos podem ser digitalizados, recriados e apresentados de forma interativa. De acordo com Lévy (1999), o ciberespaço é um território para interações coletivas e criativas, onde as instituições podem dialogar com públicos globais;
2. Ampliação do acesso: Parry (2007) argumenta que as tecnologias digitais oferecem novas maneiras de democratizar o acesso ao patrimônio, permitindo que as coleções musealizadas sejam acessíveis a partir de qualquer lugar, rompendo barreiras geográficas, econômicas e sociais;
3. Preservação e documentação digital: A digitalização de acervos não é apenas uma forma de conservação, mas também uma estratégia de comunicação e engajamento. As humanidades digitais cibermuseais permitem não apenas armazenar, mas também reinterpretar e reutilizar o patrimônio cultural em contextos inovadores, como exposições virtuais, realidade aumentada e inteligência artificial (Marty, 2008);
4. Interatividade e participação: Cameron e Kenderdine (2007) exploram como as tecnologias digitais possibilitam experiências imersivas e interativas que transformam os visitantes em participantes ativos. Essa abordagem é crucial no âmbito cibermuseal, pois redefine a relação entre públicos e acervos;
5. Ciberespaço como um "campo museal": A ideia de que o ciberespaço pode ser um ambito de atuação museológica reconhece o ambiente digital como um espaço legítimo de construção de significados culturais e preservação de Memórias. Isso inclui a criação de museus virtuais, exposições online e projetos colaborativos com comunidades globais.

Por que é importante?

As Humanidades Digitais Cibermuseais são fundamentais para garantir que os museus se mantenham relevantes em um mundo cada vez mais digitalizado. Elas ampliam a capacidade dos museus de alcançar novos públicos, promovem o engajamento em escala global e abrem possibilidades para que a sociedade participe ativamente da construção e preservação de suas Memórias coletivas. Em tempos de crise, como a pandemia de COVID-19, essa abordagem mostrou-se indispensável para a continuidade das atividades culturais, conforme argumentam Cameron e Kenderdine (2007).

1.6.2 Curadoria participativa, inclusão digital e Humanidades Digitais: entrevista com Dália Guerreiro

A entrevista realizada com a Profa. Dra. Dália Guerreiro, Diretora de Serviços de Coleções Especiais da Biblioteca Nacional de Portugal, oferece uma contribuição essencial para esse debate, ao discutir como as Humanidades Digitais transformam a curadoria, a preservação e a socialização do patrimônio cultural em ambientes virtuais.

Ao ser inquerida sobre como as Humanidades Digitais podem transformar a curadoria e os processos museológicos, especialmente em contextos virtuais, Guerreiro afirmou:

> As humanidades digitais têm o potencial de transformar significativamente a curadoria e os processos museológicos nos Museus virtuais ou físicos, promovendo práticas mais colaborativas e inclusivas. Ao integrar tecnologias digitais, os Museus podem criar plataformas interativas que permitem a participação ativa dos diferentes segmentos de público na construção de narrativas sobre o património. A abordagem participativa na curadoria digital permite que a comunidade se sinta representada e envolvida nos processos, transformando os internautas em co-curadores de Memórias culturais em ambientes dígito-virtuais (Guerreiro, 2024, informação verbal).

Essa concepção alinha-se à noção de museu em rede, em que a autoridade curatorial se distribui entre instituição e público. Ao transformar o visitante em cocriador, a curadoria deixa de ser um ato unilateral de mediação e passa a constituir um processo colaborativo de construção da Memória. Como observa Brulon Soares (2021), a curadoria digital tende a fundar “espaços de conversação” mais do que “dispositivos de exposição”, deslocando o foco da exibição para o diálogo cultural.

Em outro momento, ao refletir sobre o papel das Humanidades Digitais na redefinição dos espaços de Memória *online*, a entrevistada destacou que:

> Os Museus virtuais podem utilizar as metodologias das humanidades digitais para redefinir os espaços de Memória online, facilitando novas formas de preservação e interpretação do património cultural, especialmente o intangível. Isso inclui a criação de narrativas colaborativas que envolvem o público na construção e manutenção de

> lugares de Memória online, considerando aspetos como acessibilidade, interatividade e preservação digital a longo prazo. Democratizando o acesso ao conhecimento, mas também promovem a inclusão e a diversidade, permitindo que vozes anteriormente marginalizadas sejam ouvidas e representadas nas narrativas museológicas (Guerreiro, 2024, informação verbal).

A fala de Guerreiro ecoa os debates propostos por Cameron (2021) sobre a democratização da curadoria em ambientes digitais, onde o Museu se torna um dispositivo de escuta e um campo de negociação de identidades. A pesquisadora portuguesa introduz um aspecto crucial – a acessibilidade – como princípio ético e técnico, associando a inclusão digital à própria preservação da diversidade cultural.

Sobre os desafios e oportunidades das Humanidades Digitais para a construção de lugares de Memória online, Guerreiro observa:

> A construção e manutenção de lugares de Memória *online* implica não só a utilização de sistemas tecnológicos fiáveis como a sua manutenção e preservação. Além disso temos de garantir que são acessíveis aos vários tipos de utilizadores, não esquecendo pessoas com baixa literacia digital e com deficiência visual ou auditiva. No entanto, ao disponibilizar lugares de Memória em linha, potencialmente, estamos a disponibilizar para o mundo, é uma forma de democratizar a informação. Assim as comunidades interessadas podem com mais facilidade interagir e disponibilizar recursos e informações, tornando o acesso ao Património Cultural mais acessível e imersivo. Uma das vantagens das humanidades digitais é considerar na sua metodologia uma abordagem multidisciplinar e colaborativa, que envolva não apenas especialistas em tecnologia, mas também historiadores, arquivistas, bibliotecários e a própria comunidade (Guerreiro, 2024, informação verbal).

Essa resposta reforça a importância da infraestrutura digital sustentável e da integração entre áreas distintas: tecnologia, história, arquivologia, Museologia, para a continuidade dos projetos de Memória *online*. Giannini e Bowen (2019) destacam que a preservação digital não se limita a armazenar dados, mas envolve o cuidado contínuo com a experiência do usuário, garantindo sua permanência e relevância cultural no tempo.

Ao refletir sobre o futuro dos museus virtuais, Guerreiro apontou que:

> A evolução dos Museus virtuais e dos espaços de Memória online no contexto das humanidades digitais oferece inúmeras oportunidades para a democratização do conhecimento e a criação de experiências culturais enriquecedoras. No entanto, esses ambientes também enfrentam desafios significativos em termos de acessibilidade, preservação digital e sustentabilidade. Uma abordagem colaborativa e multidisciplinar será essencial para superar esses desafios e aproveitar ao máximo as oportunidades oferecidas pelas humanidades digitais (Guerreiro, 2024, informação verbal).

Essa leitura corrobora as reflexões de autores como Hoskins (2017), que entende a Memória digital como ecossistema vivo, mutável e colaborativo, exigindo novas formas de gestão e engajamento. O futuro dos museus virtuais, portanto, depende menos da

tecnologia e mais da capacidade humana de cooperar e compartilhar saberes, em consonância com a ética das Humanidades Digitais.

Por fim, ao ser consultada sobre o papel dos museus virtuais no contexto das Humanidades Digitais e sobre como essas práticas influenciam a preservação e o compartilhamento do patrimônio, a entrevistada afirmou:

> Os Museus virtuais utilizam as tecnologias digitais para criar representações de alta qualidade dos objetos culturais, mesmo dos mais frágeis, permitindo a sua preservação. Democratizam o acesso ao conhecimento, promovendo a inclusão e a diversidade. Além disso, a acessibilidade é ampliada, pois qualquer pessoa que tenha acesso à internet pode explorar coleções e exposições de Museus ao redor do mundo. A interatividade é um dos componentes cruciais dos Museus virtuais. Eles oferecem experiências imersivas e interativas que podem incluir tours virtuais, jogos educativos etc. Isso não só torna a aprendizagem mais dinâmica, mas também atrai um público mais amplo e diversificado. Os Museus virtuais enfrentam desafios como a necessidade de garantir a preservação digital a longo prazo e a veracidade das informações apresentadas (Guerreiro, 2024, informação verbal).

As discussões sobre museus virtuais, tais como apresentados por Guerreiro, evidenciam que essas instituições não se restringem à digitalização técnica de objetos, mas criam representações que ampliam o acesso, a preservação e a interpretação do patrimônio cultural. A autora destaca que tais espaços têm potencial para democratizar o conhecimento e favorecer a diversidade de públicos, ao permitir que qualquer pessoa com acesso à internet possa explorar coleções e exposições geograficamente distantes. A partir dessa perspectiva, torna-se evidente que o Museu Virtual não é apenas um recurso alternativo, mas uma modalidade legítima de prática museológica.

Outro ponto enfatizado por Guerreiro diz respeito à interatividade, entendida como elemento estruturante das experiências digitais. *Tours* imersivos, jogos educativos e interfaces participativas expandem a mediação e tornam a aprendizagem mais dinâmica, aproximando públicos tradicionalmente afastados dos museus físicos. A interatividade, nesse sentido, não atua apenas como ferramenta pedagógica, mas como uma estratégia de construção de sentido, permitindo que visitantes se transformem em agentes ativos na produção de conhecimento.

A partir dessas premissas, é possível compreender que o Museu Virtual opera como ambiente de cocriação, abrindo espaço para práticas colaborativas entre curadores, comunidades e públicos diversos. Essa dimensão participativa desloca o papel do usuário de mero visitante para cocurador, sobretudo quando se trata de narrativas afetivas, Memórias locais ou patrimônio intangível. Tal como observa Guerreiro, o ambiente digital amplia a possibilidade de que Memórias coletivas sejam compartilhadas, reinterpretadas e atualizadas de forma contínua.

Contudo, essa expansão também implica desafios. Guerreiro chama atenção para a necessidade de garantir a preservação digital a longo prazo, assim como para os riscos relacionados à veracidade, autenticidade e estabilidade das informações disponíveis. Esses desafios exigem novas metodologias de catalogação, políticas de conservação digital e sistemas de gestão de dados capazes de assegurar que o patrimônio digitalizado permaneça acessível e confiável para futuras gerações. Trata-se, portanto, de um campo em constante revisão epistemológica e técnica.

Ao retomar as contribuições da autora, torna-se possível afirmar que **os museus virtuais representam hoje uma das frentes mais potentes das humanidades digitais**, configurando espaços de experimentação metodológica e de ampliação da cidadania cultural. A partir das reflexões de Guerreiro, pode-se compreender que seu impacto vai muito além da reprodução digital de acervos: ele se manifesta na transformação das formas de socializar conhecimento, democratizar narrativas e construir coletivamente o patrimônio cultural no ambiente virtual.

Essa reflexão sintetiza a essência do pensamento cibermuseológico contemporâneo: o Museu como ambiente interativo, imersivo e socializador, em que o patrimônio é continuamente reinterpretado e compartilhado em rede. Ao enfatizar a interatividade e a diversidade, Guerreiro aproxima-se de autores como Castells (1999) e Pierre Lévy (2001), para quem o digital é o espaço da inteligência coletiva e da partilha do sensível.

A entrevista com Dália Guerreiro evidencia uma compreensão sofisticada das Humanidades Digitais como campo capaz de reconfigurar profundamente as práticas museológicas contemporâneas. Sua abordagem ultrapassa o entendimento das tecnologias digitais como simples ferramentas operacionais, propondo-as como parte de um ecossistema epistemológico que integra produção de conhecimento, participação social e mediação cultural. Para a autora, o digital não deve ser reduzido à dimensão instrumental: ele constitui uma nova linguagem de acesso, interpretação e compartilhamento do patrimônio, e, por isso, exige metodologias sensíveis às desigualdades e às formas de exclusão que persistem no ciberespaço.

Nesse sentido, Guerreiro defende que uma Museologia digital legitimamente transformadora só pode consolidar-se se for orientada pela colaboração, pela abertura e pela ética do cuidado. A digitalidade, segundo sua leitura, não pode ser apropriada de modo vertical ou exclusivamente técnico. É necessário que os museus integrem práticas participativas que valorizem saberes diversos e criem condições para que a comunidade possa atuar não apenas como usuária, mas como coprodutora de Memória. Sua perspectiva aproxima-se das propostas da Cibermuseologia ao enfatizar que o patrimônio

no ambiente digital se fortalece quando construído de modo dialógico, distribuído e inclusivo.

Guerreiro ressalta também que a acessibilidade deve ser tratada como eixo constitutivo da Museologia digital, e não como adendo tardio. Isso implica repensar interfaces, linguagens, formatos e estratégias de mediação para garantir que diferentes públicos possam acessar conteúdos culturais sem barreiras técnicas, cognitivas ou sociais. A acessibilidade, nessa visão, é uma dimensão ética que orienta a própria organização do acervo digital. Esse compromisso reforça a convergência entre Humanidades Digitais e Cibermuseologia, pois ambas entendem a Memória como construção social que precisa estar disponível, compreensível e manipulável por uma diversidade de sujeitos.

Outro aspecto central na fala de Guerreiro é a ênfase na preservação partilhada**.** Para ela, a responsabilidade pela Memória no ambiente digital não deve recair exclusivamente sobre museus e instituições afins, mas ser compartilhada com comunidades, pesquisadores e usuários. Essa redistribuição da preservação rompe com a visão tradicional de tutela institucional e inaugura territórios colaborativos de manutenção, descrição, contextualização e circulação dos acervos. Tal perspectiva alinha-se diretamente com o conceito de ciberMemória**,** entendido como processo coletivo e conectado de reconstrução do passado por meio das tecnologias.

A entrevista demonstra ainda que o futuro dos museus virtuais dependerá de uma articulação cuidadosa entre infraestruturas técnicas robustas e políticas afetivas e participativas. Para a autora, a digitalização só ganha sentido museológico quando acompanhada de estratégias que promovam vínculos, afetos e formas de reconhecimento. A tecnologia, portanto, não é fim, em si mesma: ela necessita de intencionalidade cultural e sensibilidade social. A Museologia digital deve, assim, equilibrar precisão técnica e densidade humana, garantindo que os acervos digitais não sejam apenas arquivos, mas espaços vivos de Memória.

Por fim, sua leitura das Humanidades Digitais como forma de resistência à obsolescência confere à Museologia digital uma dimensão política. Em um cenário marcado pela volatilidade tecnológica e pela fragilidade dos suportes digitais, preservar no ciberespaço exige comprometimento com a permanência, com a atualização continuada e com a construção de ecossistemas resilientes. Nesse ponto, Dália Guerreiro aproxima o trabalho museológico de uma ética da responsabilidade temporal: garantir que a Memória – individual, coletiva e institucional – possa sobreviver às transformações técnicas. É exatamente essa convergência entre tecnologia, ética e afeto que fundamenta a relação entre Humanidades Digitais, Cibermuseologia e ciberMemória no horizonte contemporâneo.

CAPÍTULO 2

A REIVENÇÃO DIGITAL DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Pandemia e a adaptação dos Museus para o espaço *online*

A presente Tese realizou uma análise comparativa entre dois museus de referência, situados em contextos nacionais distintos: o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Brasil, e o MMIPO - Museu e Igreja da Misericórdia do Porto, em Portugal. A escolha dessas instituições fundamentou-se tanto em sua relevância histórica e simbólica quanto em suas trajetórias institucionais, marcadas por desafios estruturais e processos de reinvenção. A investigação concentrou-se nas estratégias digitais adotadas por esses museus durante o período de isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19. Tal contexto configurou um cenário excepcional, no qual a mediação cultural presencial foi abruptamente interrompida. Diante dessa realidade, os museus precisaram reorganizar suas práticas comunicacionais e curatoriais em ambiente digital. A análise considera, portanto, o digital não apenas como ferramenta técnica, mas como espaço estratégico de atuação museológica. Esse enquadramento permite compreender o papel das tecnologias digitais na manutenção do vínculo entre instituições e públicos em tempos de crise.

Os dados empíricos que fundamentaram esta análise foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas no âmbito da pesquisa de doutorado sanduíche desenvolvida na Universidade do Porto. As entrevistas foram conduzidas com profissionais diretamente envolvidos nos processos de gestão, comunicação e mediação cultural das instituições analisadas. Embora o foco recorra a dois museus específicos, os depoimentos obtidos dialogam com um conjunto mais amplo de entrevistas realizadas com outros museus. Dessa forma, os dados não devem ser compreendidos como casos isolados, mas como representativos de tendências mais amplas observadas no campo museológico. A metodologia adotada privilegiou a escuta qualificada dos agentes institucionais, reconhecendo suas experiências como fontes relevantes de conhecimento. Essa abordagem possibilitou captar percepções, estratégias e dificuldades enfrentadas no contexto pandêmico. Assim, o *corpus* empírico articulou especificidade institucional e generalização analítica.

A comparação entre o Museu Nacional/UFRJ e o MMIPO permite evidenciar diferenças e aproximações nas respostas institucionais à crise sanitária. Tais diferenças estão relacionadas a fatores históricos, administrativos, culturais e tecnológicos próprios de cada contexto nacional. Ao mesmo tempo, observa-se a convergência de desafios comuns, como a necessidade de rápida adaptação ao ambiente digital e a limitação de recursos disponíveis. A análise busca compreender de que modo essas instituições mobilizaram seus repertórios técnicos e simbólicos para enfrentar a suspensão das atividades presenciais. As estratégias digitais adotadas revelam tanto iniciativas

emergenciais quanto experimentações que apontam para transformações mais duradouras. Nesse sentido, o período pandêmico funcionou como um catalisador de processos já em curso no campo museológico. A comparação evidencia como contextos distintos produziram respostas singulares a problemas compartilhados.

O objetivo central da análise consiste em compreender como essas instituições enfrentaram os desafios impostos pela pandemia e quais soluções digitais foram implementadas ao longo desse processo. Busca-se identificar não apenas as ações realizadas, mas também os critérios que orientaram suas escolhas institucionais. A investigação considera aspectos como linguagem, plataformas utilizadas, formatos de conteúdo e modos de interação com os públicos. Ao analisar essas dimensões, torna-se possível avaliar o alcance e as limitações das estratégias digitais adotadas. Além disso, o estudo procura compreender como os museus reinterpretaram sua função social em um contexto marcado pela mediação tecnológica. O ambiente digital emerge, assim, como espaço de continuidade institucional e de experimentação museológica. Essa perspectiva amplia a compreensão sobre o papel contemporâneo dos museus em situações de crise.

A análise busca refletir sobre o legado deixado pelas ações digitais desenvolvidas durante o período pandêmico para o futuro da comunicação museológica. Longe de serem compreendidas apenas como respostas circunstanciais, essas experiências contribuíram para redefinir práticas, discursos e expectativas institucionais. Em ambos os casos analisados, observa-se que o digital passou a ocupar um lugar mais estruturante nas estratégias museológicas. Tal deslocamento implica desafios relacionados à sustentabilidade, à inclusão e à formação de equipes especializadas. Ao mesmo tempo, abre possibilidades para formas ampliadas de acesso, participação e diálogo com diferentes públicos. Assim, acreditamos que o estudo contribui para a reflexão crítica sobre os impactos de longo prazo da pandemia no campo museológico. Conclui-se que as estratégias digitais analisadas constituem não apenas um legado técnico, mas também simbólico e conceitual para a Museologia contemporânea.

O material coletado durante o doutorado sanduíche na Universidade do Porto apresenta dados muito semelhantes às respostas obtidas nas entrevistas realizadas com outros museus Nesta Tese estão apresentados os dados dos dois museus citados, um brasileiro e um português, com foco nas estratégias digitais adotadas durante a pandemia de COVID-19. As demais entrevistas e informações complementares estão disponíveis em anexo para consulta detalhada. A seguir, apresentamos as principais abordagens adotadas por essas instituições para manter a conexão com o público e adaptar suas atividades no período de restrições sanitárias.

2.1 Análise comparativa das estratégias digitais do Museu Nacional/UFRJ e Museu e Igreja da Misericórdia do Porto

2.1.1 Museu Nacional – UFRJ/ Rio de Janeiro, Brasil

As entrevistas realizadas no âmbito desta pesquisa foram conduzidas a partir de um mesmo questionário[16] estruturado, cujo conteúdo foi previamente analisado e autorizado tanto pela orientadora no Brasil quanto pela supervisora em Portugal, assegurando coerência metodológica e comparabilidade dos dados obtidos. Esse mesmo instrumento de pesquisa foi aplicado a uma única instituição brasileira, o Museu Nacional/UFRJ, cuja entrevista foi realizada em setembro de 2024, bem como aos 33 museus portugueses entrevistados ao longo dos anos de 2024 e 2025, no contexto do doutorado-sanduíche. O questionário foi igualmente aprovado pelos sistemas de ética em pesquisa vigentes em ambos os países, atendendo aos princípios éticos que regem investigações com sujeitos humanos, e encontra-se integralmente disponível como anexo a esta Tese, garantindo transparência e possibilidade de replicação do estudo. Ressalta-se que nem todas as instituições responderam a todas as questões propostas, em razão de especificidades institucionais e recortes adotados por cada Museu, motivo pelo qual parte dos dados coletados não foi explorada de forma exaustiva nesta tese, ficando sua análise aprofundada prevista para pesquisas futuras.

A pandemia de COVID-19 provocou impactos profundos no setor cultural, compelindo museus em diferentes contextos a repensarem suas estratégias de comunicação, mediação e relação com seus públicos. A partir das entrevistas realizadas com profissionais do **Museu Nacional/UFRJ** e do **MMIPO**, foi possível identificar convergências e divergências nas respostas institucionais ao período de restrições sanitárias, especialmente no que se refere aos seguintes quesitos:

1) Impacto inicial da Pandemia - O Museu Nacional/UFRJ já estava com suas exposições fechadas desde 2018 devido ao incêndio no Paço de São Cristóvão. Dessa forma, a pandemia não alterou diretamente a visitação física, mas impactou as pesquisa e as atividades educativas. O trabalho remoto foi adotado, com apenas atividades essenciais realizadas presencialmente. O MMIPO pode ter enfrentado desafios distintos, como a necessidade de adaptação de visitas presenciais e reestruturação do funcionamento interno.

[16] Consta no apêndice em formato word os questionários, mas para a versão final será incorporado as entrevistas com seus termos assinados.

2) Uso de redes sociais e conteúdo digital - Ambos os museus já utilizavam redes sociais, como Instagram, *Facebook, Twitter* (X) e *YouTube*. No entanto, o Museu Nacional/UFRJ intensificou a produção de conteúdo digital, destacando três eixos principais: ensino, pesquisa e Museologia. Entre as estratégias adotadas pelo MN/UFRJ, destacam-se: divulgação de um passeio virtual no *Google Arts & Culture*; publicação de documentários e imagens do acervo; uso de itens do acervo para criação de *posts* temáticos; realização de lives com pesquisadores. Se o outro Museu entrevistado desenvolveu abordagens diferentes, pode-se destacar a criação de novas exposições virtuais ou interações gamificadas para engajamento do público.

3) Digitalização e visitas virtuais - O Museu Nacional/UFRJ não criou visitas virtuais durante a pandemia, mas divulgou a exposição virtual "Os Primeiros Brasileiros" e manteve sua presença digital através de conteúdos diversos. A falta de uma equipe especializada em competências digitais levou os profissionais a aprenderem na prática. O MMIPO pode ter adotado um caminho diferente, estruturando uma equipe específica para a digitalização de acervos e criação de novas experiências *online*.

4) Impacto a médio e longo prazo - A pandemia trouxe aprendizados importantes para o Museu Nacional/UFRJ, como a percepção de que era possível manter o vínculo com o público por meio digital. O aumento do número de seguidores nas redes sociais reforçou essa estratégia. No entanto, após a pandemia, houve um esgotamento do conteúdo digital por parte do público, levando à redução de iniciativas como as *lives*.

5) Desafios e limitações - Entre os desafios mencionados pelo Museu Nacional/UFRJ, a infraestrutura digital limitada se destacou, especialmente em relação à qualidade da internet para transmissões ao vivo. Além disso, não foi realizada uma avaliação formal das iniciativas digitais. Outro Museu pode ter enfrentado desafios distintos, como dificuldades em acessibilizar o conteúdo digital ou garantir um orçamento adequado para as inovações tecnológicas.

Desse modo, a análise das entrevistas evidencia que as estratégias adotadas pelas instituições durante a pandemia foram diretamente condicionadas por suas **condições institucionais prévias**, pela infraestrutura existente e pelos recursos humanos e tecnológicos disponíveis. No caso do **Museu Nacional/UFRJ**, cuja visitação presencial encontrava-se interrompida desde 2018, as respostas indicam a intensificação e a sistematização do uso das redes sociais como principal meio de comunicação com a sociedade, com ênfase na divulgação de conteúdos educativos, científicos e informativos, assegurando a continuidade de sua função pública no ambiente digital. Já o **MMIPO – Museu e Igreja da Misericórdia do Porto**, instituição com forte inserção territorial e

atividade presencial consolidada antes da pandemia, direcionou seus esforços para a adaptação de práticas educativas e de mediação ao formato *online*, mantendo vínculos com seus públicos por meio de ações digitais programadas, conteúdos curatoriais específicos e estratégias de comunicação orientadas à fidelização e à reaproximação do público. Em ambos os casos, as entrevistas revelam não apenas processos de reconfiguração institucional diante da crise sanitária, mas também a **emergência da necessidade de um profissional com formação específica para atuar na interface entre Museologia e ambientes digitais**, capaz de planejar, gerir e mediar ações no ciberespaço apontando para a consolidação do papel do **cibermuseologista** como agente fundamental nas práticas museológicas contemporâneas.

A pandemia demonstrou que o digital é um componente essencial para a comunicação museológica, mas também evidenciou limitações, como o esgotamento do público e a necessidade de maior profissionalização das iniciativas online. O legado digital construído durante esse período ainda permanece em evolução, com desafios e oportunidades para os museus na era pós-pandemia.

2.1.2 Análise da entrevista com a Equipe do MMIPO – Porto, Portugal

A entrevista realizada com profissionais do MMIPO – Museu e Igreja da Misericórdia do Porto permitiu identificar um conjunto de percepções, práticas e estratégias institucionais desenvolvidas no contexto das transformações impostas pela pandemia e pela intensificação do uso de ambientes digitais. Os relatos evidenciam tanto os desafios enfrentados quanto as soluções adotadas pela instituição para manter suas funções de comunicação, mediação e relação com os públicos, resultando nos seguintes apontamentos analíticos:

1) Impacto inicial da Pandemia - A pandemia de COVID-19 teve um impacto significativo no funcionamento do MMIPO, obrigando o Museu a fechar temporariamente, o que resultou em perdas financeiras. Inicialmente, houve uma esperança de que a situação fosse passageira, mas com o tempo, a equipa precisou encontrar soluções para manter a atividade do Museu.

2) Redes sociais e criação de conteúdo digital – O Museu já utilizava redes sociais como *Facebook, Instagram*, o site oficial e uma *mailing list* antes da pandemia, e manteve essas plataformas ativas durante o período de restrição. No entanto, a equipe não possuía profissionais especializados em competências digitais, o que fez com que cada setor criasse conteúdo com as habilidades que já tinha. As principais iniciativas digitais incluíram a realização de *webinars* e a celebração de efemérides *online*.

3) Estratégias de adaptação digital - Diferentemente de algumas instituições que digitalizaram acervos e exposições, o MMIPO não teve condições técnicas para implementar tais mudanças. As estratégias adotadas para manter o público engajado incluíram o uso de redes sociais, site e mailing list, bem como iniciativas interativas como quizzes e webinars. No entanto, não houve uma avaliação formal das iniciativas digitais.

4) Impactos a médio/longo prazo e reflexões - As mudanças implementadas durante a pandemia não foram integralmente mantidas após o retorno à normalidade. A oferta de atividades digitais não foi continuada devido à falta de equipamentos necessários. O Museu também não produziu documentação formal sobre as adaptações realizadas. Entre os aprendizados, destacou-se a capacidade de adaptação da equipe mesmo em condições adversas, evidenciada pela inauguração de uma exposição em julho de 2020. No entanto, os *webinars* foram descontinuados após a pandemia.

Como se observa, o MMIPO respondeu à pandemia de forma adaptativa, mas com limitações técnicas que impediram um investimento mais robusto na digitalização e oferta de conteúdo virtual. Embora tenha utilizado as redes sociais para manter a conexão com o público, as iniciativas não foram avaliadas e, em grande parte, não foram mantidas no pós-pandemia. Isso sugere que, para uma transição digital mais sustentável, seriam necessários investimentos em infraestrutura e capacitação da equipa.

2.1.3 Resultados Obtidos

Na tabela comparativa abaixo, resumem-se os aspectos apresentados aqui entre o Museu Nacional/UFRJ (Brasil) e o MMIPO (Portugal):

Tabela 01. Aspectos comparativos entre o Museu Nacional/UFRJ e MMIPO/Porto

Aspecto	Museu Nacional/UFRJ (Brasil)	MMIPO (Portugal)
Impacto inicial da Pandemia	Já fechado desde 2018 devido ao incêndio. Impacto no acesso ao acervo e atividades educativas.	Fechamento temporário, resultando em perdas financeiras e necessidade de adaptação.
Uso de redes sociais e conteúdo digital	Intensificação de conteúdo digital, com ênfase em ensino, pesquisa e Museologia. Postagens temáticas, documentários, *lives* com pesquisadores.	Manutenção das redes sociais, mas com recursos limitados. Webinars e efemérides *online*.
Digitalização e visitas virtuais	Divulgação de exposições virtuais, como "Os Primeiros Brasileiros". Sem equipe especializada em digitalização.	Não houve digitalização do acervo nem criação de novas exposições virtuais. Foco em *quizzes* e *webinars*.

Impacto a médio/longo prazo	Aumento de seguidores, mas esgotamento do público com o tempo. Redução de *lives* e conteúdos após a pandemia.	Iniciativas digitais não foram mantidas devido à falta de recursos e equipamentos adequados.
Desafios e limitações	Infraestrutura digital limitada (problemas de internet para transmissões). Falta de equipe especializada.	Falta de infraestrutura técnica e humana para digitalização e criação de conteúdo virtual. Conteúdo improvisado.
Principais aprendizados	Possibilidade de manter vínculo digital com o público. Necessidade de maior profissionalização das práticas digitais.	Adaptação da equipe em condições adversas, mas falta de continuidade nas ações digitais.
Avaliação das ações digitais	Não foi mencionada avaliação formal, mas o público e engajamento foram acompanhados nas redes sociais.	Não houve avaliação formal das iniciativas digitais.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A análise das entrevistas com representantes do Museu Nacional/UFRJ e do MMIPO revela tanto convergências quanto contrastes significativos no enfrentamento da crise sanitária global. Ambas as instituições demonstraram esforços de adaptação, ainda que condicionados por suas respectivas realidades pré-pandemia e estruturas institucionais.

1) Impacto inicial da Pandemia - No caso do Museu Nacional/UFRJ, o impacto foi mais indireto, visto que a instituição já se encontrava fisicamente fechada desde 2018 em decorrência do incêndio que atingiu o Paço de São Cristóvão. A pandemia, nesse contexto, afetou principalmente o acesso ao acervo para pesquisa e a realização de atividades educativas. Já o MMIPO, com funcionamento regular até então, teve de lidar com o impacto financeiro imediato do fechamento ao público e com a necessidade urgente de reorganizar suas atividades.

2) Uso das redes sociais e produção de conteúdo digital - Ambos os museus á estavam presentes nas redes sociais, mas responderam à pandemia com intensidades e direções distintas. O Museu Nacional/UFRJ investiu fortemente em conteúdos voltados para a divulgação científica e educativa, explorando recursos como *lives*, documentários e postagens temáticas com base em itens do acervo. Já o MMIPO manteve sua comunicação ativa por meio das plataformas já existentes, porém com menor sofisticação técnica, limitando-se a efemérides online, *quizzes* e *webinars*, devido à ausência de uma equipe especializada em produção digital.

3) Digitalização e visitas virtuais - Enquanto o Museu Nacional/UFRJ promoveu a divulgação de exposições virtuais já existentes, como *"Os Primeiros Brasileiros"*, o MMIPO não conseguiu investir na digitalização de acervos ou criação de experiências

virtuais mais robustas. A diferença nesse ponto revela não apenas as prioridades institucionais, mas também as limitações estruturais enfrentadas por cada Museu, tanto em termos de pessoal quanto de infraestrutura tecnológica.

4) Impactos a médio e longo prazo - A presença digital do Museu Nacional/UFRJ teve um crescimento expressivo nas redes sociais, mas também foi marcada pelo esgotamento do público, especialmente no que se refere à repetição de formatos como *lives*. Após o período mais crítico da pandemia, houve uma redução das iniciativas digitais, apontando para a dificuldade de manter o ritmo e o engajamento. No MMIPO, por sua vez, as iniciativas implementadas não foram mantidas após o retorno às atividades presenciais, em função da falta de equipamentos e da ausência de um planejamento de continuidade.

5) Desafios e limitações - Ambos os museus enfrentaram obstáculos significativos. No Brasil, o Museu Nacional lidou com problemas de conectividade e falta de pessoal capacitado em comunicação digital. Em Portugal, o MMIPO teve desafios semelhantes, com a criação de conteúdo ficando a cargo de equipes sem formação específica, o que limitou a qualidade e o alcance das ações. Nenhuma das instituições realizou uma avaliação formal das estratégias implementadas, o que dificulta mensurar com mais precisão os resultados alcançados.

6) Principais aprendizados e considerações - Apesar das adversidades, os dois museus demonstraram capacidade de adaptação e criatividade frente à crise. O Museu Nacional/UFRJ consolidou a ideia de que o vínculo com o público pode ser mantido de forma eficaz por meios digitais, ainda que essa manutenção exija investimento contínuo em inovação e qualificação. Já o MMIPO evidenciou o papel fundamental da equipe na sustentação das atividades, mesmo sem grandes recursos, mas também mostrou que a falta de institucionalização dessas práticas compromete sua continuidade.

A análise revela que, embora o contexto pandêmico tenha forçado os museus a se reinventarem, os resultados dessas transformações foram desiguais. A pandemia acelerou processos que já estavam em curso, mas também deixou evidente a necessidade de políticas institucionais mais robustas, voltadas à digitalização, à capacitação técnica e à avaliação sistemática das ações. O legado digital construído durante esse período permanece como um campo aberto para aperfeiçoamentos e redefinições na comunicação museológica do século XXI.

2.2 Museologia do Luto em tempo de Pandemia

A interseção entre as redes sociais, a Cibercultura e a tecnologia desempenham um papel fundamental na evolução das práticas museológicas contemporâneas. Ao unir as perspectivas oferecidas por diversos autores nesse campo, podemos explorar de maneira mais abrangente como esses elementos influenciam e moldam o cenário dos museus na era digital. As redes sociais têm se tornado espaços vitais para a divulgação, interação e engajamento dos públicos com os museus, ampliando o alcance das exposições e eventos e possibilitando uma comunicação mais direta e instantânea com os usuários. Além disso, as redes sociais permitem a criação de comunidades virtuais em torno dos museus, onde as pessoas podem compartilhar experiências, discutir obras e contribuir para a construção de significados coletivos.

A Cibercultura, por sua vez, introduz novas formas de experiência e interação nos espaços museológicos. A integração de tecnologias digitais, como realidade virtual, realidade aumentada e visitas virtuais, transforma a maneira como os visitantes vivenciam as exposições e interagem com o acervo. Isso não apenas enriquece a experiência do público, mas também abre portas para narrativas mais imersivas e envolventes.

A tecnologia, em seu espectro mais amplo, desempenha um papel central na evolução das práticas museológicas. Desde sistemas de gestão de acervos até plataformas de acesso online, a tecnologia facilita a preservação, catalogação e divulgação do patrimônio cultural. Ela também proporciona oportunidades para a criação de exposições virtuais, projetos de digitalização de obras e acesso remoto a conteúdos educacionais, democratizando o acesso à cultura e ampliando o alcance dos museus além das fronteiras físicas. O panorama em que museus e espaços de Memória se encontram atualmente exige uma reavaliação profunda de seus papéis e funções. A virtualização da cultura e a necessidade de se adaptar a novos contextos suscitam a busca por maneiras inovadoras de engajar o público e garantir o fortalecimento contínuo dessas instituições.

A crise pandêmica demonstrou que a cultura contemporânea tem favorecido as relações sociais no processo de Luto, facilitando sua exposição. O Luto tem saído de sua discrição, podendo ser reconhecido no interior das redes sociais. O compartilhamento do Luto na internet, também chamado de *Luto online*, tem sido observado com bastante frequência (Bousso, 2015, p. 190). Nesse contexto, a “Museologia do Luto” surge como uma abordagem que não apenas responde a esses desafios, mas também abraça uma perspectiva mais ampla de engajamento social, inclusão e sustentabilidade. Queiroz (2018) comenta:

> A tecnologia é um recurso importante e inevitável para a desagregação do Luto, mas as novas estéticas fúnebres não são isentas de conflitos. Há desafios prementes relacionados com a propriedade da identidade

> póstuma, a capacidade tecnológica para gerir identidades conflitantes e a partilha desregrada de informação (divulgação de segredos, ofensas, etc.), aspectos que podem alterar a identidade do falecido na percepção de amigos e familiares. Com registos online detalhados das nossas vidas, faz sentido que nativos e emigrantes digitais reflitam sobre o seu legado digital, existindo já serviços (e.g., DeadSocial) que permitem considerar estas questões. Não obstante, a investigação sugere que o Luto virtual é um fenómeno emergente, cujo impacto é sobretudo positivo e não varia com a idade (Roberts, 2004).

A Museologia do Luto, como uma área de exploração e prática, busca compreender como os museus e espaços de Memória podem responder de maneira sensível e eficaz às necessidades de expressão, registro e processamento do Luto na sociedade contemporânea. Em meio a uma era marcada por inovações tecnológicas e sociais, o Luto e as formas de memorialização também evoluíram, encontrando expressão crescente nas plataformas virtuais e espaços digitais.

Ao explorar as formas como os museus e os espaços de Memória podem se adaptar à virtualização e à cultura digital para abordar o Luto, a Museologia do Luto se concentra em criar uma conexão entre os aspectos emocionais e os aspectos técnicos psicológicos desse tema. Ela não apenas visa utilizar as tecnologias para amplificar a expressão do Luto, mas também para dar voz a indivíduos comuns que foram atendidos pela pandemia, de maneira íntima e muitas vezes silenciada. Mueller (2017) aponta que no processo de apropriação tecnológica, temas como a morte e o Luto migram para o cenário *online,* em busca de ressignificação como práticas sociais e comunicacionais. Para a autora, a prática do Luto *online* abrange "diferentes formas de representação de discursos envolvendo a dor da perda, formas de publicação de conteúdo multimídia para rememorar o morto, formas de interação entre os enlutados, etc." (Mueller, 2017, p. 198). Ao apresentar as histórias de perda de maneira sensível e autônoma, ela cria um espaço de reflexão que transcende as diferenças culturais e individuais, promovendo um senso de conexão e solidariedade entre os participantes.

A Museologia do Luto não trata apenas de tecnologias digitais ou inovações técnicas, mas sim de uma abordagem que coloca a experiência humana no centro das preocupações dos museus e espaços de Memória. Ao humanizar as vítimas da pandemia e permitir que suas histórias sejam contadas e compartilhadas, essa abordagem contribuiu para a preservação da Memória coletiva, a promoção da empatia e a criação de um legado significativo em meio a tempos difíceis. O pesquisador Alex Primo destaca que o Luto é a coisa mais natural do mundo. "Por que a morte tem que ser privada? É uma convenção cultural. Compartilhar o Luto pode ser menos estranho do que visitar um cemitério"[17].

[17] Citação presente na reportagem de: BIDERMAN, Iara. Luto compartilhado é novo fenômeno nas redes socias. **Holiste**, 18 dez. 2012. Disponível em: https://holiste.com.br/luto-compartilhado-e-novo-fenomeno-nas-redes-sociais/. Acesso em: 9 abr. 2024.

Através da exploração e interpretação das narrativas de Luto, essas instituições podem se tornar recursos democráticos, acessíveis a todas as classes da sociedade, independentes de barreiras geográficas ou físicas. A virtualização aqui desempenha um papel fundamental, permitindo que as histórias e experiências de Luto sejam compartilhadas e acessadas por um público global, através das redes sociais como um espaço de memorialização e conforto para o Luto.

Além disso, a Museologia do Luto pode contribuir para uma abordagem socialmente inclusiva, proporcionando um espaço para diferentes perspectivas, vivências e formas de Luto. Ao abordar o Luto como um fenômeno multifacetado e universal, os museus podem promover um entendimento mais amplo e empático das experiências humanas. Isso envolve a criação de espaços e plataformas que conseguiram não apenas a expressão do Luto, mas também o diálogo intercultural e intergeracional.

Em suma, a Museologia do Luto representa uma oportunidade valiosa para os museus e espaços de Memória se reinventarem em um mundo em constante mudança. Ao abraçar a virtualização, a inclusão e a sustentabilidade, essas instituições podem se posicionar como agentes de transformação cultural, promovendo novas alternativas de conexões emocionais, diálogo intercultural e compreensão profunda da experiência humana. Nesse contexto, a Museologia do Luto não é apenas uma resposta aos desafios atuais, mas uma abordagem que redefine o papel essencial dessas instituições na sociedade contemporânea.

A abordagem virtual da Museologia do Luto oferece aos museus uma oportunidade transformadora de redefinir seu papel na sociedade. Essas instituições, muitas vezes vistas como meros depósitos de objetos históricos, têm agora a chance de se reinventar como agentes ativos de mudança, criando diálogos profundos, promovendo a compreensão mútua e fornecendo conexões emocionais. Cabe refletirmos sobre uma Memória coletiva em processo que, ao tomar o espaço público da Rede, evidencia formas individuais e coletivas de “Luto e resistência” (Seligmann; Silva, 2016).

A proposta de uma "Museologia virtual do Luto" levanta questões interessantes sobre o papel dos museus em tempos de crise e as possibilidades oferecidas pelo ambiente digital para abordar temas sensíveis e emocionais. No entanto, é válido investigar se essa abordagem já estava sendo explorada antes da pandemia de COVID-19. Ao explorar e interpretar as narrativas de Luto, os museus não apenas resgataram as histórias individuais por trás das estatísticas, mas também criaram espaços inclusivos e acessíveis. Independentemente de barreiras geográficas, respiratórias ou físicas, a Museologia do Luto permite que pessoas de diferentes origens e contextos participem ativamente do processo de compartilhamento, reflexão e homenagem às vítimas da pandemia.

Para Soares et al. (2020), falar de todo o processo funciona como uma forma de homenagem e auxilia na amenização da dor, uma vez que Memórias são construídas e reafirmadas. Goldberg (2019) diz que os temas Luto e morte tem povoado o cotidiano, não sendo mais considerados temas interditos, como dizia Ariès (2012), mas inseridos na dinâmica cotidiana dos vivos:

> [...] nas redes sociais o enlutado pode referir-se ao falecido compartilhando elementos biográficos e autobiográficos, relacionais, particulares, admitindo, em primeira pessoa, seus sentimentos e sua posição em relação ao morto. Essa é uma realidade característica de um momento histórico no qual um meio de comunicação assíncrono baliza grande parte das relações pessoais (Goldberg, 2019, p. 23).

As redes sociais virtuais desempenham um papel crucial nas interações humanas. Ao permitir que as pessoas interajam e compartilhem informações instantâneas de diferentes partes do mundo, elas ampliam a interconexão entre indivíduos, dando origem a uma nova forma de convívio social (Martinuzzo; Sangalli, 2019).

A virtualização desempenha um papel crucial nesse processo. Através das redes sociais e das plataformas *online*, os museus podem transcender as limitações físicas e oferecer uma experiência global de memorialização. Esses espaços virtuais se tornam ambientes de conforto para o Luto, onde as pessoas podem expressar suas emoções, compartilhar suas histórias e sentir-se parte de uma comunidade sensível a suas experiências. A virtualização não é necessariamente a transformação de algo real em não real. O virtual já é uma realidade em si, enquanto o digital só é possível a partir de um processo de digitalização ou já nasce digital, como fotos ou vídeos.

O conceito de virtual traz consigo uma realidade própria e intrínseca, distinta da materialidade, enquanto o digital surge através de processos de digitalização ou já nasce na forma digital, como ocorre com fotos ou vídeos. Isso significa que o virtual tem o poder de remodelar nossa percepção de espaço, desvinculando-a de territórios físicos, e de redefinir nossa noção de tempo, permitindo um desapego do presente imediato (Henriques, 2020). Esta distinção sinaliza que o virtual não se limita apenas a uma mera simulação, mas apresenta um potencial de reconfiguração significativo. Nesse contexto, o virtual desafia nossa concepção tradicional de espaço, desvinculando as limitações geográficas e permitindo uma experiência que transcende fronteiras físicas. Além disso, o virtual também redefine nossa percepção temporal, possibilitando um desprendimento do presente imediato e introduzindo-nos novas maneiras de interagir com o tempo, Memórias e narrativas.

A virtualização permite que as narrativas de Luto sejam preservadas de maneira duradoura *online*. Enquanto o espaço físico pode ser limitado, o espaço digital é vasto e flexível, capaz de acomodar uma experiência de histórias e testemunhos. Isso garante que

as Memórias individuais não se percam no tempo, mas sejam lembradas e valorizadas como partes essenciais da história coletiva. Oliveira (2017, p. 27) utiliza a expressão: “interfaces da Memória social”, que absorve tanto a noção de lugares de Memória como de meios de Memória e designa as interfaces interativas computacionais das mídias sociais, que possibilitam uma gestão compartilhada do conhecimento, tornando sua construção potencialmente acessível (*open access*), colaborativa e desterritorializada (Oliveira, 2017).

A Museologia virtual do Luto vai além do período pandêmico. Ela estabelece um precedente sobre como os museus podem se envolver com questões sociais e emocionais profundas, tornando-se pontos de encontro para a expressão de sentimentos, diálogo e construção de conexões. Essa abordagem não apenas cumpre um papel crucial na preservação da Memória, mas também desempenha um papel na cura coletiva e na construção de um futuro mais abrangente e solidário. Nosso intuito é lançar luz sobre o fenômeno Museu e sua atualização - através dos fenômenos memorialísticos *online* - como espaço de reflexão sobre o tempo presente. É pensar o “Museu como devir” (Scheiner, 2014), ou o “Museu virtual” (Lévy, 1996; Scheiner, 1997-98; Magaldi, 2008; Desvallées & Mairesse, 2014; Magaldi; Brulon; Sanches, 2018).

Quando pensamos sobre o "Museu como devir" ou o "Museu virtual", abrimos espaço para uma série de reflexões e possibilidades. Surgiu a oportunidade de explorar novos horizontes na concepção e prática museológica, especialmente em um contexto marcado pela "mania memorial" e pela busca incessante por formas de expressão e preservação da Memória na sociedade contemporânea. A partir dessas perspectivas, podemos questionar como os museus podem se adaptar e evoluir para atender às demandas e expectativas de um público cada vez mais conectado e interativo.

Portanto, a Museologia do Luto, com sua ênfase na virtualização, reconfigura a função tradicional dos museus, destacando seu potencial para se tornarem lugares de significado e reflexão ativa. Em um mundo cada vez mais conectado digitalmente, essa abordagem revela a capacidade dos museus de se adaptarem às mudanças sociais, tecnológicas. A Cibermuseologia (Oliveira, 1997; Leshchenko, 2015) apresenta o fazer museal na virtualidade, que se dá em outro tempo e em outro espaço como processo de musealização e comunicação.

Na atualidade, através de buscas na web, pode-se encontrar um grande número de sites que mostram as mais diversas formas com que a história e a Memória social interagem. Nesses ambientes digitais, novos museus estão se organizando. E neles a sociedade se coloca diante de um novo modelo, o da possibilidade de também ajudar na criação de acervos, onde o próprio visitante, cidadão comum, guardará e divulgará a sua história. É uma demonstração da democracia que os CiberMuseus, ambientes criados

para funcionar efetivamente no Ciberespaço, vêm demonstrando desde 1994, num efeito totalmente oposto ao da pomposidade e do luxo da grande maioria dos museus presenciais (Oliveira, 2009a).

A ênfase na virtualização promovida pela Museologia do Luto reflete não apenas a inovação tecnológica, mas também uma compreensão profunda das necessidades e aspirações da sociedade contemporânea. A virtualização permite que os museus instituídos alcancem audiências além das fronteiras físicas, transcendendo a delimitação geográfica e temporal. Isso se alinha perfeitamente com a natureza globalizada da sociedade moderna, onde as conexões digitais se tornam essenciais para o nosso dia a dia. Além disso, essa abordagem inovadora não apenas se adapta às mudanças sociais, mas também opera como dispositivo de influência. Ao fornecer um espaço digital de reflexão e compartilhamento do Luto, os museus não apenas acompanham as transformações da sociedade, mas também concorrem ativamente para a maneira como as pessoas entendem, vivenciam e expressam o Luto.

A capacidade de virtualizar o Luto não só democratiza o acesso às experiências e Memórias, mas também reforça o papel dos museus como agentes de mudança social e cultural. Neste sentido, a Museologia do Luto é um testemunho da adaptabilidade e resiliência das instituições culturais diante dos desafios contemporâneos. Ao abraçar a virtualização, os museus se abrem para novas narrativas, novas formas de engajamento e novas maneiras de conectar as pessoas. Essa abordagem não apenas revitaliza seu papel na sociedade, mas também estabelece um novo padrão para a forma como as instituições culturais podem responder às necessidades e aspirações em constante evolução de suas comunidades.

Para Bergson (1999), o universo das lembranças não se constitui do mesmo modo que o universo das percepções e das ideias. Bergson está centrado no princípio da diferença: de um lado, o par percepção e ideia; de outro, o fenômeno da lembrança. Na obra "As tecnologias da inteligência", Lévy dedica um capítulo à Memória, explorando a relação entre oralidade primária, escrita e informática. Nesse contexto, discute temas como palavra, escrita, história, tempo, esquecimento e Memória, especialmente dentro do contexto contemporâneo da Cibercultura. “Ao conservar e reproduzir os artefatos materiais com os quais vivemos, conservamos ao mesmo tempo os agenciamentos sociais e as representações ligados a suas formas e seus usos” (Lévy, 1999b, p. 78).

Em última análise, a ênfase na virtualização pela Museologia do Luto é um convite para os museus abraçarem a mudança de maneira proativa e significativa. É um convite para se fortalecerem não apenas como guardiões de objetos, mas curadores de histórias e sentimentos; e como espaços de conexão, compreensão e cura, em um mundo que busca cada vez mais significado e pertencimento. Nesse cenário, a virtualização surge

como uma ferramenta poderosa para construir pontes entre o passado, o presente e o futuro, moldando assim a narrativa cultural de nossa sociedade em constante transformação.

O *Instagram*, uma das redes sociais que experimentaram um crescimento exponencial em número de usuários em todo o mundo, emergiu como uma plataforma significativa para o compartilhamento de conteúdo visual. Fundada em 2010, essa rede social relativamente recente concentra-se na publicação e no compartilhamento de fotos e vídeos (Sheldon; Bryant, 2016). A popularidade em rápida ascensão do Instagram é atribuída, em parte, à sua capacidade de atender à crescente cultura visual da sociedade contemporânea. De acordo com Suess (2014), a plataforma se alinha perfeitamente com a tendência cultural atual e consome informações por meio de elementos visuais. O poder das imagens e vídeos como formas de comunicação e expressão é cada vez mais reconhecido na era digital, e o Instagram capitaliza essa preferência ao oferecer uma plataforma simples e atraente para compartilhar momentos, histórias e perspectivas por meio de conteúdo visual. O termo “rede social” foi desenvolvido pelas ciências sociais; entretanto, no ambiente da internet, usa-se redes sociais digitais, virtuais ou redes sociais *online*, mesmo não sendo sinônimos, uma vez que o termo *online* é usado quando se está conectado à internet, quando se acessa remotamente a informação (Martino, 2015).

Ao permitir que os usuários compartilhem suas experiências por meio de imagens e vídeos, o Instagram se tornou um espaço onde as narrativas visuais podem ser criadas e compartilhadas de maneira envolvente e impactante. Isso o tornou uma plataforma ideal para explorar diferentes formas de expressão, incluindo a expressão emocional, o ativismo visual, a divulgação cultural e até mesmo os documentos de eventos históricos, como a pandemia de COVID-19.

Para Simonard e Santos (2017, p. 17), o senso de pertencimento e comunidade pode ser despertado nas redes sociais virtuais. Também podem constituir grupos que vivenciam a identidade comum em seu aspecto relacional, ou seja, “a forma que o outro nos enxerga também constrói nossa identidade”. Para os autores,

> O sentimento de pertencimento une os sujeitos em torno de objetivos comuns, confortáveis em determinado local e, nesse sentido, a Internet, prioritariamente as redes sociais, pode ser considerada espaço para que nela os indivíduos naveguem e produzam sentido, seja simbólico, social ou afetivo (Simonard; Santos, 2017, p.15).

A capacidade do *Instagram* de fornecer uma vitrine para a cultura visual contemporânea e suas poderosas ferramentas de compartilhamento e interação faz dele um espaço importante para a reflexão cultural, a construção de identidades pessoais e comunitárias e o engajamento em questões sociais. Essa tradição na cultura digital torna o Instagram um campo de estudo rico para explorar fenômenos sociais e culturais, como

o CiberLuto e a transformação das práticas de Luto na era da virtualidade. Conforme Recuero (2009), a frequência e a continuidade dos diálogos nas redes tornam as conexões entre os atores mais densas, mais fortalecidas: o que constitui e mantém o grupo são as interações e não o território. “É através delas que os laços são formados e adensados no interior da rede social. Os espaços de interação podem variar de acordo com a conversação” (Recuero, 2009, p. 151).

No contexto da pandemia, as restrições de encontros físicos e a necessidade de distanciamento social impactaram profundamente as maneiras tradicionais de lidar com o Luto. Funerais e cerimônias de despedida foram limitados em termos de presença física, o que deixou muitos indivíduos em busca de conforto.

No âmbito das investigações sobre políticas e discursos da Memória, Rendeiro e Ribeiro (2017) exploram as reflexões de Huyssen (2014) e ressaltam que a musealização transcende as fronteiras tradicionais dos espaços museológicos. Essa dinâmica está intrinsecamente ligada ao cotidiano, manifestando-se como uma "síndrome de Memória" inserida na esfera da indústria cultural. Em meio às novas "sensibilidades temporais", surge a percepção de que a Memória possui o potencial de oferecer rompimento, constituindo-se como um antídoto para o desconforto gerado pela constante "sobrecarga informacional".

> [...] a musealização já não se mostra mais ligada apenas à instituição do Museu, sendo reconhecida no espaço do dia a dia, como uma “síndrome de Memória dentro da indústria da cultura”, marcada por novas “sensibilidades temporais”, pela percepção de que a Memória pode trazer algum conforto, uma forma de vencer o mal-estar provocado pela “sobrecarga informacional” (Rendeiro; Ribeiro, 2017, p. 2).

Uma das características mais marcantes das redes sociais é sua natureza participativa e interativa. Os usuários podem compartilhar textos, fotos, vídeos e outros tipos de conteúdo que refletem suas emoções e experiências. No contexto do Luto, isso se traduziu em publicações que homenageiam aqueles que se foram, contam histórias pessoais e expressam a dor da perda. Amigos, familiares e até mesmo pessoas que não conheciam os falecidos encontraram nesses espaços virtuais uma maneira de prestar suas condolências e mostrar apoio emocional. Para André Lemos (2009, p. 39),

> A Cibercultura instaura uma estrutura midiática ímpar [...] na história da humanidade, na qual, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode produzir e publicar informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações, adicionar e colaborar em rede com outros, reconfigurando a indústria cultural (“massiva”). Os exemplos são numerosos, planetários e em crescimento geométrico: blogs, podcasts, sistemas softwares livres, softwares sociais, arte eletrônica... Trata-se de crescente troca e processos de compartilhamento de diversos elementos da cultura a partir das possibilidades abertas pelas tecnologias eletrônico-digitais e pelas redes telemáticas contemporâneas.

Essa transformação possibilita adição e colaboração em rede com outros indivíduos, reconfigurando assim a dinâmica da indústria cultural, que antes era predominantemente “massiva” – isto é, uma cultura para as massas. Os exemplos que ilustram essa mudança são vastos, abrangendo cenários planetários e crescendo de forma geométrica: *blogs*, *podcasts*, sistemas, *softwares* livres, *softwares* sociais, arte eletrônica, entre outros.

Para compreendermos o contexto tecnológico contemporâneo trabalharemos com autores que tratam da convergência das mídias (Santaella, 2003), do interfaceamento da cultura (Manovich, 1997), do Cibridismo (Beiguelman, 2010) e da virtualização (Lévy, 1996). Para Lévy (1996) a virtualização é esse movimento que atinge não somente a informação e a comunicação, mas também os corpos, as modalidades do estar junto e a própria constituição dos “nós”. As redes sociais também permitiram a criação de grupos e comunidades dedicadas ao compartilhamento do Luto. Esses grupos ofereceram um espaço seguro e acolhedor para pessoas que passaram por situações semelhantes, onde puderam compartilhar suas experiências, trocar conselhos e encontrar conforto mútuo. A capacidade de se conectar com outros indivíduos que estavam passando por desafios semelhantes desempenhou um papel fundamental na construção de redes de apoio *online*.

Para Rheingold (1996, p. 20), "As comunidades virtuais são agregadas sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço]". O autor ressalta a natureza peculiar das comunidades virtuais que emergem no ambiente digital – e que se desenvolvem a partir de interações públicas que ocorrem na Internet, onde os indivíduos se envolvem em divulgação ao longo do tempo, repletos de sentimentos humanos.

Aqui, é fundamental refletir que na era da “cultura do compartilhamento”, termo utilizado por Zanetti (2011) para descrever as tecnologias que facilitam a troca de conteúdo, bem como a adoção dessas práticas pela sociedade. A autora enfatiza que compartilhar, no sentido de dividir, narrar, incorporar e colher opiniões dos outros, promove um nível significativo de interação.

Conforme apontado por Lemos (2003), estamos imersos na Cibercultura, uma expressão da cultura contemporânea que se manifesta por meio das tecnologias digitais, como uma consequência direta da evolução da cultura técnica moderna. Essa Cibercultura se constitui como um conjunto de práticas, atitudes e valores que emergem no ciberespaço. Caracteriza-se por uma constante circulação de informações através das redes telemáticas, promovendo formas de sociabilidade *online* e fomentando a cultura de

compartilhamento. Essa interação contínua e enriquecedora é o que dá origem a redes de conexões pessoais no ciberespaço. Isso nos leva a refletir sobre como a tecnologia pode ampliar nossas relações sociais para além das fronteiras físicas, criando laços emocionais e interações próprias em um ambiente virtual. A formação dessas comunidades virtuais ilustra a capacidade humana de se conectar, compartilhar e estabelecer laços, independentemente do espaço físico, por meio da interseção entre tecnologia e emoção.

Durante a pandemia de COVID-19, as redes sociais se tornaram um canal crucial para a expressão e o compartilhamento do Luto, desempenhando um papel fundamental na mitigação das limitações impostas pelas práticas tradicionais de despedida e silêncios fúnebres. Ao oferecerem um ambiente virtual de interação e conexão, essas plataformas permitiram que as pessoas liberassem suas emoções, preservassem as Memórias de seus entes queridos falecidos e mantivessem laços emocionais mesmo em meio ao isolamento físico, configurando o que se poderia denominar “comunidades virtuais do Luto”[18].

Através de postagens, fotos, vídeos e mensagens de homenagem, as redes sociais proporcionaram um espaço onde a comunidade enlutada poderia encontrar apoio mútuo e uma sensação de pertencimento, mesmo à distância. Portanto, esses espaços virtuais se revelaram desnecessários para enfrentar os desafios e imposições sociais criados pela pandemia. Entretanto, quando lidamos com o Ciberespaço, a interação entre as pessoas ocorre de uma forma única. Para Recuero, essas interações na internet “são percebidas graças à possibilidade de manter os rastros sociais dos indivíduos, que permanecem ali” (Recuero, 2009, p. 30).

A virtualização do Luto nas redes sociais não se limita apenas ao compartilhamento de Memórias e emoções. Muitos indivíduos também usaram esses espaços para conscientização e mobilização, destacando as realidades da pandemia, prestando homenagens coletivas e defendendo as mudanças sociais relacionadas à crise. Para Rheingold (1996 apud Recuero, 2005, p. 12), “comunidade virtual” é definida como “agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço]”.

Em suma, as redes sociais emergiram como espaços de expressão e compartilhamento do Luto durante a pandemia de COVID-19, preenchendo lacunas deixadas pelas práticas tradicionais de despedida e cerimônias. Esses espaços virtuais

[18] Conforme Weber (1987, p. 77), "Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal, baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes".

ofereceram um meio para que as emoções fossem liberadas, as Memórias fossem preservadas e as conexões emocionais fossem mantidas, tudo isso em um contexto de isolamento físico.

A pandemia de COVID-19 desencadeou uma série de desafios emocionais e sociais, incluindo a necessidade de compensar as formas tradicionais de Luto e despedida. Nesse cenário, as redes sociais emergiram como uma resposta inovadora e impactante, oferecendo um espaço vital para expressão, compartilhamento e conexão durante um período de isolamento físico sem precedentes. A capacidade das plataformas virtuais de preencher as lacunas deixadas pelas práticas tradicionais de despedida demonstrou a capacidade humana de se adaptar e encontrar novas formas de apoio emocional. O uso das redes sociais para veicular emoções profundas, preservar Memórias e manter conexões emocionais com entes queridos expostos ressaltou o poder das tecnologias digitais para criar um senso de comunidade e compreensão mútua, mesmo em tempos desafiadores.

No entanto, é importante considerar que, apesar das vantagens, a virtualidade também traz questões como a efemeridade das postagens e a influência dos algoritmos, que podem afetar a visibilidade e o processamento do Luto. À medida que avançamos, é essencial continuar explorando as implicações das redes sociais como espaços de Luto e Memória, considerando tanto suas potencialidades quanto suas limitações. Em última análise, a pandemia acelerou a evolução das práticas de Luto; e as redes sociais desempenharam um papel fundamental nessa transformação, fornecendo um refúgio emocional em tempos de isolamento físico.

Na contemporaneidade, a vida social encontra-se profundamente atravessada pelas conexões digitais, o que torna a virtualidade e os ambientes online dimensões constitutivas da experiência cotidiana. Nesse cenário de conectividade contínua, práticas sociais, afetivas e memoriais passam a ser mediadas por plataformas digitais, que operam como espaços legítimos de registro, circulação e elaboração de sentidos. O Luto, enquanto experiência social e cultural, não se encontra à margem desse processo, mas é igualmente atravessado pelas lógicas da visibilidade, do compartilhamento e da presença online. Nesse sentido, Lisi Barberino (2019, não paginado) observa que, no imaginário da cultura digital contemporânea, consolida-se a ideia de que “se não foi postado, não aconteceu”, evidenciando como a validação simbólica das experiências passa, cada vez mais, pela sua inscrição nos ambientes digitais.

Viver o Luto, em tempos atuais, é publicizá-lo em sites de redes sociais? De que modo as normas e sanções sociais em torno do Luto tem sido alterada? Qual o nosso lugar na tragédia e Lutos alheios? Não pretendemos aqui encerrar tais questões, mas seria

interessante pensarmos a morte e o Luto inseridos em um processo de transformação através das tecnologias de comunicação. Barberino (2019, não paginado) conclui que:

> Se durante boa parte do século XX o Luto esteve ligado predominantemente à esfera familiar e privada, (inclusive com condenações a manifestações de Luto excessivas), com o incremento do aparato de comunicação mídiatica, tal momento foi se tornando mais público pelo menos no caso de pessoas públicas, famosos e celebridades. Nos cabe agora perguntar de que modo a emergência da internet, de aplicativos e sites de redes sociais estariam impactando na vivência desse Luto.

O papel do *Instagram* no CiberLuto foi múltiplo e abrangente, abordando diversas dimensões da experiência de Luto, permitindo que os usuários compartilhem fotos e vídeos que ilustram suas emoções, Memórias e homenagens aos falecidos. Essa natureza visual se mostrou particularmente poderosa no contexto do Luto, pois imagens muitas vezes podem transmitir sentimentos e histórias que palavras nem sempre conseguem expressar.

As postagens no *Instagram* durante o CiberLuto frequentemente incluíam fotos de entes queridos que partiram, Memórias compartilhadas, momentos felizes vividos juntos e homenagens pessoais. Essas imagens eram concomitantes com legendas emotivas, poesias, citações ou simplesmente palavras que transmitiam a profundidade do sentimento de perda. A capacidade de compartilhar esses momentos de Luto de forma visual e emocionalmente carregada transformou o Instagram em um espaço de expressão genuína e compartilhamento emocional. Perfis dedicados a homenagear aqueles que faleceram, bem como locais onde amigos e familiares puderam se reunir para celebrar a vida do ente querido, compartilhar Memórias e expressar seu Luto coletivo. Esses perfis muitas vezes se tornaram um arquivo digital de histórias, fotos e homenagens, oferecendo uma forma tangível de preservar a Memória e a conexão emocional com os falecidos.

Outro aspecto relevante do papel do *Instagram* no CiberLuto é a interação entre os usuários. As postagens de Luto no período pandêmico muitas vezes geravam comentários, mensagens diretas e relaxantes de apoio de amigos, familiares e até mesmo de pessoas que não conheciam os falecidos. Essas respirações virtuais ofereciam um senso de comunidade e suporte emocional, que era especialmente valioso em um momento de isolamento físico. Além disso, *hashtags* relacionadas ao Luto e à pandemia tornaram-se ferramentas poderosas para conectar pessoas que estavam passando por experiências semelhantes e para ampliar a visibilidade das homenagens. As *hashtags* criaram redes de compartilhamento e conexão, permitindo que histórias e Memórias de Luto estivessem acessíveis a um público mais amplo e global.

Em resumo, o *Instagram* desempenhou um papel fundamental no CiberLuto, oferecendo um espaço virtual para expressão, compartilhamento e memorialização. Sua

natureza visual e interativa permitiu que as pessoas compartilhassem suas emoções de Luto, preservassem Memórias e se conectassem com outras pessoas que estavam vivendo experiências semelhantes. Ao transformar imagens e palavras em um meio de conexão emocional, o Instagram contribuiu para a evolução das formas de expressão do Luto na era digital.

A pandemia de COVID-19 foi um evento sem precedentes que afetou pessoas em todo o mundo, deixando uma marca profunda em diversas esferas da sociedade. Diante das restrições de movimentação, distanciamento social e outras medidas de saúde pública, como fisicamente foram limitadas, levando muitos a buscar formas de se conectar e compartilhar suas experiências *online.* Nesse contexto, as plataformas de redes sociais se tornaram espaços importantes para a construção da ciberMemória da pandemia. Durante a Pandemia, a Cibermuseologia do Luto se manifestou de várias maneiras:

- *Posts* pessoais: Indivíduos compartilharam suas experiências pessoais, sentimentos, angústias e tristeza frente à nova realidade. Isso incluiu desde histórias de isolamento até pensamentos sobre o impacto emocional e econômico da pandemia;
- Tributos e homenagens: As redes sociais se tornaram plataformas para o ritual do Luto;
- Compartilhamento de informações: As redes sociais desempenharam um papel vital na disseminação de informações sobre a pandemia, desde medidas de saúde até atualizações sobre vacinas e orientações governamentais;
- Arquivos visuais: Fotos e vídeos capturaram momentos significativos da pandemia, como ruas desertas, equipes de saúde na linha de frente e momentos de solidariedade. Essas imagens formam uma parte importante da ciberMemória da pandemia;
- Movimentos de solidariedade *online*: Ações coletivas, como aplausos em apoio aos profissionais de saúde ou iniciativas de auxílio comunitário, também foram organizadas e compartilhadas nas redes sociais.

Podemos considerar a Cibermuseologia do Luto como um avanço da forma como a sociedade lida com eventos traumáticos e transformadores. Ela demonstra a capacidade das plataformas digitais não apenas de registrar, mas também de moldar as narrativas e as percepções públicas de um acontecimento histórico. Através da ciberMemória, as experiências individuais se entrelaçam em uma narrativa coletiva, permitindo que a história seja contada por muitas vozes e perspectivas diferentes. Isso não apenas preserva as Memórias do presente, mas também influencia a compreensão futura desse período crucial na história global. A construção da Memória coletiva na era digital representa um progresso significativo na maneira como a sociedade documenta, compartilha e interage com sua história e experiências.

A Museologia do Luto é um âmbito fascinante, que tem sido explorado por diversos museus e iniciativas ao redor do mundo. Segundo Scheiner (2024)[19], desde pelo menos a década de 1950 vários museus têm abordado o tema de maneira significativa, como o Museu de Hiroshima, fundado em 1954, que testemunha e preserva a Memória das vítimas da bomba atômica. Outros exemplos notáveis incluem os Museus da Shoah e do Holocausto, que lidam com o Luto decorrente de eventos históricos traumáticos, assim como os museus dedicados à escravidão e aos massacres, que também confrontam a dor e a perda. Uma experiência marcante é o "*Royaume des morts*" (Reino dos Mortos), inaugurado em 1967 em Viena, Áustria, dentro de uma capela ardente - considerado o primeiro museu do mundo dedicado exclusivamente à morte. O Museu explora os rituais funerários e a cultura em torno do Luto.

A Museologia do Luto emerge como uma tendência interpretativa do real, fundamentada em contribuições significativas de diversos autores na contemporaneidade. De Stránský (1980), que orientou a Museologia para o fenômeno do Museu, a Gregorová (1980) - que ampliou nossa compreensão ao definir a Museologia como o estudo da relação específica entre o homem e a realidade, em todos os contextos em que essa relação se manifesta -, muitos autores contribuíram de forma única para o desenvolvimento do conceito que hoje abraçamos. Essa abordagem abrangente nos permite explorar o Luto não apenas como experiência individual, mas como uma expressão cultural e social que se manifesta em diversos aspectos da vida e da Memória coletiva.

Schreiner (1990) trouxe uma perspectiva crucial ao destacar os objetos de museu como testemunhos da evolução social, refletindo as necessidades e as transformações da sociedade ao longo do tempo. Essa visão sobre os objetos como elementos significativos da cultura e da Memória coletiva é fundamental para entendermos como o Luto é representado e preservado nos contextos museológicos.

Brulon (2019) destaca a articulação entre a Museologia e os estudos sobre Luto e Memória. Sua perspectiva amplia o entendimento da Museologia do Luto como uma área que não apenas preserva e representa o Luto, mas também promove a reflexão sobre o significado cultural e social da perda e da Memória na contemporaneidade

Um dos pilares da Museologia do Luto é a preservação da Memória. Essa abordagem reforça a importância de documentar e transmitir as histórias de perda e superação, garantindo que essas vivências não sejam esquecidas e contribuam para a construção de uma narrativa coletiva sobre o significado do Luto na sociedade. Além disso, a Museologia do Luto valoriza a compreensão profunda das diferentes manifestações do

[19] Sessão de orientação, março/abril 2024.

Luto. Desde as expressões culturais até as dimensões emocionais e psicológicas, essa disciplina aborda o Luto de maneira sensível e inclusiva, acompanhando a diversidade de experiências e perspectivas.

A inclusão e a diversidade também são princípios fundamentais da Museologia do Luto, ao promover a valorização das diversas formas de vivenciar e expressar o Luto, essa abordagem busca criar espaços museológicos inclusivos, onde as pessoas se sintam representadas e compreendidas em suas experiências de perda. A empatia e o apoio são valores centrais na Museologia do Luto. Por meio de iniciativas e programas educativos, essa disciplina busca promover a empatia entre os visitantes dos museus, oferecendo suporte emocional e compartilhando histórias que inspiram conexões genuínas e solidárias e promovendo maior e consciência sobre a importância do Luto na vida humana. Ao criar oportunidades para a reflexão sobre a fragilidade da existência e a necessidade de honrar as experiências de perda, essa abordagem contribui para uma maior consciência coletiva sobre o valor do Luto e da superação. Assim, se apresenta como uma ferramenta poderosa para promover a conscientização, o diálogo e a transformação social em torno das questões ligadas ao Luto e à Memória coletiva, o que poderá contribuir para uma sociedade mais empática, inclusiva e consciente da importância do Luto na jornada humana.

Poderá ainda exercer uma influência fundamental no pensamento museológico, ao introduzir novas perspectivas e desafios para os museus lidarem com experiências emocionais e humanas ligadas à perda e ao processo de Luto. Esta abordagem amplia o seu escopo tradicional, que historicamente se concentra na preservação de objetos culturais e históricos, incorporando agora narrativas pessoais, experiências emocionais e histórias de superação relacionadas ao Luto.

Um dos aspectos mais impactantes é a ênfase na empatia, compaixão e compreensão mútua entre os visitantes, criando ambientes empáticos para que as pessoas possam se conectar emocionalmente e aprender a lidar com suas próprias experiências de perda e Luto. Essa abordagem também estimula uma reflexão crítica sobre a Memória e a perda, desafiando narrativas dominantes e ampliando a diversidade de vozes representadas nos museus. No âmbito prático, reflete na criação de recursos e programas específicos neles desenvolvidos, como exposições temporárias sobre temas de Luto, espaços interativos de homenagem, programas educativos sobre saúde mental e workshops de arte terapêutica voltados para o processo de Luto. Pode ainda enriquecer o papel dos museus como espaços de diálogo, cura e transformação social, proporcionando uma experiência mais significativa e inclusiva para os visitantes.

Charlotte Coates (2019, p. 1) destaca que "A morte acontece com todos nós. E, no entanto, ajustar-se a um diagnóstico terminal ou à morte de um ente querido pode parecer

uma tarefa impossível”. Para muitos, o Luto é um processo complexo e individual, marcado por diferentes emoções e reações. No contexto do Luto e da morte, Coates (2019, p. 2) ressalta que "Um diagnóstico terminal tem um efeito cascata. Muda a vida do paciente, mas também a vida de seus amigos e familiares". Além do impacto emocional, a morte e o morrer continuam sendo temas tabus na sociedade atual, dificultando muitas vezes a expressão e a discussão aberta sobre essas experiências. Nesse sentido, a autora argumenta que "Os museus são um espaço seguro onde as pessoas podem ter a oportunidade de explorar esses sentimentos" (2019, p. 2), já que oferecem um ambiente propício para a reflexão e a expressão das emoções relacionadas ao Luto e à morte, possibilitando às pessoas examinarem suas próprias reações e pensamentos sobre esses temas.

Ross Laird, em 2021, aborda a complexidade de criar exposições provocativas em museus, reconhecendo que tais exposições podem causar traumas indiretos aos visitantes. Ele argumenta que embora seja impossível evitar completamente esses traumas, é possível planejá-los e mitigar os riscos de danos duradouros através de um design e engajamento conscientes. O autor destaca a importância de não proteger as pessoas de todos os tipos de traumas, pois experiências como guerra, catástrofes naturais e genocídios são parte significativa da história humana. E enfatiza que enfrentar essas questões através de exposições provocativas pode ser uma oportunidade para aprendizado e reflexão, possibilitando escolhas diferentes sobre quem desejamos ser. Discute ainda os mecanismos do trauma, explicando como o stress emocional e psicológico pode levar a respostas automáticas do corpo, como fugir, congelar, orientar ou lutar; e destaca que mesmo exposições que não representam uma ameaça direta à sobrevivência podem desencadear respostas traumáticas devido a experiências passadas e ressonâncias emocionais.

Jessica Hammet, em sua obra *Um Museu de Memórias: Compartilhando histórias de Luto na jornada com amigos ausentes* (2018), apresenta uma narrativa envolvente sobre a experiência da caravana Perle, uma peregrinação de um mês entre locais de significado pessoal para a artista Ellie Harrison. Esta jornada não apenas proporcionou uma rica interação com o espaço e a Memória, mas também incentivou os visitantes a compartilharem suas próprias histórias de Luto e Memória. A Caravana Perle se tornou um MicroMuseu, seguindo a ideia de Orhan Pamuk em seu *Modesto Manifesto para Museus*. Pamuk argumenta que museus menores e mais pessoais têm o poder de contar histórias em escala humana, convidando os visitantes a se conectar de maneira mais íntima com as obras e suas narrativas. A influência desse manifesto na caravana é evidente na forma como as histórias pessoais de Luto se tornaram o cerne da experiência, permitindo interpretações diversas e respostas emocionais profundas por parte dos visitantes. A

abordagem autobiográfica na caravana também desempenhou um papel fundamental. Ao compartilhar experiências pessoais de Luto, os visitantes foram incentivados a refletir sobre sua própria dor e a estabelecer conexões empáticas com as histórias apresentadas. Além disso, a interatividade e a estimulação multissensorial oferecidas pela Caravana Perle permitiram aos visitantes uma imersão profunda nas histórias de Luto expostas. A curiosidade, a surpresa e a emoção foram elementos-chave nessa jornada, proporcionando uma experiência enriquecedora e significativa para todos os envolvidos

Em suma, a obra de Hammet nos leva a refletir sobre a importância dos MicroMuseus, da abordagem autobiográfica e da interatividade na construção de espaços de Memória e Luto que são acolhedores, inclusivos e genuinamente tocantes. A Caravana Perle se tornou não apenas um local de exposição, mas um espaço de conexão humana, compaixão e compreensão mútua, onde as histórias de Luto se transformam em pontes para o entendimento e a cura.

Na contemporaneidade, a evolução da tecnologia está transformando a maneira como interagimos com espaços de Memória e Luto. Os MicroMuseus, antes limitados por suas dimensões físicas, agora encontram novas possibilidades na virtualidade. Plataformas *online* permitem que se expandam globalmente, conectando pessoas de diferentes origens e permitindo o compartilhamento de histórias pessoais de Luto em escala internacional. A abordagem autobiográfica também se beneficia da era digital. A facilidade de compartilhamento de narrativas pessoais nas redes sociais, *blogs* e *sites* dedicados amplia o diálogo sobre o Luto e cria espaços de expressão e conexão para aqueles que vivenciam o Luto de maneira individualizada. A autobiografia digital não apenas promove a empatia e compreensão entre os indivíduos, mas também contribui para a construção de uma Memória coletiva em torno do Luto.

No campo dos sentidos, a virtualidade apresenta desafios e oportunidades. Embora replicar completamente a experiência multissensorial seja complexo, tecnologias como realidade virtual e aumentada estão ampliando as possibilidades. Ambientes virtuais podem oferecer experiências sensoriais imersivas, desde visualizações em 3D até interações táteis, proporcionando uma sensação de presença e envolvimento emocional.

Entretanto, a integração crescente dessas tecnologias também levanta questões éticas e emocionais. Como lidar com a autenticidade e a responsabilidade ao representar o Luto em espaços virtuais? Como garantir que as experiências digitais sejam inclusivas e respeitosas das diversas formas de vivenciar o Luto? Essas são questões urgentes que demandam reflexão e ação à medida que avançamos em um mundo cada vez mais digitalizado e interconectado.

A pesquisa de Tese de Anne Melton (2012)[20] explorou como os Museus responderam a eventos traumáticos e ao Luto da comunidade, fornecendo *insights* sobre o papel em evolução dos museus na sociedade. Um dos postos-chave foi observado pela consultora de museus Elaine Gurian, durante uma visita ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade de Washington. Gurian notou que, quando a Princesa Diana morreu em um acidente de carro em 1997, os museus na Inglaterra não viram inicialmente como sua responsabilidade fornece um espaço para o Luto público. Isso resultou em memoriais improvisados por toda Londres, com pilhas de flores atingindo alturas significativas e mais de um milhão de buquês deixados em homenagem. Após seu funeral, o Palácio de Kensington abriu as portas ao público para assinar livros de condolências, atraindo dezenas de milhares de pessoas em Luto. Esse fenômeno de Luto público despertou curiosidade e investigação, inspirando a pesquisa de Tese de Melton. Dentro do Programa de Museologia da Universidade de Washington, os alunos exploram como os museus têm desempenhado um papel mais cívico ao longo do tempo, citando exemplos históricos como a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial e o pós-11 de setembro. A pesquisa visa entender por que as pessoas buscam consolo em museus durante tragédias e quais elementos dentro verificou o nome da universidade?

A investigação de Melton concentrou-se em como os museus podem abordar eficazmente o Luto e facilitar a cura após eventos trágicos. Foram analisados quatro estudos de caso datados de 2012 para identificar padrões de ação que pudessem informar as práticas museais:

1. O evento "Um Dia para as Crianças" da Associação de Museus de Oklahoma após o bombardeio do Edifício Federal Alfred P. Murrah;
2. O tributo e serviço memorial do *Experience Music Project Museum* após a morte do músico Michael Jackson;
3. Painéis de discussão, *performances* e uso de exposições permanentes no *Field Museum* para interpretar e entender os ataques terroristas de 11 de setembro;
4. A celebração anual dos Dias dos Mortos no Museu de Oakland, Califórnia, como homenagem ao jornalista assassinado Chauncey Bailey.

Através dessa pesquisa, Melton explorou áreas como estudos de trauma, psicologia, estudos do Luto, saúde mental e sociologia. Essa abordagem interdisciplinar proporcionou *insights* sobre a natureza do Luto e o processo de cura. Os resultados destacaram estratégias específicas para resolver o Luto, incluindo conexões pessoais, rituais, expressões criativas, alívio visual e forte apoio social.

---

[20] MELTON, Anne Elizabeth. ***Comfort and Connectivity****: The Museum as a Healer*. 2012. M.A. Thesis (Museology). Graduate Program in Museology, University of Washington, Seattle, 2012

Ao examinar esses estudos de caso, ficou claro que os museus desempenham um papel crucial em ajudar as comunidades a transcenderem o sofrimento e encontrar encerramento após tragédias. Eles podem servir como espaços de encontro, fornecer suporte social e oferecer programas que atendam às necessidades da comunidade, contribuindo assim para o processo de cura e restaurando um senso de equilíbrio na comunidade.

Scheiner (2020) apresenta reflexões profundas sobre o Museu do Século 21, destacando os desafios e as perspectivas que permeiam o campo da Museologia. O debate recorrente sobre a evolução dos museus, iniciado nas últimas décadas do século passado e intensificado ao longo dos anos, revela a importância de repensar os rumos atuais e futuros dos museus. A autora enfatiza que o construto da "Nova Museologia", desenvolvido entre as décadas de 1960 e 1980, foi eficaz ao ampliar a concepção de Museu para além das coleções materiais, abrangendo territórios sociais, geográficos e ambientais. No entanto, ela ressalta que esse modelo enfrenta desafios significativos diante das novas tecnologias e da emergência dos museus virtuais/digitais.

A “virada emocional” na prática museológica, conforme abordada por Marzia Varutti (2022), ressalta a importância das emoções na experiência dos visitantes nos museus. Desde os primórdios dos Museus Tradicionais, incluindo os gabinetes de curiosidade do século XVI até as Grandes Exposições do século XIX, as emoções desempenharam um papel fundamental na forma como as pessoas interagem com o que é exposto. Essas interações emocionais não apenas influenciam o que os visitantes aprendem e lembram, mas também moldam suas ações e reações.

No contexto atual, marcado por crises globais e desafios complexos, os museus se encontram diante da necessidade de lidar com uma gama mais ampla de emoções por parte dos visitantes. O *design* das exposições tornou-se uma ferramenta essencial para provocar respostas emocionais que vão além da admiração ou surpresa, abordando questões como ansiedade, medo, esperança e empatia. Os museus estão se fortalecendo como espaços de reflexão, engajamento social e ativismo, adaptando suas narrativas e abordagens curatoriais para abordar as emoções e as complexidades do mundo contemporâneo. Um exemplo notável é o Museu Judaico de Berlim, que não apenas incorpora as emoções no processo das exposições, mas também integra elementos arquitetônicos que estimulam experiências sensoriais e emocionais únicas. Essas estratégias não apenas enriquecem a visita dos visitantes, mas também contribuem para a construção de significados e Memórias coletivas.

As emoções também se tornaram uma missão institucional para muitos museus. Iniciativas como o Centro de Empatia e Artes Visuais do Instituto de Arte de Minneapolis e o Museu Empático destacam a importância de promover a empatia e a conexão

comunitária como parte integral da prática museal. Tais abordagens evidenciam um compromisso crescente em tornar os museus mais sensíveis às necessidades e experiências emocionais dos visitantes e da comunidade em geral.

Por fim, a pesquisa sobre emoções nos museus está emergindo como uma área crucial de investigação. Compreender como as emoções são percebidas, expressas e influenciadas no contexto museológico é essencial para aprimorar as práticas curatoriais, educacionais e de engajamento. Esta nova ênfase nas emoções nos bastidores dos museus, bem como nas interações entre profissionais e visitantes, promete trazer uma compreensão mais profunda das dinâmicas emocionais que moldam as experiências museais e a forma como os museus se conectam com seus públicos. Essas transformações refletem uma consciência crescente da importância das emoções na construção de significados, Memórias e relações dentro dos espaços museológicos. À medida que os Museus continuam a evoluir, a consideração cuidadosa das emoções se torna não apenas uma abordagem inovadora, mas também uma necessidade essencial para uma prática museológica relevante e impactante no século XXI.

A reflexão sobre a importância das emoções na prática museológica, como apresentada por Marzia Varutti (2022), destaca o papel fundamental que as emoções desempenham na experiência dos visitantes nos museus. Essas emoções não apenas influenciam o que os visitantes aprendem, pensam, lembram e fazem, mas também moldam suas experiências durante a visita.

Atualmente, os museus estão enfrentando desafios globais sem precedentes, como crises humanitárias, de saúde, ambientais, raciais e de justiça social. Isso os leva a lidar com temas e situações que geram uma variedade de respostas emocionais nos visitantes, desde ansiedade e medo até esperança e empatia. Diante dessas novas urgências, não se limitam mais a ser espaços de representação; tornaram-se agentes de mudança social e locais de ativismo. As práticas curatoriais estão se adaptando rapidamente, criando narrativas que abordam explicitamente questões emocionais como vulnerabilidade, resiliência e empatia, oferecendo aos visitantes um caminho para navegar nas complexidades emocionais da época atual.

2.3 Museologia do Luto como área de estudo

A Museologia do Luto surge da necessidade de explorar e compreender o papel dos museus na abordagem de questões emocionais e humanas, especificamente relacionadas ao processo de Luto e à experiência da perda. A evolução desse conceito é resultado de diversos fatores e influências, incluindo mudanças sociais, avanços na

compreensão da saúde mental e o reconhecimento da importância da inclusão e da diversidade nos espaços culturais:

- Mudanças sociais e culturais: ao longo do tempo, as sociedades passaram por transformações significativas na forma como encaram a morte, o Luto e a Memória. A abertura para discutir temas antes considerados tabus, como a morte e o processo de Luto, contribui para a criação de espaços museológicos mais sensíveis e inclusivos;
- Demanda por inclusão e representatividade: há uma demanda crescente por museus que sejam inclusivos e representativos de diversos;
- Desenvolvimento da Museologia Participativa;
- Pesquisas e estudos sobre Museu, morte e Luto: o avanço das pesquisas acadêmicas sobre Memória, Luto e experiências emocionais contribui para embasar teoricamente a Museologia do Luto. Portanto, o conceito de Museologia do Luto é uma resposta às mudanças.

A pandemia teve um impacto profundo no desenvolvimento do conceito de Museologia do Luto e na forma como a Museologia emergiu como resposta a esse contexto de desafio. Com o aumento significativo das perdas humanas na escala global, houve uma necessidade premente de espaços de Memória e reflexão, tanto físicos quanto virtuais, para lidar com o Luto coletivo e expressar as emoções associadas à perda. Muitos museus passaram a considerar como poderiam contribuir para o processamento do Luto em nível individual e social, garantindo a importância de fornecer ambientes inclusivos e respeitosos para a expressão das emoções ligadas ao Luto. Além disso, a pandemia destacou a resiliência humana e a capacidade de superar adversidades, tornando o Museu um valorizador não apenas do Luto, mas também da resiliência e da superação como aspectos essenciais da experiência humana.

Com o aumento do uso de tecnologias digitais durante a pandemia, os museus perceberam o potencial dessas ferramentas para facilitar a expressão do Luto e a conexão entre as pessoas. Isso resultou no desenvolvimento de iniciativas *online* e no uso de plataformas virtuais para compartilhar histórias de perda, homenagens e Memórias significativas. A pandemia também levou a uma reflexão mais profunda sobre valores, prioridades e o papel dos museus na sociedade. Surgiram questionamentos sobre como podem contribuir para o bem-estar emocional, a construção de Memórias significativas e a promoção da empatia e da solidariedade.

Dessa forma, a pandemia influenciou significativamente o pensamento em torno da Museologia do Luto, destacando a sua importância como parte integrante da condição humana e desafiando os museus a se adaptar e a responder de forma sensível e inclusiva

às necessidades emocionais e sociais de suas comunidades. A Museologia surge nesse contexto como uma disciplina essencial para compreender e abordar as questões mais profundas e significativas da vida humana, oferecendo espaços de reflexão, expressão e conexão em tempos de crise e transformação.

A importância do conceito de Luto aplicado aos museus é vasta e multifacetada, impactando diretamente a forma como essas instituições se relacionam com suas comunidades e com as narrativas históricas e contemporâneas que apresentam. A evolução desse conceito está intimamente ligada ao reconhecimento da necessidade de abordar não apenas a história objetiva, mas também às experiências emocionais e subjetivas relacionadas ao Luto. Durante a pandemia, essa importância se intensificou, pois o Luto se tornou uma realidade coletiva global. Museus que adotam a Museologia do Luto não apenas protegem histórias de perda, mas também oferecem espaços de expressão emocional e diálogo aberto sobre temas difíceis relacionados à mortalidade e resiliência. Essa abordagem permitiu que as comunidades se conectassem de maneira empática, encontrando apoio mútuo e fortalecendo os laços sociais.

A Museologia do Luto surge como um marco teórico fundamental no campo da Museologia contemporânea, trazendo consigo reflexões profundas sobre o papel dos museus na preservação, expressão e compreensão das experiências de Luto e perda. Ao considerarmos a influência da pandemia como um marco temporal para compensar o uso da virtualidade pelos museus, ela se destaca como uma área de grande relevância e inovação, desafiando-nos a explorar novas formas de engajamento, preservação e Memória em um mundo cada vez mais digital.

Nesse contexto, autores como Elizabeth Hallam e Jenny Hockey (2001, p. 34) oferecem *insights* valiosos sobre a importância dos rituais e espaços de memorialização na construção do Luto e na preservação da Memória. Sua abordagem nos leva a considerar como os museus podem ser significativos para a expressão e reflexão. Lisi Barberino (2023, p. 52) também contribui para essa discussão ao explorar a relação entre a cultura digital e as práticas de Luto, destacando a evolução das normas sociais em torno do Luto com o uso das tecnologias de comunicação. Sua análise nos faz refletir sobre como os museus podem se adaptar às mudanças sociais e tecnológicas para atender às necessidades emocionais e sociais de suas comunidades.

Ao integrar esses pensamentos e considerações, a Museologia do Luto se revela como um lugar de estudo dinâmico e essencial para os museus contemporâneos. Ela não apenas nos convida a compreender seu papel na sociedade, mas também nos desafia a criar espaços inclusivos, empáticos e reflexivos para lidar com as experiências de perda e Luto em nosso tempo.

Além dos autores mencionados, outros contribuíram significativamente para a conceituação e compreensão da Museologia do Luto. Sheila Watson e Daniel Sherman discutem a importância dos museus na promoção da conexão emocional, reflexão histórica e expressão do Luto. Watson (2001) destaca os museus como espaços de Memória e compreensão das experiências humanas, incluindo o Luto, enquanto Sherman (2002) enfatiza seu papel na construção de narrativas históricas e na preservação da Memória coletiva. Esses estudos ampliam a visão dos museus como agentes de apoio emocional e construção de significados.

Podemos concluir que a Museologia do Luto é uma tendência interpretativa em constante evolução, especialmente em meio aos desafios apresentados pela pandemia e pelas crises globais. As reflexões de autores como Brulon (2019) nos alertam para a importância de repensar o papel dos museus e da Museologia diante dessas circunstâncias desafiadoras. É crucial que eles continuem a explorar novas formas de expressão, preservação da Memória e engajamento com a comunidade, adaptando-se às demandas emocionais e sociais em constante transformação. A Museologia do Luto se destaca como uma área relevante e necessária, capaz de oferecer respostas sensíveis e inclusivas às necessidades de um mundo em constante mudança.

Ao discutir o Luto pela vida, pela matéria e pelos museus, Brulon destaca a responsabilidade dos museus e da Museologia diante da crise contemporânea. A pandemia não apenas evidenciou fragilidades estruturais e sociais, mas também trouxe à tona a necessidade de legitimar o papel dos museus como espaços de preservação, comunicação e reflexão sobre a vida e a Memória coletiva. No contexto da Museologia do Luto, o texto de Brulon ressalta a importância de os museus atuarem como agentes de transformação e recondução da vida, mesmo diante das adversidades. A crise atual coloca em xeque não apenas a sobrevivência física, mas também a preservação do patrimônio e da identidade das comunidades; e a Museologia do Luto surge como um âmbito de estudo e prática que busca compreender e lidar com as perdas, valorizando a vida e a Memória como pilares fundamentais para a reflexão do presente e a projeção do futuro.

Nesse sentido, a Museologia do Luto representa um aporte significativo para o pensamento museológico, ao considerar o poder transformador dos museus como agentes de apoio emocional, Memória coletiva e engajamento comunitário; e da ação desta Cibermuseologia do Luto.

2.4 Museologia do Luto na virtualidade

A Cibermuseologia do Luto tem se destacado significativamente no ambiente digital, representando uma evolução importante no campo da Museologia contemporânea.

Esse destaque se deve, em grande parte, à maneira como a tecnologia e as plataformas digitais têm sido utilizadas para lidar com o Luto, preservar a Memória e proporcionar espaços de reflexão e expressão.

Outro aspecto fundamental é o papel dos museus na construção de comunidades virtuais de apoio e partilha de experiências. Por meio de fóruns *online,* grupos de discussão e iniciativas colaborativas, oferecem espaços de encontro e interação para pessoas que enfrentam o Luto, oferecendo suporte emocional e oportunidades de diálogo. A pandemia também estimulou uma reflexão mais ampla sobre a Memória coletiva e a preservação das histórias individuais. Os museus, ao adotarem a Museologia do Luto, assumem o compromisso de documentar, compreender e honrar as experiências de perda durante esse período desafiador, contribuindo para a construção de uma narrativa mais inclusiva e sensível.

No período da pandemia, a Museologia do Luto representou uma tendência significativa no pensamento museológico, destacando a importância da virtualidade como ferramenta para abordar temas complexos e promover a conexão emocional e a reflexão coletiva. Essa abordagem inovadora e sensível mostrou como os museus podem se adaptar e responder às demandas do mundo contemporâneo, mantendo-se relevantes e engajados com as questões humanas mais profundas.

Aqui, é essencial ressaltar a contribuição de diversos autores e pensadores que foram referenciados ao longo deste processo. Autores como Lisi Barberino (2023, p. 52), que discute a relação entre a cultura digital e as práticas de Luto, destacando a publicização desses processos em redes sociais. Sua análise nos leva a considerar como as normas sociais em torno do Luto têm evoluído com o advento das tecnologias de comunicação. Ou Elizabeth Hallam e Jenny Hockey (2001, p. 34), que abordam a importância dos rituais e espaços de memorialização na construção do Luto e preservação da Memória. Suas ideias nos fazem refletir sobre como os museus podem desempenhar um papel crucial na promoção da Museologia do Luto, proporcionando espaços físicos e virtuais para expressão, compartilhamento e reflexão sobre as experiências de perda. Outro autor fundamental é Daniel Alves (2020, p. 78), que destaca a relevância da ciberMemória na documentação e preservação das histórias individuais e coletivas durante a pandemia. Sua análise nos leva a considerar como os museus podem utilizar as tecnologias digitais para criar arquivos digitais de homenagens e testemunhos, contribuindo para a construção de uma Memória compartilhada sobre os impactos da pandemia.

A interseção desses diferentes pontos de vista nos permite mergulhar na complexidade e na relevância da Museologia do Luto como uma unidade de conhecimento fundamental no campo da Museologia. Essa área não apenas nos convida a avaliar o

papel dos museus na sociedade contemporânea, mas também nos desafia a buscar novas abordagens de engajamento, preservação e Memória em um mundo que está cada vez mais imerso na virtualidade.

A emergência de tecnologias digitais e plataformas virtuais tem ampliado as possibilidades de expressão e conexão nesse contexto. Os museus estão explorando cada vez mais essas ferramentas para criar experiências de Luto mais inclusivas, acessíveis e envolventes para um público diversificado. Portanto, a Museologia do Luto representa não apenas um âmbito de estudo em crescimento, mas também um convite para repensarmos o papel dos museus como agentes de apoio emocional, promotores de diálogo e construtores de Memórias coletivas em um mundo em constante evolução.

Assim, ao considerarmos a influência da pandemia como um marco temporal para compensar o uso da virtualidade pelos museus, a Museologia do Luto emerge como uma linha possível de pesquisa, que pode apresentar de grande relevância e inovação. Ela nos convida a uma reflexão sobre como eles podem se adaptar e responder às demandas emocionais e sociais de nossa época, tornando-se espaços de conexão, apoio e reflexão sobre as experiências de Luto e perda. A Museologia do Luto desempenha um papel cada vez mais significativo na era da virtualidade, marcando uma evolução crucial no âmbito da Museologia contemporânea. Esse destaque é amplamente atribuído à forma como a tecnologia e as plataformas digitais são empregadas para lidar com o Luto, preservar Memórias e proporcionar ambientes de reflexão e expressão.

Essa evolução da Museologia do Luto para uma abordagem mais cibermuseológica reflete a capacidade dos museus de se adaptarem às necessidades e realidades contemporâneas. Ao incorporar a tecnologia de forma significativa em suas práticas, eles não apenas ampliam seu alcance e acessibilidade, mas também fortalecem seu papel como agentes de transformação social e emocional. Dessa forma, o caminho que começa com a Museologia do Luto tradicionalmente concebida se expande para abraçar uma abordagem cibermuseológica mais abrangente. Esse movimento não apenas reflete a evolução das práticas museológicas, mas também a importância crescente da tecnologia na construção de experiências significativas e inclusivas para as comunidades em Luto.

Ao longo deste capítulo, exploramos a trajetória da Museologia do Luto, desde suas raízes tradicionais até sua evolução para uma abordagem cibermuseológica. Observamos como a pandemia da COVID-19 desempenhou um papel crucial nessa transformação, impulsionando os museus a adotarem estratégias inovadoras para lidar com o Luto, preservar Memórias e promover o engajamento virtual.

Inicialmente, discutimos o destaque crescente da Museologia do Luto na virtualidade, destacando sua importância no campo da Museologia contemporânea. Com

o avanço da tecnologia e o surgimento de plataformas digitais, os museus encontraram novas formas de proporcionar ambientes inclusivos e respeitosos para a expressão das emoções ligadas ao Luto. A virtualidade tornou-se um espaço fértil para preservar Memórias, oferecer espaços de reflexão e promover a conexão entre as pessoas, mesmo em tempos de distanciamento físico.

A pandemia evidenciou a resiliência humana e a capacidade de superar adversidades, tornando os museus valorizadores não apenas do Luto, mas também da resiliência e da superação como aspectos essenciais da experiência humana. Essa mudança de paradigma levou-os a repensar suas estratégias e a se tornarem agentes ativos na construção de comunidades virtuais de apoio e compartilhamento de experiências. Conforme discutido, passaram a oferecer espaços *online* para diálogo, fóruns de discussão e iniciativas colaborativas, proporcionando suporte emocional e oportunidades valiosas de interação e compreensão mútua. Essa abordagem não apenas amplia o alcance dos museus, mas também fortalece seu papel como facilitadores do processo de Luto e como promotores de bem-estar emocional.

Diante desse contexto, chegamos à conclusão de que a Museologia do Luto evoluiu para uma abordagem cibermuseológica, onde a tecnologia desempenha um papel central na criação de experiências significativas e inclusivas para as comunidades em Luto.

A Cibermuseologia do Luto representa não apenas uma adaptação às demandas do mundo contemporâneo, mas também uma afirmação do potencial transformador dos museus na promoção da empatia, da solidariedade e do apoio emocional em tempos de crise e transformação. O desafio é manter um equilíbrio entre a tecnologia e a humanização das experiências. Como garantir que as interações virtuais sejam empáticas, acolhedoras e que promovam verdadeira conexão emocional? Isso envolve o desenvolvimento de estratégias de comunicação sensíveis, a integração de elementos de *storytelling* e a promoção de espaços seguros para a expressão emocional.

Quanto à Netnomuseologia, esta abordagem se faz presente nesta pesquisa de Tese de várias maneiras. A Netnomuseologia refere-se ao uso estratégico da internet e das tecnologias digitais para a criação de experiências museológicas significativas e participativas. No contexto da Cibermuseologia do Luto, empregamos a Netnomuseologia ao explorar como os museus utilizam as redes digitais para promover o engajamento, a interação e a comunicação em torno do tema do Luto. Isso inclui a análise de plataformas *online,* como fóruns de discussão, redes sociais, *websites* e aplicativos móveis, que lhes permitem alcançar públicos diversos, estimular o diálogo, compartilhar histórias e experiências relacionadas ao Luto e oferecer suporte emocional de forma virtual. A Netnomuseologia, portanto, é uma ferramenta fundamental para entender e potencializar

o papel dos museus na era digital, especialmente no contexto sensível e complexo do Luto e da experiência humana.

Observamos como os museus, impulsionados pela pandemia e pelo avanço tecnológico, têm se voltado cada vez mais para o ambiente virtual como meio de lidar com o Luto, preservar Memórias e oferecer suporte emocional. Esta transformação representa não apenas uma adaptação às circunstâncias contemporâneas, mas também uma expansão dos horizontes da Museologia tradicional para abraçar novas formas de interação, comunicação e engajamento com o público.

Autores como Marzia Varutti (2022) destacam a importância das plataformas digitais na construção de narrativas emotivas e na promoção da empatia, enquanto Scheiner (2020) ressalta o papel dos museus na oferta de espaços inclusivos e respeitosos para expressão das emoções ligadas ao Luto. Jennings et al. (2019) e Gokcigdem (2016) discutem a crescente ênfase dos Museus na empatia e na conexão com as comunidades, elementos essenciais na Cibermuseologia do Luto.

Olhando para o futuro, os desafios da Cibermuseologia do Luto incluem a garantia de acessibilidade digital, a gestão ética das Memórias digitais e a manutenção de um equilíbrio entre tecnologia e humanização das experiências. Este é um âmbito promissor, oferecendo oportunidades para a criação de comunidades virtuais de apoio, o compartilhamento de histórias significativas e a promoção de diálogos sobre temas sensíveis. Nesse sentido, a Netnomuseologia se revela como uma ferramenta crucial, permitindo aos museus explorar estrategicamente as potencialidades das tecnologias digitais para criar experiências significativas e participativas. Ao integrar a Netnomuseologia à Cibermuseologia do Luto, os museus podem ampliar seu impacto social, emocional e cultural, contribuindo para uma abordagem mais sensível e inclusiva do Luto na era digital.

A era digital trouxe consigo uma transformação profunda na forma como as pessoas se conectam, comunicam e registram suas vidas, levando a novas maneiras de construir e preservar a Memória coletiva. Antes da era digital, a construção da Memória coletiva geralmente estava associada a meios tradicionais, como livros, jornais, documentos impressos e registros físicos em instituições culturais. O advento da tecnologia digital trouxe consigo uma série de ferramentas que permitem a criação e o compartilhamento de Memórias de maneira mais acessível e descentralizada. Em resumo, a construção da Memória coletiva na era digital reflete uma mudança profunda na maneira como a sociedade interage com sua própria história. As plataformas digitais proporcionam uma oportunidade única para que as vozes individuais contribuam para a narrativa coletiva, criando uma Memória mais rica, diversificada e acessível a todos. No entanto,

também levanta questões sobre autenticidade, privacidade e como lidar com a quantidade crescente de informações geradas digitalmente.

O impacto da pandemia na Memória social é um fenômeno complexo e multifacetado que está sendo observado em todo o mundo. A COVID-19 não apenas trouxe consigo uma crise de saúde global, mas também desencadeou mudanças significativas na maneira como as pessoas percebem, registram e apreendem suas experiências, o que por sua vez afetou a construção da Memória coletiva – impactando a Memória social de maneiras tais como:

1. Mudança nas experiências cotidianas: as restrições de bloqueio, distanciamento social e medidas de isolamento tiveram um impacto direto nas atividades cotidianas das pessoas. Mudanças drásticas na rotina, como o trabalho remoto, aulas *online* e restritas nas sociais, criaram experiências únicas que serão lembradas e permanecerão no futuro;

2. Traumas e perdas: a pandemia trouxe perdas em todo o mundo, incluindo a perda de entes queridos. O Luto e o trauma associados a essas perdas serão elementos importantes da Memória coletiva, influenciando as narrativas culturais e pessoais;

3. Conexões virtuais: o distanciamento social levou a um aumento no uso de tecnologias de comunicação para manter conexões com amigos e familiares. Tão virtuais quanto formas criativas de manter o contato podem se tornar elementos importantes da Memória social;

4. Heróis e narrativas de solidariedade: a pandemia também destacou o papel dos profissionais de saúde, trabalhadores essenciais e voluntários. Esses indivíduos e suas histórias de coragem e solidariedade podem se tornar partes centrais da Memória social;

5. Documentação digital: a era digital permitiu que as pessoas documentassem suas experiências de maneiras novas e inovadoras. Fotos, vídeos, postagens em redes sociais e outros conteúdos digitais podem ser registros importantes para a Memória futura;

6. Reflexões e mudanças sociais: a crise da pandemia levou a reflexões mais profundas sobre questões como saúde pública, desigualdade, sistemas de saúde e globalização. Esses pensamentos podem moldar a Memória social, influenciando conversas e mudanças futuras;

7. Redefinição de valores e prioridades: A pandemia provocou uma reavaliação de valores e prioridades individuais e coletivas. Essas mudanças podem ter impacto na

maneira como a sociedade se lembra desse período e como lida com desafios semelhantes no futuro;

8. Inovações e soluções criativas: a resposta à pandemia envolveu a busca por soluções criativas em áreas como saúde, educação e trabalho. Essas inovações podem ser parte integrante da Memória social, demonstrando a resiliência e a capacidade de adaptação da sociedade.

O impacto da pandemia na Memória social reflete as complexidades das experiências individuais e coletivas durante esse período difícil. As maneiras como as pessoas se lembrarão desse momento histórico dependerão de uma série de fatores, incluindo suas próprias experiências, valores culturais e contexto social mais amplo. A construção da Memória social da pandemia é uma narrativa em constante evolução que continua a ser explorada e compreendida à medida que o tempo passa.

A Cibermuseologia desempenhou um papel fundamental na forma como o Luto foi vivenciado, compartilhado e registrado durante a pandemia de COVID-19. À medida que o mundo enfrentava restrições de mobilidade, distanciamento social e isolamento, as plataformas digitais e as redes sociais se tornavam espaços essenciais para expressar emoções, homenagear entes queridos perdidos e construir narrativas coletivas de Luto.

A essência desta pesquisa encaminha-se para a Cibermuseologia do Luto, um conceito que vem nortear o CiberLuto – parte do patrimônio imaterial definido pela UNESCO. Em 2003 a UNESCO definia o patrimônio digital como:

> O conjunto de materiais de base computacional de valor permanente, que devem ser conservados para as gerações futuras. O patrimônio digital emana de diferentes comunidades, indústrias, setores e regiões. Nem todos os materiais digitais são de valor durável, mas aqueles que o são requerem estratégias de preservação ativa, se se deseja manter a continuidade do patrimônio digital[21].

O conceito abrange diversos tipos de recursos culturais, educacionais, científicos, administrativos, bem como informações técnicas, legais, médicas e outros tipos de informações que são criadas digitalmente ou convertidas para formato digital a partir de recursos analógicos já existentes. Quando os recursos são de “gênese digital”, eles só existem em formato digital. Os materiais digitais incluem textos, bancos de dados, imagens estáticas e em movimento, áudio, gráficos, software e páginas da web, entre outros formatos em constante expansão. Esses materiais geralmente exigem produção, manutenção e gerenciamento intencional para serem preservados. Muitos desses

[21] “*Digital heritage is made up of computer-based materials of enduring value that should be kept for future generations. Digital heritage emanates from different communities, industries, sectors and regions. Not all digital materials are of enduring value, but those that are require active preservation approaches if continuity of digital heritage is to be maintained*” (UNESCO. *Site* oficial. Disponível em: webarchive.unesco.org/. Acesso em: 7 abr. 2024).

recursos possuem valores e significados duradouros, constituindo assim um patrimônio que deve ser protegido e preservado para as gerações atuais e futuras (UNESCO, 2003, p.1-2, tradução nossa). A partir desse conceito a UNESCO promulgou 2003 a sua Carta para a Preservação do Patrimônio Digital.

Marina Gowert (2019) pondera que um dos maiores desafios atuais nas práticas relativas ao patrimônio digital está em compreender as possibilidades trazidas pelo meio digital, especialmente no que diz respeito aos espaços colaborativos para a ativação patrimonial e o acesso à Memória coletiva Ao considerar essas características de fluxo e atualização constante nos bens de gênese digital, é possível perceber uma ampliação significativa de possibilidades, uma vez que tais bens não estão restritos às ferramentas do sistema e não são centralizados em um único patrimônio. Isso implica em um cenário dinâmico e flexível, no qual o patrimônio digital ganha vida como uma rede interconectada de expressões e conhecimentos. Nessa perspectiva, a natureza fluida dos elementos digitais transcende as barreiras físicas, permitindo a criação colaborativa, a disseminação instantânea e a atualização constante, rompendo com as limitações que caracterizam a preservação tradicional do patrimônio.

O patrimônio cultural imaterial abrange expressões culturais e tradições de grupos de indivíduos que não estão apenas gravados em monumentos e objetos, mas sim na vida dessas pessoas. São os saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, as celebrações e os lugares. Ao compararmos o bem digital ao bem material, podemos perceber que ambas apresentam características de vivacidade e transformação pela intervenção. Além disso, ambos excluem o uso de mais de um recurso para a preservação, o que muitas vezes leva à materialização de algum elemento dessas práticas. No contexto digital, essa materialização pode se traduzir na criação de arquivos, registros ou representações que capturam a essência das expressões culturais e tradições, permitindo que sejam transmitidas e vivenciadas virtualmente. Os bens culturais digitais são produzidos por meio do uso de tecnologias digitais, com o propósito de serem inseridos em ambientes virtuais e experiências por indivíduos inseridos no contexto da Cibercultura. Esse cenário gera comportamentos de interação diferentes dos métodos "tradicionais". A estrutura desses bens acaba por influenciar o conteúdo dos arquivos e a maneira como são apresentados, uma vez que "a estrutura técnica de arquivamento determina o próprio conteúdo do arquivo, tanto em sua atualidade quanto em sua relação com o futuro" (Kujawski, 2014).

Os bens patrimoniais são concebidos a partir do significado que carregam, das representações que apresentam e das mensagens que comunicam (Gonçalves, 2009). Eles atuam como veículos de conexões entre pessoas e outros bens, formando redes de

interações. No âmbito do ciberespaço, os patrimônios também estabelecem essas relações, porém com um potencial amplificado fornecido pelo meio digital.

É importante destacar que o patrimônio digital não está competindo ou aumentando a importância dos acervos, das instituições de preservação, dos monumentos materiais ou das manifestações culturais tradicionais. Em vez disso, ele se entrelaça e complementa, criando uma dinâmica onde o imaterial e o material coexistem, proporcionando uma nova dimensão de experiência e interação, ligadas às tecnologias digitais.

Voltando à ciberMemória do Luto na Pandemia, apresentamos algumas considerações sobre as interfaces que emergiram dessa relação:

- Expressão e compartilhamento de Luto: as redes sociais permitiram que as pessoas compartilhassem suas histórias pessoais de perda e Luto de maneira mais ampla. Fotos, postagens, vídeos e homenagens virtuais se tornaram formas de expressar sentimentos e conectar-se com outros que estavam passando por experiências semelhantes;

- Homenagens digitais: plataformas como o Instagram, Facebook e Twitter se tornaram locais para homenagens digitais, onde amigos e familiares podiam compartilhar Memórias, mensagens de condolências e pensamentos sobre os entes queridos falecidos. Esses espaços virtuais de tributo têm o potencial de criar uma ciberMemória coletiva em torno dos indivíduos que foram perdidos.

- Manifestações de empatia: a empatia se manifesta no âmbito dos museus como um lugar vivido, onde a visitação acontece de forma remota, mas não menos significativa. O público pode interagir e interferir na exposição, participando ativamente na contribuição de acervos, histórias e experiências. Essa abordagem mais colaborativa e inclusiva dos museus na era digital tem se revelado uma forma poderosa de envolver o público e democratizar o acesso à cultura e ao patrimônio. Eles se tornam espaços mais dinâmicos e interativos, proporcionando uma experiência mais rica e compartilhada aos visitantes. As manifestações de empatia possibilitam uma nova forma de interação entre público e Museu, criando um ambiente de cocriação e compartilhamento de conhecimentos. Essa abertura para a participação do público fortalece os laços entre as instituições culturais e as comunidades, contribuindo para uma Museologia mais inclusiva, colaborativa e socialmente relevante. Essa tendência tem sido uma via de mão dupla, em que os museus acolhem os públicos – e estes, por sua vez, contribuem para a construção e enriquecimento do patrimônio, criando uma relação mais próxima, significativa e coletiva entre Museu e sociedade. Essa

abordagem colaborativa e inclusiva é um caminho promissor para o avanço da Museologia e sua adaptação às novas realidades da Cibercultura;

- Criação de memoriais *online*: Além das homenagens individuais, surgiram iniciativas maiores de criação de memoriais *online.* Páginas, grupos ou *sites* dedicados a homenagear as vítimas da pandemia foram estabelecidos, permitindo que as pessoas contribuíssem com histórias, fotos e lembranças;
- Documentação e arquivamento digital: a ciberMemória permitiu a documentação e o arquivamento digital de histórias de vida, depoimentos e experiências relacionadas à pandemia. Esses registros digitais podem desempenhar um papel importante na preservação da Memória coletiva e na compreensão das dimensões emocionais do Luto;
- Conexão e apoio virtual: A ciberMemória proporcionou uma plataforma para a conexão virtual entre enlutados, permitindo que compartilhassem suas jornadas de Luto, oferecessem apoio mútuo e encontros virtuais de solidariedade;
- Memoriais perenes na virtualidade: diferentemente dos memoriais físicos, a ciberMemória pode perdurar no tempo, possibilitando que as lembranças e homenagens sejam acessadas *online* por gerações futuras;
- Reflexão sobre a perda coletiva: a ciberMemória na pandemia também possibilitou uma reflexão coletiva sobre a magnitude da perda em níveis globais. Isso pode contribuir para a construção de uma consciência compartilhada sobre os efeitos da pandemia. No contexto do Luto durante a pandemia não apenas documentou as perdas individuais, mas também criou um espaço de conexão, apoio mútuo e reflexão coletiva. Essa interação entre a esfera digital e o processo de Luto representa uma evolução na maneira como a sociedade lida com a morte e como constrói narrativas de Memória em tempos de crise. A ciberMemória se tornou um testemunho virtual da resiliência humana e da capacidade de transformar a dor em um legado de Memória compartilhada. A relação entre ciberMemória e Luto durante a pandemia da COVID-19 é um tema de estudo que ganhou importância significativa à medida em que as redes sociais incluem formas de Luto *online*[22].

Durante a pandemia, a ciberMemória desempenhou um papel crucial na maneira como as pessoas lidavam com o Luto e preservavam as Memórias de seus entes queridos. Aqui estão algumas maneiras pelas quais a ciberMemória e o Luto se entrelaçaram durante esse período:

[22] A cibermemória se refere à construção e preservação da memória coletiva e individual por meio das plataformas digitais e tecnologias da informação.

- Memorialização *online*: as redes sociais, especialmente o Facebook, Instagram e Twitter, chegaram-se plataformas onde as pessoas compartilhavam histórias, fotos e homenagens aos falecidos. Perfis de mídia social de pessoas falecidas se transformaram em espaços virtuais de memorialização, permitindo que amigos e familiares compartilhem suas Memórias e sentimentos;
- Compartilhamento de histórias: as plataformas digitais fornecem um espaço para que as pessoas compartilhem suas próprias experiências de Luto e encontrassem apoio de comunidades *online*. Fóruns, grupos de redes sociais e blogs se tornaram lugares onde os indivíduos puderam compartilhar suas histórias e encontrar empatia;
- Homenagens virtuais: à medida que os velórios e funerais tradicionais foram limitados devido às restrições, as pessoas buscaram alternativas virtuais. Transmissões ao vivo de cerimônias, homenagens virtuais e mesmo cerimônias de adeus até vídeo chamadas permitiram que as pessoas participassem e prestassem suas homenagens à distância;
- Plataformas de memorialização: além das redes sociais, plataformas específicas de memorialização *online*, onde as pessoas podiam criar memoriais virtuais com fotos, vídeos e mensagens em homenagem aos falecidos. Esses espaços digitais se tornaram importantes para preservar as Memórias de maneira mais duradoura.
- Registro de histórias orais: a ciberMemória também possibilitou a coleta e o registro de histórias orais relacionadas à pandemia e ao Luto. Projetos de coleta de histórias digitais se tornaram ferramentas para capturar as experiências das pessoas, criando um registro histórico e emocional desse período;
- Arquivos digitais: a ciberMemória contribuiu para a criação de arquivos digitais de registros de Luto, incluindo notícias, depoimentos, fotos e vídeos. Esses arquivos podem servir como recursos para futuras pesquisas e reflexões sobre o impacto da pandemia na sociedade;
- Conexão e apoio *online*: A ciberMemória permitiu que pessoas em Luto se conectassem com outras que estavam passando por experiências semelhantes, a troca de mensagens de apoio, conselhos e compartilhamento de recursos *online* oferece uma rede de apoio virtual.

A interseção entre ciberMemória e Luto durante a pandemia reflete a capacidade das tecnologias digitais de fornecer formas alternativas de expressão, conexão e preservação das Memórias. Ela também se destaca como a era digital está ligada a

maneira como lidamos com questões emocionais profundas e como as Memórias são construídas, compartilhadas e preservadas em um contexto virtual.

Em síntese, a visão provocadora de uma "pandemia museal" evoca uma análise crítica sobre as interligações entre as transformações sociais, econômicas e culturais que afetam os museus. O impacto do COVID-19 parece ter sido abordado como um acontecimento, expondo e ampliando as fragilidades e desafios que já existiam nos sistemas museais. O pós-pandemia continua a desafiar as formas tradicionais de Luto, especialmente considerando que muitos eventos e cerimônias de despedida foram adiados ou adaptados para o ambiente virtual. Nesse contexto, a pesquisa buscou compreender como as práticas de Cibermusealização do Luto evoluíram e se adaptaram após a pandemia, à medida que as restrições diminuíam e a sociedade retornava a uma relativa normalidade.

A CiberMemória desempenhou um papel fundamental na forma como o Luto foi vivenciado, compartilhado e registrado durante a pandemia de COVID-19. À medida que o mundo enfrentava restrições de mobilidade, distanciamento social e isolamento, as plataformas digitais e as redes sociais se tornavam espaços essenciais para expressar emoções, homenagear entes queridos perdidos e construir narrativas coletivas de Luto. A interseção entre ciberMemória e Luto na pandemia reflete uma transformação profunda na maneira como a sociedade lida com a morte e o processo de gravação.

Em resumo, a Cibermuseologia e o Luto durante a pandemia estão intrinsecamente ligados pela forma como as tecnologias digitais foram usadas para compartilhar, expressar e preservar experiências de perda. Essa interação entre a CiberMemória e o Luto está moldando a maneira como as pessoas se relacionam com o processo de Luto, transformando-o de fenômeno privado em ato coletivo de comunicação e conexão.

Os museus, em sua capacidade de forjar Memórias e influenciar a realidade, têm o poder de orientar nosso imaginário em direção a um futuro que transcende as adversidades do presente. Nesse contexto, a Museologia pode ser compreendida como uma disciplina regenerativa, uma força ativa que impacta a vida das pessoas, proporcionando restauração ao viver, mesmo que não seja uma panaceia para todas as nossas aflições crônicas. O Museu, seu principal instrumento, representa materialmente como as sociedades lidam com a reelaboração do passado no presente.

No entanto, a Museologia do Luto só desempenha um papel verdadeiramente vital quando promove a valorização da própria vida, combatendo a persistente desigualdade no direito ao Luto e na preservação da Memória. Por meio da criação de espaços de impregnação e reflexão, essa abordagem museológica busca transcender as barreiras temporais e culturais, proporcionando um ambiente onde o Luto é tratado com respeito e dignidade, permitindo que as histórias das vidas perdidas sejam compartilhadas e

honradas. Ao mesmo tempo, a Cibermuseologia do Luto poderá tornar-se uma força poderosa na construção de uma sociedade mais empática, inclusiva e consciente da importância da vida e das experiências compartilhadas.

A pandemia da COVID-19 apresentou diversos desafios à sociedade, incluindo o Luto pela perda de entes queridos. Contudo, um fenômeno notável surgiu na esfera virtual: o Memorial Inumeráveis[23]. Trata-se de um projeto que busca homenagear e contar as histórias das vítimas da pandemia de COVID-19 no Brasil, reconhecendo a importância de cada vida perdida e proporcionando um espaço para o Luto coletivo. Essa iniciativa visa humanizar as vítimas da pandemia, trazendo suas histórias e experiências individuais à tona. O Memorial rompe com o silêncio das estatísticas, dando voz e identidade a cada vida perdida para o Coronavírus no Brasil: é um exemplo notável de como a digitalização e a criação de espaços *online* podem oferecer um "lugar" de despedida e acolhimento.

Enquanto as estatísticas se multiplicavam, o silêncio sobre as histórias e experiências pessoais das vítimas se tornava ensurdecedor. O Memorial Inumeráveis surgiu como uma resposta sensível e empática para humanizar as vítimas da doença, destacando a singularidade de cada vida perdida para o Coronavírus no Brasil. Ao humanizar as vítimas, o memorial foi além de simplesmente listar nomes e datas: buscou contextualizar cada história, revelando paixões, conquistas, lutas e afetos que definiram essas pessoas. Essa abordagem resgata a empatia, lembrando-nos que por trás das estatísticas estão famílias, amigos, colegas e comunidades enfrentando uma perda irreparável.

A pandemia da COVID-19 foi um momento de prova para a sociedade brasileira, destacando a importância da informação precisa e da ciência em situações de crise. Aprendendo com essas lições, esperamos estar mais preparados para enfrentar desafios de saúde pública de forma colaborativa e baseada em dados científicos sólidos.

O Luto virtual, ou *cybermourning,* ganhou destaque como uma forma significativa de lidar com a perda e o Luto no mundo digital. Esse conceito descreve a transformação do Luto individual em um evento coletivo no ciberespaço. O Luto virtual ocorre em plataformas digitais, como redes sociais, fóruns e sites de memorial, onde as pessoas compartilham suas emoções, homenageiam entes queridos falecidos e buscam apoio emocional. Essa forma de Luto não substitui os rituais tradicionais, mas oferece uma alternativa em tempos de distanciamento social ou outras circunstâncias que impedem encontros presenciais. Os memoriais virtuais proporcionam um ambiente inclusivo para compartilhar Memórias, emoções e homenagens aos entes queridos perdidos, permitindo expressar uma variedade de sentimentos e oferecendo um espaço de conexão e apoio

[23] Sobre o Memorial, ver: INUMERÁVEIS. *Site* oficial. Disponível em: https://inumeraveis.com.br/. Acesso em: 9 abr. 2024.

emocional, mesmo à distância. Desta forma, a Museologia do Luto desempenha um papel fundamental na preservação da Memória e na formação de uma rede de afeto durante períodos de Luto: ao incorporar técnicas museológicas ao contexto do Luto, ela permite que as histórias dos falecidos sejam preservadas e compartilhadas de maneira significativa e coletiva.

Os memoriais virtuais assumem uma importância ainda maior em contextos de isolamento, como durante a pandemia da COVID-19. Eles oferecem um espaço seguro e significativo para honrar e lembrar entes queridos, mesmo quando os encontros presenciais são limitados. Essas plataformas *online* promovem a conexão emocional, a inclusão de pessoas distantes, a preservação da Memória e a expressão de sentimentos, tornando-se uma ferramenta valiosa para enfrentar os desafios do Luto em tempos de distanciamento social.

A tecnologia tem desempenhado um papel importante na superação das barreiras do Luto, oferecendo novas formas de conexão, expressão e apoio emocional em momentos de perda e saudade. Ao longo da história, a Museologia as manifestações do Luto têm desempenhado um papel significativo nos museus, contribuindo para a preservação e comunicação das experiências ligadas ao Luto e à perda. Através de exposições, programas educativos e iniciativas de Memória, museus têm proporcionado espaços de reflexão e lembrança, conectando as pessoas com suas histórias individuais e coletivas de Luto. No contexto atual, marcado pela digitalização crescente e pela integração das tecnologias digitais na esfera museológica, surge a necessidade de explorar novas abordagens para a Museologia do Luto. É nesse cenário que emerge o conceito de uma Ciber Museologia do Luto, que busca integrar as práticas tradicionais da Museologia do Luto com as possibilidades oferecidas pelo ambiente digital.

A Cibermuseologia do Luto visa criar espaços virtuais de Memória e Luto, onde as pessoas possam compartilhar suas histórias, homenagear seus entes queridos e encontrar apoio emocional. Essa abordagem amplia o alcance e a acessibilidade das iniciativas de Luto, permitindo que indivíduos de diferentes lugares e contextos participem ativamente do processo de recordação e cura. Ao trazer à luz este conceito, reconhecemos a importância de adaptar as práticas museológicas às realidades contemporâneas, aproveitando o potencial das tecnologias digitais para promover uma experiência mais inclusiva e significativa de Luto e Memória. Essa evolução na Museologia do Luto reflete não apenas os avanços tecnológicos, mas também a busca por formas mais empáticas e eficazes de lidar com o Luto na sociedade atual.

Em conclusão, a análise das diversas abordagens sobre o Luto, tanto no âmbito presencial quanto no virtual, revela a complexidade e a riqueza das experiências humanas diante da perda e do processo de Luto. Os estudos e práticas no campo da Museologia

do Luto destacam a importância de preservar e valorizar as Memórias individuais e coletivas relacionadas ao Luto, proporcionando espaços de reflexão, comunicação e apoio emocional.

Ao longo deste estudo, exploramos como as tecnologias digitais têm impactado e ampliado as possibilidades de expressão do Luto, permitindo que as pessoas se conectem, compartilhem suas histórias e encontrem conforto em ambientes virtuais. A emergência da Cibermuseologia do Luto representa um avanço significativo na adaptação das práticas museológicas às realidades contemporâneas, promovendo uma experiência mais inclusiva e participativa para aqueles que enfrentam o processo de Luto. Portanto, a integração da Museologia do Luto no contexto digital não apenas enriquece as formas de lidar com a perda e o Luto, mas também ressalta a importância de preservar as narrativas e Memórias que moldam nossa compreensão do mundo e das relações humanas.

Ao destacar a importância da Cibermuseologia do Luto, reconhecemos seu papel crucial na promoção do bem-estar emocional, na construção de comunidades de apoio e na preservação das histórias que moldam nossa compreensão do Luto e da resiliência humana diante das adversidades. Essa abordagem inovadora representa um compromisso com a inclusão, a empatia e a valorização das experiências individuais e coletivas de perda e transformação.

Nesse contexto, o Memorial Inumeráveis atua como um ambiente virtual de despedida, permitindo que familiares e amigos compartilhem Memórias, fotos e mensagens em Memória de seus entes queridos. Além disso, ele oferece um acolhimento simbólico, proporcionando um lugar onde as pessoas podem encontrar conforto emocional, solidariedade e conexão com outros que também estão passando pelo processo de Luto. Essa iniciativa demonstra como a Museologia do Luto pode se expandir para o ambiente *online*, aproveitando as possibilidades da tecnologia para criar espaços inclusivos e terapêuticos, onde as emoções podem ser expressas e compartilhadas de forma significativa.

2.5 Netnomuseologia: construção de um método de análise para as práticas museológicas na Era Digital

2.5.1 Netnografia / Netnomuseologia

A evolução das tecnologias digitais tem transformado profundamente as práticas museológicas, tornando essencial a adaptação das metodologias de pesquisa e análise para compreender as dinâmicas emergentes no campo da Cibermuseologia. Um dos marcos dessa transformação é a adoção da netnografia, um método de pesquisa proposto

por Robert Kozinets (1998) para estudar culturas e comunidades online. A netnografia oferece uma abordagem qualitativa focada na análise das interações sociais em ambientes virtuais, sendo uma ferramenta fundamental para entender como os museus, ao se inserirem no espaço digital, alteram suas práticas e relações com os públicos.

A Netnomuseologia pode ser compreendida como uma abordagem teórico-metodológica que aplica princípios da netnografia à análise das práticas museológicas que ocorrem total ou parcialmente em ambientes digitais. Seu foco recai sobre a observação sistemática de interações, narrativas, discursos e performances culturais que se desenvolvem em redes sociais, plataformas virtuais e ecologias digitais conectadas. Assim como a netnografia busca interpretar comunidades e comportamentos online (Kozinets, 2010), a Netnomuseologia amplia tal lógica para investigar como o Museu - enquanto fenômeno cultural e comunicacional - se manifesta, se transforma e cria sentido no ciberespaço.

Esse âmbito emergente nasce da constatação de que o Museu contemporâneo não está restrito à sua materialidade institucional. A cultura digital gera modos de participação, interpretação e mediação que ocorrem em ambientes não controlados pelas instituições tradicionais e que, ainda assim, fazem parte do universo museológico. Como observa Jenkins (2006) ao analisar a cultura da convergência, as fronteiras entre produtores e consumidores se tornam fluidas, criando redes de colaboração e significação que se estendem muito além das estruturas formais. A Netnomuseologia, portanto, reconhece que os públicos também produzem curadoria, Memória e narrativas museais através de suas práticas digitais.

A expansão das interações museais para ambientes conectados demanda uma perspectiva analítica capaz de lidar com fluxos informacionais descentralizados. Para Hine (2015), o digital não é apenas um local de coleta de dados, mas um campo cultural no qual atores sociais constroem significados complexos. A Netnomuseologia incorpora essa compreensão e a aplica ao estudo de fenômenos museais como exposições virtuais, acervos colaborativos, *hashtags* memoriais, comentários em publicações institucionais e práticas de circulação digital de imagens patrimoniais.

Nesse contexto, a Netnomuseologia também se articula com a noção de cultura participativa. Shirky (2008) argumenta que a internet reconfigura os sistemas de colaboração e engajamento, tornando possível que comunidades inteiras se mobilizem para produzir, reinterpretar ou contestar narrativas culturais. No âmbito museológico, isso significa reconhecer que a experiência museal não se limita ao espaço físico, nem tampouco ao discurso institucional, mas emerge também das interações entre usuários e objetos digitais compartilhados.

A compreensão da experiência museal no ambiente digital exige observar como os usuários criam sentidos afetivos e simbólicos no contato com narrativas museais. Baym (2015) destaca que as relações mediadas digitalmente não são menos reais, mas constituem modos autênticos de sociabilidade. A Netnomuseologia adota esse entendimento para analisar práticas como comentários emocionais em posts de Museus, manifestações de Luto digital, debates sobre patrimônio e mobilizações comunitárias em torno de imagens históricas.

Outro ponto central é a análise do comportamento interpretativo do público. Para Pink et al. (2016), as etnografias digitais permitem observar como sujeitos produzem conhecimento e afeto ao navegar por ambientes *online*. Aplicada ao Museu, essa perspectiva revela como públicos constroem narrativas paralelas aos discursos oficiais, reinterpretando objetos, coleções e temas sensíveis através de seus repertórios próprios. O Museu, assim, torna-se também o reflexo do que circula sobre ele: discursos, imagens, Memórias, comentários e ressignificações.

A Netnomuseologia também oferece ferramentas para compreender fenômenos emergentes como os “Museus espontâneos” formados em redes sociais. Mortensen (2018) observa que plataformas digitais facilitam a criação de memorializações coletivas em torno de acontecimentos traumáticos ou emocionais. A partir dessa perspectiva, a Netnomuseologia investiga como grupos *online* criam narrativas museais não institucionais - por exemplo, ao transformar homenagens virtuais, fotografias compartilhadas e registros cotidianos em acervos afetivos.

Essa abordagem permite ainda analisar como algoritmos moldam a circulação de conteúdos museológicos. Gillespie (2014) afirma que plataformas digitais atuam como “curadores invisíveis” ao determinar o que aparece, o que circula e o que ganha relevância. Para a Museologia, isso significa que parte da experiência museal contemporânea é mediada por estruturas técnico-computacionais que influenciam diretamente a recepção e percepção do patrimônio.

Do ponto de vista metodológico, a Netnomuseologia demanda uma postura reflexiva sobre o papel do pesquisador. Markham (2013) ressalta que a pesquisa digital envolve não apenas coleta de dados, mas uma negociação ética contínua com contextos híbridos de privacidade, exposição e afetividade. Isso é especialmente relevante em estudos que analisam práticas de Luto digital, comentários emocionais e interações sensíveis produzidas em redes sociais.

Ao compreender o Museu como fenômeno expandido, a Netnomuseologia destaca que objetos museológicos não são apenas itens materiais, mas também entidades digitais que circulam por múltiplos contextos. Helmond (2015) descreve essa circulação como “plataformização”, um processo pelo qual conteúdos culturais se adaptam às lógicas e

formatos das plataformas sociais. Assim, a imagem de um objeto patrimonial pode adquirir novos significados quando compartilhada, comentada, remixada ou apropriada digitalmente.

Outro aspecto relevante é o potencial analítico da Netnomuseologia para identificar transformações na autoridade museológica. Para Lynch e Alberti (2010), o Museu contemporâneo passa por uma descentralização de poder interpretativo, abrindo espaço para leituras plurais. No ambiente digital, essa pluralidade se intensifica, pois diversos públicos assumem papéis curatoriais ao comentar, reagir, selecionar e redistribuir conteúdos museais.

A Netnomuseologia também permite examinar como comunidades específicas constroem vínculos identitários com acervos e narrativas museais. Leurs (2015) argumenta que redes digitais constituem repertórios de pertença cultural que atravessam fronteiras geográficas. Quando aplicada ao Museu, essa perspectiva revela como grupos marginalizados utilizam espaços digitais para reivindicar Memórias, contestar omissões ou produzir novas narrativas. Além disso, o estudo netnomuseológico possibilita compreender a performatividade do Luto digital como parte das práticas museais contemporâneas. Walter et al. (2021) mostram que as expressões de Luto online constituem ecologias digitais de afeto e Memória. Ao analisar esses fenômenos sob a perspectiva museológica, observa-se como práticas de recordação espontâneas podem adquirir valor patrimonial e entrar na esfera da musealização virtual.

A Netnomuseologia destaca ainda a importância da temporalidade digital. Para Chun (2016), o digital é marcado pela simultaneidade entre permanência e desaparecimento, pois conteúdos podem ser armazenados indefinidamente ou desaparecer abruptamente. A Museologia, ao adotar essa perspectiva, passa a refletir sobre a instabilidade, a efemeridade e os desafios da preservação no ambiente *online*.

Por fim, a Netnomuseologia reafirma que o Museu na era digital é uma entidade em fluxo. Ele se constrói no cruzamento entre instituições, comunidades, algoritmos, plataformas e práticas culturais diversas. Lankshear e Knobel (2011) sugerem que práticas digitais criam “novas alfabetizações” que transformam a maneira como significados são produzidos e compartilhados. Assim, ao investigar os processos museais no ambiente digital, a Netnomuseologia permite compreender a complexidade do ato de musealizar em uma sociedade hiperconectada, oferecendo ferramentas para analisar contínuas transformações culturais, afetivas e tecnológicas que reconfiguram o papel do Museu no século XXI.

Kozinets (1998) definiu a netnografia como uma adaptação da etnografia tradicional ao contexto da internet, onde as comunidades digitais e suas práticas são observadas diretamente nos espaços virtuais, como fóruns, redes sociais, blogs e outros

meios de interação online. Diferente da etnografia convencional, que se baseia na observação presencial dos sujeitos em campo, a netnografia utiliza as ferramentas digitais para acessar e analisar as interações, permitindo que os pesquisadores se imerjam nas comunidades online e compreendam as dinâmicas sociais sem a necessidade de uma presença física. Essa abordagem permite que as práticas culturais e sociais que ocorrem no ambiente virtual, como a interação com coleções digitais, discussões sobre patrimônio e o uso de tecnologias como realidade aumentada e virtual, sejam analisadas de forma mais profunda.

No contexto da Cibermuseologia, que estuda as relações entre museus e suas audiências no ambiente digital, a netnografia se apresenta como um método essencial para capturar as nuances das interações e as novas formas de mediação cultural que emergem no mundo virtual. Scheiner (1992, 1998, 199) lembra que a Museologia analisa o fenômeno Museu e suas diferentes representações, no tempo e no espaço - Museu tradicional, Museu de território, Museu interior, Museu global. O advento das tecnologias digitais deu origem a uma nova representação do fenômeno Museu: o Museu Virtual, ou digital. O uso das TICs também fez com que Museus Tradicionais, espaços físicos em geral dedicados à preservação e divulgação de conjuntos de bens patrimoniais musealizados, atuassem sob a forma de espaços digitais, acessíveis a públicos globais[24]; práticas de curadoria e preservação do patrimônio cultural precisaram ser repensadas. Nesse contexto, a Cibermuseologia se insere como uma área de pesquisa dedicada a compreender as implicações teóricas e práticas dessas novas formas de mediação digital.

A criação de um método específico para a Cibermuseologia se torna imprescindível devido às particularidades dos ambientes digitais, que não podem ser totalmente compreendidas por métodos tradicionais de pesquisa em museus. A netnografia oferece uma metodologia imersiva Online, que permite ao pesquisador observar e interagir com as práticas culturais digitais de forma mais autêntica e reflexiva Por meio desse método, é possível analisar como as comunidades digitais se formam em torno de temas relacionados ao patrimônio cultural, como os visitantes interagem com conteúdos museológicos em plataformas como *Instagram, Facebook* ou sites de museus, e como essas interações geram novos significados, reinterpretam objetos e constroem narrativas. Destaca-se assim a necessidade de desenvolver um método específico para a Cibermuseologia devido às características únicas dos ambientes digitais. A Cibermuseologia refere-se ao estudo dos museus no contexto digital, onde as práticas de mediação, preservação e interação com o público acontecem em plataformas virtuais. Esses ambientes digitais são profundamente diferentes dos físicos, e métodos tradicionais

[24] Scheiner, sessão de orientação, dez. 2024.

de pesquisa em museus que se concentram em objetos físicos, exposições e visitas presenciais não são suficientes para compreender as dinâmicas que surgem no mundo digital. Por isso, a criação de um método específico para estudar o fenômeno digital é imprescindível. Esse método deve ser capaz de lidar com os desafios e complexidades das interações *online*, como a fluidez das redes sociais, a multiplicidade de plataformas e a participação ativa do público na criação e compartilhamento de conteúdo.

A Netnografia, uma metodologia imersiva de pesquisa *online*, é mencionada como uma ferramenta eficaz para tal fim. Sendo uma adaptação da etnografia tradicional, que envolve o estudo de culturas e grupos sociais por meio da observação participante, no contexto digital ela permite que os pesquisadores observem, interajam e analisem as práticas culturais que ocorrem em plataformas *online*, como redes sociais e comunidades virtuais, de forma mais autêntica e envolvente.

Por ser uma abordagem imersiva, a netnografia permite ao pesquisador interagir diretamente com os participantes no ambiente digital, o que oferece uma compreensão mais profunda das práticas culturais e sociais. Isso é especialmente importante para estudar como os museus operam no contexto digital, onde as interações são mais fluidas, a comunicação é frequentemente mediada por tecnologias e o público tem um papel ativo na construção e disseminação de narrativas culturais. Além disso, a netnografia é reflexiva, ou seja, o pesquisador também precisa considerar como sua presença e interação impactam o ambiente de pesquisa, ajustando sua abordagem conforme necessário.

Além disso, a netnografia permite a observação passiva e ativa das interações dos usuários dessas comunidades, oferecendo uma visão holística da maneira como o público engaja com as coleções, cria conteúdos e compartilha experiências culturais. Isso proporciona viabiliza uma análise crítica da curadoria digital, das estratégias de comunicação e da acessibilidade, temas fundamentais para a Cibermuseologia. Ao integrar a perspectiva digital nas práticas museológicas, os museus podem aprimorar suas abordagens de acessibilidade e inclusão, além de potencializar suas práticas de interatividade e participação pública.

Ademais, a metodologia netnográfica permite identificar como as comunidades *online* constroem Memórias coletivas e narrativas digitais *online* sobre patrimônio e identidade. Em plataformas como Instagram, onde usuários compartilham suas próprias experiências com objetos culturais, é possível observar como a ideia de patrimônio é constantemente reconfigurada por meio de interações sociais. Essas dinâmicas não apenas redefinem o papel dos museus instituídos, mas também promovem uma memorialização digital, onde as Memórias são construídas e compartilhadas em tempo real.

Acreditamos, portanto, que a utilização da netnografia na Cibermuseologia oferece uma base teórica e metodológica sólida para entender como as novas tecnologias estão transformando a maneira como os museus instituídos operam no ambiente virtual. Ela também abre caminho para o desenvolvimento de estratégias de pesquisa e análise específicas para o estudo da mediação digital no patrimônio, essenciais para uma abordagem mais inclusiva, acessível e interativa das práticas museológicas contemporâneas.

A aplicação da netnografia na Cibermuseologia é um passo fundamental para a criação de um método específico que permita aos pesquisadores estudarem de forma eficaz as transformações que os museus vêm experimentando no ambiente digital. O desenvolvimento de uma metodologia dedicada à análise de práticas culturais digitais no contexto museológico se mostra essencial para que os museus possam compreender e adaptar-se às novas realidades tecnológicas, promovendo, assim, uma mediação cultural mais dinâmica e inclusiva.

Podemos considerar que a Netnomuseologia emergiu ao longo das duas últimas décadas como uma vertente inovadora dentro do campo da Museologia, proposta para analisar e compreender as práticas museológicas no contexto das tecnologias digitais e da virtualidade. A partir do desenvolvimento das redes sociais e das plataformas digitais, os museus - especialmente os tradicionais - passaram a interagir com o público de novas maneiras, ampliando sua função educativa, preservadora e comunicativa para além das paredes físicas. Este conceito, que se baseia na metodologia da netnografia, busca refletir sobre as transformações que ocorrem na relação entre museus e sociedade, oferecendo uma análise das interações no ambiente digital e das novas práticas de preservação e mediação cultural.

A Netnomuseologia, como conceito, pode ser construída a partir da interseção entre Netnografia e Museologia, adaptando as práticas e métodos da netnografia para estudar e compreender os fenômenos culturais e sociais relacionados ao patrimônio e à Memória no contexto digital e online. A proposta de Netnomuseologia é explorar como os museus e seus públicos se relacionam, interagem e constroem significados e narrativas em ambientes digitais, usando as abordagens metodológicas da netnografia para analisar essas dinâmicas. Aqui está um esboço de como esse conceito pode ser estruturado:

1. Definição de Netnomuseologia

A Netnomuseologia pode ser entendida como o estudo das práticas museológicas e da Memória, patrimônio e identidade dentro de ambientes digitais, especialmente nas plataformas de redes sociais e espaços virtuais. Ela utiliza as metodologias da netnografia para observar e analisar as interações online de indivíduos, grupos e comunidades em

relação aos objetos e práticas museológicas, considerando como o patrimônio é compartilhado, reinterpretado e resignificado na virtualidade.

2. Fundamentos da Netnografia

A Netnografia, desenvolvida por Robert Kozinets, é uma adaptação da etnografia para ambientes online. Ela envolve a observação participante de comunidades virtuais e interações digitais, focando em dados qualitativos e na imersão no contexto digital para entender as culturas, práticas sociais e construções identitárias nesse espaço. Ao adaptar a netnografia para a Museologia, a Netnomuseologia propõe estudar como a cultura de museus e o patrimônio se manifestam e são vividos por meio da interação dos usuários nas plataformas digitais, como Instagram, *YouTube, blogs* e outras redes sociais.

3. Elementos Principais da Netnomuseologia

São os seguintes:

- Objeto e significado cultural digital: assim como na netnografia, a Netnomuseologia focaliza a análise de como objetos (materiais ou imateriais) são representados, compartilhados e reinterpretados nas plataformas digitais. A pesquisa poderia analisar o que as pessoas consideram patrimônio e como isso se transforma em narrativas digitais;
- Comunidades virtuais: estudo das comunidades *online* que interagem com museus coleções digitais e patrimônio, explorando como essas comunidades compartilham experiências, conhecem o patrimônio e criam significados coletivos ao redor de exposições e objetos;
- Memória e patrimônio: a Netnomuseologia também examina como os conceitos de Memória e patrimônio são moldados nas redes digitais, seja por museus ou pelo público em geral, e como as interações online podem contribuir para a construção e a preservação de Memórias coletivas;
- Práticas participativas: a abordagem participativa das redes sociais pode ser explorada em Netnomuseologia para analisar como os públicos contribuem para a criação de coleções digitais, interagem com exposições virtuais, e como essas interações mudam as práticas museológicas tradicionais;
- Métodos de pesquisa: a Netnomuseologia utilizaria os métodos da netnografia para coletar dados em ambientes digitais;
- Observação participativa: assim como a netnografia, a Netnomuseologia exigiria a participação ativa do pesquisador em comunidades online relacionadas aos museus. O pesquisador pode observar como os usuários interagem com conteúdo museológico e como as discussões e debates sobre patrimônio e Memória são moldados na internet;

- Entrevistas digitais em meio virtual: adaptando as técnicas de entrevistas *online* e observação de interações em grupos e salas de bate-papo, a Netnomuseologia pode envolver entrevistas com usuários ou participantes em espaços digitais, analisando como eles se relacionam com o patrimônio e como esse patrimônio é interpretado no contexto digital;
- Análise de dados visuais e audiovisuais: dado o contexto das plataformas digitais, seria essencial a análise de imagens, vídeos e outros conteúdos visuais. Isso poderia incluir a análise das postagens de usuários em plataformas como *Instagram* ou *YouTube*, onde a visualidade do patrimônio é central, e o estudo das narrativas visuais construídas *online*;
- Aspectos éticos e metodológicos: a Netnomuseologia, como a netnografia, exige um cuidado especial com as questões éticas no ambiente digital. A privacidade, o consentimento e o anonimato são questões cruciais quando se coleta e analisa dados de interações online. Considerar as dinâmicas de poder nas comunidades digitais, como as expectativas de participação ativa e as limitações de visibilidade de certos dados, também é fundamental na adaptação metodológica.

4. Desafios e Potencialidades

A principal dificuldade de criar a Netnomuseologia, por um lado, reside na adaptação da Museografia tradicional, que lida com objetos físicos em museus instituídos, para o ambiente digital e imersivo. Também é necessário enfrentar a diversidade de dados disponíveis online e a natureza dinâmica e efêmera das interações digitais. Por outro lado, a Netnomuseologia tem um grande potencial para expandir o alcance dos museus, trazendo novas formas de acessibilidade e participação. Ao integrar as práticas digitais, ela pode oferecer uma abordagem inclusiva, democrática e mais envolvente para o estudo do patrimônio, além de ajudar a conectar públicos globais a coleções e histórias locais.

A Netnomuseologia, como uma adaptação das práticas da netnografia, oferece uma maneira inovadora de investigar a disciplina Museologia no ambiente digital. Ela permite estudar de maneira mais profunda como o patrimônio, as Memórias e as práticas museológicas são vivenciados nas plataformas digitais, explorando as interações e os significados construídos coletivamente nas redes sociais. Além disso, ela abre novas oportunidades para repensar a forma como os museus podem se envolver com públicos digitais e como as coleções podem ser reimaginadas e reinterpretadas em ambientes *online*. A digitalização dos museus e a crescente virtualização do patrimônio cultural apresentam desafios e oportunidades que exigem novas abordagens metodológicas para compreender suas transformações. O avanço das tecnologias digitais tem modificado significativamente as práticas museológicas, desde a curadoria até a interação com o

público, redefinindo os modos de acesso, preservação e comunicação do patrimônio. Nesse contexto, a criação de um método de análise para os museus na virtualidade torna-se essencial para acompanhar e avaliar essas mudanças, garantindo que a experiência digital possa ser mensurada, compreendida e aprimorada.

2.5.2 A digitalização do patrimônio e a virtualidade: interatividade e participação

A digitalização do patrimônio cultural representa um ponto central para o desenvolvimento da Netnomuseologia, ao abrir novas possibilidades para a preservação e difusão do patrimônio cultural (Hughes, 2015). Nesse sentido, a virtualidade torna-se uma ferramenta essencial para a ampliação do alcance dos museus, permitindo-lhes transcender as limitações espaciais e temporais das exposições físicas. A partir dessa nova realidade digital, as coleções musealizadas podem ser compartilhadas de maneira interativa por meio de plataformas como *website*s, redes sociais e exposições virtuais (Dicks et al., 2017). Esse fenômeno amplia a democratização do acesso ao patrimônio, proporcionando uma nova dinâmica de interação entre as instituições culturais e o público.

A Netnomuseologia propõe uma reflexão sobre como os museus, ao utilizarem as plataformas digitais, reescrevem suas funções tradicionais de preservação, educação e acesso ao patrimônio. Ao invés de se restringirem a uma função passiva de exibição, na virtualidade eles se tornam espaços interativos, onde o público se envolve ativamente com o conteúdo por meio de comentários, compartilhamentos e até mesmo cocriação de narrativas digitais.

Outro aspecto central da Netnomuseologia é a interatividade, um conceito que está intrinsecamente ligado às plataformas digitais, onde os usuários passam de um papel passivo de espectadores para o de agentes ativos na construção de significados. Segundo Parry (2010), as novas tecnologias de mediação digital possibilitaram que os públicos não apenas interagissem com as coleções, mas também participassem da criação de conteúdo. Exposições digitais, como aquelas realizadas em redes sociais como Instagram e Facebook, permitem que os museus promovam uma comunicação bidirecional, engajando os usuários de maneira mais envolvente e personalizada. A interatividade digital oferece, assim, uma nova forma de mediação cultural, onde o público tem voz ativa na interpretação e reinterpretação do patrimônio cultural.

Além disso, plataformas como o *Instagram* possibilitam a criação de comunidades digitais, onde os usuários compartilham suas próprias narrativas relacionadas a objetos ou momentos históricos, gerando um processo de memorialização coletiva (Anderson, 2012). Nesse cenário, o Museu não apenas disponibiliza informações, mas também se torna um facilitador de trocas culturais, permitindo uma reflexão crítica sobre as Memórias

compartilhadas. "As tecnologias digitais, nas situações estudadas, incorporam-se à mediação cultural como elementos que levam os públicos, mais do que interpretar os acervos a partir de determinados direcionamentos, a relacionar-se com eles de forma que façam sentido em suas vidas". Nessa perspectiva, há uma mudança substancial no que se entende por "visita ao Museu". Esta pode se dar a partir de diferentes ambientes, temporalidades e materialidades, englobando experiências 'virtualmente materiais' ou 'materialmente virtuais' de mediação cultural. "Podem-se expandir os significados dos bens culturais, instaurar novas formas de percebê-los e de explorá-los, ou imaginar poéticas de fabricação digital que proponham sua reconstrução ou atualização contínua" (Viana, 2016, p. 155).

Essa perspectiva está diretamente relacionada à Netnomuseologia, que enfatiza a mudança no papel dos museus na era digital, destacando a interatividade e a cocriação de conteúdo. Como aponta a Netnomuseologia, as tecnologias digitais não apenas preservam e disseminam o patrimônio cultural, mas também promovem novas formas de interação e participação dos públicos, consolidando os museus como espaços dinâmicos e híbridos, em que o usuário contribui ativamente para a construção e atualização do conhecimento cultural. Essa abordagem, que integra as potencialidades da tecnologia com a prática museológica, visa a democratização do acesso e a criação de novas formas de Memória e identidade cultural.

O desenvolvimento de tecnologias emergentes, como a realidade aumentada (RA) e a realidade virtual (RV), tem influenciado diretamente as práticas museológicas. A incorporação dessas tecnologias na mediação e na exibição de coleções abre novas possibilidades para a criação de experiências imersivas e interativas, ampliando as formas de vivência do patrimônio (Grau, 2003). A realidade aumentada, por exemplo, permite que os objetos musealizados ganhem novas camadas de significação ao serem complementados por informações digitais em tempo real, proporcionando uma experiência sensorial única para o visitante dos Museus Tradicionais. Essas tecnologias oferecem uma nova perspectiva de como o patrimônio pode ser percebido e vivido, transformando a relação entre o público e os objetos. A autora afirma que a Realidade Virtual e a Realidade Aumentada são duas expressões de um mesmo contínuo do real, diferindo apenas na forma com a qual trabalham o ambiente virtual. "A Realidade Virtual cria um ambiente independente do ambiente físico, que pode, portanto, ser acessado de qualquer ponto geográfico, permitindo que se transporte de sua realidade para uma realidade artificial, libertando-se da relação espaço-tempo (Marçal, 2018, p. 34)"[25]. Dessa forma, a utilização dessas

[25] MARÇAL, Alessandra de Oliveira. A realidade aumentada como ferramenta de mediação: análise crítica de sua aplicação no Museu Histórico Nacional. Orientador: Profa. Dra. Teresa Cristina Scheiner. PPG-PMUS, UNIRIO/MAST. 2018. Dissertação.

tecnologias pode enriquecer a experiência do público, ampliando as possibilidades de interação e aprendizado. A introdução de tecnologias emergentes no espaço museológico não só amplia o acesso ao conhecimento, como também redefine as fronteiras entre o físico e o digital, criando um paradigma para a mediação cultural.

Na Museologia, o virtual é comumente associado a coisas imateriais ou que sejam criadas por computador. Os museus virtuais, por exemplo, se apresentam tanto como páginas eletrônicas de museus existentes em 'meio físico', quanto como museus criados exclusivamente na Internet. "Esta ambiguidade mostra-nos a ausência de bases conceituais na construção destes espaços, tanto no que diz respeito ao entendimento do que seja Museu, quanto ao que venha ser virtual" (Magaldi, 2020, p. 12).

O impacto das tecnologias emergentes no campo museológico transforma as formas de mediação cultural, proporcionando novas maneiras de interagir com os acervos e de experienciar as exposições. A implementação de realidade aumentada e virtual não apenas expande os limites físicos do Museu, mas também exige uma adaptação constante das práticas museológicas tradicionais. Essa transição para o digital propõe desafios, mas também oferece oportunidades significativas para repensar a função do Museu na sociedade contemporânea, conectando públicos diversos por meio de experiências *online*.

A memorialização digital tem se mostrado uma das áreas mais férteis para o desenvolvimento da Netnomuseologia. Através das plataformas digitais, como os sites de redes sociais e blogs, os museus não apenas preservam, mas também constroem narrativas sobre o patrimônio. Essas narrativas digitais são muitas vezes criadas de forma colaborativa, com o público participando da construção de significados a partir de suas próprias experiências e perspectivas (Fitzpatrick, 2017).

O uso de *hashtags* em redes sociais, por exemplo, permite que objetos ou eventos históricos ganhem novas camadas de interpretação, à medida que os usuários compartilham suas experiências e reflexões. Ao mesmo tempo, as redes sociais funcionam como espaços de memorialização coletiva, onde a Memória e a história são constantemente reconfiguradas a partir da interação social. Esse processo é especialmente relevante em contextos de CiberLuto, como tem sido observado durante a pandemia de COVID-19, onde o uso de plataformas digitais se tornou uma forma de preservar e compartilhar a Memória das vítimas (Chaves, 2024).

A Netnomuseologia, ao integrar as perspectivas da Museologia tradicional com as inovações trazidas pela digitalização e pela internet, propõe uma abordagem teórica e metodológica que se adapta às novas realidades tecnológicas. Ao analisar as interações digitais, a preservação do patrimônio no ambiente virtual e as novas formas de mediação e participação, a Netnomuseologia se afirma como uma área emergente e relevante para a prática museológica contemporânea. Através da utilização de tecnologias como a

realidade aumentada, redes sociais e plataformas digitais, os museus não apenas ampliam seu alcance, mas também criam formas de engajamento, inclusão e reinterpretação da Memória coletiva. Assim, a Netnomuseologia não apenas acompanha as transformações no campo museológico, mas também propõe novas formas de pensar e fazer a Museologia no século XXI.

Até o momento, a Museologia ainda não desenvolveu um método específico para analisar os museus na virtualidade de forma abrangente e sistemática. Embora haja estudos sobre museus digitais, ciberespaço e novas formas de mediação tecnológica, a área carece de um instrumental metodológico próprio que possibilite investigar as dinâmicas dos museus na era digital. Essa lacuna teórica e prática reforça a necessidade de um modelo analítico capaz de examinar como eles se transformam e como essas mudanças impactam tanto as instituições quanto seus públicos.

A transição para o digital não se restringe à simples reprodução de acervos em ambientes *online*, mas implica a reformulação da maneira como os museus se relacionam com seus visitantes e como estes interagem com as coleções. Além disso, a virtualidade abre novos horizontes para a democratização do acesso ao patrimônio, ao mesmo tempo em que expõe desigualdades tecnológicas e limitações no acesso à internet e a dispositivos digitais. Assim, um método de análise adequado deve considerar tanto as potencialidades quanto os desafios dessa transformação, permitindo uma visão crítica e estruturada sobre o impacto da digitalização nas instituições museológicas.

A presente Tese propõe a construção de um modelo analítico capaz de examinar diferentes dimensões dos Museus Virtuais, incluindo a adoção de tecnologias emergentes, a dinâmica das interações online, os impactos na preservação do patrimônio e a efetividade das práticas educativas digitais. A fundamentação teórica se apoia na revisão da literatura sobre Museologia digital e Cibermuseologia, ao passo que os critérios de análise apresentados representam uma contribuição original para o entendimento das dinâmicas dos museus na virtualidade.

A transformação digital dos museus não deve ser encarada apenas como uma adaptação às novas tecnologias, mas como uma mudança estrutural na forma como essas instituições desempenham suas funções sociais. A incorporação de exposições virtuais, visitas interativas, redes sociais e outras ferramentas digitais não apenas amplia a sua presença no espaço online, mas também cria possibilidades de engajamento com o público, redefinindo a experiência museológica.

No entanto, essa transição não é isenta de desafios. A acessibilidade digital ainda não é uma realidade para todos, e muitos indivíduos permanecem excluídos dessas novas formas de interação devido a barreiras tecnológicas e socioeconômicas. A análise da

virtualidade museológica, portanto, deve considerar a inclusão digital como um fator fundamental para que o patrimônio possa ser efetivamente democratizado.

Além disso, a preservação digital dos acervos exige estratégias cuidadosas para garantir a integridade e a longevidade dos conteúdos disponibilizados. Os registros sobre o patrimônio, ao serem inseridos no ambiente virtual, passam a estar sujeitos a novas formas de consumo e interpretação, o que demanda atenção por parte das instituições para manter o rigor científico e a autenticidade das narrativas museológicas.

Apesar da importância desses aspectos, a Museologia ainda não estruturou uma metodologia consolidada para analisar criticamente a atuação dos museus na virtualidade. Até então, as pesquisas na área têm abordado fragmentos dessa questão, mas não há um modelo analítico que permita avaliar de forma sistemática o impacto das tecnologias digitais nas práticas museológicas e na experiência do visitante. O desenvolvimento de um método específico para essa análise possibilita não apenas compreender essas mudanças, mas também orientar as práticas museológicas futuras.

A Netnomuseologia, como abordagem teórica, oferece subsídios para esse processo, ao integrar as perspectivas tradicionais da Museologia com as dinâmicas contemporâneas do ciberespaço. A inovação nesse campo não se limita à incorporação de novas tecnologias, mas abrange também a redefinição dos próprios conceitos de patrimônio, Memória e participação cultural na era digital.

A necessidade de um método de análise para os museus na virtualidade reflete a crescente complexidade das interações entre patrimônio cultural, tecnologia e público. A digitalização das instituições museológicas não se limita à disponibilização de acervos online, mas envolve a reestruturação de suas práticas, exigindo uma abordagem crítica e sistemática para compreender os impactos dessa transformação.

Até então, a Museologia não desenvolveu um método específico para analisar as práticas museológicas no ambiente digital de maneira integrada. A ausência de uma estrutura metodológica clara dificulta a mensuração do impacto das inovações tecnológicas no setor museal, tornando essencial a formulação de um modelo de análise que possa preencher essa lacuna e oferecer parâmetros para estudos e aplicações futuras. O modelo analítico proposto busca contemplar múltiplas dimensões da experiência digital nos museus, desde a adoção de novas tecnologias até a forma como o público interage e aprende nesses ambientes. Ao longo desta investigação, evidencia-se que a virtualidade não apenas amplia o alcance dos museus, mas também os desafia a repensar suas metodologias e estratégias de comunicação.

Entretanto, a transição digital não pode ser analisada de forma isolada, desconsiderando as desigualdades de acesso e as limitações impostas pela exclusão digital. O desenvolvimento de iniciativas inclusivas e acessíveis deve estar no centro das

políticas museológicas para garantir que a democratização do patrimônio ocorra de forma equitativa. Dessa forma, compreender e avaliar os museus na virtualidade por meio de um método estruturado possibilita não apenas aprimorar a experiência digital, mas também fortalecer a função social dessas instituições no ambiente digital. O futuro da Museologia digital depende da capacidade dos museus de inovar, sem perder de vista os princípios de acessibilidade, preservação e engajamento público que orientam sua missão.

2.6 Inovações na análise de museus na virtualidade

A digitalização e a virtualização dos museus criaram oportunidades e desafios para as práticas museológicas, levando à necessidade de um método inovador que possa analisar as transformações que estão ocorrendo. Esse novo método deve incorporar aspectos multidimensionais, metodologias adaptativas, participação ativa do público e o impacto cultural e social da virtualidade, conforme detalhamos a seguir:

1) Abordagem multidimensional e dinâmica de aspectos do real

   Tradicionalmente, a análise de museus se concentrava em aspectos físicos e presenciais. Com a virtualidade, surgiram novos espaços de interação e preservação, como redes sociais, exposições digitais e arquivos virtuais. O método inovador deve avaliar não apenas o conteúdo desses espaços, mas também as interações sociais, as dinâmicas de rede, a participação dos públicos e os efeitos das tecnologias imersivas;

1) Metodologias digitais adaptativas

   O método proposto precisa ser flexível e adaptável à constante evolução das tecnologias digitais. Isso envolve o uso de ferramentas como análise de dados de redes sociais, rastreamento de interações, etnografia digital (Netnografia) e até mesmo o uso de inteligência artificial, para interpretar grandes volumes de dados. É essencial ainda incluir novas formas de análise visual, como a análise de imagens e vídeos, pois o formato digital privilegia os elementos audiovisuais no processo de mediação cultural.

2) Participação e cocriação

   A inovação prática do método de análise deve incorporar a participação ativa dos usuários na criação do conteúdo museológico digital. No contexto das redes sociais, os usuários contribuem diretamente para a construção do patrimônio, compartilhando histórias, fotos, vídeos e interagindo com exposições e coleções. Essa cocriação digital redefine o papel do público, que deixa de ser apenas um receptor para se tornar um colaborador ativo na definição e preservação do patrimônio. A análise da cocriação e do engajamento público é crucial para entender como as tecnologias emergentes

ampliam as possibilidades de mediação cultural e reforçam o papel do usuário como coautor das narrativas museológicas (Viana, 2016).

3) Estudo do impacto cultural e social

O método de análise também precisa abordar o impacto cultural e social das práticas museológicas no ambiente digital. Isso inclui entender como as práticas digitais podem alterar ou expandir as funções tradicionais dos museus, como a preservação do patrimônio e a construção da Memória coletiva. Deve-se ainda considerar o papel do Museu na formação de identidades e na promoção da inclusão social e cultural nos espaços virtuais.

O método de análise proposto pode ser aplicado de diversas formas, visando compreender a eficácia da virtualidade nos museus e o impacto nas interações e nas dinâmicas sociais, em áreas tais como:

Tabela 02. Áreas de aplicação do método de análise para museus na virtualidade

Área de aplicação	Descrição
Análise das interações nas redes sociais	Monitorar e analisar como os visitantes interagem com o conteúdo digital de museus nas redes sociais, identificando padrões de engajamento e formas de compartilhamento do patrimônio.
Avaliação de exposições virtuais	Observar como as exposições virtuais são percebidas e comentadas pelos públicos, coletando feedback como comentários, avaliações e interações.
Estudo da inclusão e acessibilidade digital	Avaliar o acesso às plataformas digitais por diferentes públicos, considerando a acessibilidade para pessoas com deficiência e a inclusão de comunidades marginalizadas.
Pesquisas participativas e colaborativas	Implementar pesquisas e práticas colaborativas para que os usuários contribuam para o conteúdo das exposições digitais, como vídeos, textos ou exposições participativas.
Acompanhamento das transformações no papel do Museu	Monitorar como o papel do Museu evolui, de um espaço de preservação para um local de participação ativa, acompanhando mudanças de paradigmas e o engajamento público.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A tabela apresenta acima as principais áreas de aplicação do método inovador proposto para a análise de museus na virtualidade. Ela abrange a análise das interações nas redes sociais, a avaliação de exposições virtuais, o estudo da inclusão e acessibilidade digital, as pesquisas participativas e colaborativas, e o acompanhamento das transformações no papel do Museu. Cada área descreve como o método pode ser utilizado para monitorar e avaliar a forma como os museus interagem com seus públicos no ambiente digital, considerando aspectos como engajamento, participação ativa e impacto

cultural e social. A tabela oferece uma visão prática das abordagens inovadoras necessárias para compreender o papel dos museus no cenário virtual contemporâneo.

A criação de um método de análise para museus na virtualidade não é apenas uma necessidade prática, mas também uma resposta teórica às transformações que a Museologia está vivendo. Esse método proporciona uma forma inovadora de estudar e compreender o impacto das práticas digitais sobre o patrimônio, a Memória e as funções dos museus. Ao integrar ferramentas analíticas tradicionais com abordagens digitais avançadas, o método se torna uma ponte entre o passado físico e o presente digital, oferecendo uma visão holística e inclusiva do papel dos museus na sociedade contemporânea.

A Netnomuseologia, enquanto abordagem teórica, se dedica ao estudo das interações entre museus e públicos no contexto digital, explorando as plataformas digitais, como redes sociais e exposições virtuais. Esta vertente metodológica é essencial no cenário atual, dado o impacto crescente das tecnologias digitais nas práticas museológicas e nas experiências de visitação. Assim, ao criar e implementar este método, podemos acompanhar de forma mais eficaz como os museus estão se adaptando ao ambiente digital e como essas transformações impactam a preservação, a acessibilidade e a participação cultural. A Netnomuseologia emerge como uma vertente inovadora dentro da Museologia, explorando as profundas transformações que vivenciam com a digitalização e a utilização das tecnologias emergentes. Ela se propõe a analisar como eles estão se adaptando ao novo cenário digital, no qual plataformas como *Instagram*, *YouTube* e outras redes sociais se configuram como espaços de preservação e mediação cultural, expandindo o alcance e a acessibilidade ao patrimônio.

Com o avanço da digitalização, a interação com o patrimônio é repensada, permitindo novas formas de engajamento por meio de tecnologias como realidade aumentada (RA) e realidade virtual (RV), que oferecem experiências imersivas e dinâmicas aos usuários. Tais tecnologias permitem que os visitantes não apenas observem, mas também experimentem o patrimônio de maneira interativa, ampliando as possibilidades de fruição cultural e estimulando um novo tipo de relacionamento entre o público e os objetos ou acervos museológicos.

Além disso, a participação dos públicos nas plataformas digitais se torna um aspecto crucial da Netnomuseologia. A cocriação de conteúdo, as interações nas exposições virtuais e a produção colaborativa de narrativas museológicas revelam como os usuários estão se tornando coautores das experiências culturais. Esse fenômeno transforma a maneira como o patrimônio é vivido e compartilhado, refletindo uma mudança na própria definição de Museu, que cada vez mais se revela como um lugar de construção coletiva de Memória e identidade cultural.

No entanto, apesar das inovações tecnológicas, a Netnomuseologia também reconhece os desafios persistentes relacionados à inclusão digital e à acessibilidade. A transição para o ambiente digital exige adaptações que garantam que diferentes públicos, incluindo aqueles com deficiências ou em contextos de exclusão, possam acessar e vivenciar o patrimônio de maneira equitativa. A criação de interfaces acessíveis e a adaptação de conteúdo para diferentes necessidades são questões centrais, que ainda precisam ser enfrentadas de maneira mais eficaz.

Outro aspecto importante diz respeito à transformação da função educativa dos museus. Com o uso crescente de *webinars,* cursos *online*, *podcasts* e materiais multimídia, os museus estão expandindo suas estratégias de ensino, proporcionando educação contínua e acessível para uma audiência global. Esses recursos não apenas democratizam o acesso ao conhecimento, mas também reconfiguram a relação tradicional entre educador e público, ao tornar a aprendizagem mais flexível e adaptável às necessidades individuais dos visitantes.

Por fim, a análise das interações nas redes sociais e das comunidades digitais que emergem em torno dos museus desempenha um papel fundamental na compreensão de como o patrimônio é reinterpretado e como a Memória coletiva é construída no ambiente digital. As redes sociais não são apenas ferramentas de promoção, mas espaços de discussão, reflexão e negociação cultural, onde as Memórias são compartilhadas, desafiadas e ressignificadas constantemente. Com isso, a Netnomuseologia oferece uma abordagem crítica e abrangente para compreender as implicações culturais, sociais e pedagógicas da digitalização no campo museológico.

Em suma, a Netnomuseologia propõe uma reflexão profunda sobre como as tecnologias digitais estão remodelando as práticas tradicionais de preservação, educação e interação nos museus, e como essas mudanças podem contribuir para democratizar o acesso à cultura, promover a inclusão e enriquecer as experiências dos visitantes. Ao integrar os conceitos da Museologia com as inovações tecnológicas, esse âmbito emergente permite uma compreensão mais holística do papel dos museus na sociedade contemporânea, destacando seu potencial transformador na era digital.

CAPÍTULO 3

MEMÓRIA VIRTUAL: ESPAÇOS *ONLINE* PARA LEMBRAR

3.1 Memorialização digital

A análise dos fenômenos de memorialização do CiberLuto evidencia uma transformação significativa nas práticas de Luto na contemporaneidade, especialmente à luz das interações facilitadas pelas redes sociais. Em primeiro lugar, é crucial reconhecer que a tecnologia desempenha um papel central na forma como a morte e a Memória são abordadas na sociedade atual. Ao se manifestar na virtualidade, o Luto transcende as limitações físicas dos memoriais tradicionais, que permite a indivíduos de diferentes contextos compartilharem experiências e emoções de maneira coletiva e acessível. Isso promove a democratização do expressar do Luto: a voz de muitos pode ser ouvida e valorizada.

Os memoriais digitais, como observam Haney, Leimer e Lowery (1997), se configuram como espaços que não apenas registram a perda, mas também funcionam como diários de vivências e ambientes interativos, onde as interações sociais desempenham um papel crucial na elaboração do Luto. Essa dinâmica reflete uma mudança paradigmática em relação ao entendimento de Memória e memorialização. Ao invés de serem relegados a narrativas oficiais e institucionalizadas, os memoriais online permitem que as emoções individuais sejam expressas de forma fluida e criativa. Isso se traduz em uma variedade de formas de expressão – desde postagens simples até elaborados tributos visuais, vídeos e colagens – que capturam a complexidade da experiência humana diante da perda.

A diferenciação entre memoriais físicos e digitais é uma questão relevante no estudo da memorialização contemporânea, refletindo as transformações na maneira como a sociedade lida com o Luto e a perda. Os memoriais tradicionais, por sua natureza, costumam ser caracterizados por uma estrutura formal e fixa, frequentemente associados a narrativas históricas e a um contexto cultural que impõe limites à flexibilidade de suas representações. Esses espaços, muitas vezes institucionais, tendem a seguir padrões rígidos de preservação da Memória, tendo como foco a cerimônia e a solenidade.

Por outro lado, os memoriais digitais oferecem uma abordagem mais dinâmica e adaptável. Essa flexibilidade permite que os enlutados possam construir memorializações que atendam às suas necessidades emocionais imediatas, sem as restrições impostas pelas formas tradicionais. Em plataformas digitais, as Memórias podem ser moldadas de acordo com os sentimentos e experiências pessoais de cada indivíduo, proporcionando um espaço de suporte emocional que, muitas vezes, não é facilmente acessível nos memoriais físicos. A capacidade de interagir com outros indivíduos também se configura como um diferencial significativo. As interações virtuais, como comentários, compartilhamentos e até mesmo a colaboração na criação de memoriais coletivos,

promovem um senso de comunidade e pertencimento. Esse apoio mútuo, que pode se manifestar de diversas formas, reforça a ideia de que as plataformas digitais são capazes de oferecer uma rede de suporte emocional mais imediata e acessível, criando um ambiente de consolação e conexão entre os indivíduos.

Essa evolução dos processos de memorialização *online*, portanto, sugere que a relação da sociedade com a morte e o Luto está em um processo de contínua transformação. A virtualidade não apenas redefine o espaço onde o Luto é vivido, mas também desafia as normas e as tradições que tradicionalmente regem a experiência da morte. A transição para o ambiente digital questiona as formas convencionais de memorialização, oferecendo uma nova linguagem para a expressão da dor e da perda. Neste contexto, as práticas de memorialização digital não são apenas um reflexo das dinâmicas culturais contemporâneas, mas também uma resposta às necessidades emocionais e sociais da atualidade.

Através dessas plataformas, a tecnologia se afirma como uma aliada na construção de laços emocionais e na preservação da Memória, promovendo uma forma de Luto mais conectada com as novas formas de interação social. Em um mundo cada vez mais interconectado, as tecnologias digitais possibilitam que as pessoas compartilhem suas vivências de perda de maneira mais expansiva e personalizada, ao mesmo tempo em que preservam a Memória de forma mais democrática e acessível. A inovação das memorializações digitais, portanto, abre novos horizontes para a compreensão da morte, do Luto e da preservação da Memória, oferecendo um espaço no qual o sofrimento e a perda podem ser enfrentados de forma mais colaborativa e significativa.

Esta prática democratiza o processo de memorialização, permite que histórias e vivências que poderiam ser marginalizadas nos espaços institucionais tradicionais encontrem visibilidade e reconhecimento. Os ambientes de interação e manifestação social online, por outro lado, aproximam-se dos memoriais espontâneos, efêmeros ou temporários descritos por Haney, Leimer e Lowery. São espaços digitais que podem ter origem em resposta a eventos específicos, como tragédias ou celebrações, e que permitem o expressar imediato, individual ou coletivo, das Memórias e emoções.

Considerar as manifestações de Luto e memorialização no ambiente digital como fenômenos de Memória é um passo importante para compreender como a tecnologia influencia a forma como lidamos com a perda e a construção de significados associados a ela. No contexto da cibercultura, essas manifestações emergem como respostas dinâmicas e interativas aos desafios emocionais da vida, permitindo uma reconfiguração da experiência do Luto. Os fenômenos de Memória *online* não se restringem a um simples ato de lembrar; são incorporados a uma dimensão social fundamental para a compreensão do Luto na contemporaneidade. Por meio de plataformas como o *Instagram*, indivíduos

podem criar espaços coletivos de lembrança onde compartilham histórias, imagens e sentimentos que permite à Memória do falecido tornar-se uma construção coletiva. Esse processo não apenas válida a dor individual, mas também a conecta a uma rede mais ampla de suporte emocional e compreensão. A efemeridade e a natureza mutável das expressões de Luto digital refletem características centrais da realidade contemporânea, onde as Memórias e as experiências são continuamente reinterpretadas conforme novas informações e vivências surgem. Diferentemente dos memoriais físicos, que são comumente permanentes e fixos, os espaços digitais oferecem a flexibilidade de adaptação, permitindo que as Memórias se ajustem e evoluam conforme as relações e percepções se transformam ao longo do tempo. Essa fluidez é particularmente significativa, pois reconhece que o Luto não segue um caminho linear, mas é uma jornada complexa que envolve momentos de tristeza, reflexão, celebração e, muitas vezes, transformação.

Além disso, as interações nos ambientes digitais proporcionam um engajamento ativo e colaborativo, no qual a contribuição de diferentes usuários auxilia no desenvolvimento de uma narrativa coletiva. Esse processo permite a inserção de múltiplas vozes e perspectivas, que antes poderiam ser marginalizadas em memorializações mais tradicionais. Assim, as manifestações de Luto no ambiente virtual não se limitam a ser apenas atos de recordação, mas também se configuram como formas de resistência e resiliência. Nesse contexto, indivíduos e comunidades têm a oportunidade de encontrar sentido e conexão, mesmo em meio à dor, reforçando a ideia de que o Luto é um fenômeno social e coletivo, onde o compartilhamento de experiências pode facilitar o processo de cura.

Por fim, ao se considerar essas manifestações como fenômenos de Memória, é possível reconhecer a capacidade única dos ambientes digitais de não apenas preservar a Memória, mas também fomentar sua transformação contínua. Nesse sentido, as práticas de memorialização *online* ampliam a compreensão do Luto na era digital, destacando sua relevância como componentes essenciais da experiência humana contemporânea. Em vez de serem apenas registros do passado, esses memoriais digitais oferecem um espaço dinâmico de expressão, onde o Luto, a dor e a perda se tornam elementos interativos e colaborativos, profundamente conectados ao contexto digital atual.

A efemeridade no ambiente virtual refere-se à natureza transitória e fugaz das informações, conteúdos e interações digitais. Diferente de objetos físicos ou mesmo de registros tradicionais, que podem ser preservados por longos períodos, os elementos digitais estão sujeitos a rápidas mudanças, obsolescência tecnológica e até mesmo ao desaparecimento de conteúdo ou plataformas. Essa característica efêmera torna-se um

aspecto central das interações na cibercultura, onde o efêmero pode representar tanto a rapidez da comunicação quanto a volatilidade da Memória digital.

No contexto da Memória digital e do Luto, a efemeridade se refere ao caráter temporário das expressões de dor, lembrança ou homenagem. Nos espaços virtuais, como redes sociais, as manifestações de Luto podem desaparecer rapidamente, sendo substituídas por novas postagens e interações, o que contrasta com a permanência dos memoriais físicos, tradicionalmente mais fixos e duradouros.

O conceito de efemeridade foi abordado por vários estudiosos da cibercultura e da comunicação digital. Pierre Lévy, um dos principais pensadores da cibercultura, aponta que as redes digitais, por sua própria natureza, oferecem um espaço de fluidez e transitoriedade, em que a Memória e as informações estão em constante movimento e transformação. Segundo Lévy (1999), o mundo digital é caracterizado pela velocidade e pela mudança constante, o que pode levar à perda de conteúdos importantes, mas também favorece a criação de novas formas de expressão e troca cultural. Outros estudiosos, como Van Dijck (2013), argumentam que, nas redes sociais, a efemeridade não se limita apenas à transitoriedade dos conteúdos, mas também à própria ideia de identidade digital. Ela é construída e desconstruída constantemente, com as pessoas criando e apagando perfis, postagens e interações de maneira instantânea e contínua.

A efemeridade digital, portanto, tem implicações não apenas para o consumo de informações, mas também para as práticas de memorialização e Luto. Enquanto nos memoriais físicos o processo de recordação pode ser mais estático e duradouro, no espaço virtual a Memória se torna dinâmica e sujeita a modificações constantes. A dinâmica participativa nos ambientes digitais tem provocado uma transformação profunda na forma como as práticas de memorialização se desenrolam na contemporaneidade. Ao contrário de um processo passivo de consumo de informações, característico das formas tradicionais de lembrar, a memorialização online configura-se como uma experiência ativa de criação, expressão e compartilhamento. Nesse novo contexto, os indivíduos não se limitam a rememorar eventos ou pessoas, mas também participam ativamente na construção de narrativas coletivas e na elaboração de Memória social, em tempo real. Essa transição de um memorial passivo para um ativo desafia as concepções tradicionais de Memória, questionando as fronteiras entre o formal e o informal, bem como as distinções entre o institucional e o pessoal.

Os fenômenos memorialísticos digitais expandem de maneira significativa as possibilidades de como eventos e pessoas podem ser lembradas e celebradas, permitindo que elementos de memoriais tradicionais se mesclem com práticas mais informais, como a escrita de diários digitais ou interações sociais cotidianas. Esta hibridização cria espaços de Memória que refletem a complexidade da experiência humana na era digital. No

ambiente virtual, as Memórias tornam-se fluidas e dinâmicas, pois os usuários interagem de maneira contínua e colaborativa, contribuindo para a construção de uma Memória coletiva que é simultaneamente individual e coletiva, pessoal e pública. Este processo resulta na criação de memoriais híbridos, que englobam as diversas dimensões da vida cotidiana e, ao mesmo tempo, incorporam o Luto e a perda de uma maneira singularmente inclusiva e interativa.

Além disso, esses novos espaços de memorialização do CiberLuto desempenham um papel crucial na preservação e amplificação das Memórias individuais. Ao registrar e compartilhar histórias pessoais, experiências e legados de pessoas falecidas, eles ajudam a construir um patrimônio digital que transcende as fronteiras temporais e espaciais. O CiberLuto, ao se manifestar nesses ambientes, não apenas preserva as Memórias dos indivíduos que partiram, mas também contribui para o fortalecimento da Memória coletiva, permitindo que essas histórias sejam acessadas por futuras gerações. A Memória digital, nesse contexto, adquire um caráter intergeracional, uma vez que é possível revisitar e reinterpretar os legados de diferentes épocas e contextos, mantendo-os vivos no domínio público, à disposição das novas gerações.

A crescente interatividade e o caráter colaborativo desses espaços digitais também oferecem uma forma de resistência ao esquecimento, ao proporcionar uma visibilidade e um alcance duradouro das Memórias que, em outras condições, poderiam ser rapidamente apagadas. As plataformas digitais permitem que a Memória, antes restrita a um círculo limitado de pessoas ou a uma esfera geograficamente delimitada, se espalhe globalmente, criando redes de apoio e coletividade que ultrapassam as limitações físicas. Em um cenário onde as interações se tornam cada vez mais interconectadas e se desenvolvem em rede, as Memórias compartilhadas não se limitam a pequenos grupos, mas ganham a capacidade de se transformar em patrimônio digital coletivo, acessível a qualquer momento e de qualquer lugar.

Portanto, a transformação das práticas de memorialização na era digital oferece novas perspectivas sobre o Luto, a Memória e a preservação cultural. A capacidade de gerar e compartilhar Memórias de forma ativa e colaborativa redefine o processo memorialístico, ao mesmo tempo em que fortalece a continuidade da Memória humana além das fronteiras temporais e espaciais, estabelecendo um legado digital que perdura e transcende o efêmero.

Os fenômenos memorialísticos *online*, ao integrar elementos de memoriais tradicionais, práticas de diário e interações sociais cotidianas, geram espaços híbridos que refletem a complexidade e a diversidade das experiências humanas na era digital. Esses ambientes digitais vão além de simples repositórios de Memórias; eles se configuram como locais dinâmicos e interativos, onde as histórias de vida são não apenas

preservadas, mas também recontadas, reinterpretadas e celebradas de maneiras novas e inovadoras. Por meio dessa reinterpretação contínua, os indivíduos têm a oportunidade de expressar suas emoções, conexões e vivências de forma mais significativa e personalizada, rompendo com a rigidez e a formalidade dos memoriais tradicionais.

Essa interatividade, característica essencial dos ambientes digitais, contribui significativamente para o enriquecimento da Memória individual, permitindo que as Memórias pessoais se entrelacem e se ampliem dentro de um contexto coletivo. No espaço virtual, as histórias não são mais narrativas isoladas, mas sim partes integrantes de uma Memória coletiva que vai sendo construída por meio da contribuição ativa de diversos indivíduos. Cada voz que se expressa nesses espaços *online* acrescenta uma camada ao mosaico narrativo global, representando a pluralidade de experiências humanas. A interação social e a possibilidade de compartilhamento constante de histórias pessoais e coletivas permitem que o processo memorial se torne mais inclusivo e diversificado, refletindo as múltiplas facetas da vida e da perda.

Dessa forma, a construção da Memória coletiva nos ambientes digitais não apenas preserva as lembranças de indivíduos e comunidades, mas também permite que essas Memórias sejam vividas, modificadas e compartilhadas em tempo real. A interatividade, característica fundamental das plataformas digitais, promove uma relação mais próxima entre os indivíduos e suas próprias histórias, ao mesmo tempo em que facilita a integração dessas histórias em um contexto social mais amplo. Ao se entrelaçarem em uma rede narrativa, as Memórias digitais se tornam um reflexo da complexidade humana, ampliando a compreensão da Memória como um fenômeno vivo e coletivo que transcende as barreiras do tempo e do espaço.

Além disso, os novos espaços de memorialização do CiberLuto exercem um impacto profundo na construção do legado digital das pessoas que partiram. Ao preservar as histórias e experiências de indivíduos falecidos, as plataformas ajudam a criar um patrimônio memorial que transcende as limitações físicas e temporais dos memoriais tradicionais. O legado digital construído nesse ambiente não é apenas um registro estático; é dinâmico e acessível, permitindo que futuras gerações explorem e se conectem com as Memórias de seus antecessores. Assim, as experiências de Luto e recordação se tornam uma herança compartilhada que engrandece a cultura e a identidade coletiva.

A abordagem ampliada da memorialização não só desafia as convenções estabelecidas, mas também reflete uma mudança cultural mais ampla na forma como a sociedade contemporânea lida com a morte e o Luto. À medida que as tecnologias da informação e da comunicação evoluem, as práticas de Memória se adaptam, proporcionando novas oportunidades para a expressão do Luto e a construção de

significados. Essa adaptação é primordial em um mundo onde a interconexão e a virtualidade desempenham papéis cada vez mais centrais nas interações sociais.

Em suma, a dinâmica participativa da memorialização *online* transforma, para além do modo de lembrar e comemorar eventos e pessoas, também o próprio conceito de Memória na era digital. Ao desafiar as fronteiras entre diferentes formas de memorialização, esses fenômenos ampliam as possibilidades de conexão emocional e expressão, permitindo que a Memória coletiva seja não apenas preservada, mas também continuamente reimaginada e vivenciada.

A origem desses espaços de memorialização *online* destaca a evolução das práticas de Luto e a adaptação da sociedade às transformações tecnológicas. Esses espaços não substituem os rituais tradicionais de Luto, mas os complementam, oferecendo novas formas de expressão e conexão em um contexto digital. Em conclusão, o surgimento dos memoriais do CiberLuto representa uma mudança importante na forma de lidar com a morte e o Luto na Era Digital, influenciando positivamente a maneira de se relacionar com a morte e de construir a narrativa de vida e morte no mundo virtual.

É indispensável considerar os desafios éticos e emocionais associados aos memoriais do CiberLuto. Questões relacionadas à privacidade, segurança digital e gestão de conteúdo sensível são temas de debate e preocupação nesse contexto.

3.2 Perfil do *Instagram* Póstumo *Online*

O fenômeno dos memoriais póstumos *online* está profundamente ligado à digitalização dos rituais de Luto, especialmente em uma sociedade na qual a virtualidade ocupa função central no cotidiano. Esses espaços digitais, como grupos em redes sociais e sites especializados, não apenas preservam Memórias individuais, mas também facilitam a construção coletiva de uma Memória que ultrapassa fronteiras físicas e temporais. Postagens de comentários e interações podem revelar uma rede de solidariedade e empatia, em que emojis e mensagens de apoio atuam como substitutos virtuais para os rituais presenciais de Luto, incorporando símbolos tradicionais, como flores, ao ambiente digital. Esses gestos, simples como o uso de emojis, exemplificam a adaptação cultural e emocional dos rituais de Luto à realidade virtual. O crescimento dos memoriais póstumos *online* evidencia uma profunda transformação nos modos de viver e expressar o Luto na contemporaneidade. Em sociedades hiperconectadas, nas quais a experiência cotidiana se entrelaça com plataformas digitais, o Luto deixa de ser exclusivamente um fenômeno privado para se tornar também uma prática pública mediada por redes de sociabilidade digital. Como observa Baym (2015), a comunicação mediada

por computador não substitui a experiência humana, mas a reorganiza, produzindo novas formas de vínculo e presença.

Nessa paisagem digital, os memoriais *online* configuram-se como espaços onde a ausência é renegociada pela presença simbólica, sustentada pela circulação contínua de imagens, textos e interações. Hoskins (2011) argumenta que vivemos em um regime de "midiação profunda da Memória", no qual lembrar e registrar se tornam atos inseparáveis das infraestruturas tecnológicas. Assim, o memorial digital emerge como um local onde a Memória não é apenas preservada, mas continuamente ativada.

A participação coletiva nesses espaços confirma que o Luto digital não é apenas expressão emocional, mas prática social. Walter (1994) já afirmava que os rituais de morte tendem a se adaptar às estruturas comunicacionais de cada época. Hoje, plataformas como Instagram, Facebook e sites comemorativos funcionam como arenas públicas de elaboração simbólica da perda, substituindo – ou complementando – os rituais presenciais. A lógica da conectividade, segundo Castells (2009), fortalece vínculos sociais que não dependem de proximidade física, mas de redes emocionais e comunicacionais estendidas. Nos memoriais *online*, esses vínculos são reforçados pelo engajamento de comunidades que se mobilizam para apoiar familiares e amigos, produzindo uma solidariedade distribuída que se manifesta por meio de curtidas, comentários, compartilhamentos e *hashtags* memoriais.

Nesse contexto, o uso de emojis como unidades simbólicas do Luto representa uma nova camada de ritualização. Santaella (2013) aponta que a comunicação digital adota gramáticas próprias, nas quais elementos visuais substituem, complementam ou intensificam a linguagem verbal. Quando internautas utilizam emojis de flores, corações ou velas em memoriais póstumos, recriam simbolicamente gestos ancestrais de homenagem. Esses gestos digitais são fundamentais para compreender a transposição cultural dos ritos de Luto. Para Turkle (2011), os ambientes digitais transformam o modo como nos relacionamos com ausência, presença e continuidade. O emoji torna-se, assim, um artefato cultural que carrega afetos condensados, operando como gesto ritual adaptado à lógica do ambiente virtual.

Ao mesmo tempo, a dimensão temporal do Luto passa a ser redefinida pelas plataformas. Enquanto memoriais materiais possuem limites espaciais e temporais, os memoriais digitais permanecem acessíveis indefinidamente. Kasket (2012) demonstra que essa continuidade pode produzir uma forma híbrida de presença, em que a pessoa falecida mantém um papel ativo na vida dos vivos, mediada pelo algoritmo que reexibe lembranças automaticamente.

A ausência torna-se, assim, performada digitalmente. O que Barthes (1984) descrevia como o "*punctum*" da fotografia – o detalhe que fere e emociona – reaparece

nos memoriais *online* como força afetiva reativada pelo compartilhamento constante de imagens. O memorial torna-se espaço onde os vivos negociam sua relação com o tempo, com a saudade e com a reconstrução de sentido. Isso implica compreender os memoriais digitais como formas emergentes de patrimonialização afetiva. Dijck (2013) afirma que a Memória nas redes sociais é um processo coletivo, moldado por interações e reações que produzem significados compartilhados. Logo, os memoriais póstumos não são apenas arquivos estáticos, mas estruturas narrativas vivas, em contínua construção.

A dinâmica colaborativa desses espaços também revela uma ecologia afetiva ampliada. Haney, Leimer e Lowery (1997) argumentam que memoriais espontâneos, mesmo antes da internet, já operavam como espaços comunitários de reconstrução emocional. No ambiente digital essa lógica se intensifica, pois os internautas podem contribuir com mensagens, fotografias e relatos, independentemente da distância geográfica. A participação constante nesses memoriais indica que os rituais de Luto vêm se transformando em práticas contínuas, não mais restritas ao momento da perda. Como afirma Assmann (2011), a Memória cultural se sustenta pela repetição, atualização e circulação simbólica. Nos memoriais *online*, essa atualização ocorre diariamente, reativando o morto na experiência social dos vivos.

A persistência desses espaços também desafia as fronteiras entre público e privado. Turkle (1997) já observava que a internet dissolve categorias tradicionais de identidade e intimidade. O memorial digital torna pública uma experiência antes intimista, permitindo que estranhos se tornem co-participantes do processo de Luto, ampliando a comunidade emocional envolvida.

A exposição contínua do memorial, porém, também implica tensões éticas. Manovich (2001) lembra que toda imagem digital está sujeita a circulação, recorte e reinterpretação. Assim, memoriais *online* podem ser apropriados por algoritmos, por mídias ou por outros usuários, gerando tanto acolhimento quanto vulnerabilidades. Ainda assim, o que se destaca é o potencial dessas plataformas como espaços de cuidado e de presença simbólica. O'Brien e O'Brien (2018) defendem que a continuidade digital ajuda enlutados a reorganizar sua relação com o morto, oferecendo suportes emocionais que se renovam a cada interação. A repetição dos gestos digitais – comentar, reagir, enviar emojis – reitera a permanência da relação afetiva.

Assim, os memoriais póstumos *online* não apenas reproduzem rituais tradicionais; eles os reinventam. Ao incorporar elementos como emojis, interações assíncronas e circulação global, os rituais digitais tornam-se expressões contemporâneas do desejo humano de lembrar, homenagear e manter vínculos. São, portanto, práticas culturais significativas que revelam o modo como tecnologia, afeto e Memória se entrelaçam na construção de novas paisagens do Luto.

O Luto é um processo emocional e psicológico que ocorre em resposta à perda de um ente querido. Segundo Kübler-Ross (1969), envolve uma série de estágios que incluem a negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Essa definição clássica do Luto como um processo em cinco etapas foi amplamente discutida e utilizada para entender a complexidade das reações emocionais à perda. A autora enfatiza que cada indivíduo pode experienciar esses estágios de maneira única e não necessariamente em uma ordem linear.

3.3 Luto digital e redes sociais

Com o advento das tecnologias digitais e das redes sociais, o conceito de Luto passou a incluir novas dimensões, especialmente no que diz respeito à memorialização *online*. O Luto *online* é descrito como um processo que ocorre nas plataformas digitais, permitindo que os indivíduos expressem suas emoções e recordações de forma pública e colaborativa. Como afirmam Doughty e Pires (2016), ele “se manifesta em espaços virtuais, onde os usuários compartilham Memórias, sentimentos e narrativas sobre os falecidos, criando uma nova forma de lidar com a dor da perda”. Essa nova forma de Luto é caracterizada pela interatividade e pela possibilidade de construir Memórias coletivas em um ambiente digital, que complementa as formais tradições de Luto. O Luto digital tem se consolidado como uma categoria essencial para compreender os modos contemporâneos de elaborar a morte em uma sociedade hiperconectada. As redes sociais transformaram-se em ambientes onde a ausência pode ser continuamente reinscrita no cotidiano dos vivos. Para Gibson (2019), o espaço digital funciona como um “território de presença residual”, no qual rastros, imagens e interações anteriores ao falecimento permanecem acessíveis e suscetíveis à reapropriação emocional.

Brubaker, Hayes e Dourish (2013) destacam que os perfis digitais se convertem em “objetos de interação póstuma”, permitindo que a relação com o falecido seja estendida no tempo. Essa continuidade possibilita conversas, comentários e homenagens que atribuem novo sentido ao vínculo, ainda que mediado pelo algoritmo e pelas dinâmicas de circulação próprias das plataformas.

Nas redes sociais, o Luto torna-se fenômeno público e performativo. Marwick e Ellison (2012) observam que essas plataformas ampliam a visibilidade das emoções, criando um ambiente onde o sofrimento pode ser compartilhado e validado socialmente. A expressão do Luto deixa de ser enclausurada no espaço doméstico, transformando-se em narrativa coletiva construída por amigos, familiares e até desconhecidos.

Além disso, a materialidade digital das lembranças desempenha papel fundamental no modo como o Luto é vivido. Carroll e Landry (2010) explicam que fotografias, vídeos e

publicações anteriores à morte funcionam como “gatilhos de Memória”, capazes de reativar vínculos por meio de uma estética afetiva própria das redes. Esses elementos formam uma espécie de arquivo emocional distribuído, continuamente acessado pelos enlutados.

O fenômeno também revela novas formas de ritualização. Brice (2018) argumenta que a interação digital - postar mensagens, acender velas virtuais ou compartilhar tributos - cria rituais personalizados que substituem ou complementam cerimônias presenciais. Essas práticas não apenas atualizam tradições de Luto, mas as reinterpretam de acordo com o imaginário digital contemporâneo.

O caráter comunitário das redes sociais é outro elemento central para compreender o Luto digital. Pennington (2020) afirma que os grupos e páginas memoriais constituem “comunidades de cuidado”, onde pessoas atravessando experiências semelhantes encontram apoio emocional. O compartilhamento de histórias, dores e lembranças cria uma rede de solidariedade que supera barreiras geográficas e temporais.

Entretanto, a arquitetura algorítmica dessas plataformas pode intensificar ou dificultar o processo de Luto. Mikles e Evans (2017) observam que notificações automáticas, lembranças geradas pelo sistema e reaparições de posts antigos podem reabrir feridas emocionais inesperadamente. O Luto digital, portanto, está submetido a dinâmicas que escapam ao controle do usuário, criando uma temporalidade fragmentada e imprevisível.

Essa ambiguidade revela que o ambiente digital não é apenas um espaço de expressão, mas também um campo de disputa por visibilidade e Memória. Stokes (2021) demonstra que conflitos e negociações ocorrem quando diferentes grupos tentam definir o legado digital de alguém falecido. As redes sociais tornam-se arenas onde o sentido da vida e da morte é constantemente reconstruído.

O Luto digital também tem implicações éticas relevantes. Franceschi (2020) discute que questões de privacidade, administração de contas e controle sobre o material publicado tornam-se centrais para o manejo da Memória *online*. A gestão de perfis póstumos exige cuidados que ultrapassam o âmbito técnico e alcançam dimensões morais, jurídicas e afetivas.

Em síntese, o Luto digital representa uma transformação profunda nas práticas memoriais contemporâneas. As redes sociais não apenas abrigam homenagens, mas reconfiguram toda a experiência da perda ao oferecer espaços de permanência, interação e atualização constante da lembrança. Essa nova paisagem afetiva revela que, no século XXI, o Luto é também um fenômeno mediado pela tecnologia, cujas dinâmicas exigem atenção interdisciplinar para serem plenamente compreendidas.

A Memória digital, segundo O'Brien e O'Brien (2018), "permite que as pessoas mantenham vivas as Memórias de seus entes queridos, criando um legado que pode ser acessado e compartilhado por outras gerações". O Luto *online* não se limita à experiência individual, mas se transforma em uma prática social que envolve a participação de uma comunidade, possibilitando a manifestação diversificada do Luto. Segundo Doughty e Pires (2016), "a memorialização do Luto na esfera digital transforma o Luto em uma experiência coletiva, onde as pessoas podem se apoiar mutuamente e compartilhar suas narrativas de perda". Essa dinâmica amplia as possibilidades de como se pode lembrar e comemorar os falecidos, desafiando as fronteiras entre o formal e o informal, o institucional e o pessoal.

A análise desses fenômenos revela que os memoriais espontâneos, efêmeros ou temporários descritos por Haney, Leimer e Lowery (1997) têm seus paralelos no mundo digital. Esses espaços de interação social *online* podem surgir em resposta a eventos específicos, como tragédias ou celebrações, permitindo a expressão imediata de Memória e emoção. Diferentemente dos memoriais físicos, que são permanentes, os memoriais virtuais são fluidos, podendo ser alterados, removidos ou evoluir com o tempo, acompanhando a dinâmica do ambiente digital.

No cenário contemporâneo, caracterizado pela onipresença das redes sociais, os perfis póstumos emergem como espaços significativos para a construção de narrativas digitais sobre perda e elaboração do Luto. Essas contas, pertencentes a indivíduos falecidos, permanecem ativas nas plataformas digitais e desempenham um papel crucial no fenômeno memorialístico denominado CiberLuto. Nesse contexto, os perfis *post-mortem* não se limitam a servir como meros repositórios de informações: tornam-se locais dinâmicos de Memória, permitindo que familiares, amigos e admiradores compartilhem homenagens, recordações e expressões de saudade, ao mesmo tempo em que mantêm uma conexão simbólica e emocional com os falecidos.

O fenômeno do CiberLuto se manifesta de forma distinta em perfis de diferentes indivíduos, abrangendo desde pessoas anônimas até celebridades. No entanto, a análise de perfis de figuras públicas oferece uma perspectiva mais ampla, devido ao alto volume de interações geradas. As redes sociais dessas celebridades funcionam como autênticos espaços coletivos de Memória, onde milhões de seguidores expressam sentimentos, compartilham histórias e interagem entre si, criando uma rede de apoio emocional e empatia que transcende fronteiras geográficas. Esse processo de compartilhamento e interação permite que o Luto seja vivido de forma comunitária e pública, criando um ambiente onde a dor é compartilhada e a Memória do falecido é perpetuada de forma colaborativa.

Para esta Tese a investigação focalizou a análise de perfis de figuras públicas que faleceram de forma trágica e prematura: a cantora Marília Mendonça, o apresentador Gugu Liberato e o ator Paulo Gustavo. Cada um desses perfis serve como um exemplo concreto de como as redes sociais contribuem para a continuidade simbólica dos laços sociais após a morte. Através de postagens, comentários e interações entre os seguidores, esses perfis não apenas funcionam como locais de Luto, mas também se configuram como plataformas de celebração da vida e do legado deixado pelos falecidos. A dinâmica de interações nessas plataformas fortalece a Memória coletiva e, ao mesmo tempo, redefine a maneira como o Luto é vivido na era digital, oferecendo novas formas de engajamento e expressões emocionais.

Além disso, a noção de memorialização online amplia-se a partir de uma perspectiva mais inclusiva e aberta, ao possibilitar o compartilhamento contínuo de Memórias em múltiplos formatos e linguagens, como exemplifica o projeto Memorial Inumeráveis. Voltado à preservação e à amplificação das histórias de vida de pessoas que, em geral, permanecem à margem dos registros históricos oficiais, o Memorial Inumeráveis propõe uma forma de Memória colaborativa e digital, na qual qualquer indivíduo pode contribuir para a construção e a ressignificação de narrativas de vidas comuns, frequentemente desprovidas de reconhecimento institucional. Nesse ambiente, constitui-se um espaço híbrido de Memória, no qual a dor da perda e a celebração da vida coexistem, produzindo uma tessitura afetiva que articula lembrança, homenagem e participação coletiva. Ao valorizar trajetórias ordinárias e afetos compartilhados, o projeto evidencia como as plataformas digitais podem atuar como dispositivos de musealização do Luto, fortalecendo simultaneamente as dimensões da Memória individual e da Memória coletiva. Experiências semelhantes podem ser observadas em projetos como *Resting Reef* e *Leaving and Waving*, que, por meio de diferentes estratégias estéticas e narrativas, também exploram a construção de memoriais digitais e a elaboração simbólica da ausência em ambientes virtuais.

O perfil de Marília Mendonça, por exemplo, reflete o impacto de sua morte precoce e a forte conexão emocional que seus fãs mantêm com sua obra e personalidade. Já o perfil de Gugu Liberato, um ícone da televisão brasileira, serve como um local de recordação nostálgica, onde seguidores compartilham histórias pessoais que ilustram o impacto cultural de sua carreira. Por sua vez, o perfil de Paulo Gustavo destaca a importância de sua representatividade no cenário artístico e social, especialmente no contexto de sua luta contra a COVID-19, que sensibilizou milhões de brasileiros.

Esses exemplos revelam que o CiberLuto, enquanto prática memorialística, representa uma adaptação das dinâmicas do Luto às condições do ambiente digital. Ao transformar perfis em memoriais virtuais, as redes sociais oferecem um espaço dinâmico

para a expressão de sentimentos e a preservação da Memória, compensando as limitações das interações físicas impostas por situações como o isolamento social durante a pandemia de COVID-19.

A análise desses perfis busca compreender como as plataformas digitais moldam as práticas de Luto e Memória na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que contribuem para a continuidade dos laços sociais. Assim, o estudo dos perfis póstumos de Marília Mendonça, Gugu Liberato e Paulo Gustavo permite explorar a interseção entre Memória, cultura e tecnologia, oferecendo uma perspectiva ampliada sobre os processos de Luto na era digital.

A escolha dos perfis dessas três celebridades para esta pesquisa de Tese foi fundamentada em critérios que destacam a relevância social, cultural e emocional dessas figuras públicas no imaginário coletivo brasileiro. Cada um deles representa um caso emblemático de como o CiberLuto e a Memória digital se manifestam no contexto da midiatização da morte, oferecendo uma rica base para análise devido à magnitude de suas interações e ao impacto de suas perdas. A seleção se justifica, portanto, pela abrangência de suas influências e pelo impacto que suas mortes tiveram na sociedade brasileira. A análise desses casos permitiu explorar como as plataformas digitais atuam na perpetuação de Memórias, na construção de narrativas sobre perda e na continuidade dos laços sociais no ambiente virtual.

Além disso, a popularidade dessas figuras proporciona dados robustos para compreender o fenômeno do CiberLuto e suas nuances, evidenciando como o Luto coletivo e a Memória são mediados, hoje, no meio digital. Nesta mesma linha também se insere o projeto Memorial Inumeráveis, que busca preservar as Memórias de pessoas que, apesar de sua importância social, não foram amplamente reconhecidas pela história convencional. A inclusão de memorialistas anônimos ou menos visíveis neste tipo de análise amplia a compreensão do fenômeno do Luto digital, mostrando que a memorialização não se restringe a figuras públicas, mas também a indivíduos cujas histórias e legados são compartilhados coletivamente através de plataformas digitais.

A análise conjunta dos perfis de Marília Mendonça, Gugu Liberato e Paulo Gustavo, em diálogo com o Memorial Inumeráveis, evidencia um deslocamento profundo das práticas de Luto e de recordação para o ambiente digital, no qual a Memória coletiva passa a ser coconstruída em plataformas corporativas e fluxos algorítmicos. À luz de Halbwachs, a Memória coletiva é sempre “situada em quadros sociais” que orientam o ato de lembrar e o esquecer (Halbwachs, 1990), e aqui esses quadros são as interfaces do *Instagram* e de sites memoriais. O que se vê é a consolidação de novos “lugares de Memória” digitais, nos quais a morte deixa de ser apenas um evento íntimo para se tornar objeto de circulação massiva, comentário e reação pública. Judith Butler lembra que nem todas as

vidas são igualmente pranteáveis (Butler, 2004), e a forte visibilidade desses perfis de celebridades revela como a plataforma reforça hierarquias de “pranteabilidade”. Ao mesmo tempo, o Memorial Inumeráveis tensiona essa lógica ao dar nome, rosto e narrativa a pessoas comuns, deslocando a centralidade exclusiva das figuras públicas. A pesquisa evidencia, assim, um campo de disputa simbólica em torno de quem merece permanecer inscrito na Memória digital.

A comoção que se articulou em torno dessas mortes foi atravessada pela lógica da midiatização da vida e da morte. Dayan e Katz mostram como certos acontecimentos se convertem em “eventos mediáticos” que reorganizam temporariamente a atenção coletiva (Dayan; Katz, 1992), e os falecimentos de Marília, Gugu e Paulo assumem exatamente esse estatuto. Nas horas e dias subsequentes à notícia da morte ocorreu um pico abrupto de seguidores, comentários e repostagens, que transformou cada perfil em espécie de vigília contínua. Barbie Zelizer aponta que as mídias exercem papel central na construção de uma “cultura da morte em público”, na qual a perda é enquadrada, narrada e repetida (Zelizer, 2010). O *Instagram,* nesse contexto, não apenas registra o Luto, mas o coreografa, oferecendo molduras afetivas para como sentir e reagir. A pesquisa mostrou que esses “picos de atenção” não se dissipam por completo, mas sedimentam novas formas de Memória de longo prazo.

No caso de Marília Mendonça, a análise do perfil revelou um regime híbrido entre Luto e mercantilização, em que a gestão pós-morte mantém a cantora como marca ativa, enquanto os comentários a reinscrevem como presença afetiva. Achille Mbembe discute como o capitalismo contemporâneo organiza a gestão da vida e da morte em termos de visibilidade e exploração (Mbembe, 2018), e algo similar se observa na continuidade comercial da artista após o acidente. Lançamentos, parcerias e estratégias de marketing coexistem com declarações de saudade e de identificação profunda com suas músicas. Elizabeth Jelin lembra que a Memória é sempre atravessada por relações de poder, sendo “campo de disputas entre narrativas hegemônicas e contra-Memórias” (Jelin, 2002), o que permite ler esse perfil como lugar onde a indústria cultural e o Luto dos fãs se entrelaçam. A pesquisa evidenciou que esses usos comerciais não anulam o componente memorial, mas o modulam, produzindo uma ambiguidade constitutiva. O dado empírico mostra fãs que simultaneamente consomem produtos e reivindicam a permanência afetiva da artista.

A dimensão de gênero também é central na análise de Marília, cuja figura foi construída como voz do “feminejo” e das experiências afetivas de mulheres populares. Butler enfatiza que os corpos são reconhecidos como “vivíveis” e “pranteáveis” dentro de matrizes normativas (Butler, 2009), e a massiva mobilização em torno de sua morte indica

uma identificação coletiva que extrapola o *fandom*[26] tradicional. As mensagens analisadas revelaram um Luto que se misturava à gratidão por ter dado linguagem a dores amorosas e desigualdades de gênero.

Autoras latino-americanas como Rita Segato mostram como a experiência feminina é marcada por violências simbólicas persistentes (Segato, 2014), o que ajuda a compreender a potência de uma artista que falava diretamente dessas feridas. O perfil torna-se, assim, um arquivo vivo de narrativas de mulheres sobre abandono, autoafirmação e resistência. A análise apontou que o Luto digital, aqui, é também Luto de uma geração marcada por desigualdades de gênero.

Os comentários acumulados ao longo do tempo nos *posts* de Marília podem ser lidos como um arquivo participativo, no qual os fãs inscrevem relatos biográficos ligados às canções. Michael Pollak destaca que a Memória se organiza em torno de "trajetórias de vida, acontecimentos e rupturas" (Pollak, 1989), e muitas mensagens explicitam como certas músicas acompanharam separações, casamentos ou superações pessoais. Essa dimensão biográfica confere ao perfil o estatuto de um álbum coletivo, em que a trajetória da artista é constantemente reatualizada pelas histórias dos seguidores. Andreas Huyssen fala de um "*boom* da Memória" nas sociedades contemporâneas, em que o passado recente se torna objeto de consumo e culto (Huyssen, 2000), o que ajuda a compreender a intensa rememoração de shows, entrevistas e bastidores. A análise crítica mostra que o perfil opera como um dispositivo de ancoragem emocional em tempos de instabilidade social. Em vez de simples consumo passivo, observa-se um trabalho de rememoração compartilhada.

No caso de Gugu Liberato, a pesquisa evidenciou a transposição de uma Memória televisiva para uma Memória de plataforma. Huyssen argumenta que a cultura midiática tende a "musealizar o presente" (Huyssen, 2000), e as publicações póstumas que relembram quadros, momentos icônicos e bastidores reiteram essa tendência. O perfil passa a desempenhar função semelhante à de um acervo audiovisual, mas com forte dimensão participativa. O fio de comentários revela uma nostalgia marcada por referências a programas assistidos em família, domingos compartilhados e rituais televisivos domésticos. John Ellis observa que a televisão de fluxo contínuo organizava a experiência cotidiana de tempo e companhia (Ellis, 2000), e a passagem dessa Memória para o Instagram mostra a migração desses vínculos para outro regime de mídia. A análise realizada demonstrou que o perfil de Gugu atuava como dispositivo de consolidação de uma Memória geracional ligada à TV aberta.

---

[26] *Fandom* é o conjunto de pessoas que compartilham admiração, interesse ou vínculo afetivo intenso por um determinado objeto cultural, pessoa, obra, personagem, celebridade ou fenômeno midiático - como filmes, séries, músicos, jogos, influenciadores ou figuras públicas - *Wikipedia.*

A leitura das postagens pós-morte de Gugu evidenciou um investimento intencional na construção de um “legado” cuidadosamente curado, mais próximo de um memorial institucional que de um perfil espontaneamente mantido por fãs. Bolter e Grusin discutem o conceito de “remediação”, ou seja, como novos meios reconfiguram formas anteriores (Bolter; Grusin, 1999), e o que se vê é a remediação da figura do apresentador – antes organizada pela grade televisiva, agora pela lógica do *feed*. A equipe selecionou momentos “altos” da carreira, enquadrando-o como ícone incontestável do entretenimento brasileiro. A ausência de conteúdos que tensionem essa imagem aponta para uma Memória fortemente controlada. A pesquisa evidenciou que, aqui, a dimensão de musealização digital aproxima-se da lógica do “Museu consagrador”, no qual o conflito é atenuado. Esse dado contrasta com a multiplicidade de vozes que emerge nos comentários, onde aparecem também relatos mais ambíguos e pessoais.

O perfil de Paulo Gustavo, por sua vez, apresenta uma configuração distinta, marcada pela ausência de novas publicações e pela centralidade da última postagem antes do óbito, como “marco de Memória”. Hartmut Rosa, ao tratar da “ressonância”, menciona que certos objetos e imagens se tornam pontos de ancoragem afetiva em meio à aceleração social (Rosa, 2019), e a última foto do ator adquire justamente essa função. A análise mostrou que os comentários continuaram ativos por longo período, transformando as postagens em uma espécie de altar digital. O fato de não haver novas imagens impede a atualização mercadológica da figura, reforçando uma memorialização mais estática. Ao mesmo tempo, a intensidade das mensagens sugere que essa estaticidade é compensada pela dinâmica dos afetos que se inscrevem ali. O perfil transformou-se em lugar de visitação recorrente em datas comemorativas, aniversários e marcos da pandemia.

A morte de Paulo Gustavo, diretamente associada à COVID-19, insere o perfil na cartografia afetiva da pandemia no Brasil. Achille Mbembe, ao discutir a necropolítica, lembra que certas populações são mais vulneráveis à exposição à morte (Mbembe, 2018), e o caso do ator torna visível uma experiência coletiva de perda em larga escala. Maria Júlia Kovács sublinha que o Luto em situações de mortes traumáticas e massivas tende a ser mais complexo e prolongado (Kovács, 2010), o que aparece nos comentários de seguidores que o relacionam à própria experiência de perda de familiares pela doença. A presença constante de referências à pandemia, aos hospitais e ao descaso estatal inscreve nesse perfil uma dimensão política do Luto. Não se trata apenas de saudade de um artista querido, mas da simbolização de um período histórico de devastação. A pesquisa mostrou que o perfil se converteu em lugar de elaboração do trauma coletivo.

A representatividade de Paulo Gustavo como sujeito gay, pai e figura pública amplamente querida também marca o modo como o Luto é configurado no perfil. Richard

Parker argumenta que a construção das sexualidades está profundamente ligada a regimes de visibilidade e reconhecimento (Parker, 2002), e a forma como o ator é lembrado enfatiza o amor, a família e a possibilidade de uma vida plena fora da heteronormatividade. Guacira Louro destaca que narrativas públicas de sujeitos LGBTQIA+ têm função pedagógica na produção de novos imaginários sociais (Louro, 2004), e a permanência de Paulo como figura amorosa reforça esse efeito. A análise dos comentários mostra fãs que reconhecem, na sua trajetória, modelos de família e afeto até então marginais. O perfil memorial, nesse caso, também opera como espaço de disputa simbólica por pertencimento e dignidade. O Luto digital torna-se, assim, também afirmação identitária.

O que leva milhares de pessoas a retornarem diariamente ao perfil de Paulo Gustavo e a “conversarem” com ele, mesmo após sua morte, concentrando essas interações, sobretudo, em sua última postagem no Instagram? Essa prática não pode ser compreendida como um comportamento isolado ou meramente individual, mas como um fenômeno social articulado a transformações contemporâneas nas formas de vivenciar o Luto, a Memória e a presença simbólica no ambiente digital. As redes sociais operam como espaços de continuidade relacional, nos quais a ausência física não implica, necessariamente, o fim do vínculo afetivo (Hoskins, 2018). Nesse sentido, o perfil do ator converteu-se em um *locus* de Memória, no qual os sujeitos atualizam lembranças, emoções e narrativas pessoais por meio da interação repetida (Nora, 1993). A última postagem adquire centralidade porque funciona como marco temporal da perda, condensando o antes e o depois da morte em um único vestígio digital. Trata-se de um ponto fixo em uma plataforma caracterizada pela efemeridade, o que lhe confere valor simbólico ampliado (Van Dijck, 2007). Assim, a permanência do diálogo cotidiano revela menos uma ilusão de presença e mais uma estratégia social de elaboração da ausência. O gesto de escrever para Paulo Gustavo constitui, portanto, uma forma contemporânea de ritualização do Luto.

A comunicação dirigida ao perfil do ator pode ser compreendida como uma tentativa de manter ativa uma relação que foi construída ao longo de anos de exposição midiática e identificação afetiva. Figuras públicas, especialmente aquelas associadas ao humor e à empatia, tendem a ocupar um lugar de intimidade simbólica no imaginário coletivo, produzindo a sensação de proximidade mesmo sem contato direto (Horton; Wohl, 1956). No caso de Paulo Gustavo, essa relação para-social foi intensificada por sua *performance* pública marcada pela afetividade, pela identificação familiar e pela defesa de pautas sensíveis, o que ampliou o sentimento de perda compartilhada. As mensagens deixadas na última postagem funcionam como endereçamentos simbólicos, nos quais o destinatário não responde, mas permanece como referência afetiva (Peters, 1999). A escrita cotidiana nesses espaços não visa à troca comunicacional tradicional, mas à

expressão emocional e à organização interna do sofrimento. Ao “falar” com o ator, os usuários falam também de si, de suas próprias perdas e da experiência coletiva da pandemia. Esse processo dialoga com a noção de Memória mediada, na qual os meios digitais tornam-se extensões dos processos psíquicos e sociais de lembrança (Hoskins, 2011). Assim, a conversa diária é menos um diálogo literal e mais um exercício de manutenção do vínculo. Trata-se de um Luto performado publicamente, mas vivido de forma profundamente íntima.

A concentração dessas interações na última postagem revela, ainda, a importância dos marcos narrativos no processo de memorialização digital. Segundo Assmann (2011), a Memória cultural se estrutura a partir de pontos de fixação que estabilizam sentidos e permitem a repetição ritual. A última imagem publicada por Paulo Gustavo atua como esse ponto de ancoragem, tornando-se um espaço simbólico onde o tempo parece suspenso. Diferentemente de um perfil continuamente atualizado, a ausência de novas postagens transforma o silêncio da conta em um elemento ativo da narrativa memorial. Esse silêncio não é vazio, mas preenchido pelas vozes dos seguidores, que produzem uma Memória coletiva em constante atualização (Jelin, 2002). Cada novo comentário reinscreve o ator no presente, contrariando a lógica da obsolescência típica das plataformas digitais. A última postagem, nesse contexto, funciona como uma espécie de altar digital, no qual se depositam mensagens, agradecimentos e confissões. Essa prática aproxima-se de formas tradicionais de culto à Memória, mas mediadas por interfaces tecnológicas (Debord, 1997). O espaço da postagem transforma-se, assim, em um território híbrido entre o íntimo e o público. É nesse território que o Luto encontra legitimidade social para se expressar.

Do ponto de vista da Museologia, esse fenômeno pode ser interpretado como um processo de musealização espontânea da Memória, no qual o acervo não é composto por objetos físicos, mas por rastros digitais, discursos e afetos compartilhados. A musealização, entendida como atribuição de valor simbólico e social a determinados vestígios, não depende necessariamente de uma instituição formal para se efetivar (Brulon, 2018). No caso do perfil de Paulo Gustavo, são os próprios usuários que assumem o papel de agentes curatoriais, selecionando, reiterando e resignificando a última postagem como principal suporte memorial. Esse processo evidencia o deslocamento do Museu enquanto espaço exclusivo de legitimação da Memória para ambientes digitais cotidianos (Scheiner, 2015). A repetição das visitas e das mensagens criou uma temporalidade própria, distinta da lógica acelerada das redes sociais. Trata-se de uma curadoria afetiva, orientada mais pelo vínculo emocional do que por critérios técnicos tradicionais. Essa dinâmica reforça a ideia de que a Memória digital é processual, relacional e performativa (Van Dijck, 2007). O perfil deixa de ser apenas uma página pessoal e passa a operar como um Museu íntimo e coletivo. Nesse sentido, a prática

cotidiana de “conversar” com o ator pode ser compreendida como uma forma de visita museológica reiterada.

Por fim, a pergunta inicial pode ser respondida afirmando que as pessoas retornam ao perfil de Paulo Gustavo porque ali encontram um espaço legítimo para elaborar o Luto, manter vínculos afetivos e participar de uma Memória coletiva compartilhada. A última postagem concentra essas interações porque oferece um ponto estável em meio à instabilidade emocional e informacional característica do ambiente digital contemporâneo. Em um contexto marcado pela pandemia e pela intensificação das mortes públicas, essas práticas assumem também uma dimensão política, ao reivindicar o direito ao Luto e à lembrança (Butler, 2009). O ato de escrever diariamente é, portanto, um gesto de resistência ao esquecimento e à lógica da substituição constante de conteúdos. As redes sociais, longe de serem apenas espaços de entretenimento, revelam-se territórios complexos de negociação simbólica da ausência e da presença (Castells, 2009). O perfil de Paulo Gustavo torna-se um mediador dessa negociação, funcionando como arquivo vivo de afetos. A conversa cotidiana não busca resposta, mas continuidade. É nessa continuidade que o Luto se torna socialmente compartilhável e culturalmente significativo. Assim, o diálogo diário com o ator evidencia como a Memória, no ambiente digital, permanece ativa enquanto houver quem a atualize.

Ao integrar os três perfis das figuras públicas na análise, torna-se evidente que o crescimento de seguidores após a morte, descrito nos dados da pesquisa, não é mero indicador de popularidade, mas um sintoma da lógica de atenção própria das plataformas. Muniz Sodré observa que vivemos sob um “regime de visibilidade” em que o valor simbólico é medido em termos de exposição e circulação (Sodré, 2002). O aumento de seguidores após o falecimento se insere nessa lógica: seguir o perfil torna-se gesto simbólico de participação na comoção, mas também inscrição em uma comunidade afetiva. Eugênio Trivinho, ao discutir o “tempo real cibercultural”, destaca como as redes organizam uma temporalidade de urgência e adesão (Trivinho, 2007), o que explica a velocidade das adesões observadas. A análise crítica problematiza o fato de que esse movimento é mediado por métricas que interessam economicamente à plataforma. Luto e capital informacional se imbricam de modo incontornável.

A comparação com o Memorial Inumeráveis permite tensionar a centralidade dessas figuras públicas nas práticas de Luto digital. Elizabeth Jelin chama atenção para a diferença entre “Memórias emblemáticas” e “Memórias subalternas” (Jelin, 2002), e o memorial coletivo procura justamente dar visibilidade a vidas que, de outro modo, permaneceriam reduzidas a números estatísticos. Enquanto os perfis de celebridades já partem de uma forte inscrição na esfera pública, o Inumeráveis constrói, caso a caso, a singularidade de sujeitos antes anônimos. Michael Pollak lembra que a Memória dos

grupos dominados é frequentemente invisibilizada ou silenciada (Pollak, 1989), e o memorial atua como contra-arquivo frente à narrativa oficial das “vítimas da COVID-19”. A pesquisa mostra que essa diferença de estatuto se reflete também na forma de engajamento: no memorial, o foco está nas histórias e relações; nos perfis, na figura pública e em sua imagem.

A forma narrativa do Memorial Inumeráveis, baseada em mini-biografias escritas, contrasta com a predominância da imagem nos perfis de Instagram, permitindo pensar diferentes regimes de inscrição do Luto. Andreas Huyssen defende que o excesso de imagens na cultura contemporânea nem sempre garante profundidade de Memória (Huyssen, 2000), e as narrativas textuais do memorial podem ser lidas como tentativa de recuperar camadas de densidade biográfica diante da visualidade acelerada. Veena Das sublinha a importância de reinscrever a violência e a perda no tecido do cotidiano, por meio de histórias que devolvem singularidade às vidas interrompidas (Das, 2007). A análise crítica mostra que o Inumeráveis desloca o foco da morte espetacular de celebridades para o drama “comum” de famílias e redes locais. Ao fazê-lo, questiona a hierarquia de pranteabilidade produzida pela mídia de massa e pelas plataformas.

Nos três perfis pesquisados, a seção de comentários funciona como espaço privilegiado de observação da dimensão interativa do Luto digital. Zizi Papacharissi descreve “*Affective audience*” como agrupamentos temporários em torno de emoções compartilhadas, mediadas por plataformas (Papacharissi, 2015), e é possível reconhecer essa dinâmica nas correntes de mensagens de apoio, homenagens repetidas e emojis que se acumulam ao longo do tempo. A alternância entre declarações longas e sinais mínimos (corações, mãos em oração, flores) mostra uma gramática afetiva complexa, que combina intensidade e economia de linguagem. A pesquisa evidencia que esses públicos afetivos se reativam em datas específicas: aniversários, datas de morte, lançamentos póstumos. O perfil deixa de ser apenas um arquivo para tornar-se um lugar de reencontro periódico da comunidade de fãs.

Do ponto de vista ético, a análise dos dados levanta questões relevantes sobre consentimento, privacidade e exploração da imagem pós-morte. Luciano Floridi argumenta que vivemos numa “infosfera” em que os dados pessoais se tornam parte constitutiva da nossa ontologia social (Floridi, 2014), o que inclui os rastros deixados por quem já morreu. Quando familiares, equipes ou empresas decidem manter ativos os perfis, há decisões sobre o que permanece visível, o que é monetizado e o que é apagado. Judith Butler lembra que a forma como se narra uma vida após a morte é também modo de enquadrar seu valor (Butler, 2004), e a pesquisa mostra que nem sempre essas decisões são transparentes. O campo da Museologia do Luto digital precisa, assim, incorporar uma

reflexão sistemática sobre direitos, responsabilidades e limites na gestão de memoriais em plataformas corporativas.

No plano da Museologia e da documentação, os resultados sugerem que esses perfis e o Memorial Inumeráveis podem ser entendidos como acervos emergentes, ainda que não reconhecidos formalmente como tal. Bodo von Dewitz, ao discutir arquivos fotográficos, afirma que “todo acervo é também construção de uma narrativa sobre o que merece ser lembrado” (Dewitz, 2001), e ele se aplica aqui: algoritmos, curadorias familiares e escolhas editoriais definem o que se torna Memória pública. No caso de Marília e Gugu, essa curadoria é claramente dirigida; em Paulo e no Inumeráveis, observa-se maior ênfase na dimensão testemunhal e não mediada por estratégias de mercado. A pesquisa aponta que museus e instituições similares terão de decidir se e como dialogarão com esses acervos digitais dispersos. Trata-se de um desafio para as futuras políticas de preservação e patrimonialização.

Metodologicamente, a aplicação de uma abordagem netnográfica ampliada, articulada a princípios da etnografia virtual, mostrou-se adequada para captar as nuances de interação nesses ambientes. Christine Hine destaca que a etnografia em contextos digitais exige acompanhar “trajetos de significado” que atravessam plataformas e temporalidades (Hine, 2015), o que se confirmou no acompanhamento longitudinal dos comentários e da evolução dos perfis. A impossibilidade de intervenção direta em certos espaços, por questões éticas e de privacidade, exigiu um posicionamento reflexivo do pesquisador. A análise crítica inclui também o reconhecimento das assimetrias de acesso proporcionadas pelos algoritmos: alguns comentários ganham destaque, outros permanecem invisíveis. A metodologia, assim, não é neutra; está imersa nas condições técnicas de visibilidade das plataformas.

Outro ponto que emergiu da leitura dos dados foi a naturalização da convivência contínua com perfis de mortos no cotidiano digital. John Durham Peters observa que os meios de comunicação sempre funcionaram como dispositivos de “quase-imortalidade” (Peters, 1999), permitindo que vozes e imagens sobrevivessem aos corpos. No caso dos perfis póstumos, essa sobrevivência é radicalmente cotidiana: o algoritmo pode inserir uma postagem de uma pessoa morta no meio do *feed*, lado a lado com notícias, memes e publicidade. A pesquisa mostra que muitos usuários relatam “esbarrar” em postagens antigas, reativando abruptamente Memórias e sentimentos. Essa presença difusa do morto no fluxo ordinário do Instagram torna o Luto uma experiência fragmentária e intermitente. Não há um “fim” claro do processo, mas reativações constantes.

Na perspectiva da teoria social, essa permanência fragmentária dialoga com as análises de Hartmut Rosa sobre a temporalidade acelerada e a dificuldade de processar experiências de perda em sociedades de alta velocidade (Rosa, 2019). Os dados sugerem

que o Instagram oferece, simultaneamente, risco de banalização e possibilidade de pausa: alguns usuários deslizam rapidamente por homenagens, outros se detêm longamente na leitura dos comentários. A pesquisa registra relatos de seguidores que retornam regularmente às páginas como forma de "visitar" o artista. Nesse sentido, o perfil funciona como uma ancoragem de ressonância em meio ao ruído informacional. A Museologia do Luto digital pode encontrar aqui pistas para pensar dispositivos que favoreçam espaços de desaceleração e escuta.

Do ponto de vista das sensibilidades culturais, o material analisado evidenciou uma articulação entre emoção, humor e crítica social, especialmente no caso de Paulo Gustavo. Deborah Davidson ressalta que o Luto não é experiência homogênea, e que humor, ironia e até *memes*[27] podem integrar práticas saudáveis de enfrentamento (Davidson, 2016). Muitos comentários misturam choro e riso, rememorando cenas cômicas ao mesmo tempo em que lamentam a ausência. Esse dado sugere que a cultura do *meme*, frequentemente associada à superficialidade, também pode ser mobilizada em chave memorial. A análise ajuda a ampliar a compreensão do que conta como "expressão legítima" de Luto na contemporaneidade. Tais práticas desestabilizam normas tradicionais de sobriedade e gravidade.

A presença do Memorial Inumeráveis no *corpus* da pesquisa permitiu ainda discutir a tensão entre personalização e anonimato na construção de Memória coletiva. Elizabeth Jelin enfatiza que a nomeação e a narrativa são atos políticos fundamentais para enfrentar contextos de violência e morte massiva (Jelin, 2002). Ao dar a cada vítima uma história, o memorial se opõe à lógica abstrata de gráficos e estatísticas de mortos pela COVID-19. A comparação com os perfis de celebridades evidencia como a visibilidade digital continua organizada por hierarquias de fama e alcance. A análise crítica sugere, porém, que o Inumeráveis funciona como um contra-dispositivo: se os perfis reforçam a centralidade de figuras já visíveis, o memorial amplia o círculo de vidas pranteadas. Isso tem implicações importantes para a Museologia do Luto, que não pode restringir-se aos ícones midiáticos. A hipótese de que a ausência de um lugar físico de visitação - como o túmulo, o mausoléu ou o memorial material - intensifique a prática de "conversar" com pessoas falecidas em ambientes digitais encontra respaldo consistente na literatura contemporânea sobre Luto, Memória e espacialidade. Estudos no campo dos *death studies* indicam que os espaços materiais tradicionalmente funcionam como mediadores simbólicos do vínculo com os mortos, oferecendo um ponto de ancoragem para rituais, visitas e elaboração da perda (Davies, 2017). Quando esses espaços não existem, como nos casos de cremação sem

[27] Um *meme* é uma unidade cultural como uma imagem, vídeo, frase, gesto ou formato narrativo que se propaga, é reinterpretada e transformada coletivamente, sobretudo em ambientes digitais, por meio da repetição, da variação e do compartilhamento em rede.

local memorial, observa-se um deslocamento das práticas de Luto para territórios alternativos, entre eles os ambientes digitais - que passam a operar como substitutos simbólicos desses lugares ausentes.

A noção de “vínculos contínuos” (*continuing bonds*) é central para compreender esse fenômeno. Klass, Silverman e Nickman (1996) demonstram que o Luto contemporâneo não se caracteriza necessariamente pela ruptura com o falecido, mas pela manutenção de relações simbólicas contínuas. No contexto digital, essas relações encontram nas redes sociais um suporte privilegiado, pois permitem a atualização cotidiana do vínculo por meio de comentários, mensagens diretas e interações ritualizadas. Assim, “falar” com o morto no Instagram não representa negação da morte, mas uma forma socialmente mediada de continuidade relacional, especialmente quando inexistem espaços físicos legitimados para esse exercício.

Pesquisas recentes sobre memoriais digitais reforçam essa interpretação ao evidenciar que perfis póstumos funcionam como verdadeiros “lugares de Memória em rede”. Brubaker, Hayes e Dourish (2013) observam que, após a morte de um usuário, suas páginas passam a ser reconfiguradas como espaços de comunicação unidirecional, nos quais os vivos escrevem mensagens que não esperam resposta empírica, mas que cumprem funções emocionais, rituais e narrativas. A ausência de um corpo ou de um túmulo torna o perfil digital um ponto de condensação simbólica, onde a presença é performada por meio da linguagem, da repetição e da atualização constante da Memória.

No caso de figuras públicas cremadas, como o aqui analisado, essa dinâmica tende a ser ainda mais intensa, pois se soma à ausência física a uma relação afetiva mediada pela visibilidade midiática. Maddrell (2016), ao estudar geografias do Luto, aponta que a perda de referenciais espaciais concretos leva à criação de lugares emocionais alternativos, nos quais o vínculo é mantido por práticas narrativas e afetivas. O Instagram, nesse sentido, torna-se um “solo simbólico” onde o morto pode ser visitado diariamente, substituindo o gesto de ir ao cemitério pelo ato de acessar a última postagem e nela depositar palavras, lembranças e diálogos imaginados.

Dessa forma, pode-se afirmar que a prática recorrente de “conversar” com o falecido no Instagram não é um comportamento aleatório, mas uma resposta culturalmente situada à reconfiguração contemporânea dos rituais de morte. A cremação, ao eliminar o corpo como foco espacial, e a digitalização da vida social, ao oferecer plataformas de permanência simbólica, convergem para transformar os perfis póstumos em espaços centrais de elaboração do Luto. Esses ambientes passam a cumprir funções antes atribuídas aos lugares físicos da morte, operando como dispositivos de Memória, presença e continuidade afetiva no ciberespaço.

Do ponto de vista da pesquisa em Museologia e Memória social, os dados analisados confirmam que a digitalização não apenas oferece novos “suportes” para práticas já existentes, mas reconfigura as próprias formas de experimentar o Luto, a saudade e a presença simbólica dos mortos. A leitura crítica do material aponta para a necessidade de incorporar as plataformas digitais como objetos privilegiados de estudo museológico, e não apenas como ferramentas auxiliares de difusão. O *Instagram*, com sua arquitetura de visibilidade, interação e arquivo, torna-se arena central na disputa pelos sentidos do passado recente. Ao mesmo tempo, iniciativas como o Memorial Inumeráveis demonstram a potência de experiências curatoriais colaborativas na reconstrução do tecido social após uma catástrofe. A Tese, ao articular essas dimensões, contribui para consolidar um âmbito de investigação em que Luto, Memória e plataformas digitais são pensados em conjunto, a partir de um olhar museológico e crítico.

Para concluir, a análise do caso evidencia que a conversão dos perfis póstumos em espaços de diálogo cotidiano não pode ser compreendida apenas como um efeito colateral do uso intensivo das redes sociais, mas como uma resposta cultural complexa à reconfiguração contemporânea dos rituais de morte, da espacialidade do Luto e das formas de presença simbólica. A ausência de um lugar físico legitimado - como ocorre nos casos de cremação sem memorial material - desloca a necessidade de ancoragem do Luto para o ambiente digital, onde plataformas como o *Instagram* passam a operar como lugares de Memória, de escuta e continuidade afetiva. Nesse contexto, “conversar” com o falecido não significa negar a morte, mas reinscrevê-la em uma lógica relacional própria da cibercultura, na qual a Memória é constantemente atualizada, performada e compartilhada.

Assim, o perfil póstumo torna-se um dispositivo memorialístico híbrido, situado entre o íntimo e o público, o individual e o coletivo, o ritual e o cotidiano. Ele assume funções tradicionalmente associadas a cemitérios, túmulos ou altares domésticos, mas o faz por meio de linguagens digitais, temporalidades contínuas e interações em rede. Essa dinâmica reforça a compreensão de que o Luto, na contemporaneidade, não desaparece nem se enfraquece com a virtualização; ao contrário, ele se reconfigura, encontrando novos suportes simbólicos para sua expressão. Conclui-se, portanto, que as práticas observadas não são exceções, mas sinais de uma transformação mais ampla nos modos de elaborar a ausência, inscrevendo o digital como um território legítimo - e cada vez mais central - da experiência do Luto e da Memória social.

CAPÍTULO 4

MUSEOLOGIA E CIBERMUSEOLOGIA: INTERFACES E DISTÂNCIAS AFETIVAS

4.1 Museus brasileiros e o uso das redes sociais durante a Pandemia: mediações, afeto e participação

A pandemia de COVID-19 impôs aos museus brasileiros um desafio sem precedentes: permanecer presentes mesmo com as portas fechadas. O isolamento social, ao suspender as práticas presenciais, obrigou as instituições a repensarem suas estratégias de comunicação, educação e mediação. As redes sociais, antes percebidas como canais complementares de divulgação, tornaram-se o principal espaço de existência pública e simbólica dos museus. Essa transformação alterou não apenas o modo como os museus se comunicam, mas também a própria compreensão do fato museal em tempos de conectividade global e cibercultura.

Ribeiro, Massarani e Falcão (2022, p. 120) sintetizam essa mudança ao afirmar que “as mídias sociais passaram de divulgação para espaços de educação e mediação científica”. O que antes era um território voltado à promoção de eventos ou à difusão de notícias institucionais converteu-se em ambiente de aprendizado, diálogo e experimentação de novas linguagens museológicas. Essa transição marca uma virada epistemológica na comunicação museal: as redes deixam de ser um acessório e passam a constituir o próprio campo de prática e reflexão, onde a curadoria, a mediação e a educação se misturam com a dinâmica do público digital.

A emergência das mídias sociais como espaços de educação e mediação reflete uma característica mais ampla da cultura digital contemporânea: a dissolução das fronteiras entre produtores e receptores de informação. Nesse contexto, o Museu assume um papel híbrido: simultaneamente fonte de conhecimento e plataforma de escuta. A transformação do público em interlocutor ativo revela que o processo de musealização, antes circunscrito à exposição e à conservação, passa agora pela interação, pela emoção e pela experiência online. Essa reconfiguração desloca o centro da experiência museológica: o valor não reside apenas no objeto ou no acervo, mas na relação entre instituição, discurso e comunidade.

Uzeda, Ribeiro e Silva Jr. (2021, p. 195) contribuem para esse entendimento ao observarem que “as TICs tornaram-se essenciais, transformando-se na segunda natureza do público digital”. Essa afirmação amplia a análise ao evidenciar que a digitalização da vida social não é mais conjuntural, mas estrutural. Os visitantes de museus, que antes frequentava espaços físicos, hoje habitam plataformas interativas e ambientes virtuais, onde a mediação acontece em tempo real e em múltiplos formatos. O digital, portanto, não é apenas uma ferramenta de difusão, mas um território de existência e Memória.

Essa “segunda natureza” do público implica novas responsabilidades para os museus, que precisam repensar a acessibilidade, a linguagem e a temporalidade de suas

ações. O visitante conectado não se comporta como o visitante presencial: ele navega, comenta, compartilha e interpreta, transformando cada interação em ato de mediação cultural. A presença dos museus nas redes, para ser significativa, deve reconhecer essa agência e promover uma relação horizontal e dialógica. Neste sentido, o digital não substitui o museu físico, mas o amplia e o desafia a dialogar com as lógicas da participação e da instantaneidade.

Durante o isolamento social da Pandemia, essa ampliação tornou-se condição de sobrevivência institucional. Como afirma Limão (2023, p. 45), “as redes sociais foram fundamentais para manter os acervos visíveis durante o isolamento”. A visibilidade digital não se limitou à exibição de objetos, mas envolveu a manutenção de vínculos simbólicos entre os museus e suas comunidades. Os perfis institucionais no *Instagram*, *Facebook*, *YouTube* e *Twitter* transformaram-se em vitrines de afetos, nas quais o público reencontrou fragmentos de pertencimento e Memória. Essa mediação visual e emocional foi, em muitos casos, o principal elo entre museus e sociedade em meio ao distanciamento.

Os museus brasileiros demonstraram uma notável capacidade de adaptação criativa nesse contexto. Sem grandes orçamentos ou infraestruturas tecnológicas robustas, muitas instituições desenvolveram estratégias espontâneas de engajamento, utilizando linguagens visuais acessíveis, transmissões ao vivo, projetos colaborativos e ações educativas em tempo real. Essa apropriação das redes como extensão do espaço museal refletiu um movimento de resistência simbólica: uma forma de afirmar a relevância social da cultura mesmo diante da ausência física e das restrições orçamentárias.

Contudo, como alertam Moraes e Sant’Anna (2022, p. 7), “a comunicação museal digital não se limita à presença *online*, mas exige participação efetiva”. A crítica das autoras é fundamental: não basta que o Museu esteja nas redes: é preciso que ele construa relações genuínas e significativas com o público. O risco de tratar o digital como mera vitrine institucional persiste, e muitos museus ainda reproduzem, nas plataformas digitais, a mesma verticalidade e rigidez das práticas presenciais. A participação efetiva implica reconhecer o público como cocriador, possibilitando que ele contribua com narrativas, Memórias e experiências.

Nesse sentido, o desafio contemporâneo da Museologia digital é ético e epistemológico: como equilibrar autoridade científica e abertura participativa? A resposta parece residir na adoção de práticas mais horizontais, afetivas e colaborativas, que entendam o espaço virtual não como substituto, mas como ambiente de mediação e partilha simbólica. A Museologia brasileira, ao longo da pandemia, revelou caminhos possíveis, aproximando-se da noção de *curadoria do afeto*, em que o Museu atua como mediador de experiências sensíveis, coletivas e inclusivas.

Carvalho e Lopes (2022, p. 28) sintetizam esse movimento ao afirmarem que “os Museus buscaram proximidade em tempos de distanciamento, reinventando a mediação”. A frase traduz a essência da Cibermuseologia brasileira: transformar a distância em encontro. Em um período de ausência física, o Museu digital tornou-se presença emocional, canal de empatia e reconhecimento. Essa proximidade não se mede em metros, mas em engajamento e vínculo. As redes sociais permitiram que os museus fossem sentidos e não apenas vistos, convertendo a tecnologia em linguagem de afeto e sobrevivência simbólica.

A reinvenção das práticas mediadoras durante a pandemia também ampliou o conceito de público. Ao transcender limites geográficos, as redes tornaram os museus brasileiros mais democráticos e inclusivos, permitindo que comunidades distantes participassem de suas ações. Essa expansão da audiência desafia o modelo tradicional de Museu vigente no país, abrindo espaço para um Museu em rede, distribuído e conectado. O resultado é uma Museologia que não se define pelo edifício, mas pelo fluxo de relações que produz - uma Museologia expandida, híbrida e colaborativa.

Esse processo evidencia que a Museologia contemporânea não pode mais dissociar técnica e emoção, como já haviam previsto teóricos dos anos 1980-90. A Cibermuseologia brasileira demonstrou que o digital, quando humanizado, não empobrece a experiência museal: ao contrário, a amplia, democratiza e torna-a mais viva. O Museu em rede é, acima de tudo, um espaço de presença compartilhada: lugar onde a tecnologia encontra a saudade e onde a Memória, mediada pelas telas, continua a pulsar.

A pandemia de COVID-19 configurou-se como um dos eventos mais disruptivos da história recente da Museologia, ao provocar o fechamento simultâneo de milhares de instituições, interromper fluxos presenciais e desestabilizar pressupostos centrais da prática museológica. A crise não afetou apenas a operação técnica dos museus, mas também sua função simbólica e comunitária, revelando vulnerabilidades estruturais há muito acumuladas. A impossibilidade de contato físico com espaços culturais expôs a dependência excessiva do modelo presencial e evidenciou que a sustentabilidade institucional é mais frágil do que sugeriam narrativas consolidadas sobre resiliência do patrimônio.

Nesse cenário, a comunidade museológica internacional reagiu mobilizando instrumentos de pesquisa capazes de dimensionar os efeitos imediatos da crise. O relatório do Conselho Internacional de Museus (ICOM, 2020), *Museums, Museum professionals and COVID-19: survey results*, tornou-se referência ao reunir dados comparativos sobre o impacto global da pandemia em diferentes tipos de instituições e regiões. Seu caráter quantitativo permitiu identificar padrões de colapso, retração

econômica e mudanças emergenciais nas rotinas profissionais, compondo um diagnóstico transversal do setor museal.

Em paralelo, o sumário executivo brasileiro “Dados para navegar em meio às incertezas” (ICOM Brasil; Tomara! Educação e cultura, 2020) ampliou esse debate, ao adotar um enfoque qualitativo e interpretativo da realidade nacional. Diferentemente do relatório global, o estudo brasileiro enfatiza dimensões emocionais, sociais e simbólicas da crise, incorporando a voz dos profissionais e dos públicos para compreender como o cotidiano dos museus foi afetado - não apenas em termos operacionais, mas também subjetivos. Essa abordagem revela camadas de vulnerabilidade que extrapolam a lógica institucional e tocam questões humanas profundas.

Ao colocar os dois documentos em diálogo, percebe-se que ambos convergem na identificação da pandemia como evento que precipitou uma transformação sistêmica da prática museológica. No entanto, divergem quanto ao modo de interpretar essa transformação: enquanto o relatório global destaca impactos econômicos e operacionais, o estudo brasileiro evidencia implicações afetivas, desigualdades estruturais e tensões sociais que atravessam o setor. Essa diferença metodológica é fundamental, pois revela que a crise não pode ser compreendida por um único prisma, exigindo leituras plurais e multiescalares.

A análise crítica desses relatórios também permite observar que a pandemia funcionou como reveladora de assimetrias históricas. Instituições com maior autonomia financeira e tecnologia avançada conseguiram migrar mais rapidamente para o digital, enquanto museus menores, comunitários ou subfinanciados enfrentaram riscos de fechamento definitivo. A leitura do ICOM Brasil, ao enfatizar a heterogeneidade regional e sociocultural do setor, reforça que os impactos da crise foram vividos de maneira desigual, em consonância com as desigualdades sociais mais amplas do país.

Do ponto de vista teórico, a comparação entre os dois documentos contribui para a reflexão sobre a Museologia contemporânea em sua dimensão global e local. A pandemia colocou em evidência a necessidade de repensar o papel social dos museus à luz de novos regimes de presença, mediação e participação. A crise revelou que os museus não são apenas guardiões do patrimônio material, mas instituições que devem responder a demandas sociais emergentes, lidar com vulnerabilidades de seus profissionais e assegurar formas de pertencimento mesmo em situações de distanciamento físico.

Por fim, a articulação crítica entre esses relatórios permitiu compreender que os desafios colocados à Museologia no período pandêmico não se encerraram com a reabertura dos espaços. Eles convocam uma revisão profunda dos modelos de gestão, das práticas de mediação, das políticas de cuidado e das estratégias de inclusão dos

museus. Ao examinar convergências e divergências entre o relatório global do ICOM e o sumário executivo brasileiro, a pesquisa de Tese evidenciou que a crise museológica contemporânea deve ser entendida tanto em suas dimensões factuais quanto simbólicas, compondo um quadro que exige respostas integradas, éticas e inovadoras.

O relatório do ICOM (2020) apresenta um panorama contundente de fragilidade estrutural no campo museal global durante os primeiros meses da pandemia. O documento indica o fechamento de 94,7 museus respondentes até maio de 2020[28], complementando dados de relatório da UNESCO do mesmo período[29], que apontam a existência de "95 mil museus no mundo, 90% dos quais (85.000) haviam fechado temporariamente as portas devidas às medidas de isolamento impostas pelos sistemas nacionais de saúde" (Apud Scheiner, 2023, p. 38). Esses dados revelam não apenas uma interrupção sem precedentes nas atividades culturais, mas a suspensão temporária da própria missão pública dos museus. A crise sanitária expôs a dependência das instituições da presença física dos visitantes e revelou a vulnerabilidade de um modelo cuja sustentabilidade está, historicamente, vinculada à operação contínua de seus espaços.

O impacto assimétrico entre as regiões do mundo evidencia desigualdades estruturais profundas. Em continentes como África e Ásia e em diversos países árabes, até 39% das instituições respondentes manifestaram receio de encerrar definitivamente suas atividades (ICOM, 2020, p. 2). Esse dado demonstra que, além do risco imediato à sobrevivência dos museus, a pandemia agravou disparidades pré-existentes em infraestruturas, políticas culturais e acesso a recursos. A interrupção prolongada das atividades comprometeu não apenas a preservação patrimonial, mas a continuidade de projetos educativos, comunitários e identitários fundamentais para muitas comunidades.

A dimensão humana da crise aparece como elemento central na análise. O levantamento aponta que 84% dos trabalhadores dos museus respondentes atuaram em regime remoto durante o período de fechamento, revelando uma mudança abrupta nas rotinas profissionais e na organização institucional (ICOM, 2020, p. 4). A manutenção dos contratos permanentes, embora importante, contrasta com a interrupção de 6% dos vínculos temporários e com a perda de atuação de 22,6% dos *freelancers*, profissionais que tradicionalmente sustentam setores criativos, de mediação e de produção cultural. Esse cenário denuncia dependências sistêmicas de modelos laborais precários que o setor já vinha acumulando.

---

[28] Cabe ressaltar aqui que se trata de 94.7% dos respondentes à pesquisa. "Foram analisadas cerca de 1600 respostas de museus e profissionais de museus em 107 países dos cinco continentes, coletadas entre 07 de abril e 07 de maio de 2020". Portanto, 94.7% de 1600. (Scheiner, 2023, p. 39).

[29] UNESCO. ***Museums around the world in the face of COVID19***. May 2020, 31p. Apud Scheiner, 2023, p. 38.

O impacto econômico foi igualmente dramático. O relatório indica que 12,8% das instituições respondentes declararam risco real de encerramento definitivo, enquanto 82,6% reduziram programas e 29,8% diminuíram suas equipes (ICOM, 2020, p. 6). Essas reduções configuram um processo de retração que afeta diretamente as dimensões pública e educativa dos museus, ao mesmo tempo em que limita sua capacidade de resposta às demandas emergentes do período pandêmico. Trata-se de uma compressão estrutural que se propaga por diferentes escalas institucionais, independentemente da fonte de financiamento.

A análise dos dados produzidos pelo ICOM durante a pandemia de COVID-19 exige um cuidado metodológico rigoroso, sobretudo porque o conjunto de respostas obtidas nas três rodadas da pesquisa apresenta níveis de participação baixos e estatisticamente frágeis. Em vez de refletir a totalidade dos museus do mundo, os números divulgados expressam apenas o comportamento dos museus que optaram por responder aos questionários disponibilizados pela instituição. Assim, qualquer interpretação dos resultados deve partir da premissa de que se trata de um recorte parcial, um panorama amostral limitado e profundamente condicionado pela taxa de engajamento institucional.

Na primeira rodada da pesquisa, realizada entre março e abril de 2020, o ICOM obteve respostas de aproximadamente 1.600 museus. Esse número, embora numericamente expressivo à primeira vista, torna-se proporcionalmente pequeno quando comparado ao universo da organização, que já contava à época com mais de 55.000 membros - número que chega hoje a cerca de 60.400 profissionais e instituições. Na segunda rodada, em setembro de 2020, o número de museus respondentes caiu para 900, e na terceira, em abril de 2021, chegou a 840. Essa redução progressiva reforça a fragilidade estatística da amostra e evidencia que os resultados não podem ser tomados como indicadores globais do setor museal (Scheiner, 2023, op. Cit.).

Além da baixa adesão, a distribuição geográfica dos respondentes é heterogênea, o que aprofunda a inconsistência dos dados para interpretar realidades regionais. Países com forte tradição museológica e ampla estrutura digital não necessariamente participaram em massa da pesquisa, enquanto outros, com número reduzido de museus ou menor consolidação institucional, podem ter respondido proporcionalmente mais. Assim, estatisticamente, os dados refletem quem respondeu, e não como o campo museal global reagiu à pandemia. A ausência de respostas de milhares de instituições impossibilita qualquer generalização robusta.

Um exemplo emblemático dessa limitação é o percentual de 94,7% de museus fechados, amplamente citado nos relatórios. Esse número não corresponde ao total de museus no mundo, mas apenas ao percentual dos que responderam à primeira rodada da pesquisa. Trata-se, portanto, de um resultado circunscrito a uma amostra reduzida,

marcada por diferenças regionais, institucionais e operacionais. Tomar esse valor como representação universal poderia levar a conclusões equivocadas sobre a magnitude real dos fechamentos, sobre os impactos globais da crise ou sobre o comportamento efetivo das instituições museológicas.

Diante dessas limitações, as conclusões derivadas desses dados devem ser entendidas como relativas e situadas, e não como interpretativas de um fenômeno global em sentido absoluto. O que os relatórios do ICOM oferecem é um panorama inicial, indiciário, útil para compreender tendências e percepções de parte do setor - mas insuficiente para construir uma análise quantitativa conclusiva. A interpretação crítica, portanto, deve destacar tanto o alcance quanto os limites dessa amostra, reconhecendo que ela integra um contexto emergencial marcado por heterogeneidades e desigualdades institucionais.

Esse cuidado hermenêutico é essencial para que análises acadêmicas não reproduzam leituras estatisticamente imprecisas ou extrapolações indevidas. Como já advertido em estudos anteriores, interpretar esses dados requer reconhecer que eles dizem respeito exclusivamente aos museus respondentes e não representam a totalidade das instituições museológicas globais. Assim, ao empregar os relatórios do ICOM em discussões sobre museus e pandemia, é imprescindível afirmar que suas contribuições são valiosas como indícios, mas não constituem um retrato estatístico universal[30].

Ao destacar que “a pandemia comprometeu todas as fontes de financiamento ingressos, patrocínios e apoio estatal, revelando uma vulnerabilidade transversal do campo cultural” (ICOM, 2020, p. 8), o relatório evidencia que a instabilidade financeira não se restringe às instituições menores. Museus consolidados também experimentaram quedas bruscas de receitas, demonstrando que a sustentabilidade econômica museal é mais frágil do que se imaginava e excessivamente dependente de modelos híbridos de financiamento que não resistiram à interrupção abrupta de atividades presenciais.

Essa conjuntura levou a uma reformulação das prioridades institucionais em nível global. A necessidade de manter algum tipo de presença pública impulsionou uma rápida e, muitas vezes, improvisada digitalização das ações museais. Essa aceleração tecnológica, embora importante para a manutenção de vínculos, também evidenciou desigualdades internas, pois nem todas as instituições possuíam infraestrutura, equipes ou estratégias consistentes para operar no ambiente digital. A pandemia, assim, funcionou como um divisor entre museus preparados e museus vulneráveis.

---

[30] SCHEINER, Teresa. COVID19 - Impactos da pandemia e transformações dos museus. In: Prólogo. Museologia, patrimônio, narrativas do real. O que dizem, hoje, os museus? **Museologia e Patrimônio**, v. 9, 2023, p. 37-45. [Primeiro texto em língua portuguesa a apresentar e problematizar os resultados das pesquisas globais do ICOM sobre museus e COVID-19].

A combinação entre colapso econômico, precarização laboral e aceleração digital produziu um cenário em que as instituições se veem obrigadas a repensar não apenas seus modelos de gestão, mas suas finalidades culturais e sociais. A crise revelou a insuficiência de concepções que tratam o Museu como estrutura estática e reforçou a necessidade de abordagens flexíveis, adaptativas e sustentáveis. A Museologia contemporânea passa a demandar não apenas inovação tecnológica, mas repensar sistemas de financiamento, políticas de cuidado com trabalhadores e modelos participativos de atuação pública.

Por fim, o panorama global apresentado pelo ICOM (2020) sugere que o campo museal enfrenta uma encruzilhada histórica. As instituições precisam responder a desafios que vão muito além da reabertura física: trata-se de reconstruir vínculos comunitários, restabelecer condições laborais dignas, recuperar confiança social e, sobretudo, afirmar sua relevância em um mundo profundamente marcado pela instabilidade. A crise pandêmica não apenas interrompeu o funcionamento dos museus - ela acelerou sua transformação, exigindo uma reconfiguração institucional que combinará resiliência econômica, responsabilidade social e imaginação museológica.

A realidade brasileira apresentada no relatório *Dados para navegar em meio às incertezas* (ICOM Brasil; Tomara! Educação e cultura, 2020) revela um panorama marcado por tensões que excedem a esfera institucional e penetram no campo das subjetividades. A pandemia não afetou apenas fluxos de visitantes, orçamentos ou rotinas administrativas: ela desestabilizou os próprios trabalhadores que sustentam a vida museológica. Os índices de ansiedade (44%), sobrecarga (28,1%) e angústia (26,6%) evidenciam que a crise sanitária ampliou vulnerabilidades emocionais historicamente negligenciadas nas políticas culturais brasileiras. O Museu emerge, nesse cenário, não como entidade abstrata, mas como espaço vivido por sujeitos que experimentam medo, incerteza e esgotamento. A pesquisa nacional que analisou a situação dos museus brasileiros durante a pandemia apresenta níveis de participação significativamente superior aos observados nos levantamentos internacionais do ICOM. De acordo com o relatório, foram obtidas 4.210 respostas, provenientes de profissionais atuantes em 25 estados brasileiros, o que constitui uma amostra robusta e territorialmente abrangente. Embora não represente a totalidade do campo, esse volume expressivo de participantes garante maior diversidade geográfica e institucional, ampliando o potencial interpretativo dos dados e oferecendo um panorama mais consistente sobre percepções, experiências e condições de trabalho durante o período crítico de 2020–2021.

Apesar dessa amplitude, é fundamental reconhecer que o número de respondentes permanece reduzido diante do contingente real de profissionais que atuam no setor museal brasileiro. Apenas a Escola de Museologia da UNIRIO já formou mais de 15 mil

museólogos - e esse levantamento não se limitou aos profissionais com formação em Museologia: ele incluiu trabalhadores de perfis variados - educadores, historiadores, administradores, comunicadores, restauradores, técnicos em documentação, gestores culturais, entre outros. Assim, ainda que mais representativa que a pesquisa do ICOM, a amostra não abrange a totalidade da força de trabalho dos museus no país, devendo ser interpretada como um recorte significativo, mas não exaustivo.

Essa diferenciação metodológica permite compreender que os 4.210 respondentes refletem um segmento importante do campo, mas não a sua totalidade. Ao incluir profissionais de múltiplas áreas, a pesquisa oferece um quadro mais plural da experiência museal brasileira, contemplando perspectivas diversas sobre gestão, comunicação, mediação, conservação, acervos e práticas digitais. No entanto, é imprescindível enfatizar que o universo de trabalhadores em museus é muito maior – distribuído em unidades federais, estaduais, municipais, comunitárias, privadas e universitárias – razão pela qual os resultados devem ser analisados com prudência, evitando generalizações indevidas.

Em síntese, a pesquisa nacional apresenta uma amostra ampla e relevante, capaz de fornecer indicadores sólidos sobre as transformações e desafios enfrentados pelos museus no Brasil durante a pandemia. Ainda assim, ela não esgota a complexidade do campo, devendo ser compreendida como um retrato parcial, porém metodologicamente mais representativo do que os levantamentos internacionais. Essa distinção é fundamental para garantir rigor interpretativo e para situar adequadamente o alcance e os limites dos dados analisados ao longo desta Tese.

Esses dados revelam que a crise provocou um abalo profundo na saúde mental de uma significativa quantidade de profissionais de museus, intensificando um processo de desgaste que antecede a pandemia. A fragilidade emocional expressa por 20,7% dos profissionais respondentes à pesquisa, e a demanda por apoio psicológico, apontada por 26,4% deles (ICOM Brasil; Tomara! Educação e cultura, 2020, p. 6) indicam que o bem-estar não pode ser tratado como dimensão periférica das políticas museológicas. A pandemia funcionou como lente de aumento, tornando visível aquilo que há anos se acumula de forma silenciosa: a desvalorização estrutural do trabalho cultural, marcado por salários baixos, contratos instáveis e excessiva polivalência funcional.

No plano econômico, os efeitos foram igualmente severos. A redução salarial sofrida por 30,2% dos profissionais e a demissão de 19,6% deles (ICOM Brasil; Tomara! Educação e cultura, 2020, p. 5) configuram um quadro de precarização agravada. Esse impacto recaiu com maior intensidade sobre áreas como Educação, Comunicação e Captação de Recursos – setores fundamentais para a mediação com o público e para a manutenção das instituições. A crise financeira dos museus, portanto, não se limitou ao

fechamento de portas: ela atingiu justamente aqueles responsáveis por suas funções sociais e por sua capacidade de produzir sentido público.

A heterogeneidade demográfica identificada na pesquisa – com predominância de profissionais mulheres, brancas e da Região Sudeste – expõe desigualdades estruturais que atravessam o campo museológico nacional. Esse perfil revela a persistência de barreiras de acesso para populações negras, indígenas e periféricas, tanto nos quadros institucionais quanto nos espaços de decisão. A constatação dialoga com o alerta do relatório global do ICOM sobre as “profundas desigualdades estruturais entre regiões e tipos de Museus” (ICOM, 2020, p. 8), evidenciando que a pandemia apenas escancarou assimetrias já consolidadas no tecido museal brasileiro.

O estudo brasileiro destacou um elemento pouco explorado em análises internacionais: a experiência do Luto como parte do cotidiano museológico**.** O fato de 5,1% dos profissionais respondentes terem perdido pessoas próximas durante o período e estarem elaborando processos de Luto (ICOM Brasil; Tomara Op. Cit., p. 6) desloca a compreensão sobre o Museu, aproximando-o do campo da Memória social, da afetividade e do cuidado. A crise sanitária transformou o Museu em um espaço duplamente afetado: instituição que preserva a Memória coletiva e, simultaneamente, comunidade enlutada.

Essa dimensão emocional alterou a percepção do papel público dos museus no Brasil. As instituições passaram a atuar como espaços de acolhimento simbólico, ainda que de maneira incipiente, reconhecendo que a Memória não se limita ao passado, mas envolve a elaboração de perdas presentes. A pandemia rompeu fronteiras entre vida institucional e vida pessoal dos profissionais, demonstrando que um museu não é apenas um edifício, mas um organismo atravessado por vulnerabilidades humanas. Isso amplia a relevância da Museologia Social, da Museologia do Luto e das práticas de cuidado como componentes indispensáveis ao futuro do setor.

Ao mesmo tempo, os dados refletem expectativas intensas e contraditórias. Enquanto parte dos profissionais reconhece a importância do digital e dos novos formatos de mediação, outra parte teme que essas mudanças aprofundem desigualdades, aumentem a sobrecarga e reforcem a centralização institucional. O Brasil vive, assim, um duplo movimento: busca por inovação e resistência à precarização. Tal tensão exige a construção de políticas estruturantes que não apenas ampliem o acesso público, mas que também garantam condições dignas de trabalho e proteção emocional aos agentes que sustentam a vida museológica.

Por fim, a leitura desse conjunto de indicadores evidencia que o futuro dos museus brasileiros depende menos da adoção de tecnologias e mais da capacidade de reconhecer as pessoas - trabalhadores e públicos - como centro das instituições. A pandemia expôs fragilidades, mas também abriu oportunidades para repensar modelos de gestão, ampliar

narrativas e aprofundar o compromisso ético com a diversidade e o cuidado. A Museologia brasileira, ao enfrentar desigualdades e impactos emocionais, revela que a reconstrução do campo passa, necessariamente, pela integração entre Memória, afeto e justiça social.

A análise dos dois relatórios publicados pelo ICOM em 2020 - o “Relatório Global ICOM 2020 - Impacto da COVID-19 em Museus e Profissionais de Museus” (primeira rodada, março/abril de 2020) e o “Segundo Relatório Global ICOM 2020 - Impacto da COVID-19 em Museus e Profissionais de Museus” (segunda rodada, setembro de 2020) exige uma explicitação precisa de seus limites metodológicos e de sua representatividade estatística. Trata-se de documentos distintos, produzidos em momentos diferentes da pandemia, com universos de respondentes bastante variados e progressivamente reduzidos, motivo pelo qual os resultados não devem ser interpretados como indicadores globais, mas como recortes amostrais relativos – evidência de que a pandemia atuou como um acelerador de processos latentes no campo museal, especialmente no que diz respeito à incorporação de práticas digitais. O ICOM (2020) demonstra que as restrições sanitárias obrigaram instituições de diferentes escalas a transferir rapidamente suas atividades para ambientes *online*, provocando uma expansão significativa da presença digital. Segundo o relatório, houve aumento de 15% nas iniciativas digitais, acompanhado de um salto expressivo de 47,5% nas ações em redes sociais (ICOM, 2020, p. 10). Esses números revelam uma reatividade institucional que, embora necessária, foi marcada pela urgência e pela improvisação.

Esse crescimento, contudo, não ocorreu de maneira homogênea. O mesmo relatório expõe uma lacuna estrutural preocupante: apenas 26,1% dos museus respondentes possuíam equipes dedicadas ao digital, e 17,8% destinavam menos de 1% do orçamento às práticas *online* (ICOM, 2020, p. 9). A desigualdade evidenciada mostra que a transição digital foi profundamente condicionada pelos recursos financeiros, pela existência de pessoal especializado e pela maturidade tecnológica das instituições. Assim, apesar do discurso global sobre digitalização, nem todos os museus tiveram capacidade real de implementar estratégias robustas e sustentáveis.

No contexto brasileiro, a situação apresenta proximidades e especificidades. De acordo com o estudo conduzido pelo ICOM Brasil e pela Tomara! Educação e Cultura, a maioria dos profissionais de museus - 77,2% dos públicos, 80,4% dos privados e 84,5% dos de gestão mista - reconheceu benefícios na presença digital durante a pandemia (ICOM Brasil; Tomara! Educação e cultura, 2020, p. 6). Esses índices refletem uma percepção positiva consolidada, sugerindo que o digital se tornou recurso estratégico para manter vínculos e assegurar a continuidade das ações culturais.

Ainda assim, a adesão positiva não se distribuiu de maneira uniforme entre os diferentes âmbitos profissionais. Setores como Documentação, Conservação e Pesquisa

demonstraram maior reserva em relação aos impactos das atividades digitais, indicando que a incorporação massiva de conteúdo *online* gerou tensões internas sobre a preservação, a integridade dos acervos e os limites da mediação virtual. Esses conflitos explicitam que a digitalização não elimina as contradições estruturais do campo museal; ao contrário, pode intensificá-las ao exigir novas competências e redefinir prioridades institucionais.

Quanto ao comportamento dos públicos, os dados revelam uma dinâmica igualmente complexa. Embora 51,2% dos entrevistados não tenham participado de nenhuma atividade digital promovida por museus, 24,1% tiveram seu primeiro contato com instituições museológicas via internet durante a pandemia (ICOM Brasil; Tomara! Educação e cultura, 2020, p. 11). Isso indica que o digital funcionou simultaneamente como barreira e como porta de entrada, ampliando o alcance das instituições ao mesmo tempo em que reforçou desigualdades de acesso, conectividade e letramento digital.

As plataformas mais utilizadas - *YouTube* (64,7%), sites institucionais (54,5%) e *Instagram* (53,5%) - evidenciam que o público privilegia formatos audiovisuais e interfaces de navegação simples. O dado mais relevante, porém, é que 91,9% dos participantes avaliaram sua experiência digital como boa ou excelente (ICOM Brasil; Tomara! Op. Cit., p. 11). Esse índice expressivo sugere não apenas satisfação imediata, mas potencial de fidelização e expansão de públicos que historicamente não frequentavam museus presenciais.

A chamada “virada digital” no campo museológico reconfigurou as fronteiras entre o material e o virtual, introduzindo novas formas de mediação e de presença. As instituições passaram a operar simultaneamente em múltiplas camadas - física, simbólica e digital, o que ampliou sua capacidade de atuação, mas também complicou sua estrutura interna. A digitalização, nesse sentido, não apenas expandiu públicos, mas redefiniu práticas curatoriais, modelos de comunicação e formas de engajamento.

Contudo, a expansão digital também agravou desigualdades tecnológicas preexistentes. A falta de infraestrutura, de formação profissional e de políticas de longo prazo para o digital reforçou assimetrias entre grandes instituições e museus de pequeno porte, especialmente os comunitários e periféricos. Esse cenário aponta para a necessidade de políticas públicas que promovam inclusão tecnológica e democratização dos recursos digitais, garantindo que a sua presença *online* não reproduza desigualdades históricas, mas funcione como instrumento efetivo de acesso e cidadania cultural.

4.2 Reconfiguração social e expectativas de futuro

A comparação entre o Sumário Executivo brasileiro e o relatório global do ICOM revela que, apesar de suas diferenças metodológicas e geopolíticas, ambos convergem na defesa de que a pandemia de COVID-19 redefiniu profundamente o papel social dos museus. O impacto da crise sanitária não se limitou à interrupção das atividades presenciais; ele produziu uma reconfiguração das funções simbólicas, pedagógicas e comunitárias dessas instituições. O relatório global enfatiza os aspectos estruturais dessa transformação, enquanto o estudo brasileiro evidência como as relações afetivas e sociais foram tensionadas durante o período de isolamento.

O documento internacional, ao destacar que 80% das instituições respondentes à primeira rodada de questionários continuaram a adotar medidas de proteção patrimonial (ICOM, 2020, p. 14), reforça a centralidade da conservação e da segurança no processo de reabertura. Trata-se de uma leitura que privilegia a integridade das coleções, a manutenção de equipes técnicas e a estabilidade operacional dos museus. Esse foco ecoa tradições museológicas mais consolidadas, que compreendem o patrimônio como núcleo ontológico da instituição e, portanto, como elemento a ser resguardado prioritariamente em contextos de crise.

O Sumário Executivo brasileiro, em contraste, desloca a atenção para a dimensão humana e relacional do fazer museológico. Segundo o relatório, 73% dos profissionais consideraram que seus museus desempenharam um papel relevante para o público durante o isolamento**,** mas uma parcela significativa - 43,4% - não percebeu fortalecimento nas relações com a comunidade (ICOM Brasil; Tomara! Educação e cultura, 2020, p. 7). Essa ambivalência evidencia a complexidade do vínculo Museu-sociedade no Brasil e revela que a relevância institucional não garante, automaticamente, conexão social efetiva.

Do ponto de vista das expectativas para o futuro, as tendências apontadas pelos profissionais brasileiros – museus **"**mais digitais, acessíveis, interativos e humanos**"** (ICOM Brasil; Tomara! Educação e cultura, 2020, p. 8) – ilustram a consciência de que a digitalização não pode ser compreendida como simples atualização tecnológica. Trata-se de transformar a relação entre instituições e públicos, desafiando estruturas tradicionais de comunicação e mediação para incluir práticas mais participativas e sensíveis às necessidades sociais contemporâneas.

As percepções dos públicos reforçam esse diagnóstico. Segundo o relatório brasileiro, 42,9% dos entrevistados desejam museus mais inclusivos e diversos**,** enquanto 37,9% apontam a necessidade de maior engajamento com causas sociais, e 36,5% pedem ampliação e diversificação da programação cultural (ICOM Brasil; Tomara! Educação e cultura, 2020, p. 13). Esses dados indicam que o público não busca apenas acesso ao

patrimônio, mas envolvimento afetivo e político com instituições que reconheçam suas identidades, demandas e contextos. O receio manifestado por 11% dos participantes, que temem um museu mais elitizado no pós-pandemia, reafirma que a transformação digital precisa caminhar junto com políticas sólidas de inclusão.

Com isso, torna-se evidente que o desafio imposto à Museologia contemporânea é simultaneamente tecnológico, ético e social**.** A pandemia demonstrou que os museus podem funcionar como espaços de diálogo comunitário, mediação emocional e reconstrução de laços sociais. No entanto, também expôs desigualdades históricas relacionadas ao acesso, à representatividade e à participação. A resposta institucional à crise, portanto, deve ir além da digitalização de acervos: deve envolver a reformulação de práticas, a escuta ativa das comunidades e o compromisso com a diversidade.

A análise conjunta dos dois relatórios sugere que os museus se encontram em um processo de reconstrução amplo, que envolve mudanças materiais – como reorganização de equipes, revisão de orçamentos e adaptação de infraestruturas –, mas também deslocamentos simbólicos e metodológicos. A crise provocada pela pandemia abriu brechas para que o papel social dos museus fosse revisitado, questionado e redefinido. Tal processo exige que as instituições se reinventem não apenas para sobreviver, mas para permanecer relevantes em um mundo marcado por transformações rápidas e incertezas.

O relatório internacional destaca fragilidades econômicas e tensões administrativas que impactam a sustentabilidade das organizações museológicas em escala global. Já o estudo brasileiro revela que, apesar dessas dificuldades estruturais, os museus possuem enorme potencial para atuar de forma ativa na reconstrução do tecido social. A articulação entre essas dimensões evidencia que a ressignificação dos museus pós-pandemia envolve tanto a consolidação de suas bases materiais quanto a reafirmação de seu compromisso com as comunidades que servem.

Já o relatório brasileiro acrescenta nuances fundamentais ao enfatizar a dimensão humana da crise. Ele ilumina aspectos relacionados ao cotidiano dos profissionais, às rupturas emocionais vividas pelas equipes e às formas pelas quais comunidades locais reagiram à interrupção das atividades presenciais. Essa abordagem sensível amplia a compreensão da crise ao reconhecer que museus não são apenas espaços de conservação, mas organismos sociais que respondem de maneira complexa às transformações do mundo.

Observando-se ambos os documentos, percebe-se que a pandemia não se limitou a suspender rotinas: ela funcionou como catalisadora de mudanças profundas na cultura institucional. Os museus precisaram adaptar-se rapidamente a novas linguagens digitais, repensar sua presença pública e desenvolver estratégias de engajamento que

extrapolassem o território físico. Esse movimento impulsionou a consolidação de práticas híbridas e inaugurou debates sobre participação, inclusão e empatia no ambiente museológico.

O relatório do ICOM (2020, p. 21) reforça essa perspectiva ao afirmar que “os museus são parte essencial da identidade dos povos e nações, elementos vitais para as comunidades que servem e motores do desenvolvimento local”. Essa concepção ressalta que, mesmo em momentos de instabilidade, os museus mantêm papel estruturante nas dinâmicas culturais, educativas e econômicas dos territórios em que atuam, sustentando Memórias, patrimônios e vínculos sociais.

O documento produzido pelo ICOM Brasil e pela Tomara! Educação e Cultura (2020, p. 2) complementa essa visão ao destacar que “em momentos desafiadores, dados acessíveis e bem interpretados são instrumentos de navegação em uma travessia cujo destino ainda é incerto”. Esse apontamento sublinha a relevância da informação qualificada para orientar decisões, reduzir incertezas e construir caminhos possíveis para a continuidade das ações museológicas.

Da articulação entre essas leituras emerge um entendimento crucial: o futuro dos museus dependerá da capacidade de integrar sustentabilidade econômica, inovação digital e compromisso social. A crise sanitária abriu uma fresta para reinvenções que extrapolam a adoção de tecnologias; trata-se de repensar o Museu enquanto espaço de cuidado, relevância pública e participação. Transformar essa experiência em oportunidade significa reafirmar o papel do Museu como instituição responsiva, aberta ao diálogo e capaz de reinventar sua presença no mundo contemporâneo.

4.3 Museu Nacional/UFRJ (2024-2025): digitalidade, Memória e reconstrução na Pandemia

4.3.1 Impacto inicial da Pandemia no Museu Nacional – Entrevista com Maria Gabriela Evangelista Soares da Silva

A entrevista foi concedida por Maria Gabriela Evangelista Soares da Silva, profissional responsável pela área de Comunicação e Divulgação Institucional do Museu Nacional/UFRJ, cuja atuação tornou-se central no processo de reconstrução simbólica da instituição após o incêndio de 2018. Sua perspectiva oferece um testemunho singular sobre como o Museu Nacional enfrentou simultaneamente dois eventos traumáticos: a perda de grande parte de seu acervo e, posteriormente, a pandemia de COVID-19 - revelando tensões, desafios e reinvenções que atravessam a Museologia brasileira contemporânea.

A trajetória profissional da entrevistada confere densidade ao relato, pois ela vivenciou diretamente a reconstrução institucional, articulando comunicação científica, gestão de crises, mediação digital e preservação de vínculos com o público. Sua experiência à frente das redes sociais do Museu a posiciona como observadora estratégica das transformações ocorridas entre 2018 e 2025, oferecendo informações privilegiadas sobre como o digital tornou-se, nesse período, a principal plataforma de continuidade museológica. A entrevista, portanto, não apenas descreve procedimentos técnicos, mas evidencia práticas, emoções e decisões tomadas em um contexto de alta complexidade.

O material colhido demonstra que, para além de uma reestruturação administrativa, o Museu Nacional passou por uma reconfiguração epistemológica: a comunicação deixou de ser entendida como ação complementar e assumiu o papel de eixo estruturante da presença pública da instituição. A entrevistada relata como, durante a pandemia, as redes sociais atuaram como “edifício simbólico” do Museu, permitindo que sua missão científica, educativa e patrimonial continuasse a ser exercida mesmo sem espaço físico. Esse deslocamento fez com que a comunicação digital se transformasse em dispositivo de Memória, afeto e resistência institucional.

A entrevista com Maria Gabriela constitui, portanto, uma fonte valiosa para esta pesquisa, pois revela como a reconstrução do Museu Nacional ocorreu não apenas no plano material, mas, sobretudo, no plano simbólico e comunicacional. Sua narrativa ilumina práticas de Cibermuseologia emergencial, estratégias de adaptação digital, dinâmicas de engajamento público e a consolidação de uma nova cultura institucional, em que o digital deixa de ser acessório e se torna parte constitutiva da própria identidade do Museu. Esses elementos fundamentam uma análise aprofundada sobre Memória, presença e transformação no campo museal brasileiro contemporâneo.

O impacto inicial da pandemia de COVID-19 no Museu Nacional/UFRJ apresenta uma particularidade estrutural: ao contrário de outros museus, suas exposições já estavam fechadas desde o incêndio de 2018 e das obras de reconstrução do Paço de São Cristóvão. A entrevistada observa que não houve alteração direta na relação Museu–público, pois não havia atendimento presencial desde antes da crise sanitária. Contudo, essa aparente estabilidade esconde um abalo profundo nos setores educativos e de pesquisa, que dependem do acesso físico às coleções – acesso esse completamente suspenso pelas medidas de isolamento determinadas pela UFRJ.

A impossibilidade de pesquisadores e técnicos acessarem o acervo criou uma ruptura silenciosa, mas extremamente significativa: a continuidade dos trabalhos científicos, documentação e monitoramento de coleções foi interrompida. A entrevistada explica que somente atividades essenciais, como manutenção mínima do acervo,

puderam ser realizadas presencialmente. Esse cenário revela a fragilidade da infraestrutura do Museu diante de crises prolongadas, especialmente quando somadas a um contexto pré-existente de perda material e reconstrução institucional.

Outro impacto importante refere-se ao próprio corpo técnico. A determinação de trabalho remoto gerou uma reorganização forçada de rotinas, fluxos e métodos, exigindo adaptação imediata das equipes. Profissionais acostumados ao espaço laboratório–acervo passaram a atuar por meio de dispositivos digitais, alterando a natureza do trabalho museal. Esse deslocamento evidencia o que a entrevistada descreve como um momento de “aprendizado forçado”, no qual o Museu precisou reinventar processos internos para permanecer ativo.

A pandemia também intensificou um sentimento de distanciamento simbólico que já acompanhava o Museu Nacional desde 2018. O incêndio havia retirado da instituição seu espaço físico de presença pública; a pandemia, por sua vez, retirou seu espaço de circulação humana. Maria Gabriela observa que esse duplo afastamento poderia ter sido ainda mais devastador caso o Museu não encontrasse nas plataformas digitais um meio de continuidade institucional. A pandemia, portanto, não inaugurou uma crise: ela aprofundou uma crise já em curso. Nesse sentido, o impacto inicial da COVID-19 não pode ser compreendido apenas como interrupção, mas como catalisador de uma reconfiguração profunda nas formas de atuação do Museu. A ausência de exposições físicas deixou de ser apenas uma limitação e passou a operar como condicionante para uma agenda digital emergencial. A pandemia acelerou um movimento de deslocamento do Museu para o ambiente *online*, movimento este que já começava a se delinear, mas que se consolidou como estratégia central de sobrevivência.

Por fim, a análise da entrevista permite compreender que o impacto inicial da pandemia no Museu Nacional não foi apenas operacional, mas também emocional e simbólico. Para uma instituição que já havia perdido seu edifício histórico, o isolamento sanitário agravou a sensação de vulnerabilidade e incerteza. Esse contexto de dor coletiva e reconstrução contínua moldou as respostas institucionais e abriu caminho para a expansão digital que seria desenvolvida nos meses seguintes.

As redes sociais emergem na entrevista como eixo estruturante da atuação do Museu Nacional durante a pandemia. Maria Gabriela explica que o Museu já utilizava *Instagram, Facebook, Twitter (atual X) e YouTube* antes de 2020, mas a pandemia intensificou e diversificou essas práticas. O digital tornou-se, naquele momento, o único espaço de presença pública da instituição, funcionando como extensão simbólica do Museu e como interface de cuidado com a comunidade.

Nesse processo, chama atenção o fato de que não havia profissionais especializados em comunicação digital ou produção audiovisual. A entrevistada destaca

que a equipe “aprendeu na prática”, um aprendizado coletivo e colaborativo, baseado na experimentação. Essa ausência de formação formal reflete a típica carência estrutural dos museus brasileiros, mas também evidencia a capacidade de resiliência e inovação institucional diante de crises. O uso das redes sociais não se limitou à divulgação institucional, mas passou a desempenhar uma função museológica ampliada. *Lives* com pesquisadores, postagens educativas, bastidores do resgate do acervo e materiais de difusão científica se tornaram estratégias para manter o público conectado ao Museu. A entrevistada aponta que esse contato contínuo gerou crescimento significativo no número de seguidores, revelando que o público buscava, mesmo à distância, formas de proximidade com a instituição.

Outro elemento relevante é a forma como as redes sociais foram utilizadas para lidar com a dimensão emocional da crise. Para um museu que havia perdido seu edifício e grande parte de suas coleções e continuava sob forte comoção pública, o ambiente digital se tornou espaço de acolhimento e solidariedade. Publicações comemorativas, mensagens de apoio e conteúdos que relembravam a história do Museu funcionaram como dispositivos de Memória e reconstrução simbólica.

4.3.2 Digitalidade, Memória e reconstrução

Apesar do caráter emergencial das ações, elas inauguraram uma mudança duradoura na cultura institucional. Após a pandemia, o Museu adotou uma presença mais intensa e profissional em suas redes sociais, investindo em regularidade, planejamento e diversidade de formatos. A entrevistada enfatiza que o digital deixou de ser acessório e passou a ser parte integrante da identidade museológica do Museu Nacional. Assim, as redes sociais, longe de atuarem apenas como ferramentas de comunicação, tornaram-se arenas de mediação patrimonial, participação do público e reconstrução institucional. Elas consolidaram uma forma de presença que, embora inicialmente motivada pela ausência física, passou a definir novas possibilidades de atuação do Museu no século XXI.

As estratégias de adaptação digital adotadas pelo Museu Nacional durante a pandemia revelam uma compreensão ampliada da função museológica em tempos de crise. Maria Gabriela observa que, devido ao caráter híbrido da instituição – museu, centro de pesquisa e centro de ensino –, os conteúdos digitais precisavam refletir a multiplicidade de seus compromissos científicos e educativos. Dessa forma, as redes sociais passaram a divulgar não apenas o cotidiano museológico, mas também materiais acadêmicos, pesquisas em andamento e atividades de extensão: o cotidiano do Museu nas redes sociais e no ambiente *online* - o dia a dia do Museu.

Entre as iniciativas destacadas, está a divulgação da exposição virtual “Os Primeiros Brasileiros”, desenvolvida pela UFMG, disponível em plataforma digital. Essa ação evidenciou a capacidade do Museu Nacional de mobilizar parcerias e conectar seus públicos a conteúdos de alta qualidade, mesmo não sendo responsável direto pela sua produção. Da mesma forma, o Museu apoiou e divulgou iniciativas como o documentário “Resgate”, que apresentou o trabalho do Núcleo de Resgate de Acervos nos escombros do Paço de São Cristóvão.

A entrevista também destacou o uso de itens do acervo em postagens temáticas, estratégia que permitiu manter o vínculo afetivo do público com objetos históricos e científicos que, em circunstâncias normais, estariam em exposição. Esse uso digital do acervo indica um deslocamento da comunicação para uma lógica expandida, na qual a presença física dos objetos é substituída por sua circulação imagética e discursiva.

As *lives*, segundo a entrevistada, foram fundamentais para criar formas de interação síncronas com o público. Elas possibilitaram conversas com pesquisadores, visitas mediadas à distância e celebrações virtuais, como as produzidas nos aniversários do Museu Nacional. Essas práticas aproximaram a instituição de uma pedagogia da presença digital, em que o público não apenas consome conteúdo, mas participa ativamente de processos de construção de conhecimento.

Curiosamente, Maria Gabriela observa que nenhuma dessas iniciativas foi formalmente avaliada durante a pandemia. Não houve estudos sistemáticos sobre engajamento ou impacto das ações digitais. Essa ausência indica a dimensão emergencial da prática e a falta de recursos técnicos e humanos, evidenciando uma tensão entre improvisação criativa e ausência de metodologias estruturadas. Ainda assim, as estratégias de adaptação digital consolidaram um novo paradigma de mediação museológica. Elas demonstraram que, mesmo sem espaço físico, um Museu pode continuar produzindo Memória, ciência e afetos - desde que reconheça o digital como ambiente legítimo de experiência patrimonial. Essa descoberta moldaria as políticas institucionais nos anos seguintes, conforme relatado pela entrevistada.

A entrevista revela que a pandemia deixou desafios significativos para o Museu Nacional, especialmente no que diz respeito à qualidade de infraestrutura de transmissão. A entrevistada menciona problemas frequentes na conexão de palestrantes durante *lives,* o que impactava diretamente a experiência do público. Essa limitação técnica expõe a desigualdade digital que atravessa o setor cultural brasileiro, onde nem instituições nem profissionais possuem, muitas vezes, os equipamentos e redes necessárias para ações contínuas.

Outro desafio diz respeito à sobrecarga das equipes durante o período pandêmico. Sem profissionais especializados e com acúmulo de funções, muitos colaboradores

precisaram aprender tarefas novas e lidar com rotinas exaustivas de criação de conteúdo. Essa intensidade foi responsável, inclusive, pela diminuição posterior do ritmo de *lives*, devido ao cansaço digital. A experiência revela a urgência de políticas institucionais que considerem o bem-estar das equipes e o tempo necessário para práticas digitais de qualidade.

Apesar dos obstáculos, a entrevistada afirma que o Museu Nacional passou a operar, após a pandemia, com uma presença digital “muito mais intensa e profissional”. Isso demonstra que a crise não apenas acelerou processos, mas estabeleceu uma nova cultura institucional, na qual comunicação e mediação digital são entendidas como dimensões permanentes do trabalho museal. Essa transformação simboliza uma expansão da identidade do Museu para além do espaço físico, enfatizando o caráter distribuído e conectivo da prática museológica contemporânea.

A permanência mais significativa, entretanto, é simbólica: para um Museu que perdeu sua sede histórica, o digital tornou-se território de sobrevivência. A entrevistada deixa claro que as redes sociais permitiram manter o Museu “vivo” aos olhos do público, funcionando como lugar de Memória, acolhimento e continuidade institucional. Em contextos de trauma cultural, essa função não é apenas comunicacional: é profundamente museológica.

Outra transformação importante diz respeito à ampliação dos públicos. O crescimento dos seguidores durante o isolamento evidencia que a presença no meio digital permitiu ao Museu Nacional alcançar audiências que jamais visitariam o espaço físico. O Museu, portanto, não apenas manteve seu vínculo com antigos públicos, mas conquistou novos, expandindo sua dimensão social e educativa. Assim, a pandemia funcionou como marco de transição: de um Museu fisicamente destruído para um museu digitalmente reconstruído, de uma instituição fragilizada para uma organização capaz de reinventar suas práticas. A entrevista mostra que essa transformação não se resume à adoção de tecnologias, mas envolve mudanças éticas, metodológicas e afetivas que configuram um novo paradigma museológico.

A ausência de atividades presenciais, determinada pela UFRJ, acentuou as fragilidades pré-existentes. A entrevistada relata que “boa parte das equipes teve que migrar para o trabalho remoto, o que dificultou o andamento de pesquisas, inventários e processos de documentação” (Silva, 2025, informação verbal). Essa fala revela que, para o Museu Nacional, a pandemia significou a paralisação de atividades essenciais à reconstrução do acervo, não apenas uma reorganização administrativa. Ao mesmo tempo, esse contexto reforçou o sentimento de vulnerabilidade entre os profissionais, que trabalharam sob a pressão simultânea da perda física e da incerteza sanitária.

Diante da impossibilidade de presença física, as redes sociais tornaram-se o único território de mediação pública. Maria Gabriela afirma que “não tínhamos equipe especializada em comunicação digital; aprendemos fazendo, na prática, para manter o Museu vivo” (Silva, 2025, informação verbal). Essa declaração expõe com clareza uma Cibermuseologia emergencial, nascida não de planejamento técnico, mas de improvisação criativa. A digitalidade, portanto, não surgiu como escolha, mas como condição de sobrevivência simbólica, operando como o “edifício provisório” do Museu Nacional durante a pandemia.

Entre as ações realizadas, as *lives* ocuparam papel central. A entrevistada afirma que “as *lives* eram a nossa forma de estar presente; aproximavam o público dos pesquisadores e mostravam que o Museu continuava ativo” (Silva, 2025, informação verbal). Esse uso das *lives* como tecnologia de presença reforça a noção de Memória conectiva (Hoskins, 2018), na qual o vínculo entre público e instituição se produz no fluxo das interações digitais. Funcionaram como ponte simbólica entre um museu sem sede física e um público carente de espaços de cultura e acolhimento durante a pandemia.

O uso digital do acervo também foi estratégia fundamental. A entrevistada relata que “a gente tentava trazer peças do acervo para as postagens, como forma de manter o público conectado ao Museu e às nossas coleções” (Silva, 2025, informação verbal). Essa prática ilustra uma tendência de cibermusealização, em que a materialidade perdida ou inacessível é substituída por sua circulação simbólica. No caso do Museu Nacional, cuja coleção sofreu perdas irreparáveis, essa mediação assume peso memorial e emocional particular, transformando o digital em espaço de ressignificação do patrimônio.

Contudo, a entrevista também revela limitações importantes. Maria Gabriela admite que “não fizemos avaliação sistemática das ações digitais; era tudo muito corrido, e não havia equipe suficiente para medir o impacto” (Silva, 2025, informação verbal). A ausência de monitoramento indica tanto a sobrecarga dos profissionais quanto a falta de infraestrutura para uma política digital estruturada. Esses limites, porém, não impediram a relevância pública das ações; pelo contrário, demonstram que as práticas de emergência também moldam a identidade do Museu – que, mesmo sem sede física e sem planejamento digital robusto, expandiu seu alcance. A entrevistada afirma que “o número de seguidores cresceu muito durante a pandemia, mesmo sem exposição aberta” (Silva, 2025, informação verbal). Esse dado contraria a ideia de que a visitação presencial é a principal forma de vínculo com o público. Em vez disso, sugere que o Museu contemporâneo opera de forma híbrida e distribuída, alcançando novos públicos por meio da mediação digital. A ausência tornou-se, paradoxalmente, um dispositivo de produção de presença.

Após a pandemia, as transformações consolidaram-se. Segundo Maria Gabriela, “hoje temos uma presença digital mais profissional, mais estruturada; a pandemia nos ensinou que a comunicação digital não é acessória, mas fundamental” (Silva, 2025, informação verbal). Essa afirmação demonstra que a experiência emergencial se tornou política institucional permanente. A digitalidade deixou de ser uma solução circunstancial e passou a integrar a identidade do Museu Nacional. Assim, a entrevista evidenciou que o Museu não se reconstrói apenas em alvenaria e acervo, mas também em narrativas, afetos e mediações digitais que reconfiguram sua forma de estar no mundo.

O relato revela que a comunicação digital deixou de ser mero instrumento de mediação e passou a constituir o eixo central de continuidade institucional. Esse dado inaugura um aspecto teórico importante para a Museologia contemporânea: a ideia de museus que sobrevivem por mediação**,** nos quais a presença física é substituída temporariamente e, em alguns casos, definitivamente, por regimes de visibilidade digital que funcionam como dispositivos de Memória, afeto e reconstrução simbólica.

Outro ponto fundamental revelado pela entrevista é a necessidade de repensar a infraestrutura digital como parte integrante da política museológica. A entrevistada destaca limitações técnicas, ausência de equipe especializada e improvisação contínua como elementos constitutivos das ações realizadas, o que evidencia que a digitalidade nos museus brasileiros ainda opera na esfera da precariedade. Esta constatação abre uma agenda urgente para o campo: considerar a comunicação digital não como suporte, mas como política institucional estruturante**,** com financiamento próprio, formação continuada e profissionais dedicados. A pandemia demonstrou que o digital não é contingência; é uma dimensão permanente da prática museológica.

Além disso, a entrevista ilumina uma questão central que a Museologia precisa discutir: o papel do acervo digitalizado ou imagético como substituto parcial da experiência material. Ao mencionar que o Museu Nacional utilizou fotografias de itens do acervo para manter o vínculo afetivo com o público, a entrevistada aponta para a emergência de uma lógica em que a Memória patrimonial não depende exclusivamente da presença física dos objetos. Essa tendência, reforçada em contextos de crise, desafia a Museologia a pensar novas ontologias do objeto museal - híbridas, mediadas, conectivas - nas quais circulação, compartilhamento e ritualidade digital passam a integrar a própria definição de patrimônio.

Por fim, a fala de Maria Gabriela evidencia que a Museologia do futuro deverá considerar, de maneira mais profunda, as dimensões emocionais do público e da equipe. O Museu Nacional, ao manter-se presente por meio de *lives*, conteúdos afetivos e narrativas sobre reconstrução, ativou um tipo de relação que ultrapassa a exposição e adentra o campo do cuidado, da escuta e da Memória partilhada. Esse aspecto indica a necessidade de integrar, de forma mais explícita, a afetividade, o Luto, a vulnerabilidade

e a Memória coletiva como dimensões legítimas da prática museal. Assim, a entrevista não apenas documenta um momento crítico, mas oferece pistas fundamentais para repensar a Museologia enquanto campo capaz de articular técnica, digitalidade e humanidade em tempos de instabilidade.

4.4 Memorial Inumeráveis

O Memorial Inumeráveis surge como uma resposta simbólica e política ao processo de despersonalização das mortes provocado pela pandemia de COVID-19, quando vidas passaram a ser comunicadas majoritariamente por meio de números, gráficos e boletins epidemiológicos. Ao reunir narrativas individuais, o memorial rompe com a lógica estatística dominante e reinscreve as vítimas no campo da Memória social, devolvendo-lhes nome, história e singularidade.

Tal deslocamento dialoga com a crítica formulada por Judith Butler acerca das hierarquias do Luto na modernidade, quando determinadas vidas são tornadas menos reconhecíveis e menos passíveis de lamento público. Como afirma a autora: “Certas vidas não são qualificadas como vidas, ou desde o começo não são concebidas como vidas dentro de certos enquadramentos epistemológicos; essas vidas nunca serão enlutadas porque nunca foram vividas plenamente” (Butler, 2009, p. 38). Neste sentido, o Inumeráveis atua diretamente contra esse apagamento simbólico, produzindo um espaço onde cada morte é reconhecida como perda social irreparável.

Enquanto memorial virtual, o Inumeráveis também ocupa um lugar fundamental no contexto de ruptura dos rituais presenciais de despedida, imposto pelas medidas de isolamento social. A impossibilidade de velórios, funerais e encontros coletivos intensificou a necessidade de criação de espaços alternativos de elaboração do Luto. Tony Walter destaca que, em contextos de morte em massa, novas formas de ritualização tendem a emergir, especialmente mediadas por tecnologias digitais: “Quando a morte ocorre em grande escala e os rituais tradicionais se tornam inviáveis, a sociedade é compelida a inventar novas formas simbólicas de reconhecer a perda e partilhar o Luto” (Walter, 2017, p. 92).

O ambiente digital, nesse cenário, transforma-se em território de ritualização contemporânea, no qual a escrita, a leitura e a partilha de histórias substituem, ainda que parcialmente, os gestos presenciais de despedida. O Inumeráveis converte-se, assim, em um espaço coletivo de enlutamento e reconhecimento.

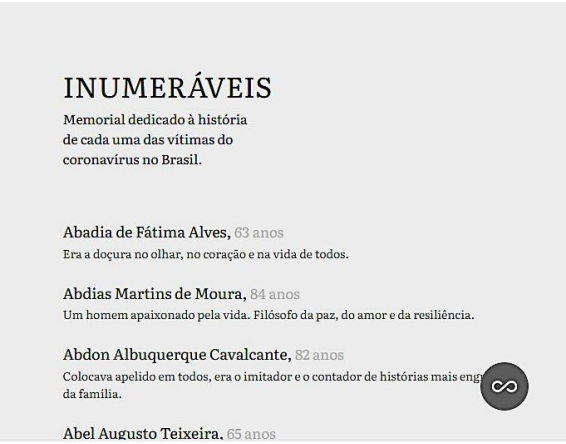
Do ponto de vista da Memória social, o memorial pode ser compreendido como um verdadeiro lugar de Memória digital, no sentido ampliado proposto por Pierre Nora. Embora destituído de materialidade física, o Inumeráveis concentra uma forte densidade

simbólica, operando como um repositório de afetos, lembranças e narrativas compartilhadas. Segundo Nora: “Os lugares de Memória nascem e vivem do sentimento de que não há Memória espontânea, de que é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações” (Nora, 1993, p. 13). No contexto pandêmico, o memorial virtual assumiu justamente essa função: criar um arquivo sensível capaz de preservar aquilo que, de outro modo, seria diluído no fluxo incessante das estatísticas e da informação midiática.

A relevância social do Inumeráveis também pode ser compreendida à luz das reflexões de Elizabeth Jelin sobre o caráter político da Memória. Para a autora, lembrar é sempre um ato situado, atravessado por disputas de sentido e por escolhas narrativas. Ao priorizar histórias individuais, o memorial afirma uma Memória contra-hegemônica da pandemia: “A Memória não é apenas um depósito do passado, mas um campo de disputas no presente, no qual se definem quais vozes serão escutadas e quais experiências serão reconhecidas” (Jelin, 2002, p. 26). Assim, o Inumeráveis não apenas preserva lembranças, mas intervém criticamente na forma como a pandemia será lembrada coletivamente, recusando a naturalização da morte em larga escala.

Por fim, ao operar como acervo digital colaborativo, o memorial insere-se no debate contemporâneo sobre Memória digital e seus modos de mediação. Andrew Hoskins destaca que os arquivos digitais não são neutros, mas estruturam formas específicas de lembrar e esquecer. No caso do Inumeráveis, a curadoria afetiva e participativa orienta a produção de uma Memória humanizada da catástrofe sanitária: “A Memória digital não apenas armazena o passado, mas o reconfigura continuamente, moldando o modo como eventos traumáticos são lembrados, compartilhados e reinscritos no presente” (Hoskins, 2018, p. 51). Desta forma, o Inumeráveis consolida-se como um dispositivo memorialístico central para a compreensão do Luto coletivo na pandemia, afirmando a importância ética, social e cultural da humanização das vítimas frente à lógica despersonalizante dos números.

Figura 01. Página inicial do *site* Memorial Inumeráveis



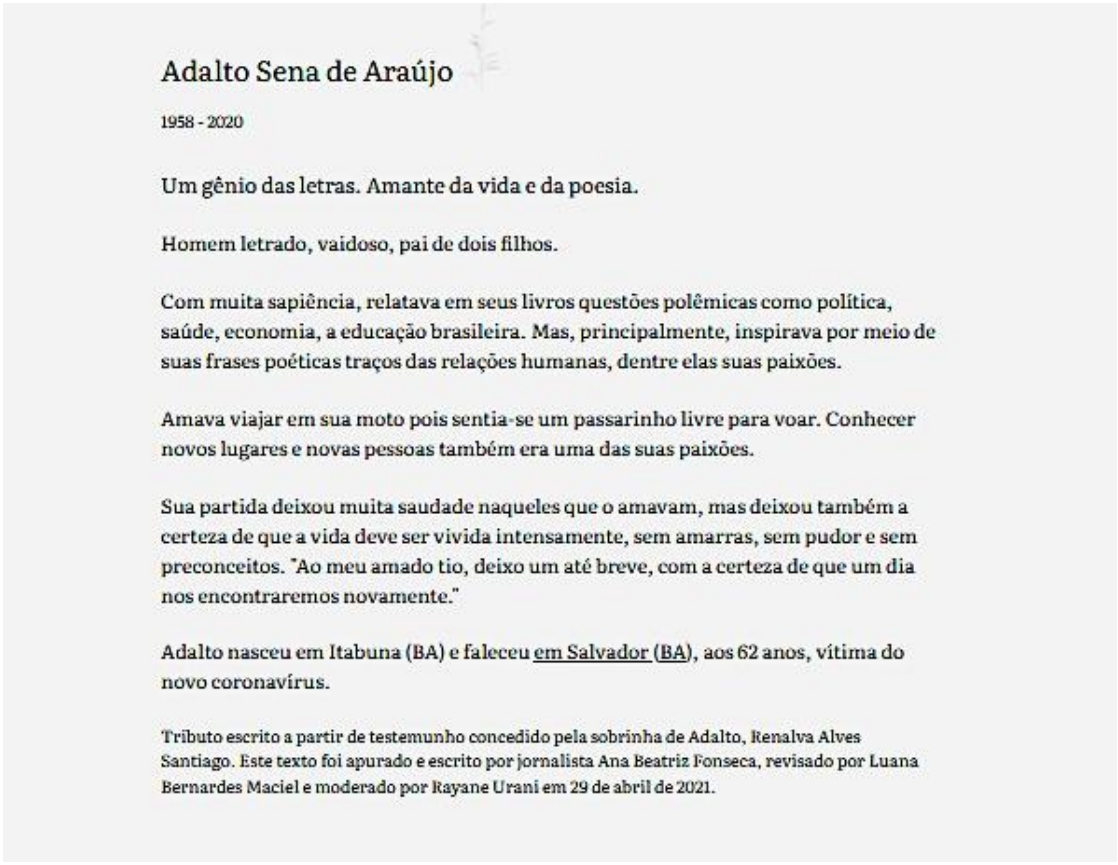
Fonte: INUMERÁVEIS. *Site*.
Disponível em: https://inumeraveis.com.br/. Acesso em: 15 dez. 2025

Edson Pavoni, fundador do Memorial Inumeráveis, compartilha uma profunda reflexão sobre a virtualidade como novo território da Memória coletiva, especialmente no contexto pandêmico. Segundo ele, a pandemia de COVID-19 marcou um ponto de inflexão na maneira como vivenciamos o Luto, a Memória e as relações sociais. Para muitas famílias que não puderam realizar os rituais tradicionais de despedida, o Inumeráveis se tornou uma alternativa simbólica de rito de passagem, permitindo que o Luto pudesse ser vivido de maneira significativa, mesmo à distância.

Pavoni destaca que, embora o memorial seja uma obra artística concebida por ele e por centenas de voluntários, sua verdadeira criação ocorre no momento da escuta e da contação da história. Quando alguém é entrevistado, e mais tarde vê a história da pessoa querida publicada – escrita por outro – e sabe que ela permanecerá disponível, esse processo de simbolização se realiza de forma profunda. A virtualidade, nesse contexto, não é apenas um suporte tecnológico, mas um espaço simbólico poderoso, que se torna fundamental diante da impossibilidade da presença física. Pavoni argumenta que o espaço virtual oferece uma amplitude quase infinita, contrastando com os limites do espaço físico urbano. Essa característica permite preservar e ampliar Memórias de maneira segura e duradoura. Contudo, também alerta para um risco: a banalização da Memória na imensidão digital. A profusão de registros, sem curadoria sensível, pode gerar insensibilidade. Por isso, projetos que utilizam a virtualidade como espaço de Memória devem construir identidades visuais e narrativas atemporais, desvinculadas de modismos estéticos passageiros. O Memorial Inumeráveis foi pensado com esse cuidado: sua estrutura conceitual se organiza em torno de três fases do Luto o grito, o silêncio e a música representando o impacto emocional da perda e a transformação do sofrimento em saudade.

Além do potencial simbólico, Pavoni aponta que a virtualidade oferece benefícios práticos, como a acessibilidade e a descentralização. O memorial pode ser acessado de qualquer lugar, por qualquer pessoa, sem a necessidade de um espaço físico centralizado. Isso o torna um espaço de Memória amplamente distribuído. No entanto, ele também reconhece os desafios, especialmente no que se refere à gestão e ao apoio emocional dos voluntários. Desde sua criação, mais de 900 pessoas já foram treinadas para participar do projeto, atuando como escritores, checadores de fatos, revisores e publicadores. Apesar do grande número de colaboradores, poucos permanecem por longos períodos, pois o trabalho exige envolvimento emocional profundo, cuidado e sensibilidade constantes.

Figura 02. Adalto Sena de Araújo no Memorial Inumeráveis



Adalto Sena de Araújo

1958 - 2020

Um gênio das letras. Amante da vida e da poesia.

Homem letrado, vaidoso, pai de dois filhos.

Com muita sapiência, relatava em seus livros questões polêmicas como política, saúde, economia, a educação brasileira. Mas, principalmente, inspirava por meio de suas frases poéticas traços das relações humanas, dentre elas suas paixões.

Amava viajar em sua moto pois sentia-se um passarinho livre para voar. Conhecer novos lugares e novas pessoas também era uma das suas paixões.

Sua partida deixou muita saudade naqueles que o amavam, mas deixou também a certeza de que a vida deve ser vivida intensamente, sem amarras, sem pudor e sem preconceitos. "Ao meu amado tio, deixo um até breve, com a certeza de que um dia nos encontraremos novamente."

Adalto nasceu em Itabuna (BA) e faleceu em Salvador (BA), aos 62 anos, vítima do novo coronavírus.

Tributo escrito a partir de testemunho concedido pela sobrinha de Adalto, Renalva Alves Santiago. Este texto foi apurado e escrito por jornalista Ana Beatriz Fonseca, revisado por Luana Bernardes Maciel e moderado por Rayane Urani em 29 de abril de 2021.

Fonte: INUMERÁVEIS. Adalto Sena de Araújo.
Disponível em: https://inumeraveis.com.br/adalto-sena-de-araujo/. Acesso em: 15 dez. 2025

A motivação de Edson Pavoni também é pessoal. Ele compartilha que perdeu o pai muito jovem, e até hoje sente falta de uma narrativa verdadeira sobre seus últimos anos. Essa ausência de Memória o inspira a garantir que outras pessoas possam ter suas histórias registradas com dignidade, respeito e verdade: todas as informações publicadas no memorial passam por checagem criteriosa. Ele acredita que o impacto do Memorial Inumeráveis ainda está sendo revelado. Resta saber, segundo suas palavras, se a abundância de Memória nos tornará mais conscientes e comprometidos com o passado – impedindo que erros se repitam – ou se, ao contrário, a saturação de informação poderá dessensibilizar nossa percepção histórica e afetiva. Ele aposta na primeira hipótese, e é isso que sustenta seu trabalho contínuo com o projeto.

Por fim, Pavoni reforça que os memoriais virtuais não devem substituir os físicos, mas sim complementá-los. O Inumeráveis caminha para essa integração. Está em desenvolvimento uma proposta de memorial físico em São Paulo, também dividido em três atos - o grito, o silêncio e a música -, espelhando o conceito presente no ambiente virtual. Essa integração é vivida, por exemplo, quando alguém acessa o site do memorial e lê o nome de uma pessoa. Ao mesmo tempo, esse nome se acende no espaço físico do

memorial, criando uma conexão entre o digital e o concreto, entre a ausência e a presença. Trata-se, segundo Edson, de permitir que a Memória seja sentida, vista e habitada de forma sensível e transformadora.

O Memorial Inumeráveis, com sua proposta de agregar histórias de vida de indivíduos que muitas vezes ficam à margem das narrativas históricas tradicionais, oferece uma abordagem mais inclusiva da Memória. Em paralelo à análise de perfis de celebridades, propõe que a experiência do Luto e a preservação da Memória *online* não são privilégio de figuras públicas, mas um processo dinâmico e coletivo, que ocorre de forma colaborativa e digital. Dessa forma reforça a relevância das plataformas digitais, não só como espaços de Luto coletivo, mas como espaços de preservação e transformação das Memórias pessoais, tornando-se uma plataforma crítica para a construção de uma Memória inclusiva e acessível no contexto digital.

4.5 A musealização do cotidiano e o silêncio como objeto de Memória: o caso de *Leaving and Waving*, de Deanna Dikeman

O fenômeno da musealização do cotidiano, intensificado nas últimas décadas pela expansão da cultura visual e pelas tecnologias de arquivamento, revela-se como um dos eixos mais significativos para compreender os novos modos de Memória na contemporaneidade. Em lugar do objeto monumental, a fotografia doméstica, o gesto repetido e a rotina familiar passam a integrar uma nova categoria de patrimônio afetivo – efêmero, íntimo e profundamente humano.

A série *Leaving and Waving* [31](1991–2017), da fotógrafa norte-americana Deanna Dikeman, é exemplar desse processo. O conjunto de imagens que registra, ao longo de vinte e sete anos, o simples ato de acenar para os pais ao deixar a casa familiar tornou-se um dos mais potentes símbolos visuais do Luto, da saudade e da permanência. Ao transformar o gesto trivial da despedida em narrativa visual de afeto e perda, Dikeman produziu uma forma de Museu doméstico da Memória, em que o cotidiano é elevado à condição de objeto museológico.

Nascida em Sioux City, Iowa (EUA), em 1954, e residente em Kansas City, Missouri, Deanna Dikeman formou-se em História da Arte e Fotografia pela Universidade do Kansas. Desde o início de sua trajetória, a artista voltou-se para o universo familiar e os gestos ordinários como material poético e documental. Seus projetos, como *Relative Moments*, *Wardrobe* e, sobretudo, *Leaving and Waving*, abordam o que Roland Barthes (1984) chamou de *punctum* - o detalhe que fere, o instante em que o tempo se torna visível.

[31] Partindo e acenando.

Distante da fotografia de espetáculo, Dikeman constrói um olhar silencioso e persistente sobre o que há de mais comum. Seu trabalho emerge de um exercício etnográfico da intimidade, captando aquilo que Pierre Bourdieu (1990) definiu como "a prática social da fotografia familiar": o uso cotidiano da imagem como registro, afeto e prova de pertencimento.

O projeto *Leaving and Waving* nasceu de forma despretensiosa em 1991, quando Dikeman, ao deixar a casa dos pais após uma visita, decidiu tirar uma fotografia enquanto eles acenavam da garagem. Repetiu o gesto no ano seguinte, e depois novamente, até perceber que havia criado uma sequência que narrava, com extrema sutileza, o passar do tempo e o amadurecimento das ausências. Com o passar dos anos, o aceno deixou de ser apenas um ritual familiar e converteu-se em uma gramática visual de grande densidade simbólica. A repetição ritualística acumulou pequenas variações que revelam o desenrolar da vida: o cabelo que embranquece, o corpo que se curva, o cão que envelhece, as flores que mudam de estação. Esses detalhes constituem um inventário sensível do tempo, compondo uma espécie de "etnografia íntima" das transformações corporais e ambientais que acompanham o envelhecimento. A artista relata: "*I didn't set out to make a series. I was just taking one last picture each time*"[32].

O gesto de fotografar tornou-se, para ela, um modo de lidar com a dor das partidas: "*I could soothe my sadness about leaving with photography... one last picture... as I drove away*"[33]. Ao longo dos anos, o aceno transformou-se em ritual, e a garagem da casa familiar em palco simbólico da despedida. Cada imagem passou a carregar camadas de temporalidade: o cabelo grisalho, o corpo curvado, a presença do cão, as flores do jardim, a mudança de luz – tudo registrava a passagem irreversível da vida. Com o falecimento dos pais, o último registro, datado de 2017, mostra a garagem vazia. Dikeman sintetiza esse momento com uma frase comovente: "*For the first time in my life, no one was waving back at me*"[34]. O vazio torna-se, então, a última imagem – e o silêncio, o novo protagonista da série.

A gênese de *Leaving and Waving* revela a força dos gestos cotidianos como desencadeadores de processos memorialísticos complexos. O primeiro registro, realizado em 1991, nasce de uma decisão simples – fotografar os pais acenando no momento da partida – mas inaugura uma cadeia narrativa que ultrapassa o âmbito familiar. Sem intenção autoral clara, o gesto inaugural opera como semente de uma futura obra de longa

[32] "Eu não tinha a intenção de criar uma série. Eu apenas tirava uma última foto toda vez" (Dikeman, 2025, tradução nossa).
[33] "Eu podia suavizar minha tristeza por partir com a fotografia... uma última foto... enquanto eu dirigia para ir embora" (Dikeman, 2025, tradução nossa).
[34] "Pela primeira vez na minha vida, ninguém me acenava de volta" (Dikeman, 2025, tradução nossa).

duração. A fotografia, nesse contexto, age como ritual intuitivo de preservação, antecipando a necessidade de fixar algo que já se percebia fugidio.

À medida que o gesto se repetia anualmente, Dikeman começou a perceber que estava, sem saber, construindo uma crônica visual do tempo. A artista reconhece essa ausência de intencionalidade inicial ao afirmar: "*I didn't set out to make a series. I was just taking one last picture each time*"[35]. Essa declaração ressalta a dimensão orgânica do processo, no qual a repetição surge mais como resposta afetiva às despedidas do que como projeto artístico estruturado.

Nesse desfecho, o silêncio assume protagonismo. O vazio não funciona como lacuna, mas como última inscrição de sentido. Ele condensa toda a trajetória da série, convertendo a ausência em objeto memorial. O silêncio final não elimina o gesto; ao contrário, o eterniza, porque o preserva como Memória e não mais como acontecimento. *Leaving and Waving* inicia-se como gesto afetivo e despretensioso, mas culmina como ato de memorialização da vida ordinária, no qual o vazio se torna testemunho e a imagem, herança.

A Museologia contemporânea encontra-se imersa em um paradigma no qual a ausência se torna, paradoxalmente, fonte primária de presença. A digitalidade cria dispositivos capazes de reativar o que já não está instaurando novas formas de contato com pessoas, gestos e objetos há muito desaparecidos. Nesse cenário, o Museu deixa de depender exclusivamente da materialidade para constituir sua função memorial, passando a operar em regimes híbridos, onde vestígios digitais, registros audiovisuais e simulações tecnológicas substituem – ou complementam – o objeto físico. A ausência, portanto, deixa de representar interrupção e passa a ser território fértil de significação.

O desenvolvimento acelerado das tecnologias de inteligência artificial intensificou esse processo, ampliando exponencialmente as possibilidades de rememoração: IA generativa, algoritmos de reconstrução facial, recuperação automática de imagens e técnicas de interpolação temporal permitem que arquivos fragmentados sejam completados, animados ou reinterpretados. O que antes era uma fotografia estática pode ser convertido em vídeo; o que era apenas vestígio pode ganhar movimento, profundidade e até projeção afetiva. Esses recursos não apenas preservam a Memória – eles a expandem, produzindo novas camadas de leitura. Como já antecipava Karina Viana (2016) em sua análise sobre mediações híbridas e processos de *gatekeeping* informacional, as tecnologias digitais não apenas organizam e filtram conteúdos, mas reconfiguram profundamente os modos como narrativas, afetos e dados circulam, produzindo novos regimes de visibilidade e de construção do conhecimento. A incorporação da IA a esses

[35] "Eu não planejei fazer uma série. Eu estava apenas tirando uma última foto a cada vez" (Dikeman, 2025, tradução nossa).

processos potencializa essa dinâmica: ela não só recupera ou restaura imagens, mas cria possibilidades expressivas que transformam a relação entre Memória, tecnologia e experiência humana, inaugurando formas de rememoração que são simultaneamente técnicas, estéticas e emocionais.

Entretanto, essa expansão traz questões epistemológicas e éticas essenciais. Ao permitir reviver imagens e construir narrativas audiovisuais a partir de dados incompletos, a IA pode tanto aproximar o sujeito de sua história quanto gerar representações que se afastam da experiência original. A Museologia contemporânea precisa, portanto, equilibrar a potência emocional dessas tecnologias com uma reflexão crítica sobre autenticidade, autoria e responsabilidade. A fronteira entre Memória e ficção torna-se mais permeável, exigindo que a curadoria assuma papel de mediação ética, não apenas técnica.

Nesse contexto, a ausência, longe de ser um limite, transforma-se em matéria-prima da Museologia conectada. A digitalidade produz presenças que não são integrais, mas suficientes para ativar processos de identificação e de elaboração simbólica. Os visitantes encontram, nas reconstruções digitais, novas maneiras de acessar o passado, e os museus encontram, nas tecnologias emergentes, formas de reencantar seus acervos. A ausência se faz produtiva porque convoca o espectador a completar o sentido, engajando-o de modo participativo e afetivo.

A digitalidade e a inteligência artificial não substituem o real: elas ampliam o campo de possibilidades para pensar o que permanece quando o objeto, o corpo ou o gesto já não existem. A Museologia conectada, ao trabalhar com a ausência, cria formas de presença, oferecendo ao público experiências de rememoração que não buscam reproduzir o passado tal como foi, mas torná-lo novamente habitável. É nesse encontro entre ausência e presença mediada que se desenha o horizonte da prática museológica.

4.5.1 O cotidiano e a construção da Memória

Leaving and Waving representa um registro do que Pierre Nora (1989) denominou de “lugar de Memória”: um espaço ordinário – a entrada de casa – que se transforma em suporte simbólico de recordação. A repetição ritualística do ato fotográfico cria um arquivo afetivo, cuja força não reside no evento em si, mas na persistência do gesto. Ao fotografar continuamente o mesmo enquadramento, Dikeman realiza uma curadoria involuntária do tempo. Cada fotografia funciona como uma cápsula memorial, registrando pequenas metamorfoses do corpo, da luz e da paisagem. Trata-se de uma memorialização do efêmero, em que a Memória se constrói não pela grandiosidade do acontecimento, mas pela continuidade do olhar. Essa operação é próxima do que Andrew Hoskins (2018) denomina *connective memory*: uma Memória relacional, tecida na circulação das imagens

e nos vínculos afetivos que elas provocam. A obra de Dikeman é, nesse sentido, uma curadoria emocional da ausência. A cada aceno, o gesto reafirma o vínculo e, simultaneamente, antecipa a perda - uma performance de amor e de finitude.

A fotografia, nesse contexto, assume a função de objeto memorialístico doméstico, preservando fragmentos de uma temporalidade pessoal. O cotidiano é elevado à condição de patrimônio simbólico, e o álbum familiar – composto por gestos, Memórias, objetos, fotografias e rastros do viver – transforma-se em um museu íntimo da saudade, no qual as imagens operam como dispositivos curatoriais do próprio sujeito. A elevação do cotidiano à condição de patrimônio simbólico encontra sustentação teórica no conceito de Museu Interior, formulado por Scheiner (1992; 1998). Ao reconhecer que todo indivíduo porta dentro de si um repertório afetivo, imagético e narrativo que organiza o mundo e produz sentidos, Scheiner demonstra que o Museu não se limita à instituição física, mas existe também como uma estrutura íntima e sensível de significação. É nesse espaço interior que a experiência emocional se converte em patrimônio, que a Memória se reinscreve e que a saudade encontra forma, permanência e morada.

Essa leitura aproxima-se das reflexões de Eurípedes Cruz Jr., cuja Tese sobre o "patrimônio da loucura" (menção honrosa no Prêmio CAPES) evidencia que patrimônios sensíveis, afetivos e não institucionalizados podem ser compreendidos como espaços museológicos relacionais, ainda que não reconhecidos como tais pelas estruturas tradicionais. Cruz Jr. demonstra que cadeias de significado, redes de afetos e regimes de visibilidade produzidos por sujeitos e comunidades configuram verdadeiros "Museus de si", nos quais a experiência humana, marcada pela vulnerabilidade e pela Memória, constitui o centro da ação patrimonial. Como no Museu Interior, trata-se de reconhecer que a musealidade não depende do edifício, mas das relações que produzem sentido e que atribuem valor ao vivido.

A partir desses referenciais, torna-se possível defender que as cadeias conectivas observadas no ambiente digital - imagens reencontradas, fotografias compartilhadas, comentários afetivos, rememorações coletivas - funcionam como museus conectivos, configurados simultaneamente no território da experiência interior e na rede sociotécnica. Assim como Scheiner descreve o Museu Interior como um lugar em que Memória e afeto se organizam, e assim como Cruz Jr. identifica patrimônios emergentes que se constroem fora das instituições, as manifestações digitais do cotidiano revelam-se como espaços museológicos simbólicos, nos quais o sujeito expõe, compartilha e resignifica suas lembranças. O cotidiano, nesse sentido, não apenas se torna patrimônio: ele atua como Museu, operando enquanto instância relacional, afetiva e coletiva da saudade.

A série *Leaving and Waving* evidencia como práticas aparentemente banais podem adquirir densidade memorial quando submetidas à repetição, ao olhar atento e ao acúmulo

temporal. A entrada da casa dos pais de Dikeman, espaço cotidiano por excelência, ganha status de **“**lugar de Memória**”,** nos termos de Nora (1989), não por sua singularidade arquitetônica, mas pela constância com que o gesto de acenar é reinscrito naquele cenário. É o Museu interior de Dikeman. O conceito de Museu Interior oferece uma chave fundamental para compreender como sentimentos, afetos e Memórias se organizam em estruturas semelhantes às operações museológicas. Para a autora, todo sujeito constitui dentro de si um espaço simbólico no qual acumula, seleciona, interpreta e atribui valor às experiências vividas – um “Museu íntimo”, onde recordações, imagens, objetos e emoções são preservados como parte da própria identidade. Esse espaço interno funciona como uma instância de curadoria afetiva: ele dispõe, hierarquiza e ressignifica conteúdos emocionais, da mesma forma que uma instituição museológica organiza seus acervos. Assim, as operações que Scheiner descreve - seleção, classificação, conservação e interpretação - podem ocorrer também no território subjetivo, compondo um processo de musealização que não se limita ao objeto material, mas se estende às dimensões emocionais da existência.

A partir dessa perspectiva, a musealização dos sentimentos não se refere à materialização de emoções em objetos, mas ao modo como as pessoas transformam afetos em narrativas, lembranças e imagens que se tornam parte de seu patrimônio interior. Quando emoções como saudade, perda, amor ou ausência são organizadas simbolicamente em torno de fotografias, relatos, gestos ou Memórias sensoriais, elas passam por um processo análogo ao museológico: são “colecionadas”, estabilizadas e dotadas de significado. A noção de Museu Interior permite, portanto, compreender como sentimentos são convertidos em acervos íntimos e como esses acervos orientam práticas de rememoração, compartilhamento e expressão. Nesse sentido, a musealização dos sentimentos, segundo Scheiner, é um fenômeno que emerge da própria experiência humana, estruturando o modo como cada indivíduo constrói seus patrimônios afetivos e, a partir deles, suas relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo. A musealização do cotidiano, portanto, não depende da monumentalidade, mas da capacidade de um espaço ordinário tornar-se depositário de afetos e camadas narrativas.

O ato de fotografar, reiterado ao longo de quase três décadas, instaura uma espécie de curadoria involuntária do tempo. Cada imagem captura uma transformação mínima, frequentemente imperceptível no fluxo da vida - uma mudança no corpo dos pais, uma variação sazonal da paisagem, uma nova incidência de luz. Essas sutilezas, acumuladas na série, constroem uma cronologia afetiva que transcende o registro documental. O tempo é registrado não por grandes eventos, mas pela persistência paciente que reconhece valor no que se altera silenciosamente.

Essa lógica de repetição e acúmulo aproxima a obra do conceito de *connective memory* formulado por Andrew Hoskins (2018) – “Memória conectiva” [tradução nossa], em que o autor destaca que a Memória contemporânea se tece nas relações entre sujeitos, imagens e tecnologias. *Leaving and Waving* ilustra esse processo ao ativar vínculos emocionais que ultrapassam a experiência individual da artista. Cada aceno registrado funciona como um elo entre passado e presente, Memória privada e recepção pública, evidenciando que o afeto circula e se reconfigura à medida que as imagens circulam.

A série também opera como narrativa da ausência. Embora cada fotografia registre a presença física dos pais, a repetição gradual revela sinais discretos de fragilidade, envelhecimento e finitude. Nesse sentido, o gesto filmado não é apenas expressão de afeto, mas também antecipação da perda. A obra configura, portanto, uma curadoria emocional da despedida, transformando um gesto cotidiano em exercício lento de elaboração do Luto. A Memória, nesse quadro, emerge tanto daquilo que é visto quanto daquilo que se anuncia na transição entre vida, tempo e ausência. Ao mesmo tempo, a fotografia adquire estatuto de objeto museológico doméstico, expandindo a concepção tradicional de patrimônio e aproximando-se da ideia de Museu Interior (Scheiner, 1992, 1998) ou Museu da Inocência (Pamuk, 2008). Em vez de artefatos raros ou históricos, o que se preserva é o traço sensível da vida ordinária. Os gestos, as expressões e as relações familiares passam a compor um acervo íntimo que desafia hierarquias tradicionais de valor museológico.

A série demonstra que o cotidiano possui uma potência simbólica capaz de produzir efeitos de Memória tão intensos quanto aqueles provocados por grandes obras ou monumentos oficiais. Nesse processo, o álbum familiar deixa de ser um repositório privado para se tornar dispositivo de articulação coletiva da saudade. Ao ser publicado e posteriormente viralizado, *Leaving and Waving* desestabiliza fronteiras entre o íntimo e o público, entre a Memória individual e a Memória partilhada. O que antes pertencia apenas à história de uma família torna-se matéria de identificação universal, pois o gesto de acenar - repetido em múltiplas culturas – mobiliza experiências comuns de despedida, deslocamento e amor.

Assim, a memorialização do cotidiano promovida por Dikeman evidencia que a Memória não se sustenta apenas na preservação de objetos materiais, mas na ativação de vínculos, histórias e afetos. A construção da Memória, nesse sentido, é menos um ato de guardar e mais um ato de reencontrar**:** reencontrar o gesto na ausência, reencontrar o tempo nas imagens e reencontrar a si mesmo no processo de olhar.

A série confirma que a musealização contemporânea é, antes de tudo, uma prática relacional, em que o cotidiano – quando olhado com profundidade – se converte em patrimônio emocional e simbólico de toda uma comunidade de espectadores.

4.5.2 O vazio e o silêncio como heranças museais

A série de Dikeman é marcada por uma transição perceptível: das primeiras imagens repletas de movimento, sorrisos e cores, até o último quadro, no qual apenas a ausência persiste. Esse percurso traduz um processo de afeto que se poderia identificar como constitutivo de um Museu interior: da presença à lembrança, da lembrança ao Luto, do Luto ao silêncio. O silêncio, nesse caso, é o ponto culminante da memorialização - o instante em que o gesto já não existe, mas permanece arquivado como vestígio, podendo dar inicio a um processo de musealização. Como observa Chaves (2023), a imagem memorial contemporânea "produz a ilusão da presença pela mediação tecnológica", instaurando uma espécie de cibersaudade, uma saudade mediada pela imagem.

Assim, mesmo diante do vazio, Dikeman declara: "*I feel like they are still there, waving at me from the pictures*"[36]. Essa afirmação expressa a permanência simbólica que a memorialização do cotidiano possibilita: o gesto sobrevive não apenas no arquivo, mas na imaginação afetiva que as imagens provocam.

A progressão narrativa de *Leaving and Waving* evidencia uma transformação gradual da energia vital para a quietude absoluta. Nas primeiras imagens, o movimento do aceno, a vitalidade dos corpos e a luminosidade do cenário compõem uma atmosfera de continuidade e convivência. À medida que o tempo avança, essa vitalidade se dilui, e a série assume um tom cada vez mais contemplativo. As figuras se tornam menores, mais frágeis, mais afastadas. O gesto, antes exuberante, começa a rarear. Essa diluição progressiva revela uma temporalidade que não se limita à cronologia, mas expressa um processo existencial de despedida.

Quando a série chega ao último quadro, o que se vê já não é a presença, mas a sua marca. O espaço vazio opera como signo de uma ausência irrevogável, e é precisamente essa ausência que funda sua potência museológica (musealidade). A Museologia do Luto reconhece no silêncio um elemento interpretativo, capaz de condensar Memórias, evocar afetos e instaurar um campo de significação que vai além do visível. O vazio torna-se lugar de inscrição, superfície onde o passado reverbera e convoca a atenção do espectador para aquilo que já não pode ser apreendido diretamente. Esse movimento de presença para ausência configura um potencial de instauração de um processo de musealização do afeto, no qual o registro fotográfico funciona como mediador entre o vivido e o lembrado. O gesto do aceno, repetido ao longo dos anos, transforma-se em ritual e, por fim, em fantasma. Ele não desaparece; ele migra para outra dimensão: a

[36] "Sinto como se eles ainda estivessem lá, acenando para mim a partir das fotos" (Dikeman, 2025, tradução nossa).

da Memória sensível. É nessa transição que o silêncio se impõe como herança, porque carrega em si a densidade das experiências acumuladas, sintetizando o que não pode mais ser dito nem repetido.

Nessa perspectiva, a reflexão de Chaves (2023) sobre a imagem memorial contemporânea é particularmente elucidativa. Segundo o autor, as tecnologias digitais "produzem a ilusão da presença pela mediação tecnológica", instaurando formas de *cibersaudade* – saudades mediadas, reativadas e prolongadas por meio da imagem. Em *Leaving and Waving*, essa dinâmica torna-se evidente: o silêncio final não interrompe o vínculo, mas o reconfigura. O que resta não é apenas o registro, mas uma atmosfera de afeto que continua a habitar o olhar de quem vê.

A declaração de Dikeman – "*I feel like they are still there, waving at me from the pictures*" – ilustra exatamente essa permanência simbólica. Embora o gesto tenha cessado no mundo material, ele continua vivo no campo da percepção e da emoção. As imagens, nesse sentido, atuam como relicários, condensando o que Benjamin (1936) chamaria de "atração aurática do desaparecido". O aceno persiste não porque está sendo repetido, mas porque foi transformado em Memória compartilhada, atravessando temporalidades e subjetividades.

Essa experiência estética revela que o vazio não é ausência de significado, mas condição de possibilidade para que a Memória se torne ativa. O silêncio opera como dispositivo interpretativo que convida o espectador a projetar suas próprias histórias, ativando um processo de identificação sensível. Assim, a obra deixa de ser apenas expressão de uma experiência individual e se converte em plataforma de ressonância coletiva, onde diferentes Memórias encontram espaço para se manifestar. Por fim, o silêncio como herança museal demonstra que a musealização não depende exclusivamente da materialidade, mas da capacidade de gerar vínculos. No caso da série, o último quadro funciona como síntese de um percurso afetivo que, apesar de encerrado, permanece vivo na imaginação e na sensibilidade do público. É nesse diálogo entre ausência e permanência, entre silêncio e Memória, que *Leaving and Waving* se afirma como uma obra paradigmática da Cibermuseologia do Luto, capaz de transformar o vazio em lugar de significado e o silêncio em território de presença.

4.5.3 Da intimidade à viralização

Em 2020, após publicar algumas fotografias da série em seu site e redes sociais, *Leaving and Waving* tornou-se um fenômeno viral. O conjunto foi divulgado por veículos como *The Guardian*, *The New Yorker* e *LensCulture*, alcançando milhões de visualizações. As imagens foram compartilhadas intensamente no *Twitter* (hoje X), *Instagram* e *Reddit*,

acompanhadas de relatos pessoais de usuários que reconheciam ali seus próprios pais, avós e despedidas. Dikeman comenta: "*People told me they saw their own parents waving in those pictures*"[37].

A circulação massiva de *Leaving and Waving* nas redes sociais transformou radicalmente sua natureza interpretativa. O que era, originalmente, um arquivo íntimo destinado ao âmbito familiar converteu-se em patrimônio emocional coletivo, apropriado por diferentes públicos que reconheceram nas imagens fragmentos de suas próprias histórias de perda. Esse processo demonstrou que a esfera digital atua como amplificador simbólico, capaz de atribuir novas camadas de sentido a materiais inicialmente produzidos para fins pessoais.

Essa reinterpretação colaborativa evidencia a emergência de uma sensibilidade museológica que não depende de institucionalidade formal para existir. A série de Dikeman tornou-se um memorial digital de saudade exatamente porque ativou Memórias individuais e coletivas, funcionando como dispositivo de reconhecimento mútuo. A recepção pública não apenas legitima a obra, mas a reinscreve continuamente em novos regimes de significação, compondo uma rede de afetos compartilhados que ultrapassa fronteiras geográficas e culturais. A viralização da série destaca ainda a mudança fundamental que vem ocorrendo, já há algumas décadas, na lógica da musealização contemporânea. O Museu, tradicionalmente vinculado ao excepcional e ao monumental, passa a acolher o ordinário, o efêmero e o doméstico como matéria legítima de Memória. Esse movimento, conforme discutido por Chaves (2023), revela a capacidade do digital de prolongar a presença: a repetição do gesto registrado por Dikeman não congela o passado, mas o reativa, fazendo com que o cotidiano se torne novamente vivo na interação com o público.

Leaving and Waving constitui, assim, um ato "museológico" de resistência ao esquecimento. A insistência do gesto – acenar – ao longo de quase trinta anos produz uma narrativa que confronta a finitude, reiterando a importância de reconhecer valor memorial no que é aparentemente simples.

O caráter testemunhal da série reside justamente em sua banalidade. O aceno, gesto universal de despedida, torna-se símbolo da permanência afetiva. Na medida em que o público projeta suas próprias experiências de saudade sobre as imagens, a obra adquire potência antropológica, revelando como rituais cotidianos podem se tornar depositários de Memórias profundas. Nesse sentido, a fotografia não funciona apenas como registro, mas como mediadora de vínculos emocionais. A transição entre presença e ausência, tão evidente na progressão da série, culmina no vazio final que encerra o

[37] "As pessoas me disseram que viam seus próprios pais acenando naquelas fotos" (Dikeman, 2025, tradução nossa).

conjunto. Esse vazio, contudo, não representa apagamento; é, ao contrário, uma forma de inscrição memorial. Ele opera como espaço museal simbólico, onde o silêncio assume função narrativa e convoca o espectador a refletir sobre a continuidade da saudade. No interior desse vazio, a lembrança encontra lugar para repousar e, simultaneamente, para reverberar.

A *Leaving and Waving* demonstra que a musealização digital não é apenas uma questão de técnica ou suporte, mas de sensibilidade. A obra reitera que o Museu, enquanto conceito, pode expandir-se para além de suas fronteiras físicas e acolher, em ambientes virtuais, experiências de afeto, perda e reconhecimento. Nesse modelo ampliado, a Memória é ativada não apenas pela conservação, mas pela circulação e pela capacidade de provocar conexões emocionais profundas. É nessa intersecção entre o íntimo e o coletivo que a série se afirma como um dos exemplos mais significativos de Cibermuseologia afetiva na contemporaneidade.

Figura 03. Foto do projeto *Leaving and Waving*, de Deanne Dikeman (1)

Fonte: DIKEMAN, Deanna. **Leaving and Waving** [site].
Disponível em: https://deannadikeman.com/leaving-and-waving. Acesso: 15 dez. 2025.

Figura 04. Foto do projeto *Leaving and Waving*, de Deanne Dikeman (2)

Fonte: DIKEMAN, Deanna. **Leaving and Waving** [site].
Disponível em: https://deannadikeman.com/leaving-and-waving. Acesso: 15 dez. 2025.

Figura 05. Foto do projeto *Leaving and Waving*, de Deanne Dikeman (3)

Fonte: DIKEMAN, Deanna. **Leaving and Waving** [site].
Disponível em: https://deannadikeman.com/leaving-and-waving. Acesso: 15 dez. 2025.

A transformação do gesto simples de acenar em um ícone global de afeto e despedida, tal como realizado por Deanna Dikeman, evidencia a potência da memorialização contemporânea em reconhecer valor simbólico em práticas ordinárias. Ao registrar sistematicamente esse gesto ao longo dos anos, a artista converteu um momento cotidiano em narrativa visual de longa duração, capaz de condensar temporalidades, emoções e vínculos familiares. O que poderia ser apenas um hábito doméstico torna-se, no interior da série, uma gramática sensível da permanência e da saudade. Assim, as fotografias não se limitam a documentar pessoas ou espaços, mas instauram um campo de significação marcado pela densidade afetiva.

No contexto da circulação digital, *Leaving and Waving* alcança um estatuto que ultrapassa sua origem intimista. A viralização da série nas redes sociais permitiu que o gesto registrado por Dikeman fosse reinterpretado por milhões de pessoas, produzindo um fenômeno de identificação coletiva. Esse processo reflete o modo como a cultura digital amplia a capacidade de ressonância emocional das imagens, convertendo experiências individuais em patrimônios compartilhados. O aceno, que antes funcionava como rito particular de despedida, adquire dimensão universal ao ser continuamente reproduzido, comentado e compartilhado no ambiente *online*.

Essa expansão simbólica possibilita compreender a série como um memorial digital do Luto, pois as imagens operam como pontos de encontro entre diferentes histórias de perda. Ao circular no ciberespaço, as fotografias servem de catalisadoras de Memória, despertando no público recordações pessoais e emoções latentes. A lógica da ciberMemória se evidencia quando as imagens deixam de pertencer unicamente à artista e passam a integrar repertórios afetivos coletivos, gerando comunidades de sentido. Nesse processo, o arquivo pessoal transforma-se em dispositivo de reconhecimento mútuo e expressão pública do sofrimento.

A Tese situa esse fenômeno no campo da Cibermuseologia do Luto, entendida como prática que emerge da interação contínua e espontânea entre produtores e públicos. Diferentemente dos modelos tradicionais de memorialização que tendem a centralizar a autoridade interpretativa na instituição ou no curador, a cibermusealização caracteriza-se pela distribuição da agência entre diferentes sujeitos. O conteúdo não é apenas exibido; ele é reativado, modificado e ampliado pelas respostas que recebe. Assim, a Memória torna-se uma construção dinâmica, que se reorganiza de acordo com as interações que o material provoca no ambiente digital. Para defender a Cibermuseologia como âmbito legítimo da Museologia, é indispensável, antes de tudo, reafirmar sua ancoragem no próprio fundamento disciplinar da área: a musealização. Em termos museológicos, musealizar significa transformar algo - objeto, prática, Memória, experiência, registro material ou imaterial - em documento, mediante operações de identificação, seleção,

estabilização, interpretação e comunicação[38]. Trata-se de um processo que atribui valor, estabelece narrativas e incorpora determinado elemento ao circuito patrimonial, criando condições para sua permanência simbólica e para sua circulação social. Assim, musealizar não é apenas preservar: é tornar significativo, produzir um estatuto cultural, inserir o elemento musealizado em um regime de visibilidade e de sentido.

A partir dessa definição, a Cibermuseologia se apresenta, necessariamente, como uma extensão epistemológica da Museologia, e não como um campo exterior ou paralelo. Ela opera com os mesmos princípios estruturantes da musealização – seleção, tratamento, interpretação e comunicação, mas os realiza no ambiente digital, onde os objetos e as Memórias são mediados por códigos, plataformas, algoritmos e interfaces. O que muda não é o processo museológico, mas o suporte, a materialidade e os modos de circulação. A Cibermuseologia, portanto, não cria outra Museologia: ela restitui a Museologia ao seu próprio tempo, adaptando seus fundamentos à ecologia informacional contemporânea.

Desse modo, falar em Cibermuseologia implica reconhecer que a musealização de objetos, fotografias, rastros digitais, Memórias virtuais e visualidades mediadas é, antes de tudo, um processo museológico pleno, ainda que realizado em ambiente ampliado - um espaço que exige novas práticas, mas que permanece sustentado por princípios museológicos tradicionais. Ao definir a musealização e mostrar como ela se atualiza no digital, torna-se possível defender, com clareza epistemológica, que a Cibermuseologia não é um desvio ou uma subárea suplementar, mas um modo contemporâneo de fazer Museologia, plenamente coerente com sua base teórica e com a evolução do próprio campo.

Nesse cenário, os chamados “seguidores” não ocupam posição passiva. Comentários, relatos pessoais, compartilhamentos e remixes configuram uma trama de coautoria, na qual o público assume papel ativo na produção de sentido. Esse engajamento emocional e narrativo amplia o alcance simbólico da obra, transformando-a em corpus vivo de significações. Cada gesto realizado em meio digital - seja um comentário breve ou um testemunho mais profundo - reconfigura o significado da imagem original, convertendo a recepção em novo ato de criação.

Essa dinâmica colaborativa revela que a Cibermuseologia do Luto se ancora numa modalidade específica de musealização, fundada nas relações, nos afetos e na experiência compartilhada da ausência. Como aponta Hoskins (2018), a Memória no ambiente digital opera de maneira conectiva, articulando sujeitos em redes de lembrança e empatia. É nessa interseção entre intimidade e coletividade, entre arquivo pessoal e

[38] Apud Scheiner, sessão de orientação, (março) 2025.

circulação pública, que *Leaving and Waving* se consolida como exemplo paradigmático de como o Luto pode ser musealizado na era digital: não como monumento estático, mas como processo vivo, plural e em constante reconstrução.

No campo da Museologia do Luto, esse paradigma é tensionado pela própria natureza das experiências que se busca musealizar. A perda, a saudade e a finitude não podem ser enquadradas segundo a lógica objetual clássica, pois constituem territórios subjetivos, permeados de emoção e história pessoal. Nesse sentido, o Museu legitima sua face enquanto mediador de sensibilidades. A curadoria assume um papel fundamental não apenas na escolha do que apresentar, mas na criação de dispositivos que permitam ao público expressar, reconstruir e resignificar suas Memórias.

Sob a perspectiva da Cibermuseologia, a experiência museológica desloca-se ainda mais de sua tradição contemplativa. O espaço digital quebra barreiras físicas, redistribui a agência entre diferentes sujeitos e abre campo para uma Museologia mais horizontal. Comentários, partilhas, interações espontâneas e narrativas pessoais tornam-se elementos constitutivos da exposição, que passa a existir não apenas na materialidade dos objetos, mas na circulação simbólica que se forma ao redor deles. A autoridade institucional se dilui, não como perda de credibilidade, mas como abertura para múltiplas vozes e interpretações.

A participação do público, nesse contexto, não é mero adorno, mas componente estruturante do processo museológico. Ao compartilhar lembranças, relatar vivências ou interagir com imagens e relatos, os visitantes desempenham papel ativo na construção do significado. Tal dinâmica aproxima a Museologia contemporânea das teorias da Memória conectiva de Hoskins (2018), para quem a Memória emerge da interação em rede, dos fluxos comunicacionais e das relações intersubjetivas. A Museologia do Luto traduz essa concepção ao permitir que o Luto seja elaborado não de forma isolada, mas em comunidade.

Além disso, o ambiente digital reforça a possibilidade de acessar experiências que não caberiam em dispositivos presenciais tradicionais. A volatilidade e a adaptabilidade do ciberespaço permitem a circulação de imagens, depoimentos e práticas de lembrança que ultrapassam os limites arquitetônicos do Museu. Essa expansão descentraliza a noção de patrimônio, que passa a incluir manifestações afetivas e narrativas de vida, muitas vezes ausentes nas coleções formais. A Cibermuseologia do Luto evidencia, assim, que o patrimônio imaterial da dor e da saudade também merece ser visibilizado.

Por fim, a integração entre práticas presenciais e digitais conduz a um novo modelo de prática museológica, mais permeável às necessidades e sensibilidades do público contemporâneo. Esse modelo não abandona a preservação, mas a articula com a escuta, com a participação e com a construção coletiva do sentido. A Museologia do Luto, nesse

quadro, afirma-se como um âmbito que reconhece o potencial transformador das emoções na produção de Memória. Ela desloca a centralidade do objeto para o vínculo; e do discurso institucional para a experiência compartilhada, inaugurando um modo de fazer Museu que não apenas preserva o passado, mas acolhe o presente em sua complexidade afetiva.

A Cibermuseologia do Luto agrega presença emocional, num processo em que o valor não está mais na raridade do artefato, mas na vivência afetiva e participativa que ele desperta. As tendências moldam o espírito de uma época, e a nostalgia tornou-se um de seus ápices mais sensíveis: é nela que o presente busca abrigo no passado, e o efêmero encontra sentido na lembrança. Nesse cenário, a Museologia do Luto se afirma como um modelo contemporâneo de rememoração, em que a Memória deixa de ser estática e passa a ser vivida, compartilhada e sentida coletivamente.

A velocidade das *trends* digitais produz uma cultura marcada pela obsolescência emocional, em que imagens, narrativas e experiências são rapidamente consumidas e descartadas. Nesse fluxo acelerado, prevalece um regime de visibilidade efêmera, incapaz de sustentar vínculos duradouros. A Museologia do Luto, entretanto, se insurge como força contrária a essa lógica: ela desacelera o olhar, exige permanência e convoca o sujeito a confrontar aquilo que persiste mesmo quando tudo ao redor se move. Seu campo de atuação não se ancora no impacto do novo, mas na densidade da perda e na espessura da Memória.

Ao reconstruir o afeto na ausência, a Museologia do Luto propõe uma linguagem que transforma a saudade em matéria interpretativa. Nesse modelo, os objetos materiais ou digitais não são apenas testemunhos do passado, mas dispositivos sensíveis que articulam emoções e narrativas de continuidade. As exposições, arquivos e práticas de mediação tornam-se espaços de elaboração simbólica, onde o visitante pode reconhecer suas próprias histórias de dor e constituir, a partir delas, novas compreensões sobre si e sobre o mundo. Assim, o Museu torna-se também guardião de vínculos afetivos com a Memória do Luto.

Essa perspectiva inaugura uma forma de pertencimento que ultrapassa a dimensão física do Museu. O Luto, quando musealizado, converte-se em experiência compartilhada, produzindo comunidades afetivas que se reconhecem no gesto de lembrar. A curadoria deixa de operar unicamente pela seleção de objetos e passa a atuar pela sensibilidade, pela escuta e pela criação de atmosferas que acolhem a vulnerabilidade humana. Nesse sentido, a Museologia do Luto articula uma ética do cuidado, em que a Memória é tratada como território de encontro e de sobrevivência emocional.

Além disso, ao privilegiar a permanência, a Museologia do Luto desafia a temporalidade dominante das mídias contemporâneas, propondo uma relação mais

profunda com o passado. Em vez de atualizar-se incessantemente, esse campo valoriza o duradouro, o que retorna, o que insiste em permanecer. Essa temporalidade espessa permite compreender a Memória não como arquivo morto, mas como força ativa que molda identidades e sustenta coletividades. Celebrar o que dói não significa glorificar a perda, mas reconhecer o poder da lembrança na construção de sentido.

Por fim, ao transformar o Luto em linguagem curatorial, a Museologia do Luto reposiciona o Museu como espaço de pertencimento afetivo e de reconstituição simbólica. Ela cria condições para que a saudade seja compartilhada, interpretada e ressignificada, convertendo a ausência em presença sensível. Em um mundo guiado pela rapidez e pelo esquecimento, essa proposta reafirma a relevância do Museu como lugar onde o humano – com suas fragilidades, rupturas e continuidades – encontra espaço para ser visto, ouvido e acolhido.

4.6 *Resting Reef* como Museu-processo: Memória, regeneração e novas formas de ritualização da ausência

A incorporação de práticas memorialísticas em ambientes híbridos - que articulam natureza, tecnologia e ritualidade – têm se consolidado como um espaço emergente dentro dos estudos sobre Luto e ciberMemória. Nesse contexto, iniciativas como o Resting Reef oferecem um ponto de observação privilegiado para compreender como experiências de despedida, lembrança e continuidade simbólica se reconfiguram em ecossistemas profundamente marcados pela crise ambiental contemporânea. A entrevista realizada com Aura Murillo, cofundadora do projeto, insere-se nesse horizonte, permitindo analisar os modos pelos quais a Memória dos mortos se entrelaça com processos regenerativos e transformações culturais no modo como sociedades lidam com a morte.

O encontro com Aura Murillo revela uma perspectiva que ultrapassa a lógica tradicional dos memoriais físicos ou digitais, propondo uma leitura ampliada da memorialização como gesto ecológico. Ao integrar cinzas humanas a estruturas que regeneram recifes de ostras, o *Resting Reef* reconfigura o próprio estatuto do que pode ser considerado um memorial, convidando-nos a repensar noções de permanência, continuidade e agência pós-morte. Esta abordagem eco-museológica oferece uma alternativa aos modelos normativos de Luto, deslocando a Memória para um lugar onde vida e morte se interpenetram, de forma dinâmica.

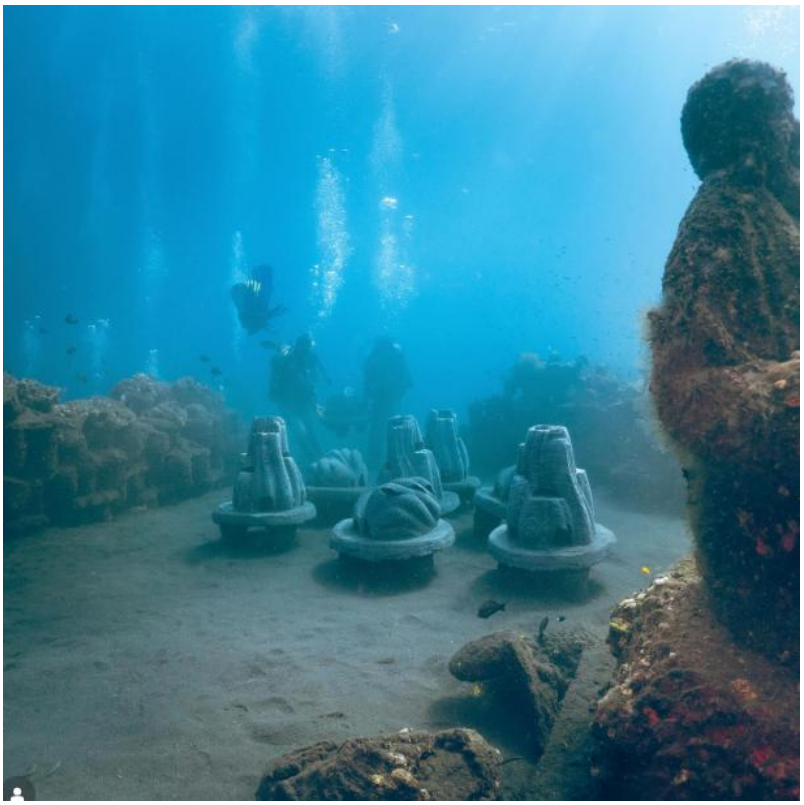
Aura Murillo é pesquisadora e designer transdisciplinar, atuando no campo emergente que articula biotecnologia, ecologia marinha, sustentabilidade e inovação aplicada aos rituais de despedida. Sua formação integra design, ciências materiais e estudos ambientais, com ênfase em metodologias experimentais voltadas à regeneração

ecológica e ao desenvolvimento de práticas culturais sustentáveis. Ao longo de sua trajetória acadêmica, Murillo tem buscado compreender como o design pode se tornar um agente transformador não apenas de objetos e processos, mas também de sensibilidades, modos de vida e relações interespécies.

Cofundadora do *Resting Reef*, Murillo investiga soluções biocêntricas para a destinação pós-morte, questionando modelos funerários tradicionais e propondo alternativas que conciliem Memória, cuidado ambiental e responsabilidade planetária. Seu trabalho incorpora princípios do design regenerativo, utilizando bioagregados à base de conchas marinhas para criar estruturas que funcionam, simultaneamente, como memorial humano e berçário ecológico para a vida oceânica. Essa abordagem a posiciona em um campo de pesquisa extremamente inovador, no qual morte, Luto e ecossistemas são pensados de forma integrada.

A entrevista demonstra que o projeto opera dentro de uma sensibilidade pós-antropocêntrica, aproximando-se das reflexões de autores como Haraway e Cameron, que destacam a importância de compreender o humano em copresença com coletividades mais-que-humanas. O *Resting Reef*, nesse sentido, constitui um *locus* privilegiado para observar como a Memória humana pode participar de processos ambientais, instaurando um tipo de “patrimônio regenerativo” que ultrapassa os limites da preservação material e da fixidez museológica tradicional (Figura 6).

Figura 06. Foto do projeto *Resting Reef*, de Aura Murillo



Fonte: RESTING REEF. *Site*.
Disponível em: https://www.restingreef.co.uk/. Acesso em: 15 dez. 2025.

Ao contextualizar o projeto na paisagem mais ampla dos estudos sobre morte e pós-vida digital, a entrevista contribui para a compreensão de como narrativas de Luto se deslocam para territórios fluidos, onde o simbólico opera em conjunto com o biológico. O gesto de transformar cinzas em ecossistemas cria uma poética da continuidade que desafia modelos clássicos de permanência, expandindo os sentidos atribuídos ao legado e à presença. Tal dinâmica abre espaço para compreender o Luto como um fenômeno rizomático e relacional, no qual a Memória é continuamente ativada por materialidades vivas.

Além disso, o testemunho de Aura Murillo evidencia o papel da inovação tecnológica na criação de novos rituais de despedida. A modelagem tridimensional, o design bio-inspirado e o uso de materiais sustentáveis tornam-se ferramentas que intermediam afetos e ampliam a dimensão experiencial do Luto. Esses elementos dialogam diretamente com a noção de cibersaudade desenvolvida em sua Tese, uma vez que as tecnologias, mesmo quando não digitais, modulam modos de lembrar e de sentir ausência.

A entrevista também toca em temas fundamentais para a Museologia contemporânea, como a necessidade de repensar as formas de curadoria da Memória. O Resting Reef opera como um dispositivo curatorial do Luto: não conserva objetos, mas ativa processos; não preserva um passado estático, mas cultiva futuros possíveis. Essa inversão epistemológica ressalta como o campo museológico se expande para abarcar novas ontologias da Memória, nas quais o Museu torna-se menos um lugar e mais uma prática relacional.

Outro aspecto relevante é a ênfase na participação comunitária e nas conexões afetivas que emergem a partir do memorial vivo. A experiência compartilhada entre familiares, ecossistemas e ciclos naturais aproxima o Luto de uma dimensão coletiva que ecoa estudos contemporâneos sobre Memória social. Assim, a entrevista ilumina como o *Resting Reef* produz formas de sociabilidade afetiva que ultrapassam fronteiras geográficas e temporais, configurando um tipo de comunidade expandida do Luto.

A análise da narrativa de Aura Murillo também evidencia tensões éticas e filosóficas próprias da integração entre morte e natureza. A ideia de que os mortos possam contribuir para a regeneração ambiental provoca deslocamentos na compreensão do corpo, da própria finitude e da responsabilidade ecológica. Ao situar essas reflexões no contexto do Antropoceno, a entrevista aponta para a necessidade de imaginar alternativas coletivas às práticas funerárias convencionais, frequentemente insustentáveis e desconectadas dos ciclos ecológicos.

Além de fornecer dados empíricos para esta pesquisa, a entrevista funciona como documento etnográfico que revela sensibilidades, motivações e expectativas de quem está diretamente envolvido na criação de novos rituais do Luto. A fala de Aura Murillo permite compreender não apenas o projeto em si, mas as forças culturais e afetivas que o sustentam, oferecendo uma camada interpretativa que atravessa as dimensões individual, social e ambiental.

4.6.1 Entrevista com Aura Murillo

[Rafael Chaves] Como surgiu a ideia de transformar cinzas humanas e de animais em recifes artificiais? Foi motivação pessoal ou um projeto concebido desde o início com foco ambiental e memorial?

[Aura Murillo] *The idea for Resting Reef was born from the merging of two personal motivations, my co-founder Louise's and my own. From my side, the journey began during my Master's degree, where I was researching the topic of death. This was inspired by my personal experience of experiencing the death of my father and navigating the funeral and grief process. I came to understand how traumatic, bureaucratic, and impersonal it can often be. I wanted to explore alternative traditions and approaches that could improve the experience for those going through the passing of a loved one, while also challenging and reimagining the way death care services are delivered. From my co-founder's side, the spark came from a desire to apply design in combination with sustainability to address climate change through innovative solutions. When we came together, these two visions aligned, and Resting Reef was created, blending compassion and care for people with a regenerative approach to caring for our planet.*

[Tradução nossa: A ideia do *Resting Reef* nasceu da convergência de duas motivações pessoais: a minha e a da minha cofundadora, Louise. Da minha parte, o percurso começou durante o meu mestrado, quando pesquisava o tema da morte. Essa investigação foi inspirada pela minha experiência pessoal com a morte do meu pai e com o processo de funeral e de Luto. Passei a compreender o quanto esse processo pode ser traumático, burocrático e impessoal. Quis então explorar tradições e abordagens alternativas que pudessem melhorar a experiência de quem enfrenta a perda de um ente querido, ao mesmo tempo em que desafiassem e reinventassem a forma como os serviços de cuidados com a morte são oferecidos. Do lado da minha cofundadora, o impulso surgiu do desejo de aplicar o design em combinação com a sustentabilidade para enfrentar as mudanças climáticas por meio de soluções inovadoras. Quando nos reunimos, essas duas

visões se alinharam, e o *Resting Reef* foi criado, unindo compaixão e cuidado com as pessoas a uma abordagem regenerativa de cuidado com o nosso planeta.]

[Rafael Chaves] Você considera esses recifes uma forma de memorial? Como compreende esse ato de transformar a morte em vida marinha – e em permanência simbólica pela natureza?

[Aura Murillo] *Yes, we consider our reefs to be memorials; in fact, we call them Memorial Reefs. For us, they represent the act of integrating death into the natural cycle, rather than seeing it solely as an end. We believe that death can also be a celebration of life, something life-affirming, not just sombre. It doesn't have to be cold and grey; it can be uplifting while still honouring the emotions that come with loss. It's very important to us that these reefs remain and contribute to nature over the long term. They are a lasting legacy, one that families can feel connected to for generations, creating a meaningful link between memory, love, and the restoration of our planet.*

[Tradução nossa: Sim, consideramos nossos recifes como memoriais; na verdade, nós os chamamos de Recifes Memoriais. Para nós, eles representam o ato de integrar a morte ao ciclo natural, em vez de vê-la apenas como um fim. Acreditamos que a morte também pode ser uma celebração da vida, algo que afirma a vida, e não apenas algo sombrio. Não precisa ser fria e cinzenta; pode ser edificante, ao mesmo tempo em que honra as emoções que acompanham a perda. É muito importante para nós que esses recifes permaneçam e contribuam para a natureza a longo prazo. Eles constituem um legado duradouro, com o qual as famílias podem se sentir conectadas por gerações, criando um vínculo significativo entre Memória, amor e a restauração do nosso planeta.]

[Rafael Chaves] O *Resting Reef* pode ser interpretado como um memorial vivo? Como você define a relação entre Memória, natureza e regeneração no coração do projeto?

[Aura Murillo] *Yes, we like to think of our reefs as living memorials, as they evolve and flourish over time. For us, memory and its connection to nature are intertwined with this idea of growth and transformation. Our work is rooted in restoring nature and creating something beautiful, or in other words, helping nature create something vibrant and life-affirming. This evolving, living aspect of Resting Reef is also closely tied to grief. We believe that witnessing the transformation of a Memorial Reef can offer a sense of healing, as families see their loved one's legacy actively contributing to something meaningful and alive. This belief shapes not only how we envision our service but also how we involve families throughout the process and the day-to-day decisions we make about what we offer.*

[Tradução nossa: Sim, gostamos de pensar em nossos recifes como memoriais vivos, pois eles evoluem e florescem ao longo do tempo. Para nós, a Memória e sua conexão com a

natureza estão entrelaçadas a essa ideia de crescimento e transformação. Nosso trabalho está enraizado na restauração da natureza e na criação de algo belo – ou, em outras palavras, em ajudar a natureza a criar algo vibrante e afirmador da vida. Esse aspecto evolutivo e vivo do *Resting Reef* também está intimamente ligado ao Luto. Acreditamos que testemunhar a transformação de um Recife Memorial pode oferecer uma sensação de cura, à medida que as famílias veem o legado de seu ente querido contribuindo ativamente para algo significativo e vivo. Essa crença molda não apenas a forma como concebemos nosso serviço, mas também a maneira como envolvemos as famílias ao longo de todo o processo e as decisões cotidianas que tomamos sobre o que oferecemos.]

[Rafael Chaves] O gesto de devolver os restos ao mar, transformados em vida, carrega um simbolismo ancestral. Como você percebe essa transformação ecológica também como ritual de despedida?

[Aura Murillo] *The act of returning remains to the sea is a practice that has existed in many cultures around the world for centuries. We believe this reflects a universal connection between people, the ocean, and the cycle of life. At Resting Reef, it is essential to us that sustainability and ecological restoration are interwoven with how humans and our societies honour life and create meaning. An example of this is how, when designing our service, we drew inspiration from these longstanding traditions, exploring why humans have engaged in them for so long and how they can inform our approach to death care today. This respect for tradition also shapes how we work with local communities. For example, in Bali, where we currently have an active site, the crafting and placement of our reefs is carried out together with careful consideration of local customs. This includes participating in ceremonies that bless the reefs and integrate local practices surrounding death and ashes. These rituals allow the community to feel connected to the restoration process and ensure that our work not only regenerates ecosystems but also honours the cultural and spiritual values of the people who live there. For us, this connection between ecological transformation, cultural tradition, and the human need to find meaning in loss is at the heart of what we do.*

[Tradução: O ato de devolver os restos mortais ao mar é uma prática que existe há séculos em muitas culturas ao redor do mundo. Acreditamos que isso reflete uma conexão universal entre as pessoas, o oceano e o ciclo da vida. No *Resting Reef*, é essencial para nós que a sustentabilidade e a restauração ecológica estejam entrelaçadas às formas como os seres humanos e nossas sociedades honram a vida e constroem sentido. Um exemplo disso é que, ao conceber nosso serviço, buscamos inspiração nessas tradições ancestrais, investigando por que os seres humanos se engajam nelas há tanto tempo e de que maneira elas podem informar nossa abordagem contemporânea aos cuidados com a

morte. Esse respeito pela tradição também orienta a forma como trabalhamos com as comunidades locais. Por exemplo, em Bali, onde atualmente temos um local ativo, a confecção e a instalação de nossos recifes são realizadas em conjunto, com cuidadosa consideração dos costumes locais. Isso inclui a participação em cerimônias que abençoam os recifes e integram práticas locais relacionadas à morte e às cinzas. Esses rituais permitem que a comunidade se sinta conectada ao processo de restauração e garantem que nosso trabalho não apenas regenere ecossistemas, mas também honre os valores culturais e espirituais das pessoas que ali vivem. Para nós, essa conexão entre transformação ecológica, tradição cultural e a necessidade humana de encontrar sentido na perda está no cerne do que fazemos.]

[Rafael Chaves] Quais critérios orientam a escolha dos locais onde os recifes são instalados? Existe a intenção de conectar Memória individual com impacto ambiental coletivo e restaurativo?

[Aura Murillo] *When selecting locations for installing our reefs, we carefully assess a wide range of factors to ensure both ecological and social impact: One of our key considerations is identifying areas where reefs once thrived but have since been degraded due to human activity or climate change. By focusing on restoring these sites, we work in harmony with nature's original design, giving damaged ecosystems the best chance to recover. We also evaluate market demand, looking for regions where families memorialising can form a meaningful connection to the site and where the service can bring value and comfort. Collaboration is another vital element; we actively engage with local NGOs and community groups to understand how a Resting Reef project might benefit the area and to ensure there is genuine interest in working together. Environmental conditions play an equally important role. We study the marine environment, including ocean currents and wave exposure, to determine whether the site is suitable and to decide which anchoring mechanisms will best secure the reefs. Ultimately, our site selection process is designed to deliver projects that achieve measurable ecological restoration while also bringing social benefits to local communities and providing a meaningful, lasting legacy for families honouring their loved ones.*

[Tradução nossa: Ao selecionar os locais para a instalação de nossos recifes, avaliamos cuidadosamente uma ampla gama de fatores para garantir impactos tanto ecológicos quanto sociais. Uma de nossas principais considerações é identificar áreas onde os recifes já prosperaram no passado, mas que foram degradadas pela ação humana ou pelas mudanças climáticas. Ao focar na restauração desses sítios, trabalhamos em harmonia com o desenho original da natureza, oferecendo aos ecossistemas danificados a melhor chance de recuperação. Também avaliamos a demanda de mercado, buscando regiões

em que as famílias que desejam memorializar seus entes queridos possam estabelecer uma conexão significativa com o local e onde o serviço possa trazer valor e conforto. A colaboração é outro elemento vital: engajamo-nos ativamente com ONGs locais e grupos comunitários para compreender como um projeto *Resting Reef* pode beneficiar a área e para garantir que haja interesse genuíno em trabalhar em conjunto. As condições ambientais desempenham um papel igualmente importante. Estudamos o ambiente marinho, incluindo correntes oceânicas e exposição às ondas, para determinar se o local é adequado e para decidir quais mecanismos de ancoragem irão melhor assegurar os recifes. Em última instância, nosso processo de seleção de locais é concebido para viabilizar projetos que alcancem uma restauração ecológica mensurável, ao mesmo tempo em que gerem benefícios sociais para as comunidades locais e ofereçam um legado significativo e duradouro para as famílias que homenageiam seus entes queridos.]

[Rafael Chaves] Como é feita a integração com as comunidades locais, especialmente pescadores e artesãos em Bali? O projeto atua também como memorial social, além do ecológico?

[Aura Murillo] *Local communities play a central role in everything we do at Resting Reef. Their involvement goes beyond consultation; they actively participate in every stage of the process, from craftsmanship to underwater placement and ongoing reef monitoring. All of our craftsmanship work is done on-site, guided by the local community's knowledge and perspectives. We use local resources responsibly, with proper permits, and work closely with community and religious leaders to ensure all activities are respectful and authorised. This approach allows us to create meaningful social impact while maintaining a non-extractive model. The benefits of Resting Reef extend not only to the planet and the families we serve, but also to the local communities, who are key stakeholders in every project.*

[Tradução nossa: As comunidades locais desempenham um papel central em tudo o que fazemos no *Resting Reef*. Seu envolvimento vai além da consulta: elas participam ativamente de todas as etapas do processo, desde a confecção artesanal até a colocação subaquática e o monitoramento contínuo dos recifes. Todo o nosso trabalho artesanal é realizado no próprio local, orientado pelos conhecimentos e pelas perspectivas da comunidade local. Utilizamos recursos locais de forma responsável, com as devidas autorizações, e trabalhamos em estreita colaboração com líderes comunitários e religiosos para garantir que todas as atividades sejam respeitosas e devidamente autorizadas. Essa abordagem nos permite gerar um impacto social significativo, mantendo ao mesmo tempo um modelo não extrativista. Os benefícios do *Resting Reef* não se estendem apenas ao planeta e às famílias que atendemos, mas também às comunidades locais, que são partes interessadas fundamentais em cada projeto.]

[Rafael Chaves] Que tipo de monitoramento ecológico e simbólico é feito após a instalação? Existem dados sobre biodiversidade e depoimentos de famílias?

[Aura Murillo] *Yes, for our monitoring programme, we collect multiple data points to understand the effectiveness of our restoration work. We assess the benthic coverage of each reef, which includes the species that grow on the reefs, such as sponges, algae, and corals. We also analyse mobile species, like fish, turtles, and other marine life, that contribute to the overall ecosystem. We also gather testimonials from families afterwards, but also maintain an open dialogue throughout the process to ensure we are always meeting their needs and honouring their wishes. Collecting feedback from local communities is equally important, as it helps us understand the social impact of our work.*

[Tradução nossa: Sim, em nosso programa de monitoramento, coletamos diversos pontos de dados para compreender a eficácia do nosso trabalho de restauração. Avaliamos a cobertura bentônica de cada recife, o que inclui as espécies que crescem sobre eles, como esponjas, algas e corais. Também analisamos as espécies móveis, como peixes, tartarugas e outras formas de vida marinha, que contribuem para o ecossistema como um todo. Além disso, coletamos depoimentos das famílias após o processo, mas também mantemos um diálogo aberto ao longo de todas as etapas, para garantir que estejamos sempre atendendo às suas necessidades e honrando seus desejos. A coleta de feedback das comunidades locais é igualmente importante, pois nos ajuda a compreender o impacto social do nosso trabalho.]

[Rafael Chaves] Você vê o *Resting Reef* como alternativa contemporânea aos rituais funerários tradicionais?

[Aura Murillo] *Yes, absolutely. That's exactly how we see Resting Reef, as an alternative death care and memorial service that is impactful for the planet and designed to revolutionise the funeral industry while truly supporting families in what they need and want.*

[Tradução nossa: Sim, com certeza. É exatamente assim que vemos o *Resting Reef*: como um serviço alternativo de cuidados com a morte e de memorialização que gera impacto positivo para o planeta e foi concebido para revolucionar a indústria funerária, ao mesmo tempo em que apoia de forma genuína as famílias em tudo aquilo de que precisam e desejam.]

[Rafael Chaves] Como esse memorial ecológico contribui para o processo de Luto das pessoas? Que transformações emocionais são mais relatadas?

[Aura Murillo] *We believe we are transforming the way people cope with, perceive, and experience death, whether of a loved one or a beloved pet, by creating new life after death and highlighting the positive elements this can bring to the healing process. Families have*

described Resting Reef as poetic, innovative, and even beautiful, which is incredibly touching for us. Many families appreciate the idea that their loved one can have a positive impact, creating something beautiful for the planet, while also connecting to climate consciousness. At the same time, Resting Reef offers a non-secular, contemporary approach to memorialisation, which resonates with families seeking meaning aligned with modern values.

[Tradução nossa: Acreditamos que estamos transformando a forma como as pessoas lidam com, percebem e vivenciam a morte – seja a de um ente querido ou a de um animal de estimação amado – ao criar nova vida após a morte e ao evidenciar os aspectos positivos que isso pode trazer para o processo de cura. Famílias já descreveram o *Resting Reef* como poético, inovador e até mesmo belo, o que é profundamente comovente para nós. Muitas famílias valorizam a ideia de que seu ente querido possa ter um impacto positivo, criando algo belo para o planeta e, ao mesmo tempo, conectando-se a uma consciência climática. Paralelamente, o *Resting Reef* oferece uma abordagem não secular e contemporânea da memorialização, que ressoa com famílias em busca de significado alinhado a valores modernos.]

[Rafael Chaves] Quais os planos futuros do *Resting Reef*? Há intenção de expandir para outros países, como o Brasil?

[Aura Murillo] *We definitely have expansion plans. The mission of Resting Reef is to become a global option, available in multiple regions and accessible to many people. We are very open to collaborating with local organisations, cultural institutions, and end-of-life professionals to bring Resting Reef to more communities. We are committed to restoring more marine ecosystems and involving local communities in our work, and as a business currently fundraising, anyone interested in supporting our mission and helping us grow is always welcome.*

[Tradução nossa: Certamente temos planos de expansão. A missão do *Resting Reef* é tornar-se uma opção global, disponível em múltiplas regiões e acessível a muitas pessoas. Estamos muito abertos a colaborar com organizações locais, instituições culturais e profissionais da área de cuidados de fim de vida para levar o *Resting Reef* a mais comunidades. Estamos comprometidos em restaurar mais ecossistemas marinhos e em envolver as comunidades locais em nosso trabalho e, como um negócio que atualmente está em fase de captação de recursos, todos os que tiverem interesse em apoiar nossa missão e nos ajudar a crescer serão sempre bem-vindos.]

[Rafael Chaves] Sob a perspectiva da nova Museologia, o *Resting Reef* pode ser visto como uma musealização simbólica do Luto? Como um Museu-processo?

[Aura Murillo] *As designers and appreciators of art and beautiful design, we see Resting Reef fitting naturally within Museums and collections that explore topics such as memory, rituals, restoration, legacy, and more. What excites us about Resting Reef is that it sits at the intersection of all of these themes, combining a human-centred approach to meaning-making with a nature-centred focus on sustainability and purpose-driven business models. We are always open to collaborating with Museums and cultural institutions and being part of their exhibitions. We believe these collaborations also allow us to raise awareness about alternative approaches to memorialisation like ours, connecting with people emotionally, and helping them understand and engage with our work.*

[Tradução nossa: Como designers e apreciadores da arte e do belo design, vemos o *Resting Reef* encaixar-se naturalmente em museus e coleções que exploram temas como Memória, rituais, restauração, legado, entre outros. O que nos entusiasma no *Resting Reef* é justamente o fato de ele se situar na interseção de todos esses temas, combinando uma abordagem centrada no ser humano para a construção de sentido com um foco voltado à natureza, à sustentabilidade e a modelos de negócio orientados por propósito. Estamos sempre abertos a colaborar com museus e instituições culturais e a integrar suas exposições. Acreditamos que essas colaborações também nos permitem ampliar a conscientização sobre abordagens alternativas de memorialização como a nossa, estabelecendo conexões emocionais com as pessoas e ajudando-as a compreender e a se engajar com o nosso trabalho.]

4.6.2 Análise da entrevista com Aura Murillo

A entrevista com Aura Murillo evidencia uma mudança significativa na compreensão contemporânea sobre morte, Memória e destinação pós-vida. Sua fala revela a emergência de um campo híbrido em que práticas funerárias e preocupações ecológicas passam a coexistir, deslocando o Luto para esferas éticas e ambientais antes negligenciadas. Essa perspectiva dialoga com a noção de que, no século XXI, “a morte deixa de ser apenas um fato biológico e torna-se um fenômeno cultural hiperconectado e politizado” (Ariès, 2012). Murillo insere-se exatamente nessa fronteira, propondo que cada corpo humano devolvido ao ambiente seja também um gesto de cuidado planetário.

A ênfase que Murillo atribui ao impacto ambiental dos rituais de despedida sugere um questionamento profundo das infraestruturas funerárias convencionais. Ao indicar que o *Resting Reef* busca transformar cinzas humanas em estruturas regenerativas que alimentam ecossistemas marinhos, ela tensiona o pensamento dualístico entre morte e vida. Essa visão ecoa a inflexão pós-humanista discutida por Haraway (2008), segundo a qual humanos e não-humanos compartilham destinos comuns e, portanto, devem ser

pensados como co-constituidores de mundos. Na fala da entrevistada, a morte não é fim, mas início de um ciclo ecológico ampliado.

Outro dado relevante é a forma como Murillo descreve o papel do *design* na construção de futuros possíveis. Para ela, o *design* não é apenas ferramenta tecnológica, mas uma lente ética capaz de reorientar práticas sociais em direção à responsabilidade ambiental. Essa concepção insere seu trabalho na linha defendida por Manzini (2015), para quem o *design* contemporâneo precisa "gerar conexões sustentáveis entre sistemas vivos, práticas humanas e imaginários sociais". O *Resting Reef* torna-se, assim, um laboratório de imaginação material, em que corpos humanos transformam-se em agentes regenerativos de ambientes subaquáticos.

A entrevistada também demonstra sensibilidade ao reconhecer que práticas memoriais não desaparecem, mas se reconfiguram dentro desses novos arranjos ecológicos. Em sua concepção, o memorial não é apenas um espaço simbólico, mas um ponto ativo de transformação ambiental. Essa abordagem dialoga com Hoskins (2017), quando este afirma que "a Memória, no ambiente digital e tecnocientífico, transborda suas materialidades tradicionais e passa a operar como processo contínuo de atualização"

Os dados revelam ainda uma preocupação da entrevistada com a autonomia dos sujeitos enlutados. Murillo argumenta que as escolhas pós-morte devem refletir valores pessoais e coletivos, sobretudo os ligados à sustentabilidade. Trata-se de uma dimensão ética alinhada à crítica de Bauman (2007), que observa que sociedades líquidas tendem a externalizar a morte, delegando a terceiros sua gestão simbólica. O *Resting Reef*, ao contrário, devolve agência ao indivíduo: morrer torna-se também um ato político e ambiental.

A entrevista permite identificar uma tensão interessante entre tradição e inovação. Murillo reconhece que rituais são essenciais para o Luto, mas afirma que isso não impede sua reinvenção. Essa posição aproxima-se do que Assmann (2011) discute sobre a plasticidade da Memória cultural, capaz de adotar novas formas conforme as necessidades das comunidades. Assim, o memorial marinho não substitui os ritos ancestrais; antes, amplia o repertório possível de despedidas, incorporando a ecologia como dimensão constitutiva do gesto memorial.

Outro aspecto que emerge dos dados é a importância da colaboração interdisciplinar. Murillo menciona o envolvimento de biólogos, engenheiros e *designers* no desenvolvimento do *Resting Reef*, o que evidencia uma prática de pesquisa horizontal e compartilhada. Essa dinâmica está em consonância com o que Drotner e Schrøder (2013) descrevem como "ecologias colaborativas de conhecimento", nas quais o Museu – ou, neste caso, o memorial ecológico – é construído por múltiplos atores e saberes. A

entrevistada demonstra consciência de que apenas abordagens integradas podem responder aos desafios ambientais contemporâneos.

Ao trazer a biotecnologia como aliada do Luto, Murillo introduz um debate delicado sobre materialidade e transformação biológica de restos humanos. Sua fala indica que a preservação da Memória não precisa estar ancorada na permanência física do corpo, mas na continuidade simbiótica entre corpo e ambiente. Essa perspectiva ressoa a crítica de Lévy (1999) sobre as novas materialidades emergentes na era digital e tecnocientífica, onde a Memória deixa de ser estática e assume formas mutantes, conectivas e vivas.

Os dados indicam também que Murillo compreende o Luto como processo comunitário. Ao explicar que famílias acompanham o crescimento dos recifes e observam a vida marinha que ali se instala, ela sugere que o memorial ecológico se torna espaço de reencontro, pertencimento e cuidado coletivo. É possível relacionar essa noção ao conceito de "*continuing bonds*" apresentado por Klass, Silverman e Nickman (1996), para quem o vínculo com os mortos não se rompe, mas se transforma através de práticas simbólicas e sociais. No *Resting Reef*, esse vínculo se materializa em corais, peixes e organismos que habitam a estrutura memorial.

A entrevista evidencia que Aura Murillo não propõe apenas uma inovação funerária, mas uma nova ética do existir. Sua fala convoca uma revisão das fronteiras entre humano e ambiente, morte e regeneração, Luto e responsabilidade planetária. Em última instância, sua visão aproxima-se da proposta de Cameron (2021), que defende que museus e, por extensão, dispositivos memoriais devem assumir papéis regenerativos em um mundo em transformação. Murillo amplia essa premissa ao situar o corpo humano como agente direto de regeneração ecológica, redefinindo tanto o espaço da Memória quanto o destino dos mortos. A visibilidade do *Resting Reef* se estrutura, em grande medida, a partir de sua circulação nas redes sociais, onde imagens, vídeos e narrativas sobre o projeto se disseminam rapidamente. A virtualidade se torna, assim, o principal espaço de encontro entre o público e a proposta ecológica do recife memorial.

É nas plataformas digitais que o conceito se consolida simbolicamente, permitindo que usuários de diferentes países tomem contato com a iniciativa, conheçam seus objetivos e acompanhem sua evolução. A virtualidade opera como vitrine e, ao mesmo tempo, como campo de experimentação sensível, no qual a ideia do recife como lugar de Memória e regeneração ambiental se inscreve como prática cultural emergente.

A inovação do projeto - ao propor que restos cremados se transformem em estruturas biológicas capazes de regenerar ecossistemas marinhos - intensifica sua repercussão nas mídias digitais. O caráter disruptivo da proposta desperta curiosidade, estranhamento e fascínio, elementos que impulsionam o engajamento nas redes. Postagens sobre o *Resting Reef* circulam amplamente em formatos curtos, visualmente

impactantes e altamente compartilháveis, fazendo com que o alcance do projeto ultrapasse as fronteiras geográficas e institucionais. A mídia digital, ao amplificar o potencial imaginativo da iniciativa, produz um ambiente onde diferentes públicos elaboram interpretações, expectativas e projeções afetivas sobre a ideia de transformar as cinzas dos mortos em vida oceânica.

O projeto *Resting Reef* introduz uma nova gramática para o tratamento da morte ao situar o corpo – ou seus vestígios – dentro de um ciclo regenerativo que integra ecologia, tecnologia e ritualidade. Essa proposta desloca o Luto do domínio exclusivamente simbólico para um campo em que Memória e natureza atuam conjuntamente, criando uma forma híbrida de despedida que ultrapassa a materialidade dos memoriais tradicionais. Ao transformar as cinzas em estruturas que alimentam ecossistemas marinhos, o *Resting Reef* propõe uma reelaboração da morte como gesto de continuidade ambiental, aproximando-se de concepções contemporâneas de sustentabilidade que entendem o humano como parte indissociável das dinâmicas planetárias. Assim, o Luto deixa de ser apenas um processo de elaboração emocional para tornar-se também ação ecológica e política.

Essa dinâmica inovadora permite relacionar o *Resting Reef* à Museologia do Luto, pois o projeto constitui uma forma de patrimonialização afetiva que preserva não um objeto, mas uma relação. A ideia de Museu como espaço de Memória expandida aparece aqui deslocada para o ambiente marítimo, onde os recifes tornam-se suportes materiais e simbólicos da continuidade dos mortos. Cada estrutura funciona como um “objeto-relacional”, no qual o valor museológico não reside em sua excepcionalidade, mas em sua capacidade de conectar vivos e mortos por meio de práticas ritualizadas, ecológicas e coletivas. Esse modelo rompe com a lógica de coleção estática: o “objeto” – o recife – está em transformação constante, gerando vida, adaptando-se, crescendo com o ambiente. Arriscamos inferir que o processo corresponde a uma musealização processual e orgânica, que desafia categorias tradicionais da Museologia e sugere novas formas de compreender o patrimônio afetivo.

O papel da Memória digital intensifica ainda mais essa complexidade. O *Resting Reef* é amplamente conhecido e difundido graças à sua circulação nas redes sociais, onde imagens, vídeos e narrativas sobre seus rituais ganham grande visibilidade. A virtualidade se torna a principal interface de contato com o projeto, produzindo camadas de significação que se acumulam na forma de comentários, reportagens, compartilhamentos e experiências pessoais narradas publicamente. Assim, a Memória dos indivíduos depositados nos recifes não habita apenas o oceano, mas também um território digital rizomático que amplia a lembrança para além dos limites geográficos. A presença dos mortos, mediada pela internet, transforma o projeto em *locus* de ciberMemória, onde a

divulgação, o engajamento e a apropriação simbólica constroem, continuamente, um arquivo coletivo de afetos.

Essa conjunção entre ecologia, tecnologia e Memória transforma o *Resting Reef* em um exemplo emblemático das novas paisagens do Luto no século XXI. A ritualidade digital complementa a ritualidade marítima, permitindo que pessoas ausentes geograficamente participem da experiência memorial. Ao mesmo tempo, a dimensão ecológica permite a reinvenção do gesto de despedida, agora vinculado à regeneração em ambiente marinho. A prática de transformar restos humanos em vida oceânica converge com reflexões contemporâneas sobre o papel social dos museus, que ultrapassam a preservação de objetos e passam a envolver ações de cuidado, sustentabilidade e construção de futuros possíveis. Assim, o *Resting Reef* pode ser compreendido como uma forma emergente de Museu-processo, no qual o patrimônio não é uma coleção, mas um contínuo de relações, afetos e ecossistemas em transformação.

A grande exposição do projeto na esfera digital também revela como as plataformas funcionam como mediadoras de inovação cultural. A recepção pública do *Resting Reef* não depende apenas de sua proposta ecológica, mas de como essa proposta é narrada, remediada e esteticamente traduzida nas redes sociais. É nesse ecossistema comunicacional que o recife memorial se transforma em tendência, alcançando espaços de discussão ambiental, tecnológica, funerária e artística. Assim, o *Resting Reef* se consolida como exemplo potente do modo como a virtualidade contribui para tornar visíveis novas formas de lidar com a morte, a Memória e a continuidade da vida, revelando a centralidade do digital na legitimação de práticas emergentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Museologia, ao longo de sua trajetória, tem se configurado como um campo em constante transformação, acompanhando as mutações sociais, políticas e tecnológicas do mundo contemporâneo. Antes da pandemia de COVID-19, os museus ainda mantinham, em muitos casos, uma estrutura tradicional, centrada no acervo físico, na visitação presencial e em modelos expositivos herdados do século XIX. Embora já houvesse um movimento teórico e prático para a abertura dos museus a questões sociais e políticas – como proposto pelos teóricos do campo desde os anos 1940, e enfatizado pela Nova Museologia desde os anos 1970 –, a virtualização ainda era, em muitas instituições, vista como um complemento e não como um território legítimo de atuação museológica.

Ainda assim, no período pré-pandêmico, grande parte dos museus seguia atrelada a modelos centrados na conservação de objetos, em exposições autorais e em práticas educativas convencionais, com pouca inserção nas plataformas digitais e escassa interação virtual com os públicos.

A pandemia de COVID-19, em 2020, instaurou uma ruptura profunda e inesperada no funcionamento dos museus. O fechamento físico das instituições, a suspensão de eventos presenciais e o distanciamento social impuseram uma urgência de reinvenção. O campo museológico foi forçado a se digitalizar e, mais que isso, a repensar a própria razão de ser dos museus. Nesse cenário, emergiu uma Museologia de crise (Moutinho, 2020), marcada por respostas rápidas, novas formas de escuta e produção de narrativas em tempos de dor coletiva.

A virtualidade, nesse contexto, deixou de ser um simples recurso técnico para se tornar um espaço simbólico de ação museológica. Como destaca Maria Cristina Bruno (2021), a mediação digital passou a ser um elemento central na reconstrução da presença museal na ausência física, o que exigiu novas linguagens, plataformas e formatos de engajamento com os públicos. Instituições que já vinham investindo em práticas digitais puderam responder de forma mais estruturada, mas a maioria dos museus teve que improvisar e adaptar seus conteúdos à lógica do *online.*

Iniciativas como o Memorial Inumeráveis, criado no Brasil como resposta à crise sanitária e ao apagamento simbólico das vítimas da COVID-19, destacam-se por sua potência simbólica. Segundo Marques (2021), esse memorial virtual se constituiu como um espaço de resistência à desumanização estatística, transformando números em nomes, dados em histórias, morte em Memória. Trata-se de uma nova forma de Museologia do Luto, na qual a Memória é construída colaborativamente, de maneira descentralizada e digital.

No plano internacional, projetos como o *COVID Collecting*, do *Museum of London*, também se propuseram a documentar o cotidiano pandêmico, coletando objetos, relatos e registros do período de crise. Tais experiências colocam os museus no centro da história

em tempo real, rompendo com a ideia de que os museus são espaços exclusivamente do passado. A Museologia, nesse novo cenário, assume um papel ativo na elaboração simbólica do presente, contribuindo para a construção da Memória coletiva em meio ao trauma.

Essa virada digital provocada pela pandemia reposicionou a Cibermuseologia – já discutida por autores como Mizukami (2009) – como uma epistemologia relevante. O espaço digital deixa de ser mera vitrine para se configurar como território museológico legítimo, com possibilidades de interação, participação e coautoria. Fiona Cameron e Sarah Kenderdine (2007) discutem o potencial do digital para ampliar os horizontes interpretativos e para tornar os museus mais sensíveis às dinâmicas da cultura contemporânea.

Todavia, essa transformação trouxe também desafios significativos. A desigualdade de acesso à internet e às tecnologias, a carência de políticas públicas voltadas à digitalização do patrimônio e a dificuldade de formação de equipes multidisciplinares revelaram as limitações estruturais do campo museal, sobretudo em países do Sul Global. Chagas (2022) aponta que, no Brasil, muitos museus públicos enfrentaram precariedade tecnológica e orçamentária, o que dificultou sua inserção no espaço virtual de forma equitativa e inclusiva.

Além disso, a abundância de conteúdos digitais corre o risco de banalizar a Memória. Pierre Nora (1993) já alertava que a proliferação de lugares de Memória pode se transformar em um arquivamento vazio, se não houver densidade simbólica e mediação crítica. Portanto, a curadoria digital exige não apenas domínio técnico, mas sobretudo uma reflexão ética, sensível e política sobre o que deve ser lembrado, como deve ser lembrado e para quem essa Memória é construída.

Apesar dos desafios, a pandemia também abriu caminhos. Ela mostrou que os museus podem ser mais do que repositórios de objetos: podem ser espaços de escuta, de acolhimento, de Luto, de resistência e de esperança. Os museus que se reinventaram foram aqueles que souberam reconhecer a potência da Memória como prática viva, afetiva e compartilhada. A Museologia pós-pandemia é convocada a ser, como propôs Hooper-Greenhill (2000), centrada no visitante, dialógica e comprometida com a transformação social.

Diante desse panorama, os desafios futuros para a Museologia são inúmeros. É necessário consolidar políticas públicas de digitalização do patrimônio; preservar a Memória digital frente à efemeridade das plataformas; garantir inclusão social e digital para públicos diversos; formar profissionais preparados para atuar no híbrido entre físico e virtual; e, sobretudo, reforçar o papel ético e político dos museus como espaços de reparação, justiça e construção de futuros mais humanos e plurais.

Ao longo de seus capítulos, esta Tese buscou compreender, analisar e refletir criticamente sobre os fenômenos memorialísticos que emergem na confluência entre a Museologia, a cibercultura e as práticas de Luto no ambiente digital, propondo a consolidação da Cibermuseologia do Luto no Brasil como um espaço híbrido, interdisciplinar e necessário para a contemporaneidade. Diante da imaterialidade dos rastros digitais e das experiências afetivas mediadas por plataformas, os perfis póstumos e as práticas curatoriais no Instagram foram analisados como *loci memoria*, constituindo-se como espaços de resistência contra os esquecimentos impostos pelo tempo, pelas plataformas e pelas dinâmicas aceleradas do capitalismo de dados.

Partindo de uma fundamentação teórica alinhada a autores como Fiona Cameron (2008), André Lemos (2020), Rafael Chaves (2023), Hoskins (2009) e Turkle (2017), foi possível compreender que a Memória digital não se limita à sua dimensão técnica, mas carrega consigo densidades afetivas, disputas de poder e negociações simbólicas entre o esquecimento e a lembrança. Neste contexto, os museus, entendidos como dispositivos de Memória e como agentes sociais, encontram no ciberespaço possibilidades de reinvenção de suas práticas, ao mesmo tempo em que enfrentam desafios éticos, técnicos e curatoriais, ampliando a discussão sobre o que é musealizável, como se musealiza e quais objetos digitais ou nato-digitais passam a compor acervos e narrativas online.

A metodologia netnográfica aplicada nesta pesquisa, adaptada e tensionada pelas especificidades da Cibermuseologia, revelou-se um caminho frutífero para capturar as dinâmicas cotidianas de interação em perfis póstumos no Instagram, evidenciando que os comentários, curtidas, compartilhamentos e *hashtags* tornam-se formas de presença e atualização das Memórias do falecido, transformando o *feed* em uma prática memorial viva, em constante movimento e reinterpretação. Nesse sentido, esta Tese demonstra que a musealização do Luto em ambientes digitais não é um processo estático, mas uma prática social, comunitária e relacional, marcada por negociações simbólicas, tensionamentos de poder e atos curatoriais cotidianos, muitas vezes silenciosos e imperceptíveis em sua dimensão micro.

As interações observadas, incluindo o uso de *emojis, hashtags* e comentários, evidenciam estratégias de pertencimento e de prolongamento dos vínculos afetivos, transformando o Luto em uma experiência compartilhada, ainda que mediada por telas e algoritmos. Essa dinâmica fortalece a noção de “cibersaudade” e de “cibermusealização do Luto”, demonstrando que os ambientes digitais se tornaram espaços legítimos para a vivência do Luto e para a criação de comunidades de afeto, que ressignificam a ausência por meio de presenças simbólicas. Tal perspectiva amplia os horizontes da Museologia, tensionando seus limites e apontando para a necessidade de que os museus se

posicionem criticamente diante das possibilidades e responsabilidades éticas envolvidas na curadoria do digital.

Outro ponto relevante da pesquisa residiu na constatação de que a pandemia de COVID-19 atuou como catalisador para o aumento da memorialização *online*, intensificando as práticas de homenagem, rememoração e preservação de rastros digitais. Nesse contexto, o ambiente digital tornou-se não apenas uma alternativa em tempos de isolamento, mas também um território de disputas por narrativas, afetos e políticas de Memória, onde o ato de postar, curtir ou comentar se transformou em um gesto museológico em microescala.

Como contribuições teóricas, este estudo propõe o fortalecimento do conceito de Cibermuseologia do Luto como um âmbito investigativo legítimo e necessário, que articula dimensões técnicas, afetivas e éticas na análise da Memória digital, ampliando a compreensão dos processos de musealização no ciberespaço. Do ponto de vista metodológico, a adaptação da netnografia para a Netnomuseologia mostrou-se eficaz, demonstrando o potencial de investigações densas e etnográficas no campo da Museologia digital.

Como limitações, reconhece-se que os recortes realizados, tanto em termos de plataforma quanto de perfis analisados, não esgotam a complexidade do tema, mas abrem caminhos para investigações futuras que explorem outras plataformas, formatos e contextos culturais, além de análises comparativas entre práticas memorialísticas em diferentes regiões e comunidades.

Por fim, esta Tese reitera a importância de se pensar a Museologia para além dos espaços físicos, compreendendo os ambientes digitais como territórios legítimos de Memória e patrimônio, onde as práticas de Luto, recordação e homenagem se manifestam de maneiras plurais, complexas e profundamente humanas. Nesse contexto, ganham especial relevância os conceitos de Museu Interior (Scheiner, 1992, 1998) e de Museu da Inocência (Pamuk, 2008); e ainda as práticas desenvolvidas pelo Museu da Pessoa, primeiro museu digital brasileiro a defender a relação entre Museologia e memorialística (1991) e a operar processos de musealização na imaterialidade.

Tais realidades apontam para a necessidade estratégica de melhor qualificar os profissionais de museus para as transformações teórico-metodológicas de uma sociedade que opera *online*. Diante da efemeridade do digital e da velocidade com que as plataformas se transformam, cabe aos museólogos e pesquisadores do patrimônio digital a tarefa de refletir criticamente sobre como curar, preservar e compartilhar Memórias neste novo ecossistema, garantindo que os rastros de afeto, dor, saudade e resistência não se percam nas camadas de dados e nos esquecimentos algoritmizados.

Assim, esta Tese se encerra, mas não se conclui, pois a pesquisa sobre a Memória, o Luto e a Cibermuseologia é, antes de tudo, um convite contínuo para olhar para o digital não apenas como um repositório de informações, mas como um território de vidas, presenças e ausências que nos interpelam, nos ensinam e nos convidam a repensar, de forma crítica e sensível, as formas de narrar, curar e preservar aquilo que nos torna humanos.

A Museologia do Luto pode ser compreendida como um âmbito emergente dentro da Museologia contemporânea que se dedica ao estudo, à interpretação e à curadoria das diversas expressões de Luto, dor e saudade no contexto do patrimônio cultural e da Memória social, considerando tanto espaços físicos quanto ambientes digitais. Trata-se de uma perspectiva que entende o Luto como fenômeno social e cultural e cujas manifestações se tornam passíveis de musealização, seja por meio de objetos materiais, seja por rastros digitais e práticas memorialísticas online.

Conforme Chaves (2023) e Scheiner (2022), a Museologia do Luto articula os processos de recordação, homenagem e preservação das Memórias de indivíduos ou coletividades marcadas pela ausência, seja em contextos de tragédias coletivas, seja em Lutos cotidianos que atravessam as vidas ordinárias. Nesse sentido, o Luto deixa de ser apenas um processo íntimo e privado, tornando-se um fenômeno social que se reflete em práticas coletivas de rememoração e de criação de sentidos, ampliando as possibilidades de atuação dos museus e dos museólogos.

Na perspectiva da Cibermuseologia do Luto, essa prática se desloca para os ambientes digitais, onde redes sociais, plataformas de imagens e repositórios online se transformam em espaços de Memória, acolhendo e curando os rastros de presença e ausência. Perfis póstumos no Instagram, fotografias compartilhadas em redes, *hashtags* memorialísticas e postagens de Luto tornam-se, assim, elementos musealizáveis, compondo acervos digitais fluidos e colaborativos (Chaves, 2023).

Portanto, a Museologia do Luto não se restringe a objetos fúnebres ou coleções de práticas mortuárias, mas se volta ao entendimento e à curadoria dos processos de elaboração do Luto, da Memória e da saudade em diferentes contextos culturais, reconhecendo o Luto como uma prática social complexa que envolve narrativas, afetos, disputas de sentido e políticas de Memória.

A pandemia foi, sem dúvida, um divisor de águas para o campo museológico. Ela não apenas acelerou processos já em curso, como também instaurou uma nova consciência sobre o papel social dos museus. Se antes a virtualidade era acessória, hoje ela é constitutiva. Se antes a Memória era algo a ser conservado, hoje ela é algo a ser construído, negociado e partilhado. A Museologia do futuro será aquela capaz de habitar essa complexidade, com escuta, coragem e imaginação.

Ao concluir esta investigação, torna-se possível revisitar o problema central que orientou o percurso analítico: compreender como a Memória e o Luto se transformam em fenômenos museológicos no ambiente digital contemporâneo. O estudo buscou examinar de que maneira os perfis póstumos no Instagram se convertem em espaços simbólicos de preservação, homenagem e continuidade, operando como *loci memoria* mediados por algoritmos, afetos e interações sociais. Retomar essa questão permite reafirmar que a pesquisa partiu do reconhecimento de que o Luto digital não é um fenômeno periférico, mas uma prática cultural estruturante na experiência conectada da atualidade.

Os objetivos formulados ao longo da Tese foram essenciais para orientar essa reflexão ampliada. Pretendeu-se analisar os mecanismos de continuidade digital, investigar práticas de curadoria afetiva e compreender o papel das plataformas no processo de musealização da Memória. A investigação demonstrou que tais objetivos não apenas foram alcançados, como se desdobraram em camadas interpretativas mais complexas do que inicialmente previsto. A experiência museal, no ambiente digital, revelou-se dinâmica, multifacetada e profundamente vinculada ao modo como os indivíduos e coletividades lidam com a ausência.

A análise de perfis póstumos do *Instagram* evidenciou que essas páginas funcionam como espaços híbridos, onde público e privado se entrecruzam continuamente. Os resultados mostraram que a permanência simbólica dos mortos depende não apenas da arquitetura algorítmica da plataforma, mas também da ação constante de seguidores, familiares e comunidades afetivas. Esse movimento coletivo produz uma espécie de acervo imaterial que se renova a cada interação, compondo uma narrativa memorialística que nunca se estabiliza por completo.

A pesquisa confirmou que o Luto digital é um processo socialmente compartilhado, que ultrapassa a dimensão individual e se inscreve em práticas coletivas de rememoração. Isso implica reconhecer que o *Instagram* opera não apenas como um espaço para homenagens, mas como um dispositivo cultural de elaboração simbólica da perda. A cada comentário, imagem ou gesto de Memória, instauram-se microprocessos de musealização que transformam perfis pessoais em espaços de significação pública.

Do ponto de vista conceitual, a Tese demonstrou que a Museologia do Luto adquire, no ambiente digital, contornos expandidos. O Luto deixa de ser apenas objeto de exposição ou narrativa museal e passa a constituir um campo de produção contínua de Memória, sustentado pela lógica da conectividade. As práticas observadas revelam que a presença dos mortos no mundo digital não é estática; ela se atualiza, se amplia e se resignifica conforme os públicos interagem. A noção de Cibermuseologia do Luto, desenvolvida ao longo da pesquisa, contribui para compreender esses fenômenos como desdobramentos legítimos da Museologia.

O Museu, entendido como fenômeno, não se esgota no edifício nem na materialidade do objeto. Ele se manifesta também nos modos como as sociedades constroem sentido. Assim, ao analisar perfis memoriais no Instagram, a pesquisa demonstrou que os museus podem existir na forma de narrativas, afetos e mobilizações coletivas que se articulam nos ambientes digitais.

Entre os resultados mais expressivos, destaca-se o modo como a curadoria afetiva emerge espontaneamente, como movimento comunitário. A organização de imagens, textos e homenagens não segue critérios institucionais, mas princípios de vínculo, saudade e reconhecimento público. Isso revela a existência de outras pedagogias da Memória, produzidas fora dos museus formais, mas alinhadas às funções museológicas essenciais: documentar, conservar e comunicar. A análise metodológica mostrou que a netnografia foi decisiva para compreender tais dinâmicas. Observar comportamentos, interações e materialidades digitais permitiu captar nuances impossíveis de serem apreendidas apenas por análises documentais. A netnografia, porém, também revelou que a instabilidade das plataformas impõe desafios metodológicos constantes, uma vez que conteúdos podem desaparecer, ser editados ou se tornarem inacessíveis de forma imprevisível.

A investigação confirmou ainda que o algoritmo desempenha papel central na permanência dos perfis memoriais. A visibilidade dos mortos no *Instagram* depende de lógicas de engajamento, relevância e circulação que muitas vezes escapam ao controle dos familiares. Isso cria zonas de tensão entre a Memória desejada e a Memória possível, revelando que a tecnologia também participa da construção do Luto. Um dos achados mais significativos foi a constatação de que a musealização da Memória *online* não se resume à preservação do passado, mas envolve formas ativas de continuidade. Os perfis póstumos não apenas guardam lembranças - eles produzem novas camadas de significado. O que se expressa nesses espaços é uma relação ampliada com o tempo, onde o passado permanece ativo e dialoga com o presente.

Deste modo, acreditamos que a Tese contribui teoricamente ao propor uma leitura integrada entre Museologia, cibercultura e Luto digital, articulando áreas que, embora já dialogassem, ainda careciam de aproximações metodológicas consolidadas. A formulação da Cibermuseologia do Luto se apresenta como contribuição relevante para os estudos museológicos, oferecendo novas categorias interpretativas e abrindo caminhos para a compreensão dos museus como fenômenos também digitais. Em termos práticos, o estudo oferece ao campo museológico ferramentas para pensar políticas digitais de Memória, estratégias de curadoria sensível e abordagens éticas no tratamento de conteúdos relacionados à morte. Museus, arquivos e instituições culturais podem se

beneficiar dos resultados ao desenvolver ações que considerem o papel das redes sociais na construção de narrativas de Luto.

Uma contribuição igualmente significativa refere-se à discussão sobre acervos afetivo-digitais. A pesquisa evidenciou que eles não são apenas coleções espontâneas, mas documentos sociais que revelam práticas culturais do presente. Sua preservação depende tanto de políticas institucionais quanto da participação ativa das comunidades que mantêm esses perfis vivos.

A Tese também mostrou que a cultura digital introduz novos desafios éticos. A permanência de perfis póstumos suscita questões sobre privacidade, consentimento e apropriação simbólica da imagem dos mortos. Tais questões, embora não fossem o foco central da pesquisa, apareceram de forma recorrente e indicam a necessidade de reflexões mais aprofundadas em estudos futuros. Entre as limitações, reconhece-se que trabalhar com plataformas dinâmicas impõe restrições temporais e metodológicas. Os perfis observados podem mudar rapidamente; conteúdos podem ser apagados; algoritmos podem ser atualizados. Além disso, a pesquisa concentrou-se no *Instagram*, o que restringe a análise à lógica específica dessa plataforma, não contemplando outras dinâmicas de Luto digital presentes em redes como *TikTok*, *Facebook* ou X.

Outra limitação residiu no fato de que perfis de figuras públicas apresentam um tipo específico de memorialização, que não necessariamente representa práticas de Luto digital de pessoas anônimas. A escolha metodológica, embora justificada, deixa em aberto pesquisas complementares sobre outras camadas sociais além das que foram aqui contempladas. Apesar dessas limitações, o estudo oferece um panorama robusto das práticas contemporâneas de memorialização digital e demonstra que a Museologia do Luto é um âmbito legítimo, pertinente e necessário para pensar os desafios da Memória na contemporaneidade. Estudos futuros podem vir a ampliar o escopo da investigação, examinando comparativamente diferentes plataformas, mapeando comunidades de Luto digital e analisando como a inteligência artificial impacta processos de continuidade e reconstrução memorialística. Tais caminhos podem aprofundar o entendimento sobre como a tecnologia transforma não apenas o modo como lembramos, mas também o modo como elaboramos perdas.

Outra possibilidade é investigar como museus formalmente instituídos podem dialogar com práticas espontâneas de memorialização digital, construindo estratégias colaborativas que integrem acervos tradicionais e acervos afetivos digitais. Essa aproximação poderá contribuir para uma Museologia mais plural, sensível e conectada aos modos contemporâneos de expressão emocional.

Em síntese, esta Tese evidencia que a musealização da Memória no ambiente digital não é um fenômeno marginal, mas uma expressão significativa da cultura de nosso

tempo. O Luto, ao migrar para as redes sociais, reposiciona o lugar da ausência, da Memória e da saudade, ampliando o papel do Museu como mediador simbólico entre vida, morte e continuidade. A Cibermuseologia do Luto emerge, assim, como horizonte interpretativo capaz de iluminar essas transformações, reafirmando que, mesmo diante da instabilidade do mundo digital, a necessidade humana de lembrar continua sendo o que sustenta, reinventa e dá sentido ao próprio fenômeno museal.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large:** Cultural Dimensions of Globalization. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ARIÈS, Philippe. **Os filhos de Atôs e a morte**: Introdução ao estudo da história da morte na era moderna. Trad. Mário L. S. de Azevedo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1992.

ARNOLD, M. **Digital Mourning**: Transforming Loss in a Networked Age. London: Palgrave Macmillan, 2018.

ASSMANN, Jan. **Memória cultural e identidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **La Chambre Claire**: Note sur la Photographie. Paris: Gallimard, 1980.

BAUDRILLARD, J. **The illusion of the end**. Stanford University Press, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Liquid Times**: Living in an Age of Uncertainty. Cambridge: Polity Press, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAYM, Nancy. **Personal Connections in the Digital Age**. 2. ed. Cambridge: Polity Press, 2015.

BAYM, Nancy. **Personal Connections in the Digital Age**. Cambridge: Polity Press, 2015.

BEIGUELMAN, Giselle. **Admirável Mundo Cíbrido**. 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/3003787/Admir%C3%A1vel_mundo_c%C3%ADbrido Acesso em: 23 jun. 2023.

BEIGUELMAN, Giselle. **Admirável Mundo Cíbrido**. 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/3003787/Admir%C3%A1vel_mundo_c%C3%ADbrido Acesso em: 23 jun. 2023.

BEIGUELMAN, Giselle. **Futuros possíveis**: arte, Museus e arquivos digitais. São Paulo: Peirópolis, 2014.

BEIGUELMAN, Giselle. **Memória da amnésia**: políticas do esquecimento. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

BELL, D. **O Advento da Sociedade Pós-Industrial**. São Paulo: Cultrix. 1974.

BELL, D.; GARCÍA, R.; GALLEGO, E. **El advenimiento de la sociedad post-industrial**: un intento de prognosis social. Madrid, España: Alianza, 1976.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. São Paulo: T.A. Queiroz, 2002.

BENKLER, Yochai; FARIS, Robert; ROBERTS, Hal. **Network propaganda**: manipulation, disinformation, and radicalization in American politics. Oxford: Oxford University Press, 2020.

BERARDI, F. **Fenomenología del Fin**: sensibilidad y mutación conectiva. Buenos Aires: Caja Negra, 2017.

BLACKBURN, R. **A construção da nova escravidão mundial**: do barroco ao moderno, 1492-1800. Verso, 1997.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation**: Understanding New Media. Cambridge, MA: MIT Press, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Un art moyen**: essai sur les usages sociaux de la photographie. Paris: Éditions de Minuit, 1990.

BOUSSO, R. S. A complexidade e a simplicidade da experiência do Luto. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. VII-VIII, 2011.

BOUSSO, R. S.; RAMOS, D.; FRIZZO, H. C. F.; SANTOS, M. R.; BOUSSO, F. Facebook: um novolocus para a manifestação de uma perda significativa. **Psico USP**, v. 25, n. 2, p.172-79, 2014.

BOWEN, Jonathan P. (Ed.) Museums and the Internet. **Museum International**, n. 204, v. 51, n. 4, p. 3-41, 1999.

BOWEN, Jonathan. Time for renovations: a survey of Museum web sites. **Archives & Museum Informatic**, Pittsburgh, 1999. Disponível em: https://bit.ly/3kB9geI. Acesso em: 16 nov. 2022.

BOYD, Danah. **É complicado**: As vidas sociais dos adolescentes em rede. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2015.

BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. Sites de redes sociais: definição, história e estudos. **Revista de Comunicação Mediada por Computador**, v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007.

BOYM, Svetlana. **The Future of Nostalgia**. New York: Basic Books, 2001.

BOYS, J.; BODDINGTON, A. **Museums and higher education working together**: Challenges and opportunities. Farnham: Ashgate, 2014.

BRICE, Laura. Digital Mourning Rituals and the Transformation of Grief. **Death Studies**, v. 42, n. 6, p. 336-348, 2018.

BRUBAKER, Jed R.; HAYES, Gillian R.; DOURISH, Paul. Beyond the Grave: Facebook as a Site for the Expansion of Death and Mourning. **The Information Society**, v. 29, n. 3, p. 152-163, 2013.

BRULON, Bruno. **Museus em rede**: curadoria, participação e afeto. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2021.

BRULON, Bruno. Museus pandêmicos: apontamentos a partir de uma Museologia do Luto. **Museu**, 18 maio 2020. Disponível em: https://revistaMuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020/8487-Museus-pandemicos-apontamentos-a-partir-de-uma-Museologia-do-Luto.html. Acesso em: 09 dez. 2023.

BRULON, Bruno. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. **Museologia e Patrimônio**, v. 11, n. 2, p. 1-22, 2018. Disponível em: http://revistaMuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/722/657. Acesso em: 15 mar. 2023.

BRULON, Bruno. **Museologia do Luto**: perspectivas e desafios contemporâneos. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

BRULON, Bruno; MOTTA, Renata Vieira da. Tendências e Debates. **Folha de São Paulo**, 16 jun. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/06/Museus-em-tempos-de-covid-19-o-Luto-e-a-luta.shtml.

BRUNO, M. C. O. Entrevista – Museu Museologia e Virtualidade. **Museu das Coisas Banais**, UFPel, 2020a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fxTVnueFpZE&t=88s. Acesso em: 15 mar. 2024.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museus, Memória e patrimônio: entre o físico e o digital. **Museologia e Patrimônio**, v. 14, n. 1, p. 5-17, 2021.

BURDICK, Anne et al. **Digital Humanities**. Cambridge: MIT Press, 2012.

BUTLER, Judith. **Frames of War**: When Is Life Grievable? London: Verso, 2009.

BUTLER, Judith. **Precarious Life**: The Powers of Mourning and Violence. London: Verso, 2004.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do Luto e da violência. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Arquivística**: a lógica do arquivo. São Paulo: Edusp, 2001.

CAMERON, Fiona. Beyond the cult of the replicant: Museums and historical digital objects. In: CAMERON, Fiona; KENDERDINE, Sarah (Orgs.). **Theorizing Digital Cultural Heritage**: A Critical Discourse. Cambridge: MIT Press, 2007, p. 49-75.

CAMERON, Fiona. Digital Futures: Museum Media as Material Culture. **Curator**: The Museum Journal, v. 46, n. 3, p. 325-340, 2003.

CAMERON, Fiona. **Digital Futures and the Museum**. London: Routledge, 2021.

CAMERON, Fiona. **Digital Futures and the Politics of Cultural Heritage**. London: Routledge, 2021.

CAMERON, Fiona R. **Museum Practices and the Posthumanities**: Curating for Planetary Habitability. London: Routledge, 2019.

CAMERON, Fiona R. **O futuro dos dados digitais, patrimônio e curadoria**: em um mundo mais que humano. London: Routledge, 2021.

CAMERON, F.; KENDERDINE, S. (Orgs.) **Theorizing Digital Cultural Heritage**: A Critical Discourse. Cambridge: MIT Press, 2007.

CARROLL, Brian; LANDRY, Basil. Logging On and Letting Go: Exploring How People Use Facebook After the Death of a Loved One. **Omega** – Journal of Death and Dying, v. 61, n. 4, p. 253-275, 2010.

CARUTH, Cathy. **Unclaimed Experience**: Trauma, Narrative, and History. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.

CARVALHO, Cristina; CAMPOLINA DE AZEREDO COUTINHO LOPES, Gabriela. Aproximação em tempos de distanciamento: Museus em contextos virtuais durante a pandemia. **Docência e Cibercultura**, v. 6, n. 4, p. 21-33, 2022.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: a era da informação – economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra. (1999; 2000; 2009).

CASTELLS, Manuel. **Communication power**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

CAVALCANTI, Ana. **Museologia e cibercultura**: reflexões sobre a Museologia digital no Brasil. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

CHAGAS, Mário. **Museu Imaginário**: Narrativas e Identidades. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

CHAGAS, Mário. **Museu, Museologia, Museografia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CHAGAS, Mário. Museologia social e política cultural: desafios e proposições em tempos de crise. **Museologia e Interdisciplinaridade**, v. 11, n. 2, p. 45–59, 2022.

CHAVES, Rafael Teixeira. **A pandemia e a reinvenção digital dos Museus**: o papel das redes sociais e da cibermusealização. 2023. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

CHAVES, Rafael Teixeira. **Cibermusealização**: estudo de caso do Museu Virtual das Coisas Banais da Universidade Federal de Pelotas/RS. 2020. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

CHAVES, Rafael Teixeira. Museus na pandemia: a adaptação ao digital e as novas relações com o público. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE MUSEOLOGIA DIGITAL, **Anais [...]**, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

CHAVES, Rafael Teixeira. **O Fato Museal na Virtualidade**: Reinvenção a partir da Pandemia de COVID-19. 2023. 176. Dissertação. (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

CHAVES, Rafael Teixeira; HENRIQUES, Rosali. Museus e tecnologias: experiências em Museologia virtual e online. **Museologia e Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 9, n. 17, p. 53-71, 2020.

CHUN, Wendy. **Updating to Remain the Same**: Habitual New Media. Cambridge: MIT Press, 2016.

COATES, Charlotte. What do Museums have to do with death and dying? **Museum Next**, 2019.

CONNERTON, Paul. **How Societies Remember**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

COUTINHO, Marisa. **Musealização da experiência digital**: desafios e perspectivas. Rio de Janeiro: MAST, 2017.

CUNHA DE UZEDA, Helena; SERPA RIBEIRO, Lorhana; RIBEIRO DA SILVA JR., Paulo César. Museus no ciberespaço: as redes sociais como nova dinâmica do público digital. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 10, especial, p. 195-208, 2021.

CURY, Marília Xavier. **A função social dos Museus na era digital**. São Paulo: Edusp, 2013.

DAVIDSON, Deborah. **The Sociology of Grief and Bereavement**. Cambridge: Polity Press, 2016.

DAVIES, Douglas J. **Death, ritual and belief**: the rhetoric of funerary rites. 3. ed. London: Bloomsbury, 2017.

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. **Media Events**: The Live Broadcasting of History. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Contraponto, Rio de Janeiro, 1997.

DELOCHE, Bernard. Le musée virtuel. *In*: MARIAUX, Pierre-Alain (Org.). **L'objet de la muséologie**. Neuchâtel: Institut d'histoire de l'art et de muséologie, 2005. p. 189-211.

DICTIONNAIRE DE MUSÉOLOGIE. Tradução francesa de Maëlle Gouret, Sylvie Lucas e Marion Roché. Traduções adicionais: *In Fine Traduction*. Paris: Armand Colin, 2022.

DIJCK, José van. **The Culture of Connectivity**: A Critical History of Social Media. Oxford: Oxford University Press, 2013.

DIKEMAN, Deanna. Entrevista concedida a Rafael Teixeira Chaves sobre a série *Leaving and Waving* [Entrevista inédita], 20 set. 2025.

DIKEMAN, Deanna. **Leaving and Waving**. Chose Commune, 2021.

DODEBEI, Vera. Memoração e patrimonialização em três tempos: mito, razão e interação digita. *In*: TARDY, Cécile; DODEBEI, Vera (Orgs.) **Memória e novos patrimônios**. Marseille: OpenEdition, 2015.

DOSS, Erika. **Memorial Mania**: Public Feeling in America. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

DOUGHTY, M.; PIRES, A. Luto online: A Memória coletiva nas redes sociais. **Revista de Estudos Culturais**, v. 5, n. 2, p. 124-145, 2016.

DROTNER, Kirsten; SCHRØDER, Kim Christian (Eds.). **Museum Communication and Social Media**. The Connected Museum. New York: Routledge, 2013.

DUNCAN, Carol. **Civilizing Rituals**: Inside Public Art Museums. London: Routledge, 1995.

EDKINS, Jenny. **Trauma and the Memory of Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ELLIS, John. **Seeing Things**: Television in the Age of Uncertainty. London: I. B. Tauris, 2000.

FARJALLA CORREIA, Diana. **Museologia e patrimônio cultural**: conceitos e perspectivas. Rio de Janeiro: MAST, 2016.

FERREIRA, Rubens Ramos. **Planejamento Digital nos Museus Online:** Curadoria de Conteúdo no contexto da Covid-19 em 2020. 2022. Tese (Doutorado em Museologia) – UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2022.

FERREIRA, Rubens Ramos; ROCHA, Luisa Maria G. M. Tendências da pesquisa brasileira em Museus virtuais: um panorama crítico. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE MUSEOLOGIA, **Anais [...]**, 2016.

FERREIRA, Rubens Ramos; ROCHA, Luisa Maria G. M. Tendências na Pesquisa Brasileira sobre Museus Virtuais. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 21, n. 1, p. 34-50, 2016.

FLORIDI, Luciano. **The Fourth Revolution**: How the Infosphere Is Reshaping Human Reality. Oxford: Oxford University Press, 2014.

FONSECA, Edson Nery da. **Memória e informação**: reflexões sobre o patrimônio documental brasileiro. Brasília: UNB, 1992.

FRANCESCHI, Flavia. Ethical Challenges in the Management of Digital Remains. **Mortality**, v. 25, n. 3, p. 285–301, 2020.

FROSH, P. **The Poetics of Digital Mourning**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

GARCÍA, Gabriela; FERREIRA, Thais. A morte e os espaços digitais: Transformações e perspectivas do Luto no ciberespaço. *In*: SIMPÓSIO DE ESTUDOS SOBRE O LUTO DIGITAL, **Anais […]**, 2021.

GARDE-HANSEN, Joanne. **Media and Memory**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011.

GIANNINI, Tula; BOWEN, Jonathan. **Museums and Digital Culture**: New Perspectives and Research. Cham: Springer, 2019.

GIBBS, M. et al. #RIP: Remembrance Practices on Social Media. **Information, Communication & Society**, v. 18, n. 8, p. 1–15, 2015.

GIBSON, Margaret. Death, Digital Culture and Memory: Mediating Mourning and Bereavement. **Memory Studies**, v. 12, n. 2, p. 134–148, 2019.

GIBSON, Margaret. Death and Mourning in Technologically Mediated Culture. **Health Sociology Review**, v. 16, n. 5, p. 415–424, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self-Identity**: Self and Society in the Late Modern Age. Stanford: Stanford University Press, 1991.

GILLESPIE, Tarleton. **The Relevance of Algorithms**. Cambridge: MIT Press, 2014.

GOB, André; DROGUET, Noémie. **La muséologie**: Histoire, développements, enjeux actuels. Paris: Armand Colin, 2010.

GOB, André; DROUGUET, Noémie. **Museologia**. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

GRAHAM, Beryl; COOK, Sarah. **Rethinking Curating**: Art After New Media. Cambridge: MIT Press, 2010.

GRAY, Selina Ellis; COULTON, Paul. Living with the dead: Emergent post-mortem digital curation and creation practices. *In*: GRAY, Selina Ellis; COULTON, Paul (Orgs.). **Digital legacy and interaction**: Post-mortem issues. Cham: Springer International Publishing, 2013. p. 31-47.

GUERREIRO, Dália. Entrevista concedida a Rafael Teixeira Chaves. Lisboa, 2024. Informação verbal. Documento não publicado.

HAINARD, Jacques. O objeto museológico. **Museu**, v. 5, n. 2, 1984.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAMMET, Jessica. A Museum of Memories: Sharing grief stories on the Journey with Absent Friends. **The Grief Series**, 6 ago. 2018. Disponível em: https://livingwithdying.leeds.ac.uk/2018/08/06/a-Museum-of-memories/. Acesso em: 15 dez. 2015.

HANEY, C.; LEIMER, B.; LOWERY, S. Memorials, memory, and the online space. **Journal of Digital Studies**, v. 10, n. 3, p. 123-137, 1997.

HANEY, C. A.; LEIMER, C.; LOWERY, J. Spontaneous memorialization: Violent death and emerging mourning ritual. **Omega**, v. 35, n. 2, pp. 159-171, 1997.

HARAWAY, D. Quando as espécies se encontram. **Routledge International Handbook of More-than-Human Studies**, Routledge, p. 42-78, 2008.

HARTMAN, STEPHEN. Cybermourning: Grief in Flux From Object Loss to Collective Immortality. **Psychoanalytic Inquiry**, v. 32, n. 5, p. 454-467, 2012.

HEL MOND, Anne. The Platformization of the Web. **New Media & Society**, 2015.

HENRIQUES, Rosali. **Memória, Museologia e virtualidade**: um estudo sobre o Museu da Pessoa. 2004. 224f. Dissertação (Mestrado em Humanidades e Tecnologia). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa. 2004.

HENRIQUES, Rosali. Museus virtuais e ciberMuseus: a internet e os Museus, 2004. Disponível em: https://globalherit.hypotheses.org/Museu-afrodigital-estacao-portugal/Museus-virtuais-e-ciberMuseus-a-internet-e-os-Museus. Acesso em: 05 abr. 2024.

HENRIQUES, R.; FERREIRA DE LARA, L. Os Museus virtuais e a pandemia do covid 19: a experiência do Museu da Pessoa. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 10, n. Especial, p. 209-220, 2021.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet**: Embedded, Embodied and Everyday. London: Bloomsbury, 2015.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. **Museums and the Interpretation of Visual Culture**. London: Routledge, 2000.

HORTON, Donald; WOHL, Richard R. Mass communication and para-social interaction: observations on intimacy at a distance. **Psychiatry**, v. 19, n. 3, p. 215–229, 1956.

HOSKINS, Andrew. **Digital Memory Studies**: Media Pasts in Transition. New York: Routledge, 2017.

HOSKINS, Andrew (Ed.). **Estudos de Memória digital**: passados midiáticos em transição . Nova York: Routledge, 2018.

HOSKINS, Andrew. Media, memory, metaphor: remembering and the connective turn. **Parallax**, v. 17, n. 4, p. 19–31, 2011.

HOSKINS, Andrew. Memory and the Digital: Multimedia and Memory Worlds. **Memory Studies**, v. 4, n. 3, p. 269-280, 2011.

HUYSSEN, Andreas. Present Pasts: Media, Politics, Amnesia. **Public Culture**, Durham, v. 12, n. 1, p. 21–38, 2000.

ICOM. **Museums, Museum professionals and COVID-19**: survey results. Paris: International Council of Museums, 2020.

ICOM – INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. **Museus e tecnologias da informação e comunicação**. ICOM Brasil, 2004.

ICOM BRASIL; TOMARA! EDUCAÇÃO E CULTURA. **Dados para navegar em meio às incertezas**: resultados da pesquisa com profissionais e públicos de Museus. São Paulo: ICOM Brasil; Tomara! Educação e Cultura, 2020.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI, 2002.

JENKINS, Henry. **Convergence Culture**: Where Old and New Media Collide. New York: New York University Press, 2006.

JONES, Andrea. Empathetic Audience Engagement During The Apocalypse. **Peak Experience Lab**, 25 mar. 2020. Disponível em: https://pontebeth.medium.com/Museus-durante-o-apocalipse-como-desenvolver-empatia-e-se-conectar-com-seu-p%C3%BAblico-8121026917e3. Acesso em: 15 dez. 2025.

JOSGRILBERG, Fabio. **Redes sociais e Memória digital**: a presença dos mortos na internet. São Paulo: Paulus, 2018.

KASKET, E. Laços contínuos na era das redes sociais: o Facebook como meio moderno. **Cuidados com o Luto**, v. 31, n. 2, pp. 62-69, 2012.

KEENE, Suzanne. **Digital Collections**: Museums and the Information Age. London: Routledge, 1998.

KEENE, Suzanne. **Fragments of the World**: Uses of Museum Collections. Oxford: Routledge, 2005.

KEINER, R. **Hanns Heinz Ewers und der Phantastische Film**. MEDIA Net-Kassel, 2012.

KIRSCHENBAUM, M. G. What Are Digital Humanities and What's It Doing in English Departments? **ADE Bulletin**, v. 150, p. 55-61, 2012.

KLASS, Dennis; SILVERMAN, Phyllis R.; NICKMAN, Steven (Orgs.). **Continuing bonds**: new understandings of grief. London: Taylor & Francis, 1996.

KNELL, Simon. **Museums in the Material World**. London: Routledge, 2007.

KOZINETS, Robert. **Netnography**: Doing Ethnographic Research Online. London: Sage, 2010.

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

KÜBLER-ROSS, E. **On Death and Dying**. New York: Macmillan, 1969.

KÜBLER-ROSS, E.; KESSLER, D. **On Grief and Grieving**: Finding the Meaning of Grief Through the Five Stages of Loss. Simon and Schuster, 2005.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KÜBLER-ROSS, E.; KESSLER, D. **Sobre o Luto e o Cair em Si**: Como Reconhecer Sentimentos e Enfrentar as Perdas da Vida. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

LAIRD, ROSS. **Working with Grief, Trauma, and Related Challenges**. Museums Offer Much Potential for Healing Work - But Safety Must be a Primary Concern, 24 jun. 2021. Disponível em: https://www.rosslaird.com/articles/mental-health/working-with-grief-trauma-and-related-challenges/. Acesso em: 15 dez. 2025.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **New Literacies**. New York: McGraw-Hill, 2011.

LARA, Lucas Ferreira de. O impacto da pandemia de COVID-19 nos Museus virtuais: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Museologia**, v. 9, n. 1, p. 45-67, 2020.

LATOUR, Bruno. Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. **O que nos faz pensar**, v. 29, n. 46, p. 173-204, 2020.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. Tradução: Maryalua Meyer. Rio de Janeiro: Ubu Editora, 2020. 480 p.

LEMOS, André. Agregações eletrônicas ou Comunidades Virtuais? **Análise das Listas Facom e Cibercultura**, v. 1, n. 14, mar. 2002.

LEMOS, André. **A tecnologia é um vírus**: pandemia e cultura digital. Editora Sulina, 2021.

LEMOS, André. **Cibercultura**. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LEMOS, André. **Cibercultura**: Tecnologias da informação e os novos meios de comunicação. São Paulo: Papirus, 2002.

LEMOS, André. Dataficação da vida. Civitas. **Revista De Ciências Sociais**, v. 21, n. 2, 2021, p. 193-202.

LEMOS, André. Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. **Galáxia**, São Paulo, p. 54-66, 2020.

LEMOS, André; BITENCOURT, Bruno. **Memórias da pandemia**: redes digitais e registros do presente. Salvador: Edufba, 2021.

LEMOS, André ; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LESHCHENKO, A. **Digital Dimensions of the Museum**: Defining Cybermuseology's Subject of Study. ICOFOM Study Series, ISS, Paris, v. 43, p. 237-241, 2015.

LEURS, Koen. **Digital Passages**: Migrant Youth 2.0. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2015.

LÉVY, Pierre. A emergência do ciberespaço e as alterações culturais. *In*: LÉVY, Pierre. **Ciberespaço**: um hipertexto com Pierre Lévy. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000, p. 12-20

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: 34, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 2000.

LÉVY, Pierre. **Conexões planetárias**: o mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: 34, 2001.

LÉVY, P. **O que é o Virtual**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Muséologie, Patrimoine Universel et Techniques: espace multidisciplinaire. **Museology and Techniques Muséologie** – Les techniques au Musée Museología y Tecnologías, 2007, p. 70.

LIMA, Diana Farjalla Correia. **Museus Virtuais**: preservação e comunicação do patrimônio cultural no ciberespaço. Rio de Janeiro: E-papers, 2014.

LIMA, Diana Farjalla Correia. O que se pode designar como Museu virtual segundo os Museus que assim se apresentam. *In*: ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, X, 2009, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: BRAPCI,2009, p. 1-18.

LIMÃO, Lígia de Cássia. Como comunicar acervos nas redes sociais?: Um olhar para as iniciativas propostas pelo Museu Histórico Nacional e pelo Museu de Arqueologia e Etnologia/USP no contexto pandêmico (2020-2021). **Epígrafe**, v. 13, n. 2, p. 39-79, 2023.

LIVINGSTONE, Sonia. **Children and the Internet**: Great Expectations and Challenging Realities. Cambridge: Polity Press, 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Museus e World Wide Web: novos ambientes informacionais para as obras de arte. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 14, n. 1, 2004.

LUNDBLAD, Knut. User Experience in Virtual Museum Exhibitions: A Study on Interaction Design. **Museum Management and Curatorship**, v. 30, n. 2, p. 152-168, 2015.

LUPTON, Deborah. **Digital Sociology**. New York: Routledge, 2015.

LYNCH, Bernadette; ALBERTI, Samuel. **Legacies of Prejudice in Museum Practice**. Museum Management and Curatorship, 2010.

LYOTARD, J.-F. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998.

MACDONALD, Sharon. **A Companion to Museum Studies**. Malden: Blackwell Publishing, 2006.

MADDRELL, Avril. Mapping grief: a conceptual framework for understanding the spatial dimensions of bereavement, mourning and remembrance. **Social & Cultural Geography**, v. 17, n. 2, p. 166–188, 2016.

MAGALDI, Monique Batista. **Navegando no Museu virtual**: um olhar sobre formas criativas de manifestação do fenômeno Museu. 2010. 209f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MAGALDI, Monique. **Museologia e cultura digital**: novos desafios para a Memória social. Rio de Janeiro: MAST, 2021.

MAGALDI, Monique Batista B.; SCHEINER, T. C. M. Reflexões sobre o Museu Virtual. *In*: ENANCIB, XI, 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de janeiro: ANCIB, 2010, v. 1.

MALHEIRO DA SILVA, Armando. **Informação, Memória e sociedade**: perspectivas teóricas e metodológicas. Porto: Universidade do Porto, 2007.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge: MIT Press, 2001.

MARKHAM, Annette. **Ethics as Method**. Journal of Information Ethics, 2013.

MAROEVIC, Ivo. Identity as a constituent part of museality. **ICOM. ICOFOM. ICOFOM Study Series**, v. 10, p. 183-188, 1986.

MAROEVIC, Ivo. Identity as a constituent part of museality. **ICOFOM Study Series**, v. 10, p. 183-188, 1986.

MARQUES, Edson. Memória e pandemia: a criação do memorial Inumeráveis como espaço de Luto coletivo. **Museologia e Interdisciplinaridade**, v. 10, n. 2, p. 88-102, 2021.

MARTINS, Moisés de Lemos. **Museu Virtual da Lusofonia**: Cultura e Identidade Transnacional. Braga: CECS, 2017.

MARTY, P. F. The Changing Nature of Information Work in Museums. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 59, n. 4, p. 744-754, 2008.

MARWICK, Alice; ELLISON, Nicole. “There Isn’t Wifi in Heaven”: Negotiating Visibility on Social Media After Death. **New Media & Society**, v. 14, n. 2, p. 303–319, 2012.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MELTON, Anne. Comfort and Connectivity: the Museum as Healer. **The Incluseum**. August 27, 2012, nov. 2013. Disponível em: https://incluseum.com/2012/08/27/comfort-connectivity-Museum-healing/. Acesso em: 15 dez. 2025.

MEMORIAL E MUSEU DO 11 DE SETEMBRO. Memorial e Museu do 11 de Setembro. Disponível em: https://www.911memorial.org/\. Acesso em: 05-10-2022

MENSCH, Peter van. **For Now and Ever**: an Introduction to Collecting for Museums. Amsterdam: Reinwardt Academie, 1994.

MENSCH, Peter van. **Towards a Methodology of Museology**. Zagreb: University of Zagreb, 1992.

MIKLES, Rachel; EVANS, Andrew. Digital Resurrection? The Ethics of AI and Posthumous Interaction. **AI & Society**, v. 32, n. 4, p. 497–509, 2017.

MILLER, Daniel. **Tales from Facebook**. Cambridge: Polity Press, 2011.

MILLER, Daniel; HORST, Heather. **Digital Anthropology**. London: Berg, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MIRANDA, José Bragança de. *Corpo e Imagem*. Lisboa: Vega, 2010.

MIRZOEFF, Nicholas. **The Right to Look**: A Counterhistory of Visuality. Durham: Duke University Press, 2011.

MIZUKAMI, Maria da Graça. **Museus Virtuais**: uma nova forma de fazer Museologia. São Paulo: Annablume, 2009.

MONTEIRO, Miguel; DA ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. Emigração e Retorno: imagens cruzadas num webMuseu e o papel da tecnociência no caso de www.Museu-emigrantes.org. *In*: SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia (Orgs.). **A Emigração Portuguesa para o Brasil**. Rio de Janeiro: Cepese; Faperj, 2007, p. 437-448.

MONTEIRO, Silvana Drumond; PICKLER, Maria Elisa Valentim. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **DataGramaZero-Revista de Ciência da Informação**, v. 8, n. 3, p. 1-21, 2007.

MORAES, Julia Nolasco Leitão de; SANT'ANNA SANTOS, Luiza. Comunicação museal na cibercultura: refletindo sobre a tecnologia social, a inclusão e a participação dos públicos no ambiente digital. **Inclusão Social**, v. 17, n. 1, 2022.

MORAES, Nilson Alves de. Memória social: solidariedade orgânica e disputas de sentidos. *In*: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera Doyle (Orgs.). **O que é Memória social**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

MORAES, Tula. **Documentação e preservação digital em Museus**. São Paulo: Museu da Imagem e do Som, 2014.

MOROZOV, Evgeny. Solucionismo, nova aposta das elites globais. **Outras Palavras**, v. 23, 2020.

MORTENSEN, Mads. Digital Memorialization. **Journal of Digital Culture**, 2018.

MOUTINHO, Marta. Museologia em tempos de pandemia: reflexões e ações. **Revista MIDAS** – Museus e Estudos Interdisciplinares, n. 14, 2020.

MUCHACHO, Rute. Usabilidade e mediação digital em Museus virtuais. **Museologia e Patrimônio**, v. 8, n. 2, p. 89-107, 2015.

NATALE, Simone. **Dealing with the digital dead**: death, technology, and the afterlife of digital remains. Oxford: Oxford University Press, 2021.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algorithms of Oppression**: How Search Engines Reinforce Racism. New York: New York University Press, 2018.

NORA, Pierre. Entre Memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7–28, 1993.

O'BRIEN, H.; O'BRIEN, K. Digital Memory and the Continuity of Life after Death. **Journal of Digital Heritage**, v. 6, n. 1, p. 22-45, 2018.

OLIVEIRA, José Cláudio. **Do Museu Físico ao Virtual**: Novos Paradigmas de Comunicação e Preservação Cultural. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

OLIVEIRA, José Cláudio. O Museu no ciberespaço: desafios da transição do físico para o digital. **Revista Brasileira de Museologia**, v. 3, n. 1, p. 33-55, 2007.

ORTELLADO, Pablo. **Bolhas digitais e desinformação na pandemia**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo e Memória**: mídias digitais e reconfiguração do passado. Salvador: Edufba, 2009.

PARRY, Ross. **Recoding the Museum**: Digital Heritage and the Technologies of Change. London: Routledge, 2007.

PARRY, Ross. The COVID-19 pandemic and the accelerating digital shift in Museums. **Museum Management and Curatorship**, v. 36, n. 4, p. 313–318, 2021.

PEARCE, S. **Museum Objects and Collections**: A Cultural Study. London: Routledge, 1995.

PEARSON, Erika. All the World Wide Web's a Stage: The Performance of Identity in Online Social Networks. **First Monday**, v. 14, n. 3, 2009.

PENNINGTON, Nick. Grief Communities in the Digital Age: Support, Sharing and Social Connection. **Journal of Loss and Trauma**, v. 25, n. 8, p. 658–672, 2020.

PETERS, John Durham. **Speaking into the air**: A History of the Idea of Communication. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

PINK, Sarah et al. **Digital Ethnography**: Principles and Practices. London: Sage, 2016.

PONZIO, Ricardo. **Memória e Luto**: O papel da internet nas novas formas de memorialização. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.

RECUERO, Raquel. Mídia social, plataforma digital, site de rede social ou rede social? Não é tudo a mesma coisa? [Post em blog], 9 jul. 2019. Disponível em: https://medium.com/@raquelrecuero/mídia-social-plataforma-digital-site-derede-social-ou-rede-social-não-é-tudo-a-mesma-coisa-d7b54591a9ec. Acesso em: 5 abr. 2024.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na pandemia**: informação, interação e memória digital. Porto Alegre: Sulina, 2020.

REINGOLD, Howard. **A comunidade virtual** (edição revisada). Cambridge: Imprensa do MIT, 2000.

RENDEIRO, Márcia Elisa; RIBEIRO, Leila Beatriz. O Mundo Musealizado – Memória e esquecimento nas redes sociais da web. **ARTEFACTUM** – Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia, v. 14, n. 1, 2017.

RIBEIRO, Alice; MASSARANI, Luisa; FALCÃO, Douglas. Veio para ficar? O uso das mídias sociais por centros e Museus de ciências brasileiros diante da pandemia de COVID-19. **Revista Ciências & Ideias**, v. 13, n. 3, p. 120-139, 2022.

RICHARDSON, Brian. Digital transformation in Museums: Challenges and opportunities. **Museum International**, v. 72, n. 1–2, p. 96–107, 2020.

RIVIÈRE, Georges Henri. **La muséologie**: cours de muséologie, texte rédigé par Jean Gabus. Paris: Bordas, 1989.

RIVIÈRE, Georges Henri. **Museologia**: objetos e contextos. Paris: Flammarion, 1989.

ROBINSON, Cynthia. Museums and Emotions. **Journal of Museum Education,** v. 46, n. 2, p. 147-149, 2021.

ROCHA, Cleomar. Interfaces Computacionais. *In*: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 17, 2008, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ANPAP, 2008.

ROCHA, Cleomar. **Pontes, janelas e peles**: cultura, poética e perspectivas das interfaces computacionais. Goiânia: FUNAPE: Media Lab/Ciar/UFG, 2014.

RODRIGUES Sara. Comunidades Virtuais. *In*: **Jornalismo Online**: a imprensa em bits. Centro de Investigação para Tecnologias Alternativas, 1999. Disponível em: http://www.citi.pt/estudos_multi/sara_rodrigues/ Comunidades_virtuais.html. Acesso em: 11 abr. 2024.

RODRIGUES, J. C. Publicidade, silêncio, personalização, espetáculo: representações da morte no Ocidente. **Revista ALCEU**, Rio de Janeiro, n. 13, v. 26, pp. 5-26, 2013.

ROSA, Hartmut. **Ressonância**: uma sociologia da relação com o mundo. Tradução de Márcio de Oliveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ROSENFELD, Lou; MORVILLE, Peter; ARANGO, Jorge. **Information Architecture**: for the Web to beyond. 4. ed. Sebastopol/Califórnia: O'Reilly Media, 2015.

ROYAUME DES MORTS. Inauguração do "Royaume des morts". 1967.

RÚSSIO, Waldisa. **Museu**: Instituição de Pesquisa. São Paulo: FESP, 1981.

RÚSSIO, Waldisa. **Museu**: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1977.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e Artes do Pós-Humano**: da cultura das mídias a cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, L.; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Juliana; ALVES, Felipe. **Saúde mental e redes sociais na pandemia**: entre acolhimento e sobrecarga informacional. São Paulo: Paulus, 2021.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Tecnologias Digitais e a Preservação da Memória Cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

SARRAF, V. P. O legado teórico de Rússio para a Museologia internacional. *In*: CARVALHO, L.; ESCUDERO, S. (Orgs.). **Teoria museológica latino-americana**. S. l.: ICOM, 2020. p. 34-38.

SCHEINER, Tereza. **Apolo e Dioniso no templo das musas**: Museu – gênese, ideia e representações na cultura ocidental. 1998. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998. Orientador Paulo Vaz

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Comunicação - educação - exposição: novos saberes, novos sentidos. **Semiosfera** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 4-5, 2003.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. **Imagens do não-lugar**: comunicação e os novos patrimônios. 2004. 293 f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Orientadora Priscila Kuperman.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Mediação cultural e Museus digitais: entre experiência e conhecimento. **Anais do Museu Paulista**, v. 19, n. 1, p. 15-40, 2011.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Mousàon And Technè? Reflections Of Contemporary Culture. *In*: ICOFOM – International Committe for Museology (ICOM) (Org.). **Museology and Techniques**; Muséologie – les techniques au Musée; Museología y Tecnologías. Munich: ICOFOM, 2007, v. 36, p. 89-97.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Museologia, hiperculturalidade, hipertextualidade: reflexões sobre o Museu do Século 21. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 9, n. 17, jan./jul. 2020.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. **Museologia e comunicação**: desafios e perspectivas na era digital. Rio de Janeiro: MAST, 2003.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Museologia e Patrimônio Intangível: a experiência virtual. *In*: Encontro Regional do ICOFOM LAM, X, 2002, Montevideo. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural Ltda., 2001. p. 214-224.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Museology and the Intangible Heritage: the virtual experience. *In*: XXII Annual Conference of the International Committee for Museology – ICOFOM, 2000, Munich, Alemanha. **Icofom Study Series**, v. 32. Munique: Museums Pädagogisches Zentrum, 2000.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Museos 4.0: potencia, usos y desusos de las TICs para la interconexión en museos. In: CARVALHO, Luciana Menezes de (Org.). **Organismos museológicos hiperconectados: museología, educación y acción cultural**. Paris: ICOM; ICOFOM, 2021, p. 192–218.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Museu, Museologia e a "relação específica": considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 43, n. 1, p. 25–32, 2015.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Museum and museology: changing roles – or changing paradigms? *In*: **Museums**: Museology and Global Communication. Beijing: Chinese National Committee of ICOM, 2008. p. 81–89.

SCHEINER, Tereza. Museus, mitos, espaços de fronteira: atravessamentos. In: MAGALHÃES, F. et al. (Coord.). **Museologia e Patrimônio**. Leiria: ESECS Politécnico de Leiria, 2021, p. 114-151, vol. 9.

SCHEINER, Tereza. Museus e exposições em um mundo em mudanças: novos desafios, novas inspirações. **Revista Museu**, 18 maio 2012.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Prólogo – Museologia, patrimônio, narrativas do real: o que dizem, hoje, os Museus? *In*: MAGALHÃES, F. et al. (Coord.). **Museologia e Patrimônio**. Leiria: ESECS Politécnico de Leiria, 2023, p. 12–61, vol. 9.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, p. 15–30, 2012.

SCHWEIBENZ, Werner. The "Virtual Museum": new perspectives for Museums to present objects and information using the Internet as a knowledge base and communication system. **Museums and the Web**, 2004.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado, 2011.

SHIRKY, Clay. **Here Comes Everybody**. New York: Penguin, 2008.

SHIRKY, Clay. O poder político das mídias sociais: tecnologia, esfera pública e mudança política. **Relações Exteriores**, p. 28-41, 2011.

SILVA, André Fabrício. Pandemia, Museu e virtualidade: a experiência museológica no "novo normal" e a ressignificação museal no ambiente virtual. **Anais do Museu Paulista**, v. 29, p. 1–27, 2021.

SIMONARD, Elizabeth; SANTOS, Jadir. **Museologia social**. Curitiba: Editora UFPR, 2017.

SOUZA, R. R. **Aprendizagem colaborativa em comunidades virtuais**. Florianópolis: UFSC, 2000.

STOKES, Peter. Contesting the dead: digital legacies and posthumous identity. **Information, Communication & Society**, v. 24, n. 1, p. 45–61, 2021.

STURKEN, Marita. **Tangled Memories**: The Vietnam War, the AIDS Epidemic, and the Politics of Remembering. Berkeley: University of California Press, 1997.

STURKEN, Marita. **Tourists of History**: Memory, Kitsch, and Consumerism from Oklahoma City to Ground Zero. Durham: Duke University Press, 2007.

THE GRIEF GALLERY. Fundação da The Grief Gallery, 2015.

THOMAS, L.-V. **Le cadavre**: de la biologie à l'anthropologie. Paris: Payot, 1991.

TURKLE, Sherry. **Alone Together**: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other. New York: Basic Books, 2011.

TURKLE, Sherry. **A vida na tela**. Simon & Schuster, 2011.

UNESCO. **Charter on the Preservation of the Digital Heritage**. Paris, 2003.

VAN DIJCK, José. **Mediated Memories in the Digital Age**. Stanford: Stanford University Press, 2007.

VAN DIJCK, José. **The Culture of Connectivity:** A Critical History of Social Media. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VIANA, Karina B. **O fenômeno gatekeeper**: Museologia, compartilhamento e conectividade híbrida na sociedade global. 2016. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2016.

VIANA, Karina Muniz; SCHEINER, T. C. M. Museu e indivíduo globalizado no Instagram. In: XX ENANCIB, 2019, Florianópolis. **Anais**.

WALTER, Tony. **The Revival of Death**. London: Routledge, 1994.

WALTER, Tony. **What Death Means Now**. Bristol: Policy Press, 2017.

WALTER, Tony et al. Digital mourning ecologies. **Death Studies**, 2021.

WILLIAMS, Paul. **Memorial Museums**: The Globalisation of Commemoration. Oxford: Berg, 2007.

WINTER, J. **War Beyond Words**: Languages of Remembrance from the Great War to the Present. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

YOUNG, J. **The Texture of Memory**: Holocaust Memorials and Meaning. New Haven: Yale University Press, 1993.

ZELIZER, Barbie. **About to Die**: How News Images Move the Public. Oxford: Oxford University Press, 2010.

ZUBOFF, Shoshana. **The Age of Surveillance Capitalism**. New York: PublicAffairs, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH

Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS, UNIRIO/MAST

DOUTORADO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Guião de entrevista em contexto de estudo para Doutoramento Sanduíche no Exterior

Museus Brasileiros e Museus Portugueses

Aluno Doutorando - Rafael Teixeira Chaves

Orientadora no Brasil - Prof. Doutora Teresa Scheiner (PPG -PMUS, UNIRIO/MAST)

Supervisora em Portugal - Prof. Doutora Paula Menino Homem (FLUP)

SECÇÃO 01

Identificação da Pessoa Entrevistada (Nome e Cargo Exercido)

Equipa do MMIPO

Identificação do Museu em que atua /atuou em contexto de Pandemia de COVID -19

MMIPO, Museu e Igreja da Misericórdia do Porto

Local e Data da Entrevista

Porto | MMIPO | Dezembro 2024

SECÇÃO 02

1. Impacto Inicial da Pandemia

De que modo a pandemia de COVID-19 impactou o funcionamento do museu no início?

Claro que a pandemia afetou várias dimensões das operações do museu, desde a sua gestão interna à relação com o público. Fómos obrigados a fechar portas, resultando numa perda significativa das receitas. Inicialmente houve um momento de calma, havia a esperança de que fosse algo passageiro, e que a normalidade regressaria rapidamente. Gradualmente, a equipa procurou respostas para manter a atividade do museu.

2. Redes Sociais e Criação de Conteúdo para Contexto Digital

2.1 O museu utilizava redes sociais na altura? Sim

2.1.1 Se não utilizava, passou a utilizar?

2.1.1.1 Se sim, quais? Por que foram as selecionadas?

2.1.1.2 Se já utilizava, quais? FB, Instagram, site MMIPO, mailing list

2.1.1.3 Alargou a sua atividade a outras? Não

2.1.1.3.1 Se sim, quais? Por que foram as selecionadas?

2.2 A equipa possuia profissionais com competências digitais específicas? Não.

2.2.1 Caso não, como o museu ultrapassou a questão? Cada equipa procurou criar projetos digitais com as capacidades técnicas que possuía.

2.3 Como o museu utilizou as redes sociais para se conectar com o público durante a pandemia? Com a realização de webinars, celebração de efemérides,

2.4 Quais foram as principais estratégias para criar e compartilhar conteúdo museal adaptado para o contexto digital? Utilizando as redes sociais, o site e a mailing list.

3. Estratégias de Adaptação Digital

3.1 Foram implementadas iniciativas para digitalizar exposições e acervos?

3.1.1 Se sim, quais? Não havia condições técnicas para o fazer na altura.

3.1.2 Foi assumido o processo de criação de visitas virtuais e outras ofertas digitais? Não havia condições técnicas para o fazer na altura.

3.1.3 Se sim, como foi conduzido o processo?

3.2 Que estratégias a instituição utilizou para manter a comunicação com o público durante o período de restrições?
Utilizando as redes sociais, o site e a mailing list.

3.3 Que novas formas de interação foram desenvolvidas para manter o público ativo e envolvido?

Realização de iniciativas como Webinar – um webinar no âmbito do serviço educativo; um webinar no âmbito das Comemorções do Liberalismo em Portugal; divulgação e celebração de datas e efemérides nas redes sociais; Quizz nas redes sociais do MMIPO.

3.4 As iniciativas digitais e de envolvimento do público foram avaliadas durante a pandemia?

3.5.1 Se sim, de que modo e por quem (visitantes online, outras instituições)? Não.

3.5.2 Se sim, quais foram as principais reações a essas iniciativas?

4. Impactos a Médio/Longo Prazo e Reflexões

4.1 Das mudanças implementadas durante a pandemia, acredita que algumas continuaram/continuarão a ser assumidas pelo museu após o retorno à normalidade?

A oferta de atividades educativas/lazer através de plataformas digitais, requer equipamento que não foi adquirido.

4.1.1 Se sim, quais?

4.2 O museu elaborou algum relatório ou constituiu documentação oficial sobre as ações e adaptações realizadas durante o período da pandemia? Não.

4.2.1 Se sim, quais foram os principais pontos abordados?

4.3 Quais foram as principais aprendizagens da instituição durante este período? De que é possível trabalhar mesmo em contexto adversos.

Inaugurámos uma exposição no dia 15 de julho de 2020.

4.4 Que desafios ainda permanecem ou surgiram em decorrência das mudanças implementadas?

Por interferência da pandemia, nenhuns.

4.5 O museu ainda utiliza as redes sociais com a frequência que utilizava durante a pandemia?

Foram abandonados os webinars.

SECÇÃO 03

Considerações adicionais da pessoa entrevistada:

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH

Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS, UNIRIO/MAST

DOUTORADO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Guião de entrevista em contexto de estudo para Doutoramento Sanduíche no Exterior

Museus Brasileiros e Museus Portugueses

Aluno Doutorando - Rafael Teixeira Chaves

Orientadora no Brasil - Prof. Doutora Teresa Scheiner (PPG -PMUS, UNIRIO/MAST)

Supervisora em Portugal - Prof. Doutora Paula Menino Homem (FLUP)

SECÇÃO 01

Identificação da Pessoa Entrevistada (Nome e Cargo Exercido)

Maria Gabriela Evangelista Soares da Silva

Coordenadora do Núcleo de Comunicação e Eventos

Identificação do Museu em que atua /atuou em contexto de Pandemia de COVID -19

Museu Nacional/UFRJ

Local e Data da Entrevista

Fevereiro de 2025 / Rio de Janeiro

SECÇÃO 02

1. Impacto Inicial da Pandemia

1.1 De que modo a pandemia de COVID-19 impactou o funcionamento do museu no início?

O Museu Nacional/UFRJ, desde set/2018, está com as suas exposições fechadas devido às obras de reconstrução do Paço de São Cristóvão. Então nesse quesito não houve alteração. No enta nto, a parte educativa e de pesquisa foi afetada devido a necessidade de isolamento da sociedade. Dessa forma, pesquisadores não podiam acessar nosso acervo para seus estudos. O MN seguiu as determinações da UFRJ, mantendo o corpo

social em isolamento (trabalho remoto) e apenas atividades essenciais eram realizadas de forma presencial, como por exemplo, a manutenção das coleções.

2. Redes Sociais e Criação de Conteúdo para Contexto Digital

2.1 O museu utilizava redes sociais na altura ? Sim

2.1.1 Se não utilizava, passou a utilizar? x

2.1.1.1 Se sim, quais? Por que foram as selecionadas ? X

2.1.2 Se já utilizava, quais? Instagram / Face book / Twiter (X) / YouTube

2.1.2.1 Alargou a sua atividade a outras? Não

2.1.2.1.1 Se sim, quais? Por que foram as selecionadas? x

2.2 A equipa possuia profissionais com competências digitais específicas? Não

2.2.1 Caso não, como o museu ultrapassou a questão?

Os profissionais do setor de comunicação e os demais pesquisadores do MN, participantes das ações foram aprendendo na prática.

2.3 Como o museu utilizou as redes sociais para se conectar com o público durante a pandemia?

O Museu realizou *lives* e aumentou o número de postagens nas redes, diversificando o conteúdo.

2.4 Quais foram as principais estratégias para criar e compartilhar conteúdo museal adaptado para o contexto digital?

O Museu Nacional não é só uma instituição museal, mas de ensino e pesquisa também. Dessa forma, os conteúdos das redes sociais abrangem esses três pilares.

• Divulgamos o passeio virtual pela antiga exposição do Museu Nacional, que está disponibilizada no Google Arts & Culture; o documentário Resgate, que apresenta o traba lho do Núcleo de resgate de Acervos dentro do Paço de São Cristóvão, em busca de peças nos escombros; o acervo do Horto Botânico que está disponível no site do Museu, com imagens e descrições .

• Itens do acervo foram usados nas postagens para abordar diferentes assuntos.

• Lives com diferentes pesquisadores do Museu foram realizadas.

• Nas comemorações de aniversário do MN, publicamos vídeos em que pesquisadores propuseram atividad es a serem realizadas em casa.

3. Estratégias de Adaptação Digital

3.**1 Foram implementadas iniciativas para digitalizar exposições e acervos?** Sim

3.1.1 Se sim, quais?

Exposição Os Primeiros Brasileiros - https://osprimeirosbrasileiros.mn.ufrj.br/

3.2 Foi assumido o processo de criação de visitas virtuais e outras ofertas digitais?

Não. Divulgamos a visita disponível no Google Arts & Culture.

3.2.1 Se sim, como foi conduzido o processo? x

3.3 Que estratégias a instituição utilizou para manter a comunicação com o público durante o período de restrições? Lives

3.4 Que novas formas de interação foram desenvolvidas para manter o público ativo e envolvido? Lives

3.5 As iniciativas digitais e de envolvimento do público foram avaliadas durante a pandemia? Não

3.5.1 Se sim, de que modo e por quem (visitantes online, outras instituições)? x

3.5.2 Se sim, quais foram as principais reações a essas iniciativas? x

4. Impactos a Médio/Longo Prazo e Reflexões

4.1 Das mudanças implementadas durante a pandemia, acredita que algumas continuaram/continuarão a ser assumidas pelo museu após o retorno à normalidade?

Acreditávamos que as lives seriam uma possibilidade, mas após a pandemia todos estavam esgotados do digital.

4.1.1 Se sim, quais? x

4.2 O museu elaborou algum relatório ou constituiu documentação oficial sobre as ações e adaptações realizadas durante o período da pandemia? Não

4.2.1 Se sim, quais foram os principais pontos abordados? x

4.3 Quais foram as principais aprendizagens da instituição durante este período?

O Museu já estava vivendo um período de afastamento do seu público, devido as obras no Paço de São Cristóvão, a pandemia intensificou esse afastamento, mas nos mostrou que era possível permanecer em contato com o público por meio das redes sociais e ao longo do tempo vimos nos seguidores aumentar.

4.4 Que desafios ainda permanecem ou surgiram em decorrência das mudanças implementadas?

Os desafios estiveram relacionados com a qualidade da internet de palestrantes, durante lives, por exemplo .

4.5 O museu ainda utiliza as redes sociais com a frequência que utilizava durante a pandemia?

O Museu tem uma atuação muito mais intensa e profissional após a pandemia.

SECÇÃO 03

Considerações adicionais da pessoa entrevistada:

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH

Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTIC

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS, UNIRIO/MAST

DOUTORADO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Entrevista com Deanna Dikeman

This interview is part of an academic research project conducted by Rafael Teixeira Chaves, a researcher in the field of memory studies and visual culture. The questions below are intended to explore the relationship between photography, everyday rituals, and memory, particularly in the context of the photo series 'Leaving and Waving'. This material will be used solely for research purposes and has no commercial or profit-oriented objectives. The answers provided will be treated respectfully and may be cited in academic publications, always acknowledging authorship and ensuring the integrity of the content.
We appreciate your generosity and willingness to share your thoughts.

1. Your work with the series 'Leaving and Waving' extended for nearly three decades. At what point did you realize that the repeated gesture of waving was becoming a memorial gesture?

I never set out to make this series. In 1990, my parents sold the house I grew up in and moved to the red ranch house you see in the goodbye photos. Even though they were still living in my hometown of Sioux City, Iowa, I was filled with regret that I had not taken more photos of my childhood home. That same year, I moved from midwestern Kansas City to Baton Rouge, Louisiana. Living in the relatively lush landscape of the American South, I started to see the Midwest with fresh eyes. Iowa's plainness suddenly looked interesting to me. I began to take photos of my parents when I visited them.

I took that first goodbye snapshot in 1991 just for fun as we drove away because everything was colorful and I had Kodachrome film in my camera. Mom wore a bright pink blouse and indigo shorts, and there was the blue sky, the green grass, and the red house. Mom looked so sweet and silly waving to me at the end of the driveway. As a daughter and as a photographer, it was an irresistible scene.

By then, I was photographing my parents and aunts and uncles as a project, which I eventually titled *Relative Moments*. I was documenting whatever they were doing in their everyday lives: washing dishes, mowing the lawn, weeding the garden, filling the birdbath.

In 1992 I made a second photo of Mom and Dad waving goodbye, this time in black and white. I printed that image and put it into a box along with the other family prints.

In 1994, my Aunt Margee was there when I left, so I got a photo where she was in the driveway waving with Mom and Dad. In a 1995 photo, Mom and Dad came out to my car window to see my dog. So I took a photo that day because my dog was in it.

I started to take the goodbye photos more consistently, each time I left. It turned into our departure ritual: load the suitcases into the car, give hugs and kisses, wave to each other, then drive away. Gradually I learned that I could soothe my sadness about leaving with photography. I could have one last picture of Mom and Dad inside my camera as I drove away. My parents were getting older, and you never know when a goodbye could be the last one.

For seventeen years, the leaving and waving photos accumulated along with all the other family photos in my 3-ring binders of negatives and contact sheets. In 2008 I received a United States Artists fellowship. All of a sudden I had funds to spend , so I decided to try making a book. I looked through hundreds of contact sheets but I couldn't figure out how to edit so many photographs. That's when I noticed how many goodbye photographs I had made and I saw that small story unfolding over time . I made a self-published book called 27 Good-byes. I showed it to Mom and Dad in August 2009. Then my dad died in September. At that point in time I knew I was doing a long term project and I wanted to keep going with just my mom.

2. The act of waving may seem simple, but it carries profound emotional weight. How do you perceive the symbolic power of this gesture in constructing affective memory and silent mourning?

The gesture of waving goodbye is visual and it's understood by anyone. That makes it a perfect moment for a photograph to communicate the idea of "look at this and think about what it means."

3. Do you consider that this set of images, drawn from a habitual gesture of your parents, has become a memorial of their daily life — a visual archive of family memory and, eventually, of grief?

Yes, it has become my memorial to my parents, even though that was never my intention when I started. We don't know now what we will value in the future. I'm just so glad I made the photographs.

4. Over the years, the repeated photograph in front of the same house with the same gesture seems to form a continuous visual narrative. Did you feel you were documenting time, or just living the moment?

I was always a daughter first and a photographer second. I was just living in the moment, taking a photo when I left because it helped me to deal with how sad I felt when I left.

5. The series ends with the absence of your parents and the emptiness of the scene. Can this final silent image be seen as a symbol of loss? Do you see it as a mourning photograph?

Absolutely. It was a huge shift in my life. Not only had I lost my parents, but I lost my favorite photography subjects. I end my artist statement with this sentence, which best describes what I wanted to show in that last photo of the empty driveway: “For the first time in my life, no one was waving back at me.”

6. The physical space of the garage, with its domestic scenery, becomes a recurring and affective setting. What role did this place play in shaping your memory? Is it part of the memorial for you?

I never thought of the garage as that important, although now people point out to me how the same mop hangs on the wall by the door for all of the years. So perhaps it is the unchanging backdrop to the scene that unfold in front of it? For me it was the driveway that mattered. It was where my car was parked, and where I backed out into the street and drove away. Everything happened on the driveway.

7. Do you believe that everyday gestures, when repeated and recorded with affection, have the power to transform into memory devices? Would you say that your work reveals a personal and intimate museology?

Yes, my intention with Leaving and Waving (and also with Relative Moments which is the larger body of work that L&W is part of) was to show the meaningfulness of the ordinary moments of my family.

The series certainly can be a taxonomy of family farewells. While I was living the moments, I was only photographing my life and using my photography as a way to keep memories. In retrospect, the series has new meaning for me, and yes, it is a way to revie w life’s shifts and changes. I can see subtle differences that were invisible in day-to-day (or sometimes year-to-year) life. For example, as they stand side by side in 1992, Dad is taller than Mom. By 2007, he’s shrunk to the same height. In the last year of his life, Dad is regularly using a cane and later you can see Mom’s hand gripping his arm so he doesn’t fall. In his last photo he’s leaning on their car for support. My son, the baby in the car seat in 1997, is driving the car by 2013. The black dog in 1995 has grey fur in 1998. The wrinkles deepen, the faces sag, the waving hands become arthritic, and time marches on.

8. The public recognition of your series has led to strong collective identification. How do you perceive this resonance between your individual memory and the affective memories of so many people who were moved by your images?

I have been surprised that something that is so deeply personal and specific to my family can become so meaningful to others. When people see my photos, they speak to me of their parents, or their grandparents, or even of their children who are saying good bye to them. Something private for me has become universal. I guess that is one

of the functions of art for the artist. I have learned that in the moment of creation I don't always know what I am saying.

9. Do you see the possibility of your work being interpreted as a photographic memorial — something between a family affective archive and a symbolic collection of shared absence?

I think that is a lovely way to describe what has happened, yes.

10. Finally, what has this experience of documenting the farewell gesture taught you about time, permanence, and love? Is photography still, for you, a way of keeping your parents present?

As time has passed I see that the moments I captured then are so precious now. What seemed like nothing, a photograph of one instant, is now significant. The emotional potential for me changed over the years. I was 37 years old at the beginning, and 63 years old when it ended. I matured as a daughter and I became a mother. Both experiences led to a new perspective on the parent/child relationship. As I watched my parents age into their late 80s, my desire to preserve them with one last photograph deepened as my fear grew that Mom or Dad might die before I could return. As the project's timeline lengthened, its worth grew greater, both personally and professionally.

Consent Form

I, the undersigned, hereby authorize the use of my responses to the above interview questions for the purposes of academic research conducted by Rafael Teixeira Chaves. I understand that my participation is voluntary and that the information provided will be used solely for educational, non-commercial purposes. I agree that any citation or mention of my statements will be properly credited.

APÊNDICE D

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH

Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS, UNIRIO/MAST

DOUTORADO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Entrevista com Aura Murillo, cofundadora de *Resting Reef*

This interview is part of an academic research project conducted by Rafael Teixeira Chaves, a researcher in the field of memory studies, museology, and contemporary mourning practices. The following questions explore the symbolic, ecological, and memorial dimensions of the Resting Reef project.

The responses will be used solely for non-commercial, academic purposes. Any use of the information provided will be properly credited, ensuring the respectful treatment of all content shared.

Thank you very much for your time and willingness to contribute to this research.

Interview responded by Aura Murillo, co-founder of Resting Reef.

1. How did the idea of transforming human and pet ashes into artificial reefs emerge? Was it personally motivated, or conceived from the beginning as an environmental and memorial-focused project?

The idea for Resting Reef was born from the merging of two personal motivations, my co-founder Louise's and my own. From my side, the journey began during my Master's degree, where I was researching the topic of death. This was inspired by my personal experience of experiencing the death of my father and navigating the funeral and grief process. I came to understand how traumatic, bureaucratic, and impersonal it can often be. I wanted to explore alternative traditions and approaches that could improve the experience for those going through the passing of a loved one, while also challenging and reimagining the way death c are services are delivered. From my co-founder's side, the spark came from a desire to apply design in combination with sustainability to address climate change through innovative solutions. When we came together, these two visions aligned, and Resting Reef was created, blending comp assion and care for people with a regenerative approach to caring for our planet.

2. Do you consider these reefs as a form of memorial? How do you understand this act of transforming death into marine life — and into symbolic permanence through nature?

Yes, we consider our reefs to be memorials; in fact, we call them Memorial Reefs. For us, they represent the act of integrating death into the natural cycle, rather than seeing it solely as an end. We believe that death can also be a celebration of life, something life-affirming, not just sombre. It doesn't have to be cold and grey; it can be uplifting while still honouring the emotions that come with loss. It's very important to us that these reefs remain and contribute to nature over the long term. They are a lasting legacy, one that families can feel connected to for generations, creating a meaningful link between memory, love, and the restoration of our planet.

3. Can Resting Reef be interpreted as a living memorial? How do you define the relationship between memory, nature, and regeneration at the heart of the project?

Yes, we like to think of our reefs as living memorials, as they evolve and flourish over time. For us, memory and its connection to nature are intertwined with this idea of growth and transformation. Our work is rooted in restoring nature and creating some thing beautiful, or in other words, helping nature create something vibrant and life-affirming.

This evolving, living aspect of Resting Reef is also closely tied to grief. We believe that witnessing the transformation of a Memorial Reef can offer a sense of healing, as families see their loved one's legacy actively contributing to something meaningful and alive. This belief shapes not only how we envision our service but also how we involve families throughout the process and the day -to-day decisions we make about what we offer.

4. The gesture of returning remains to the sea, transformed into life, carries an ancestral symbolism. How do you perceive this ecological transformation as also a ritual of farewell?

The act of returning remains to the sea is a practice that has existed in many cultures around the world for centuries. We believe this reflects a universal connection between people, the ocean, and the cycle of life. At Resting Reef, it is essential to us that sustainability and ecological restoration are interwoven with how humans and our societies honour life and create meaning. An example of this is how, when designing our service, we drew inspiration from these longstanding traditions, exploring why humans have engaged in them for so long and how they can inform our approach to death care today. This respect for tradition also shapes how we work with local communities. For example, in Bali, where we currently have an active site, the crafting and placement of our reefs is carried out together with careful consideration of local customs. This includes participating in ceremonies that bless the reefs and integrate local practices surrounding death and ashes. These rituals allow the community to feel connected to the restoration process and ensure that our work not only regenerates ecosystems but also honours the cultural and spiritual values of the people who live there. For us, this connection between ecological transformation, cultural tradition, and the human need to find meaning in loss is at the heart of what we do.

5. What criteria are used to define the locations where the reefs are installed? Is there an intention to connect individual memory with collective and restorative environmental impact?

When selecting locations for installing our reefs, we carefully assess a wide range of factors to ensure both ecological and social impact:

● One of our key considerations is identifying areas where reefs once thrived but have since been degraded due to human activity or climate change. By focusing on restoring these sites, we work in harmony with nature's original design, giving damaged ecosyst ems the best chance to recover.

● We also evaluate market demand, looking for regions where families memorialising can form a meaningful connection to the site and where the service can bring value and comfort.

● Collaboration is another vital element; we actively engage with local NGOs and community groups to understand how a Resting Reef project might benefit the area and to ensure there is genuine interest in working together.

● Environmental conditions play an equally important role. We study the marine environment, including ocean currents and wave exposure, to determine whether the site is suitable and to decide which anchorin mechanisms will best secure the reefs.

Ultimately, our site selection process is designed to deliver projects that achieve measurable ecological restoration while also bringing social benefits to local communities and providing a meaningful, lasting legacy for families honouring their loved ones.

6. How is the integration with local communities carried out, especially with fishers and artisans in Bali? Would you say the project also acts as a social memorial, beyond its ecological purpose?

Local communities play a central role in everything we do at Resting Reef. Their involvement goes beyond consultation; they actively participate in every stage of the process, from craftsmanship to underwater placement and ongoing reef monitoring. All of our craftsmanship work is done on-site, guided by the local community's knowledge and perspectives. We use local resources responsibly, with proper permits, and work closely with community and religious leaders to ensure all activities are respectfu l and authorised. This approach allows us to create meaningful social impact while maintaining a non-extractive model. The benefits of Resting Reef extend not only to the planet and the families we serve, but also to the local communities, who are key stakeholders in every project.

7. What kind of ecological and symbolic monitoring is done after installation? Are there data about biodiversity and also testimonials from families about how they experience this new way of mourning?

Yes, for our monitoring programme, we collect multiple data points to understand the effectiveness of our restoration work. We assess the benthic coverage of each reef, which includes the species that grow on the reefs, such as sponges, algae, and corals. We also analyse mobile species, like fish, turtles, and other marine life, that contribute to the overall ecosystem. We also gather testimonials from families afterwards, but also maintain an open dialogue throughout the process to ensure we are always meeting their needs and

honouring their wishes. Collecting feedback from local communities is equally important, as it helps us understand the social impact of our work.

8. Do you see Resting Reef as a contemporary alternative to traditional funeral practices? Could it be considered a new way of ritualizing death with affection and environmental responsibility?

Yes, absolutely. That's exactly how we see Resting Reef, as an alternative death care and memorial service that is impactful for the planet and designed to revolutionise the funeral industry while truly supporting families in what they need and want.

9. In your experience, how does this ecological memorial help people in the grieving process? What kinds of memories or emotional transformations are most often shared by families?

We believe we are transforming the way people cope with, perceive, and experience death, whether of a loved one or a beloved pet, by creating new life after death and highlighting the positive elements this can bring to the healing process. Families have described Resting Reef as poetic, innovative, and even beautiful, which is incredibly touching for us.

Many families appreciate the idea that their loved one can have a positive impact, creating something beautiful for the planet, while also connecting to climate consciousness. At the same time, Resting Reef offers a non-secular, contemporary approach to me morialisation, which resonates with families seeking meaning aligned with modern values.

10. What are the future plans for Resting Reef? Is there an intention to expand to other countries, like Brazil, or to form partnerships with cultural institutions and museums to recognize this practice as a global memorial?

We definitely have expansion plans. The mission of Resting Reef is to become a global option, available in multiple regions and accessible to many people. We are very open to collaborating with local organisations, cultural institutions, and end-of-life professionals to bring Resting Reef to more communities. We are committed to restoring more marine ecosystems and involving local communities in our work, and as a business currently fundraising, anyone interested in supporting our mission and helping us grow is always welcome.

11. Do you consider that Resting Reef could be interpreted, from the perspective of new museology, as a form of symbolic musealization of mourning? Could this project be seen not only as an ecological memorial but also as a 'museum -process,' where gesture, territory, and the transformation of matter become affective and permanent collections?

As designers and appreciators of art and beautiful design, we see Resting Reef fitting naturally within museums and collections that explore topics such as memory, rituals, restoration, legacy, and more. What excites us about Resting Reef is that it sits at the intersection of all of these themes, combining a human-centred approach to meaning-making with a nature-centred focus on sustainability and purpose-driven business models.

We are always open to collaborating with museums and cultural institutions and being part of their exhibitions. We believe these collaborations also allow us to raise awareness about alternative approaches to memorialisation like ours, connecting with peop le emotionally, and helping them understand and engage with our work.

We always enjoy the process of bringing Resting Reef into these spaces and are excited about any opportunity to explore partnerships.

Consent Form

I, the undersigned, hereby authorize the use of my responses to the above interview questions for the purposes of academic research conducted by Rafael Teixeira Chaves. I understand that my participation is voluntary and that the information provided will be used solely for educational, non -commercial purposes. I agree that any citation or mention of my statements will be properly credited.

APÊNDICE E

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH

Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS, UNIRIO/MAST

DOUTORADO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Entrevista com a Profa. Dr. Dália Guerreiro

I - Identificação do Entrevistado:

Nome – Dália Guerreiro

Nacionalidade – Portuguesa

Profissão – Técnica Superior

Maior Titulo Acadêmico : doutoramento / área : Ciências da Informação e da Documentação / obtido em - 2018

Especialidade – não se aplica Título do trabalho: Bibliotecas digitais para as humanidades: novos desafios e oportunidades

Instituição em que trabalha – Biblioteca Nacional De Portugal

Cargo / função – Diretora de Serviç os de Coleções Especiais

Pesquisas que desenvolve / tema(s) – Bibliotecas Digitais e Humanidades Digitais

Membro do ICOM? Não ( ) Sim (X) Comitê Internacional a que está filiado – em nenhum

É o seu primeiro contato com o PPG-PMUS? Não

II – Questões vinculadas à pesquisa do aluno doutorando:

1. De que maneira as humanidades digitais podem transformar a curadoria e os processos museológicos nos museus virtuais, especialmente ao promover práticas mais

colaborativas e inclusivas, com a participação ativa dos diferentes segmentos de público na construção de narrativas de sobre o patrimônio?

As humanidades digitais têm o potencial de transformar significativamente a curadoria e os processos museológicos nos museus virtuais ou físicos, promovendo práticas mais colaborativas e inclusivas. Ao integrar tecnologias digitais, os museus podem criar plataformas interativas que permitem a participação ativa dos diferentes segmentos de público na construção de narrativas sobre o património.

A abordagem participativa na curadoria digital permite que a comunidade se sinta representada e envolvida nos processos, transformando os internautas em cocuradores de memórias culturais em ambientes dígito-virtuais.

2. Como as humanidades digitais estão redefinindo os espaços de memória online, facilitando novas formas de preservação e interpretação do patrimônio - especialmente o intangível - cultural, e qual o papel dos museus virtuais nesse processo de socialização e democratização do conhecimento?

Os museus virtuais podem utilizar as metodologias das humanidades digitais para redefinir os espaços de memória online, facilitando novas formas de preservação e interpretação do património cultural, especialmente o intangivel. Isso inclui a criação de narrativas colaborativas que envolvem o público na construção e manutenção de lugares de memória online, considerando aspetos como acessibilidade, interatividade e preservação digital a longo prazo. Democratizando o acesso ao conhecimento, mas também promovem a inclusão e a diversidade, permitindo que vozes anteriormente marginalizadas sejam ouvidas e representadas nas narrativas museológicas.

3. Quais são os desafios e as oportunidades que as humanidades digitais apresentam para a construção e manutenção de lugares de memória online, considerando aspectos como acessibilidade, interatividade e a preservação digital a longo prazo?

A construção e manutenção de lugares de memória online, implica não só a utilização de sistemas tecnológicos fiáveis como a sua manutenção e preservação. Além disso temos de garantir que são acessíveis aos vários tipos de utilizadores, não esquecendo pessoas com baixa literacia digital e com deficiência visual ou auditiva. No entanto, ao disponibilizar lugares de memória em linha, potencialmente, estamos a disponibilizar para o mundo, é uma forma de democratizar a informação. Assim as comunidades interessadas podem com mais facilidade interagir e disponibilizar recursos e informações. Tornando o acesso ao Património Cultural mais acessível e imersiva.

Uma das vantagens das humanidades digitais é considerar na sua metodologia uma abordagem multidisciplinar e colaborativa, que envolva não apenas especialistas em tecnologia, mas também historiadores, arquivistas, bibliotecários e a própria comunidade.

4. Como você vê a evolução dos museus virtuais e dos espaços de memória online no contexto das humanidades digitais, e quais você acredita serem as principais oportunidades e desafios para esses ambientes, no futuro?

A evolução dos museus virtuais e dos espaços de memória online no contexto das humanidades digitais oferece inúmeras oportunidades para a democratização do conhecimento e a criação de experiências culturais enriquecedoras. No entanto, esses ambientes também enfrentam desafios significativos em termos de acessibilidade, preservação digital e sustentabilidade. Uma abordagem colaborativa e multidisciplinar será essencial para superar esses desafios e aproveitar ao máximo as oportunidades oferecidas pelas humanidades digitais.

5. Como você definiria o papel dos museus virtuais (online) no contexto das humanidades digitais?

Os museus virtuais utilizam as tecnologias digitais para criar representações de alta qualidade dos objetos culturais, mesmo dos mais frágeis, permitindo a sua preservação. Democratizam o acesso ao conhecimento, promovendo a inclusão e a diversidade. Além disso, a acessibilidade é ampliada, pois qualquer pessoa que tenha acesso à internet pode explorar coleções e exposições de museus ao redor do mundo.

A interatividade é um dos componentes cruciais dos museus virtuais. Eles oferecem experiências imersivas e interativas que podem incluir tours virtuais, jogos educativos etc. Isso não só torna a aprendizagem mais dinâmica, mas também atrai um público mais amplo e diversificado.

Os museus virtuais enfrentam desafios como a necessidade de garantir a preservação digital a longo prazo e a veracidade das informações apresentadas. No entanto, eles também oferecem oportunidades únicas para a cocriação de conhecimento e o desenvolvimento de novas metodologias de pesquisa e ensino nas humanidades digitais.

Os museus virtuais são uma ferramenta poderosa nas humanidades digitais, oferecendo novas formas de preservar, interpretar e democratizar o patrimônio cultural, ao mesmo tempo em que enfrentam desafios e exploram oportunidades únicas para o futuro.

6. De que maneira essas práticas influenciam a forma e o modo como o patrimônio e a memória são preservados e compartilhados no ambiente virtual?

Os museus virtuais têm um impacto significativo na forma como o património e a memória são preservados e compartilhados no ambiente virtual. A abordagem participativa na curadoria digital permite que a comunidade se sinta representada e envolvida nos processos, transformando os internautas em cocuradores de memórias culturais em ambientes virtuais. Isso facilita novas formas de preservação e interpretação do património, especialmente o intangível, e promove a socialização e democratização do conhecimento.